

The background of the cover is a dark, atmospheric illustration of a forest at night. In the center, a bright, golden-yellow light emanates from a point, creating a circular glow. Within this glow, a woman in a long, flowing white medieval-style dress is seen from behind, looking towards a distant castle or fortress perched on a hill. To the right, in the lower part of the glow, a figure in dark medieval attire is visible. The overall mood is mysterious and historical.

O QUARTETO DO NORTE

o passado medieval

um romance de
Chirlei Wandekoken



O QUARTETO DO NORTE

O PASSADO MEDIEVAL

CHIRLEI WANDEKOKEN

Copyright © 2018 by Pedrazul Editora Ltda.

Todos os direitos reservados à Pedrazul Editora.

Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Revisão: Silvia Pereira

Direção de arte: Eduardo Barbarioli

Capa: Gisely Eliza Fernandes

Imagem capa: Depositphotos

Leitoras betas: Adriana Célia Teixeira, Elizabete Finco e Gisely Eliza Fernandes.

Reservados todos os direitos desta produção. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Pedrazul Editora, conforme Lei nº 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA

www.pedrazuleditora.com.br

Dedicado a Gisely Eliza Fernandes, pois ela ama as florestas e os lobos.

Inspirado na Batalha real de Otterbourne, ocorrida em agosto de 1388, no Norte da Inglaterra. As tropas escocesas do conde de Douglas, lorde James, que havia proibido a caça em suas terras, atacaram o exército inglês do lorde Henry Percy Hotspur, filho mais velho do primeiro conde de Northumberland, interpretando uma caçada liderada por Sir Percy na fronteira como uma invasão à Escócia.

Parte da história também foi inspirada em Diana de Poitiers (1499-1566). Nobre francesa que viveu na corte de Francisco I e Henrique II e foi amante do último.



PALAVRAS DA AUTORA

Caro (a) leitor (a),

Quando lancei a série *O Quarteto do Norte*, há um tempo, contendo os livros *A Estrangeira*, *A Ama Inglesa*, *Um Cocheiro em Paris* e *Fronteira da Paz*, pelo sucesso alcançado por ela, senti necessidade de contar para vocês o que se passou no passado medieval da família Percy, a dos condes de Northumberland, nos anos que antecederam a primeira narrativa. Para fazer isso, tive que trazer para este livro parte da história de *A Estrangeira*, apenas a parte medieval, pois ela está estreitamente ligada à narrativa dos fatos descritos neste livro. No entanto, eu não apenas trouxe os escritos de lá para cá, mas destrinchei a história, trazendo pormenores que não se encontram lá.

Neste livro eu trouxe várias gerações que antecederam a do personagem principal de *A Estrangeira*, Edward Percy, mais conhecido por conde Hotspur. A propósito, rescreei toda a série *O Quarteto do Norte*, dessa vez na ordem cronológica dos acontecimentos, sem passado e presente intercalando, como ocorreu em *A Estrangeira*.

Este é o primeiro livro dessa minha nova empreitada. Para que não fique repetitivo para quem já leu a série original, trouxe muitas outras histórias e muitos outros personagens apaixonantes, intermediando àqueles que vocês já amam.

Espero que vocês também os amem assim como eu sou apaixonada por cada um deles. Foi escrito com muito amor e com a mesma dedicação que imprimo a tudo aquilo em que coloco o coração, a mente e as mãos para fazer.

Com todo amor!

Chirlei Wandekoken



PARTE I

Tive eu alguma escolha? Os acontecimentos sobrevieram a mim e eu apenas reagi com o que eu possuía: se dei amor, era porque estava cheio desse sentimento; se sofri ou não, o que importa? Vivi, amei e fui amado. O resto, tampouco, tem importância.



PRÓLOGO

O mordomo inglês

O ano de 1361 expirava e o de 1362 soprava as velas.

Todos me conhecem por Mr. Mercer, de forma que meu nome de batismo ficou na pia batismal há 56 anos. Nasci na divisa da Escócia com a Inglaterra, num lugarejo chamado Alnwick, no ano de 1774, um ano antes do início da Guerra Revolucionária Americana. Minha avó dizia que se eu tivesse nascido nove anos antes, teria ido para a guerra e, possivelmente, teria sido morto, pois guerra é lugar de bravo soldado e não de poeta *molenga* como eu. E a história que eu vou contar para vocês é justamente a saga de uma família de homens guerreiros. Curiosamente, contada por um poeta *molenga*.

Comecei a trabalhar ainda garoto para a ancestral família Percy, de Alnwick Castle, um menino de 15 anos de idade, que cuidava dos cavalos e era chamado pelo segundo nome. Com o passar dos anos, acrescentaram “senhor” à frente dele e eu continuei o Mercer de toda uma geração. Trata-se de um sobrenome escocês, pois, embora minha família tenha se assentado no Norte da Inglaterra, originalmente veio da Escócia. É derivado da antiga palavra francesa “mercier” ou “merchier”, que significa um comerciante têxtil. Entretanto, minha família nunca teve um comerciante sequer, mas sim mordomos, governantas, camareiras, cozinheiras e cocheiros, e nos orgulhamos de termos nascido para servir. Atualmente, vivo no século dezenove e sou o mordomo de Edward Percy, o nono conde de Northumberland.

Não pense que eu serei o vilão dessa história! Nem sempre o vilão é o mordomo. Não que essa história não tenha seus vilões; os têm, mas eles vêm mascarados como ignorância, preconceito e um ódio irracional. Entretanto, o amor sempre vence o ódio, seja nessa Terra ou na eternidade.

A história que eu vou contar para vocês ouvi de minha mãe, que ouviu

de minha avó. Sendo assim, vem de uma longínqua antepassada que deve ter contado para sua neta, que anos mais tarde contou para sua filha, até chegar à minha bisavó, à minha avó, à minha mãe e a mim: é sobre os condes de Alnwick Castle.

Sinto-me abençoado por viver nesse tempo, onde as descobertas da ciência trouxeram luz a muitas moléstias, antes incuráveis. Século de paz, pois a guerra, graças à Providência, deu-nos uma trégua. Também me engrandeço por poder trabalhar para uma das mais importantes famílias da Inglaterra — clã ao qual toda a minha família serviu, guardando seus segredos como um legado, revelados apenas aos membros da família — motivo pelo qual sou a única testemunha viva desse passado. Não tenho filhos, tampouco herdeiros a quem deixar essas revelações. Em vista disso, irei contar para você.

Esta história começou há muitos e muitos anos, quando um homem amou uma mulher que não podia ser dele, e vice-versa. Tudo teve início com o nascimento do herdeiro de Northumberland, o segundo conde. Foi em Alnwick Castle, quando o ano de 1361 expirava e o de 1362 soprava as velas.



01 | UM AMOR PROIBIDO

Aquela rústica e inóspita gruta transformou-se no templo mais luxuoso da Terra, no mais aconchegante aposento, pois seus corpos estavam onde queriam estar, um encaixado ao outro.

O jovem primeiro conde de Northumberland, lorde Howard, caminhava a passos largos, de um lado para outro, sobre a paliçada do grande salão. Às vezes uma palhiça prendia-se às suas botas e ele a chutava, atingindo um dos muitos cães deitados em frente à enorme lareira, que naquele momento crepitava e emanava um calor reconfortante. Estava apreensivo. Havia horas que a condessa, sua esposa, entrara em trabalho de parto, e a situação dela piorava a cada minuto.

Nunca chegara a amá-la. Fora um casamento arranjado por seu pai para fortalecer o clã Percy contra o clã escocês Douglas, mas ela era sua prima, uma Mortimer, e ele tinha-lhe pelo menos carinho e respeito. Ele tivera que escolher entre ela e a prima Neville, e a última era ainda menos formosa — lorde Howard não desejava ser deselegante, pois era um cavalheiro. A prima Neville, porém, não o atraía de forma alguma. Portanto, optara por Annabelle.

Ouviu-se um choro forte de uma criança, quase um urro de um guerreiro.

— Nasceu! — alguém gritou. Ele correu escada acima, para ser interceptado no corredor pela governanta.

— Ouvi um choro de criança, Mrs. Mercer — ele disse.

— Sim, milorde, a criança está bem, é um menino, mas a curandeira está tentando salvar a vida da condessa, com a ajuda da parteira.

O choque foi grande. Ele deixou-se recostar na rústica parede maciça, de oito a dez pés de espessura, e enregelou. Sentiu um frio perpassar seu corpo, dos pés à cabeça, resfriando-o tanto quanto a temperatura gelada do Norte. Intuiu que o segundo herdeiro do título, Henry Percy, cresceria sem sua mãe biológica.

E assim aconteceu.

Alnwick Castle, que fora construído com a aprovação do rei para garantir

uma fortificação contra os escoceses, era gigantesco até para os padrões de hoje. Construído por descendentes dos normandos, o castelo ainda é notável e visitado, olhado e admirado como uma obra de arte. Aqueles eram tempos turbulentos e inseguros e a defesa era uma necessidade para manter-se vivo. Alnwick Castle, portanto, fora construído em cima de um grande montículo artificial de pedra e era cercado por um fosso profundo. No interior dele havia vários edifícios, residência dos servos, incluindo estábulos, locais de armazenamento de alimentos, padarias, cozinhas e moradias para os soldados.

Lorde Howard possuía o maior exército de todos os nobres da Inglaterra. Era invejado por isso, mas também temido. No dia da morte da condessa todos ouviram o brado do conde vindo do alto do castelo. O lamento pairou como uma neblina sobre o vale ao redor, pois ele chorou a morte dela.

O urro dado por ele e o choro do herdeiro foram ouvidos longe. Conta-se que até na vila de Alnwick algumas pessoas escutaram e contaram umas para as outras que o conde havia amado a esposa, visto que a pranteara. Sendo assim, o jovem Henry Percy crescera com a imagem de que nascera de um grande amor.

Muitos anos se passaram e lorde Howard sofria grande pressão da família para que escolhesse uma nova esposa entre os clãs Neville ou Mortimer, e ele se negava, pois nenhuma das primas era atraente aos seus olhos.

Com 31 anos de idade, o lorde era um belo homem. Tinha o sangue normando dos Northumberland e era sabido por qualquer um, homem ou mulher, que cada um que nascesse daquela família herdaria uma beleza singular. Eles tinham os olhos de uma cor que ia do azul mais límpido ao verde mais escuro. Eram guerreiros, tinham altura e porte de gladiadores. Eram determinados, valentes e temidos.

O menino Henry, ainda adolescente, já recebera a alcunha de lorde Hotspur. Era imperioso e nenhum dos preceptores conseguia domar aquele temperamento quase voraz.

Foi quando o conde a viu: uma escocesa recém-chegada às imediações de Alnwick. Ela estava amarrada e era arrastada pelo velho Evans.

— Aquilo é uma corda? — lorde Howard perguntou ao seu escudeiro, pois não queria acreditar que estivesse presenciando tamanha crueldade.

— Sim, milorde. Ela está amarrada.

— Solte-a imediatamente e mande prender o maldito velho na masmorra do castelo — ordenou o conde.

— Mas sob qual acusação, milorde?

— Estou ordenando. E leve a moça para Alnwick Castle agora.

Os Evans não eram nobres, pois pertenciam a uma família aristocrática do Norte da Inglaterra. Não viviam sob o domínio do conde de Northumberland, mas certamente não iriam contra ele. O conde era amigo pessoal do rei e nenhuma família queria ter como inimigo tão importante personagem. De forma que a escocesa de cabelos vermelhos, olhos azuis e rosto salpicado de sardas fora levada ao castelo e à presença do conde. O encontro aconteceu no hall da enorme construção e ela, tímida, mal ousava levantar seu olhar.

— Como se chama? — lorde Howard tentou dar à sua voz uma doçura que, para aquele timbre forte como trovão, saiu singular. Ele tentou novamente, pois temia assustar a moça, que já estava deveras amedrontada. Ele então percebeu que os pulsos dela estavam feridos.

— Meu nome é Howard. Não lhe farei mal. Vejo que está ferida. Vou chamar Mrs. Mercer, a governanta, para que trate de seus ferimentos. Também lhe arrumarei um quarto. Aqui estará segura. Ninguém lhe fará mal. Dou-lhe minha palavra.

— Quem é o senhor? — ela balbuciou e ousou erguer seus olhos. Eles se entreolharam. Ela, por alguma razão ou por algo que tenha visto, não conseguiu tirar os olhos dos dele. Ele, talvez pela mesma razão, tampouco. A conexão fora formada.

— Chamo-me Henry Howard. Sou o senhor deste castelo — ele respondeu, sem qualquer tipo de afetação.

— Sou Mhairi, da Escócia.

— Por que está aqui?

— Porque aquele homem raptou-me.

— E onde está a sua família? Onde eles moram? Eu a levarei de volta.

— Não posso. Eu não tenho família.

— Como não tem uma família? Todos nós temos uma, boa ou má — o lorde riu, um riso doce, e ela sorriu de volta. Ficaram se olhando por longos minutos, ele segurando as mãos dela, para mostrar-lhe os ferimentos que a corda fizera em tão alvos pulsos.

— Minha mãe é... — ela hesitou. Olhou para ele e corou.

— Conte-me. Não fará diferença.

— Minha mãe é uma mulher da vida, senhor.

— Então ficará aqui. Vou chamar a governanta para cuidar de seus ferimentos e arrumar-lhe roupas limpas.

Há muito lorde Howard não era mexido por uma mulher. Tocado profundamente, aquela escocesa sem família, sem nome e filha de uma “mulher

da vida” tinha aguilhoado seu coração.

Mas os Evans não deixariam as coisas seguirem tão facilmente.

O Evans filho — que já conhecia a linda jovem de uma *Casa de Moças* próxima ao priorado de Whithorn, no vilarejo de Moray, na Escócia — apaixonado por ela, pediu ao pai que a raptasse para ele. Pois, embora fosse filha de prostituta, a jovem era virgem e intocada. Quando Sir Evans soube que o conde de Northumberland tinha atravessado seu caminho e *roubado* seu *prêmio*, tratou de conspirar contra o conde. Enviou uma carta ao rei Edward III dizendo que o conde fora casado com uma Mortimer e tinha um herdeiro com esse sangue — família de origem francesa a quem os Evans sabiam que o rei odiava.

Roger Mortimer fora amante de Isabella, a mãe do rei, e ambos tinham deposto Edward II e governado como regentes durante três anos, até que Edward III se rebelasse e mandasse enforcar Mortimer. Portanto, Sir Evans aproveitou-se desse motivo para incitar a ira do rei contra o conde de Northumberland.

Assim que o rei recebeu aquela estranha carta, pois Edward III temia o exército de Northumberland, mandou chamar lorde Howard ao palácio. Entretanto, enquanto lorde Howard estava a caminho de Westminster, levando grande parte de seu exército, os Evans, usando um traidor de dentro do castelo, invadiram Alnwick, soltaram o velho Evans e raptaram Mhairi.

Edward III não era um rei popular e acessível, porém, quis ouvir do conde de Northumberland por que ele tinha raptado a moça e traído o clã Neville, pois era sabido que o lorde era noivo de uma Neville e o rei aprovava aquela união. Em vista disso, o rei, que era um homem temperamental, ordenou que a moça fosse devolvida aos Evans. Contudo, lorde Howard não era homem de ceder facilmente. Disse ao rei que os Evans tinham raptado a moça e que aquele gesto poderia suscitar uma guerra entre Inglaterra e a Escócia. O lorde omitiu que a moça não tinha família e era filha de uma prostituta.

— Majestade, estamos vivendo tempos incertos. Sabe o que seus súditos andam dizendo por causa do livro *Piers Ploughman*, de Langland^[u]. Acusam a nação de desigualdade social e injustiça. O que os Evans fizeram foi desumano. Amarraram a moça e arrastaram-na pelas ruas como um animal. Sou o senhor daquelas terras. O povo esperava alguma reação de mim. Isso pode suscitar uma rebelião. Meus homens não vão lutar por causa de uma dama, mas meu exército está pronto para a guerra...

O rei fez sinal para que ele se calasse, pois também era capaz de uma clemência incomum. Era, de muitas maneiras, um rei convencional, cujo principal interesse era a guerra, mas uma na qual ele pudesse ganhar alguma riqueza, e tinha pavor da palavra “rebelião”. O primeiro conde de

Northumberland, portanto, saiu da presença do rei, mais uma vez, vitorioso.

Mas ele não esperava que os Evans tivessem sido tão ousados. Ele se vingaria, mataria o traidor e traria Mhairi de volta. Enviou seu exército à frente, na captura do ignóbil padeiro, pois fora descoberto que ele traía a confiança do conde.

O velho Sir Evans pretendia fazer da moça sua amante, mas sua mulher a vigiava, para que o marido não se aproximasse dela. Mhairi, que tinha se apaixonado pelo conde, pensava dia e noite numa forma de escapar daquela casa, pois o velho e o novo Evans eram ordinários. Ela os odiava. Certa vez, enquanto dormia, ela ouviu um estalido nas tábuas do assoalho. Escondeu-se atrás da porta e estava armada com a trava da janela. Quando um vulto se formou à sua frente, ela atacou com toda a sua força e fugiu. Correu o máximo que pôde, em direção à quitanda da vila, o local mais perto onde podia se esconder. Bateu na porta dos fundos e um rapaz veio atender. Este a reconheceu imediatamente e deixou que entrasse.

— Chamo-me Derrick. Vi quando o velho Evans lhe trouxe.

— Pode dar-me abrigo por uma noite? Ele quer me... — ela vacilou, corada.

— Sim, pode ficar em meu quarto. Aqui estará segura.

— Pode escrever um bilhete para o lorde do castelo para mim? — pediu a moça e o jovem Derrick hesitou, pois também estava apaixonado por ela. Mas ele temia o conde, por isso disse que escreveria o que ela ditasse e ele mesmo levaria e entregaria nas mãos do lorde. A pobre jovem, então, ditou para seu salvador as poucas palavras que ele redigiu, no pedaço de velino^[2] que encontrara. Raspara-o para poder reaproveitá-lo. No vitelo, só tinha uma frase:

“Se me salvar, eu serei sua para sempre! Mhairi”.

Quando a comitiva de lorde Howard entrou no vilarejo de Alnwick, o jovem Derrick, tremendo, interceptou o enorme garanhão do conde:

— Milorde. Perdão. Tenho algo para entregar-lhe.

O conde freou seu cavalo, quase atropelando o jovem.

— O que foi? Tem que ser algo muito importante para você quase se matar dessa forma, rapaz! — respondeu o lorde, austero.

— Sim, milorde. É isto — e entregou-lhe o vitelo de Mhairi. Quando o conde leu, seu semblante mudou imediatamente. Seus olhos crisparam.

— Onde ela está? — bradou e toda a vila o ouviu.

— Na minha casa, milorde.



Mhairi tinha perdido as contas de quantos dias já tinham viajado. Ele a colocara à sua frente no cavalo e a enrolara em seu manto. Ela sentia seu corpo colado ao dele, seu cheiro másculo e a respiração dele em seus cabelos. Ela dormia com o rosto colado em seu largo peito e acordava com ele lhe beijando a face. Às vezes, os longos cabelos do conde soltavam-se da amarração e acariciavam o rosto dela. Mhairi, então, levava a mão à face, segurava a massa escura e sedosa e a beijava. Num dado momento em que ela fez isso ele olhou-a e sorriu, e ela para ele.

— Para onde estamos indo? — ela perguntou.

— Para uma propriedade que tenho longe daqui, em Hampshire. Lá ninguém a encontrará. Somente eu, e você será só minha. Não foi isso que prometeu em seu bilhete?

Ele a desceu do cavalo, pediu que seus homens fossem à frente e beijou-a. Para ela, fora seu primeiro beijo; para ele, o único, até então, com amor.

— Você será minha, só minha. Farei de você minha mulher. É isso que deseja?

— Com toda a minha alma, milorde — ela ousou dizer e, diante do som de sua própria voz, sua face enrubescceu. Mas ele, que tivera a mais profunda conexão de alma com ela, sorriu e beijou-a novamente de forma demorada.

Levaram dias para chegar à gruta. Àquelas noites em que dormiam juntos e não tinham privacidade para consumarem a união foram torturantes para o conde e serviram para instigar ainda mais o desejo por ela, e certamente o dela por ele.

Finalmente chegaram ao local de destino. Não havia casa, apenas um mundaréu de terras sem nenhum cultivo, matas e bichos ferozes, mas foi ali que Mhairi conheceu o amor. Lorde Howard a levou para uma gruta, foi paciente, ensinou-a, preparou-a e amou-a incontáveis vezes. Aquela rústica e inóspita gruta transformou-se no *templo* mais luxuoso da Terra, no mais aconchegante aposento, pois seus corpos estavam onde queriam estar, um encaixado ao outro.

Tarde da noite, ele acordou com ela lhe acariciando as costas.

— O que foi, meu amor? — ele perguntou. — Não consegue dormir?

— Não — respondeu Mhairi, timidamente.

— O que quer fazer, então? Diga. Quer conversar?

— Eu... eu... queria... que... fizesse — ela parou, e pela luz que incidia da fogueira, ele viu que ela estava corada.

— Fale, meu amor. Não tenha vergonha. Peça o que quiser. Eu sou o seu homem e você é a minha mulher. Não deve haver vergonha entre nós.

— Eu... queria que fizesse aquilo de novo — por fim ela falou, mas estava rubra. Ele sorriu e beijou-a apaixonadamente. Estava encantado com aquela moça ardente.

— Aquilo o quê? Seja mais clara.

— Aquilo que você fez antes.

— Linda, fiz amor com você várias vezes e de todas as formas. Precisa me dizer qual delas gostou mais, e eu farei. O simples fato de olhar para você já me deixa pronto para amá-la — ele levou a mão dela à sua masculinidade.

Ela corou novamente.

— Amo quando enrubesce, pois, embora seja ousada, ainda possuí a ingenuidade das virgens.

— Eu queria que colocasse a boca aqui — ela apontou para sua intimidade, e depois para seus seios, e depois para seus ouvidos — e dissesse aquelas palavras que me disse.

Assim ele o fez, mas antes a beijou com a fome dos apaixonados, depois desceu lentamente até seus redondos seios, sempre lhe dizendo que a queria, que a amava, que era louco por ela, que a quisera desde a primeira vez em que colocara seus olhos sobre ela. Descrevia o que faria com ela, afirmava que ela era só dele, que somente ele a possuiria, de todas as formas que ela desejasse. Com seus braços fortes, virou-a e colocou-a na posição na qual as chamas da fogueira evidenciassem sua lombar, iluminando os montes arredondados pelos quais ele estava louco de paixão. Puxou-a para ele com força, aproximou-se com longos beijos, aumentando as carícias à medida que ela gemia. E ali ela podia gemer, gritar seu prazer, pois não havia sequer uma viva alma humana, além deles, para presenciar aquele ato de tamanha intimidade. E ele deu-lhe razão para que gemesse. Quando ela não mais suportava tamanha tortura, ele a possuiu, não da forma que ela esperava, mas mostrou-lhe outra forma de fazer amor. Uma forma ousada, pela qual somente os amantes apaixonados enveredam, pois requer total intimidade e sintonia. Ela, surpresa, porém ensinada e conduzida por ele, teve o seu gozo mais profundo, perguntando-se o que mais aquele experiente homem lhe ensinaria.

Mas quando a felicidade é demais, os seres vivos podem saber que antecede uma terrível tristeza. A natureza parece que conspira para que a inveja sobrepuje a alegria alheia. E foi assim que aconteceu.

Uma carta do rei alcançou lorde Howard, dizendo de quem aquela moça

era filha, e se o rei tivesse dito que ela era filha do diabo, teria sido melhor para o conde. Mas Mhairi era a bastarda do pior inimigo dos Northumberland, filha do conde de Douglas, e a notícia já se espalhara por toda a Inglaterra. Se somente ele tivesse ficado sabendo de tão grande tragédia, ele subjugaria o ancestral ódio e se casaria com ela. Contudo, o rei, e principalmente Neville, o barão, seu tio, exigiam que ele largasse aquela “filha de prostituta” e ainda por cima uma Douglas e se casasse com Elizabeth Neville, a prima que aguardava por ele.

Com o coração partido, pressionado, ele se refugiou em Londres e não recebeu ninguém. Queria pensar. Aquela contenda já havia durado tempo demais e ele amava Mhairi. Antes, cuidou para que ela voltasse em segurança para Alnwick Castle e disse a ela que esperasse por seu retorno, pois ele tomaria uma decisão. Entretanto, ele demorou tempo excessivo para decidir, intervalo em que os Neville tiveram tempo de sobra para arquitetar um plano e sabotar o retorno de lorde Howard ao Norte. Ele foi enviado pelo rei numa Missão a Portugal, para tentar uma aliança anglo-portuguesa. Quando retornou, decidido a se casar com Mhairi, pois a saudade o consumira dia e noite, ela já havia se casado com Sir Evans e estava grávida.

Dessa vez a tradição e o ódio venceram o amor.

Foram os meses mais difíceis da vida de lorde Howard. Mal comia, mal saía de casa, não cavalgava mais e nem ao filho dava atenção. Sua tristeza culminou com a morte de Mhairi no parto de uma menina que ele sabia que era dele, ou tinha grande probabilidade de o ser. Mas a família jamais deixou que ele a visse, embora tivesse tentado. Por fim, questionou-se de que adiantaria, pois sua amada Mhairi havia morrido por causa da sua covardia, e olhar para aquela criança apenas lhe lembraria que fora um fraco. Mesmo assim, ele monitorara o crescimento da criança em Londres, e depois em Paris. Para onde a marquesa-viúva de Queensberry, irmã de Sir Evans, levava a menina, lá estava um espião do conde de Northumberland.

Desiludido e pressionado, ele se casou com Elizabeth Neville, sua prima, que logo engravidou. Nasceu seu segundo filho, Ralph Percy: um alento a sua tristeza.

Entretanto, creio que o destino seja como uma criança mimada e brincalhona. Aliás, sempre acreditei nisso, pois ele, às vezes, prega grandes peças na gente. Faz isso em dias de completo tédio, sem medir as consequências para desavisadas vidas. Foi assim que a frase “*sem amor, a vida passa, mas não brilha*”, dita por lorde Howard, atravessou os séculos.

Era o mês de agosto, pleno verão do ano de 1388, em Alnwick Castle.

Elizabeth Neville havia morrido alguns anos atrás e ele vivia na sua solidão, tendo seus filhos como um sopro suave em dias de calor. Foi quando ele viu aquela jovem. Era como se tivesse visto Mhairi. Não podia ser, ele sabia, Mhairi estava morta havia muitos anos. Mas ele sabia quem ela era. Havia alguns anos que deixara de persegui-la pela Europa. Tinha achado melhor deixar que ela pensasse que era filha de Sir Evans. De que adiantaria ela saber que ele podia ser seu pai? E ele também não tinha certeza. Desconfiava, pois era a única razão para Mhairi não ter esperado por ele.

Por que não escrevi para ela?

Seus pensamentos voltaram anos atrás. Lamento que ele repetia todos os dias. Mas fora um tolo orgulhoso. Deixara que um nome de família interferisse em seu amor por ela. E agora ela — a filha de Mhairi — estava ali em Alnwick Castle e com seu herdeiro, Henry Percy.

E o que ele estava vendo nos olhos daqueles dois jovens? Não! Eles não podem se apaixonar.

Como fazer para contar a verdade para o filho? Talvez ele estivesse vendo coisas. Podia ser somente uma jovem à procura de um bom cuidador de cavalos, pois isso seu filho era. Henry possuía o dom de curar animais.

Mas quando há algo proibido, a vida dá voltas, salta muralhas, montes, transporta fronteiras, oceanos e faz o desejo crescer. E cresceu. Como ele temia, seu filho, conhecido como Sir Percy ou lorde Hotspur, queria casar-se com sua própria irmã. Ele teria que agir.

Enquanto Sir Percy foi em busca do padre, para realizar a cerimônia de casamento, o conde agiu. Mandou que Miss Evans, a filha dele com seu grande amor, fosse raptada e levada para Hampshire. Lá Sir Percy não a encontraria. Ele estaria evitando um incesto. Depois contaria para seu impetuoso filho o motivo pelo qual ele não podia se casar com Miss Evans. Mas seria uma dura e difícil conversa. Ele tinha que se preparar para ela.

Ele a viu descer a escadaria cabisbaixa e caminhar para a saída de Alnwick Castle. De cada lado, dois de seus guerreiros a cercavam. No pátio do castelo, vários outros de seus homens estavam a postos em suas montarias e, ao lado deles, outros animais com provisões, munição e a égua da moça. Ele, da janela, com o coração apertado, viu quando ela se aproximou e chorou, abraçada à égua.

O que se passa em sua mente?

Foi lhe dado um animal para que montasse, pois sua égua ainda não tinha forças para carregá-la na longa jornada. Quando ela montou, o conde ficou chocado, pois ela o encarou. Ele estava na janela e também olhava para ela. Seu

semblante estava muito triste. Era como se perdesse novamente a sua Mhairi. Revivera o momento em que Mhairi fora embora de Hampshire. Viu os mesmos ombros decaídos da mãe e chorou pelas duas. Viu que ela também chorava e quis morrer naquele momento, pois vira nela uma profunda tristeza. Sua alma certamente chorava, e o seu rosto estava molhado pelas lágrimas. Naquele instante, ele teve vontade de cortar sua própria cabeça. Maldita escolha que fizera, para que fizesse sofrer Mhairi e agora a filha de sua amada, talvez sua própria filha. E que dor traria ao próprio filho!

Entretanto, após sobreviver à dura batalha de Otterbourne, em Hampshire, na qual achou que perderia seus dois filhos para um maldito Douglas, tivera que contar toda a verdade para Sir Percy. Mas seu filho lhe dissera que já tinha feito da moça sua mulher.

O que ele poderia fazer?

Abençoou, pois pelo menos seu filho dormiria todos os dias com a mulher que amava, coisa que jamais acontecera com ele. Se ele pudesse tirar uma lição disso tudo, se pudesse ter de volta uma segunda chance, ele viveria o amor, apesar de todas as imposições, fossem elas da família, de dogmas, de estigmas, de preconceitos, pois não há felicidade sem afeto. Sem amor, a vida passa, mas não brilha.

Que meu filho e minha filha sejam felizes! Que a Providência me perdoe e os perdoe!

Embora o leitor já saiba um pouco da história de Sir Percy e de Mary Evans do ponto de vista do conde Howard, creio que a linda história de amor desses dois jovens merece ser contada com detalhes. Caso queira escutar esse velho mordomo, sente-se e prepare o seu coração para muitas emoções. Nada ligado aos Percy de Northumberland é menor que excepcional. Fico feliz que seja dessa forma. De morno já bastam os verões da Escócia, a terra dos meus ancestrais.



02 | O RETORNO DE MISS EVANS

“Para conseguir um florescimento da estupidez, não existe nada tão eficaz quanto despejar na mente de uma pessoa uma boa quantidade de amargura.”^[3]

Berwick, agosto de 1388.

Sentindo-se entediado, o conde de Douglas, lorde James, e mais três condes, todos acompanhados de seus guerreiros, saíram de Linlithgowshire, na Escócia, e penetraram em território inglês. Pretendiam despojar as riquezas de seus inimigos sob a alegação de que Sir Henry Percy, o filho do primeiro conde de Northumberland, tinha invadido recentemente suas terras e nelas caçado sem autorização. Após concluir o objetivo de sua expedição em Durham, condado no Nordeste da Inglaterra, onde atacaram e saquearam vários castelos, estavam retornando à Escócia quando resolveram pernoitar nos arredores de Berwick, nas terras pertencentes a Sir Percy.

Lorde James, que tramava uma vingança pessoal contra lorde Percy, tinha se distanciado cerca de uma milha de seu grupo quando a viu pela primeira vez. Montada em um animal de pelo avermelhado, ela cortava o vento numa fuga alucinada. De longe parecia uma vulgar serva. A uma curta distância, entretanto, o que ele viu foi uma beleza aristocrática de lisos cabelos acobreados, quase negros, que ousava montar como um homem. Seu longo cabelo tinha-se desprendido e era jogado de um lado para outro. Seu esguio corpo levantava-se e abaixava-se alçado pelo movimento do animal, de forma que o decote da túnica deixava à mostra parte de seus fartos seios. A barra de sua sobre-túnica azul movia-se ao sabor do vento. Erguida, a túnica interna, branca, exibia parte de suas pernas.

O conde ficou encantado, pois tanto a dama quanto a montaria eram extremamente belas, e as cores de seu traje eram as mesmas do seu brasão.

Estava hipnotizado com tamanha sensualidade, mas notou, pela inquietação da moça, que alguma coisa a aturdiu. Certamente ela esgueirava-se de algo, já que olhava para trás de vez em quando à procura de um perseguidor.

Ele escondeu-se atrás de um arbusto. Embora tivesse a intenção de tomá-la e de violentá-la, *como os ingleses fazem com nossas mulheres*, esperou pacientemente. Queria admirá-la mais um pouco. Ela o fascinava. Seu ímpeto de guerreiro dizia para possuí-la ali mesmo e abandoná-la, mas aquela moça de traços fortes e decididos, *com uma boca rosada que pedia para ser beijada, de olhos cor de mel e espessos cílios, merecia mais do que uma violação no meio do mato. Ele a queria mais de uma vez. Queria usufruir daquele corpo muitas e muitas vezes. Talvez fosse melhor raptá-la*. Sorriu, satisfeito com a ideia.

Parada, ela olhava para trás e para os lados. Àquela altura ainda se sentia ameaçada. Cavalgando a sua égua, havia saltado cercas, transposto o rio Tyne e alcançado as charnecas de Berwick, cada vez mais longe do vilarejo, onde ficava a casa de seu pai. Ninguém a forçaria a um casamento.

Lorde James estava cada vez mais excitado, um desejo febril tomando conta de seu corpo tamanha a beleza que vislumbrava. Pensou em deixar que ela o visse. Com menos de 30 anos, de excelente aparência, o conde, por alguma razão, não desejava forçá-la. Por vaidade, queria ser admirado por seus dotes físicos por aquela mulher, e que ela também o desejasse. Caso contrário, certamente a assustaria. Não seria um bom plano para um estrategista como ele, um guerreiro respeitado e temido em toda a Escócia. Já tinha tomado à força todas as mulheres que havia desejado, mas aquela, ele sentia, dar-lhe-ia trabalho. Poderia gritar e chamar a atenção dos guerreiros de Northumberland. Não desejava uma guerra agora. O sangue que queria era de outro tipo.

Abruptamente, a audaciosa moça esporeou o animal e saiu galopando encosta abaixo. Quando ele se deu conta, ela já havia saltado um riacho e estava a centenas de metros dele. Talvez o tivesse visto ou ao seu cavalo. Aborrecido por ter sido vencido por uma mulher, voltou ao acampamento e ordenou ao seu melhor escudeiro que fosse a Alnwick trajando-se como um camponês e descobrisse quem era a dama que o enfeitiçara.

O cavaleiro retornou algumas horas depois e com a Missão cumprida. Baseado nas características descritas por lorde James, a moça era Miss Evans, a filha de Sir Richard Evans — um falido aristocrata de Berwick — com uma serva escocesa que ele raptara. Seu nome era Mary. Sua mãe, Mrs. Evans, havia morrido no dia em que ela nascera, tendo ela sido criada em Londres por uma irmã de Sir Evans, a marquesa-viúva de Queensberry. Lá, segundo apurara o escudeiro, Mary Evans aprendera a ser uma dama educada. Bordava, tocava

relativamente bem, dançava, desenhava e falava francês tão bem que podia até se passar por uma francesa. “Contudo”, disse o cavaleiro, “disseram-me que essa Miss Evans não suporta porteiras, é uma moça ativa e cheia de ideias na cabeça”.

Tal relato não desanimaria o conde de Douglas. Muito pelo contrário. Conhecia Sir Evans. A situação era mais favorável do que esperava. Outra ideia lhe passou pela mente: uma dama inglesa, embora filha de uma serva, tinha também sangue escocês. Estava decidido. *Ela seria sua*. Uma aliança com um inglês era tudo o que precisava. Aquela visita à Inglaterra havia sido mais proveitosa do que esperava. “Quanto mais ativa, mais forte terá que ser o cabresto”, ele apenas respondeu, sorrindo sarcasticamente. Não sorria à toa. A sorte, de fato, estava mesmo do seu lado, pois Sir Evans era quase um parente.

Com a filha sob a responsabilidade da senhora marquesa depois da viuvez, Sir Evans tinha se casado novamente. Ao contrário do primeiro casamento, sua união com a solteirona e maldosa Miss Wars havia sido por interesse. Lauren, a nova Mrs. Evans, prima de quinto grau do conde de Douglas, era uma mulher de 35 anos, ruiva e alta. Seu olhar era de um azul frio e o seu riso igualmente gelado. Era incapaz de um gesto espontâneo. Tudo nela era calculado. Além disso, morria de inveja da enteada, pois, ao contrário dela, Miss Evans era viajada e havia frequentado a corte com a marquesa.

Sem ao menos consultar Mary, negociaram o seu casamento com o velho duque de York. Sir Evans precisava da influência do futuro genro, e este abriu mão do dote, pois havia caído de paixão pela beleza da moça. O ardiloso duque, que jamais vira tamanho encanto, sabia que Sir Evans estava falido, mas queria manter sua vida perdulária. Aproveitara-se, assim, da situação para propor casamento com a dama de maior beleza de todo o Norte da Inglaterra, senão de toda a Inglaterra.

— Esse casamento é a minha única saída. Se acontecer a metade do que estão falando em Londres, estarei completamente falido. Não tenho mais como manter esses ordinários trabalhando — disse Sir Evans, referindo-se à instabilidade social da Inglaterra devido às mudanças causadas pela Revolta dos Camponeses. A massa dos comuns havia-se revoltado e removia a cena política de uma forma que assustava a aristocracia britânica. Ao mesmo tempo, a proposta de reforma religiosa formulada por John Wyclif^[4] oferecia um desafio semelhante para a autoridade eclesiástica e, portanto, para a ordem social. Tudo isso, simultaneamente ao desenvolvimento da literatura inglesa, aumentava a consciência política e social das classes baixas.

— Você precisa forçá-la a se casar — bradou Mrs. Evans.

— Ela não tem escolha. Sem nenhuma influência política estarei perdido.

Mrs. Evans, com apenas um chá da tarde e um baile no Bamborough Castle, havia induzido o velho duque ao casamento. O homem era mesmo um dissimulado, mas Mrs. Evans acreditava que conseguiria manobrá-lo e obter muitas vantagens com a união das duas famílias. O duque possuía a influência de um título e fazia parte do Magnum Concilium — apenas os escolhidos do rei faziam parte —, que discutia os assuntos do país. Além de poderoso, era um dos nobres mais ricos da Inglaterra. Embora ele tivesse fama de violento, Mrs. Evans não tinha nenhum escrúpulo em empurrar a enteada para seus braços. Ela e o marido não contavam, porém, com a esperteza de Mary. No dia do noivado com o duque, ela fugiu.

— Estou arruinado agora, pois arrumei outro poderoso inimigo do Magnum Concilium, como se já não bastasse o conde de Northumberland — desabafou Sir Evans.

O mordomo veio avisá-los de que tinham uma visita.

— Visita?! Que visita? Não estou esperando ninguém. Mande-a embora — ele ordenou.

— O conde de Douglas, Sir? Devo despachá-lo?

— O conde de Douglas?! Por que não disse antes, seu ignóbil? Isso é que dá manter um mordomo tão velho trabalhando, ainda por cima surdo.

— É o que podemos pagar — respondeu Mrs. Evans, empertigando-se orgulhosamente e ajeitando seu vestido para receber o conde, seu primo.

Ela se perguntava o que lorde James estava fazendo ali, já que ele nunca tomara conhecimento dela, muito pelo contrário. Tramando um novo plano, sorriu cinicamente para Sir Evans.

— Acho que nem tudo está perdido, meu senhor. Lorde James também faz parte do Grande Conselho — comentou baixinho.

O conde de Douglas foi recebido pela prima como se fossem os mais íntimos amigos. Ele, contudo, não se aborreceu, apesar de achá-la a criatura mais pedante do reino. Queria Miss Evans, e Mrs. Evans já tinha percebido sua intenção, o que lhe foi bastante útil. Sir Evans, no auge de sua pusilanimidade, levemente conduzido pela mulher, demonstrou grande satisfação quando soube da intenção do lorde.

— Vossa Senhoria foi apresentado a ela em Londres pela marquesa de Queensberry — ele ostentou, querendo oficializar logo aquele noivado, pois temia que o conde desistisse assim que conversasse com a filha. Certamente, ela mostraria seus piores modos.

Lorde James se lembrou, mas naquela época Miss Evans ainda não tinha aquele porte, era apenas uma adolescente. De todo modo, parecera-lhe, então, uma promessa de futura beldade.

— Vossa Senhoria também a viu uma vez na Westcheap, em Londres — observou Mrs. Evans, lembrando-se que na ocasião ele acompanhava uma de suas amantes às compras.

O conde se lembrava. Até gostara do que vira e só não se havia aproximado dela por motivo óbvio. Lorde James também se lembrou de que no Hyde Park as duas mulheres — a espetacular jovenzinha e a gorda tia — estavam cercadas de admiradores. Miss Evans, no dia, trazia seus longos cabelos trançados em volta da cabeça. Ele se recordava muito bem dela, pois a moça o tinha impressionado com sua original beleza. Como ele não ligara os fatos quando a reencontrou nas charnecas?! Aquilo não importava mais. Se ele perdera a oportunidade de violentá-la e de raptá-la por um escrúpulo e um desejo idiota, agora só havia o casamento para tê-la. *E ele a teria*. Com o casamento, também teria livre acesso à Inglaterra e estaria muito próximo de Sir Percy, de onde poderia controlar seus passos e atacar Alnwick Castle quando ele menos esperasse. Aquela aliança deixava-o visivelmente satisfeito.

Acordo selado com Sir Evans, o conde de Douglas retornou ao seu acampamento com a promessa de voltar à casa do futuro sogro no dia seguinte para *conhecer* a prometida noiva.

Nesse ínterim, Lauren procurou Mary. Disse-lhe *afetuosamente* que havia convencido o pai a desistir de casá-la com o velho duque, mas que a única condição imposta era de que ela aceitasse a corte do conde de Douglas.

— Concordo que o duque era velho demais para a Miss. Falei isso com Sir Evans. Mas lorde James é belo e jovem. Há de gostar dele — ponderou Lauren.

— Não quero me casar, Mrs. Evans — Mary respondeu enfaticamente.

— Entendo, Miss. Mas já está na idade de pensar nisso. Não quer virar uma solteirona, não é?

— Até as solteironas um dia casam, nem que seja com um velho e gordo viúvo — respondeu Miss Evans. A madrastra enrubesceu.

— Garanto-lhe que irá gostar de lorde James. Nunca vi beleza igual. Ele tem uma alta estatura, sua pele é queimada pelo sol e seus olhos são verdes — Mrs. Evans respondeu, não aceitando a provocação da enteada.

— Um escocês queimado pelo sol — Miss Evans sorriu irônica.

— Sim, ele é um guerreiro. Vive pelas estradas e é tão belo quanto

Apolo.

— Não gosto de guerra e, portanto, odeio os guerreiros. Não vou conhecê-lo. Diga isso a meu pai.

— Miss Evans, a senhorita não tem escolha, é o conde de Douglas ou o duque de York. Sir Evans está lhe dando uma chance. Ele prefere o duque, é óbvio, pois é um duque, mas está sendo bondoso e lhe deixando escolher entre a velhice e a juventude.

Miss Evans ponderou. O duque de York era asqueroso. Só de pensar nele segurando a sua mão sentia repulsa, náusea e um enorme desgosto. Casar-se com o duque era uma abominação. Quanto ao jovem guerreiro, ela, apesar de já o detestar, nunca o tinha visto. Sentia, no íntimo, certa curiosidade.

— Está bem. Diga a meu pai que concordei em conhecer o conde. Mas nada mais.

Miss Evans duvidava de que fosse achá-lo belo como dissera Lauren Evans. Se aquilo fosse dito pela tia marquesa, certamente ela acreditaria, pois a tia a havia amado de verdade. Mas, como ela tinha aprendido nos livros proibidos, emprestados da biblioteca da mansão, na Mayfair, onde tinha sido criada, o conheceria e depois traçaria seus planos. Um passo de cada vez. Era assim que se venciam batalhas.

Seu novo pretendente era um guerreiro, mas seus planos também seriam frustrados. Ela não se casaria com nenhum escolhido de Sir Evans, isso já estava decidido. Sua intenção, arraigada, era contrariar o omisso pai e a interesseira madrasta. Pretendia se tornar uma ativista política, pois se havia inteirado sobre a revolta em Londres e ajudaria os camponeses ensinando-os a ler, principalmente os servos das terras do próprio pai.

Horas mais tarde, quando a viu de perto, o conde de Douglas não teve nenhuma dúvida: ela seria sua mulher. Tinha uma beleza diferente das insípidas mulheres inglesas que ele conhecera. Seu olhar era decidido, altivo, tinha a postura de uma rainha. Ele estava enfeitiçado por ela, uma mistura de graça, inteligência e ousadia, já que a dama o enfrentava com um olhar de quem parecia tencionar matá-lo. Sua afronta era cortante, enfurecida e lhe dizia claramente que ela não cederia. Aquilo o estimulava ainda mais a tê-la. Ele jamais se intimidava frente a uma batalha. Quanto maior o inimigo, maior a força de sua vontade. Desse modo, ela seria deflorada por ele ou ele não era um guerreiro Douglas. Como aliados, contava com a pragmática prima e o arruinado futuro sogro.

Sir Evans era odiado por muitos, em especial por seus servos. A Revolta dos Camponeses havia-o enfraquecido ainda mais, pois estava terrivelmente

endividado. Achava que aquilo tudo o levaria definitivamente à ruína. Dessa forma, aquela união com a parte da família com influência na Câmara dos Lordes e com o rei era fundamental, pois decidiria os rumos do reino. Ele não podia perder a nova oportunidade que, literalmente, batera à sua porta.

O duque de York certamente ficaria revoltado. Porém, embora hierarquicamente superior ao conde de Douglas, estava velho demais para um embate, e seu herdeiro era um efeminado, que seria trucidado por lord James se ousasse enfrentá-lo. Por isso, Sir Evans não temia mais o duque. Sua filha não perderia aquele casamento.

Criada em Londres, Mary havia morado alguns anos na França com a tia. Já lia revistas femininas editadas somente para mulheres e tinha conhecido várias outras culturas. Era audaciosa, forte e intrigante para os costumes da época. Questionadora demais. No entanto, simples, doce e meiga com quem merecia o seu afeto. Seu sorriso era contagiante, amolecia até o mais duro dos corações, exceto o do pai.

Em toda a sua vida, Miss Evans jamais pudera contar com o carinho paterno. O pai a desprezava visivelmente. Tinha-o visto apenas três vezes em 17 anos, todas acompanhada da tia, e em todas elas ele se negara a falar de sua mãe. Na primeira vez que o visitara, com 10 anos, fizera várias perguntas àquele homem estranho que a tia havia lhe dito que era o seu pai. Não vira amor no seu olhar. Afeto mesmo tinha recebido da velha e geniosa marquesa. No entanto, tal amparo se fora com sua morte.

Na casa de Sir Evans tinha feito amigos. Afeiçoara-se a uma serva de nome Mathilde assim que a vira, quando ainda era criança. Chamava-a carinhosamente de Math. Por meio dela conhecera vários outros, entre eles Tomboy e Gill. Também conhecera Jack, um servo que ela havia visto sendo humilhado, jogado no chão pelo empregado do pai - uma cena terrível da qual jamais se esqueceria. Gritara com o administrador, chamara-o de mau e fora tirada do local arrastada por Sir Evans. Odiaria o pai desde então.

Toda vez que visitava a casa senhorial, as primeiras pessoas a quem ela procurava, além de Math, eram Jack, Tomboy e Gill. Fora Jack quem a ensinara a nadar no rio. A menina-dama e o servo eram amigos. Voluntariosa, ela sempre exigia a presença de Jack, e Sir Evans, acuado pela poderosa marquesa, acabava cedendo. Para o servo, as sanções sofridas assim que a menina voltava para Londres compensavam o afeto recebido durante sua permanência na casa.



Dias antes aldeias de Alnwick e Berwick haviam parado para vê-la quando, pouco tempo antes, ela retornara de vez para casa, após a morte da tia. Voltara contra a sua vontade, pois a marquesa tinha filhos e estes, casados, queriam levá-la para suas famílias. O pai, contudo, havia exigido que ela voltasse, pois ansiava pelo dote que a tia lhe destinara.

No dia do sepultamento, impusera que a filha voltasse com ele, sequer permitindo à pobrezinha chorar a morte da tia.

— Mary — dissera-lhe Sir Evans, assim que regressara do sepultamento e entrara na casa da falecida marquesa, onde encontrara a filha chorando. — Pare com esse choro vulgar agora mesmo! Você é uma dama e damas não choram na presença dos outros. Poupe-me, já tenho problemas demais para me afogar nelas. Seus baús estão prontos como ordenei? Vamos partir ainda hoje.

Debilidade pela tristeza, ela não tivera forças nem para questionar. A única pessoa que a havia tratado com amor tinha morrido. Estava perdida nas mãos daquele homem que desconhecia por completo.

Quanto a Sir Evans, tinha seus próprios planos. Com aquela aparência, a filha lhe renderia uma boa fortuna. Sabia que a irmã a tinha deixado muito bem. Tomaria posse daquele dote e a casaria, fazendo uma excelente aliança. Queria o poder que um bom genro lhe traria. Nunca lhe tivera afeto. Podia até nem ser seu pai. Então, podia casá-la com quem quisesse, e melhor, independentemente da vontade dela.

Já em Berwick, no dia em que chegara, a primeira coisa que Mary fez foi visitar seus amigos na cozinha, às escondidas do pai, pois ele havia proibido qualquer contato dela com os servos. Entretanto, ela queria ver Jack, pois ele já estava velho, com mais de 60 anos, e nem tinha mais que estar ali. Dissera-lhe isso, mas o servo apenas rira aceitando aquele afeto que lhe fazia tão bem.

Dias depois, numa sala fria, o pai tinha pressa em concretizar seu casamento. Não somente ele ansiava por esse momento, mas também o conde de Douglas, que um dia após conhecê-la já havia marcado a data do noivado.

O homem que mudaria sua vida, porém, e de quem jamais se esqueceria, ela conheceria horas depois.



03 | O CAVALHEIRO DO TYNE

“O maior dos pintores pintou apenas uma vez um ser misteriosamente divino; ele não conseguiria dizer como o fez e nós não sabemos dizer por que o consideramos divino... existem reservas ocultas na natureza humana que nossa compreensão ainda não conseguiu arrolar...” ^[5]

Berwick, agosto de 1388.

Protegida atrás de uma moita de urzes, Mary Evans o viu chegar montado no mais bonito alazão que já tinha visto na vida. O animal brilhava de suor e o cavaleiro reluzia disposição e firmeza. Inicialmente, ela se assustou com a valentia que viu naqueles olhos verdes-escuros, mas acabou seduzida pelo poder que emanava dele — uma força que se agigantava na robustez da montaria — e que, ao apear, somente aumentou sua exuberância, tão alto que era. Ele caminhou em sentido oposto ao dela para dar água ao animal.

Ela o observava. Viu a intensidade de sua potência, o que lhe avivou a cor da face e trouxe vigor às suas entranhas. Ele era como o deus da fertilidade que Mary tinha visto nos livros. O frescor e o ímpeto que dele saíam causavam-

lhe um incitamento desconhecido, um viço que atizou a sua determinação e o seu destemor. As compridas e musculosas pernas mostravam força a cada passada, a rigidez dos músculos era visível sob a roupa. Vestia-se como um guerreiro. Ela observou sua lança, sua cota de malha e seu elmo preso à sela. Contudo, estranhamente, ele estava só. Seus lábios estavam cerrados e seu maxilar contraído. Dos olhos saíam faíscas, uma espécie de furor. Mas ao lado de sua boca notava-se um sutil traço de ternura que a fez estremecer.

Era um dia quente para o padrão do Norte e Miss Evans havia dito à madrastra que iria passear no jardim. Entretanto, angustiada com os últimos acontecimentos — com Sir Evans obrigando-a a um noivado sem seu consentimento —, resolvera caminhar para poder pensar no que faria. Quando se deu conta, tinha-se distanciado muito e já estava indo para as margens do rio Tyne, a uma distância considerável da casa senhorial. Foi andando, subindo e descendo as charnecas, parando para admirar as flores e os campos, com matizes diferentes de verdes salpicados por nuances brancas, que se moviam para as profusões de capim, e cada vez mais longe de casa. Estava só, pois preferia a solidão à companhia de Lauren Evans, e ainda não tinha uma dama de companhia.

Sir Evans, desacostumado com todas as regras da sociedade inglesa, não tinha atinado para essa necessidade, apesar dos protestos de Lauren de que, se a dama continuasse se portando como uma vulgar criada, ele jamais conseguiria casá-la com um nobre. A madrastra havia- he dito que, por sorte deles, o conde de Douglas era um escocês e não vivia ali, pois, caso contrário, não iria querer ter como mulher uma dama vulgar que andava para onde queria em companhia apenas do seu guarda-sol e, ainda por cima, ia ao estábulo, pegava um cavalo na hora que bem entendesse e, *“Deus me livre! Montava feito um homem!”*.

Desde que a tia morrera, Mary não tinha mais com quem conversar. Mas recusava-se a ficar sem seus passeios por falta de acompanhante.

O desconhecido abaixou-se e, com as mãos em concha, tomou água do rio. Depois levou seu enérgico animal e amarrou-o às margens do rio, próximo a uma moita de capim, para que se saciasse. Olhou de um lado para o outro, retirou as enormes botas de couro e aço e as jogou de lado. A vestimenta justa também foi retirada, peça por peça. Ela viu seus largos ombros nus... o peito de aço que brilhava sob o sol de agosto, os pelos escuros salpicados por gotas de suor. E tudo aquilo lhe era assustadoramente atraente.

Fechou os olhos quando ele chegou à cota de malha. Contudo, instigada por uma enorme curiosidade e um estranho desejo, abriu-os novamente. Ela tremia, pois sabia que estava fazendo algo impróprio, mas estava fascinada pela

masculinidade que irradiava do corpo do rapaz à sua frente. Estremeceu novamente e quase gemeu. O corpo do estranho era como as imagens que ela vira nos livros da tia, *os corpos dos deuses*. Os músculos das suas nádegas eram firmes, seu abdômen parecia de pedra, e... Ela não podia olhar! Corou, trêmula e angustiada. *Será que estaria desonrada para sempre por ter visto um homem nu?*

Mas Mary não conseguia parar de olhar. O sol refletia na pele curtida e queimada do cavaleiro. Os longos cabelos negros como azeviche, na altura dos ombros, brilhavam como espelho; os olhos, de um verde que ela jamais tinha visto, já não estavam mais anuviados. Ele mergulhou no rio e os respingos quase a alcançaram. Embevecida, ela não tirava os olhos de seus vigorosos movimentos. Estava cativa, incontrolavelmente atraída. Nunca tinha visto um homem nu assim, em carne e osso. Nem em sua fértil imaginação chegara a vislumbrar algo parecido. *Os corpos dos deuses* não estavam tão bem representados como pensara até então. *O artista falhara*. O que via, naquele instante, era a mais poderosa espécie masculina, que nem seus próprios sonhos algum dia tinham vislumbrado. Extasiada, esboçou uma exclamação. Mexeu-se apavorada e um seixo rolou até a água. Assustado com o barulho, o guerreiro perscrutou à volta. Seus olhos, então, alcançaram a baixa moita de urzes.

— Quem está aí? — ele gritou, rispidamente. A voz grossa como um trovão em dia de tempestade tropical. Todo o corpo do guerreiro já estava preparado para o ataque. Ela hesitou e emitiu um suave som de desculpas, o que o fez imediatamente relaxar, pois percebeu que não se tratava de um inimigo. Havia sido descuidado afastando-se de seu grupo e seria facilmente abatido ali, *nu*, desprotegido como estava.

— Saia daí. Mostre-se! — ele ordenou. Neste instante, a voz dele era quase doce, com um quê de riso. Mary continuou quieta e se encolheu mais, na tentativa de diminuir de tamanho. Mas sua túnica era ampla e parte do tecido azul estava bem visível. Por um momento ela se lembrou de que se esquecera de respirar e sua respiração saiu ofegante. Ele nadou na direção à moita, saiu do rio e foi até as urzes. Sem alternativa, ela se ergueu. Seu rosto queimava de constrangimento. Sabia que estava corada como um pêssego.

— Quem é você? — ele perguntou. Havia um misto de riso e falsa indignação na voz do cavaleiro. Parecia se divertir com a situação.

— Miss Evans. Desculpe-me, *Sir*. Eu não devia...

— Evans? Nunca soube de nenhuma Miss Evans por aqui — ele disse, abrindo o sorriso mais contagiante e branco que ela já tinha visto. O desconhecido ria dela, do seu embaraço visível por ter de admitir que o tempo todo o estivera espionando. E a punia psicologicamente. Mary percebeu que os

olhos dele se fechavam quando ele sorria.

Contagiada pelo riso, ela também sorriu, recatadamente. Ele se aproximou perigosamente, examinando-a com atenção e ficaram frente a frente. Embaraçada, baixou os olhos, mas assustada pelo que viu tão próximo dela, quase tocando a sua túnica, abruptamente olhou para cima. E seus olhos encontraram os dele, risonhos, irônicos, totalmente cientes da aflição que causava nela.

O cavalheiro olhou-lhe a boca rosada e depois para seus olhos. Ela podia sentir a respiração ofegante dele próxima à sua face. Tremia e, tomada por uma estranha timidez, retraiu-se um pouco. Cairia sobre a moita se ele, sorridente, não a tivesse segurado pelo braço. Os olhos de Mary demonstravam uma confusão de sentimentos, recato e receio, mas o desejo de que ele chegasse mais perto e a beijasse sobrepunha-se a tudo. Entretanto, ele não ousou fazê-lo. Apenas a manteve segura pelo braço, como se a protegesse de voltar a cair.

— Você é francesa? — ele perguntou, gentilmente.

— Não. Sou inglesa, apenas morei lá um tempo com minha tia. Meu nome é Mary —ela respondeu, timidamente. A voz tremia e ela segurava seu guarda-sol com tanta força que seus dedos estavam brancos.

Ele soltou seu braço, ela lamentou. Olhou para a boca dele, bem desenhada. Uma boca forte. As linhas que vira antes continuavam lá, uma de cada lado, finas e convidativas ao toque de sua língua. Sentiu uma vontade imensa de elevar a sua mão e tocar aquele rosto, uma vontade que fazia doer. Voltou aos olhos dele. Estavam indecifráveis enquanto ele olhava fixamente para sua boca. Ela aprumou-se, quase nas pontas dos pés, desejando alcançar logo aqueles irresistíveis lábios à sua frente.

— Sou Sir Percy — ele apresentou-se. Seus olhos percorreram todo o corpo de Mary, do rosto aos pés, numa avaliação criteriosa e ousada.

— Está me dizendo que é Sir Henry, o filho do conde, aquele que todos chamam de “o fogoso”? — ela perguntou. Não podia acreditar. Aquele cavalheiro era uma lenda em Londres.

Muitas vezes ela tinha escutado as damas falando de Sir Percy, muitas delas casadas, sempre se referindo a ele com risadinhas maldosas. Ouvira certa vez uma conversa entre lady M— e a condessa de J—: “Sir Percy, o futuro conde de Northumberland ou lorde Hotspur, justifica o nome que tem. Posso lhe garantir, nada se compara ao seu vigor... é incansável”. Agora ela sabia porque ele causava tamanha comoção entre as mulheres. Aquele frenesi todo era devido àquilo que ela tinha acabado de ver.

— Você não é daqui, não é? — ele respondeu com outra pergunta.

— Fui criada por uma tia em Londres, mas tive que voltar, pois ela morreu. Cheguei há três dias... — ela explicou. Estava visivelmente nervosa e falava atropeladamente.

— Miss Evans... É filha de Sir Evans? — ele prosseguiu. Pelo visto, acabara de descobrir quem ela era e, por uma sutil e estranha reação que lera em seus olhos, Mary percebeu que ele não gostara de tal descoberta.

— Sim, mas... — ela confirmou, de modo hesitante.

Naquele momento soube que não se equivocara ao interpretar sua reação de pouco antes. Sir Percy lançou-lhe um frio olhar anuviado, deu-lhe as costas, mergulhou no rio e nadou para a margem na qual havia deixado as suas vestes. Era como se a conversa entre eles, a intensa troca de olhares e até certa atração que ele também sentira tivessem sido apenas fruto de sua imaginação.

Vestiu-se sem olhar para ela, montou em seu cavalo e partiu sem ao menos olhar para trás. Ela ficou parada, surpresa, olhando-o se afastar num galope. Seu coração comprimiu-se. *Por que ele havia reagido daquela forma?*

Voltou para casa mais angustiada do que saíra e disposta a interrogar Lauren sobre quem eram realmente os Percy. Queria saber tudo sobre eles. Haveria algum grande motivo, pois somente isso explicaria a reação daquele cavalheiro. Ele a repudiara assim que soubera quem era. Todo o calor que ela vira nos olhos dele desde que os pousara nela, esvaíra-se no momento em que soubera de quem era filha. Os ombros dela decaíram. Por quê? Estava obcecada por aquele cavalheiro, queria conversar com ele, conhecê-lo, tocá-lo com sua boca... Suspirou ébria de tristeza. Por que não com aquele cavalheiro? Com ele, ela aceitaria se casar.

— Quem você conhece dessa família, Mary? Acabou de chegar e já está arrumando confusão? — respondeu-lhe Lauren, olhando-a de cima a baixo com indiferença.

— Conheci um deles hoje e, quando eu disse de quem era filha, parecia que eu tinha dito que era a filha do diabo em pessoa. O cavalheiro fugiu de mim.

— Pois fez muito bem. Melhor para você. A nossa família e os Percy há gerações não se entendem.

— Não se entendem? Mas por quê?

— São inimigos ancestrais, compreende? — a madrastra enfatizou, rabugenta.

— Não compreendo. Nunca ouvi falar mal deles em Londres, muito pelo contrário. Os Percy são queridos e protegidos do rei — insistiu Miss Evans, enfaticamente.

— É melhor ficar bem longe deles e não repita essa história perto de Sir Evans. Vá logo tomar seu banho e se arrumar. Mina te espera há horas. O conde de Douglas está vindo para marcar a data do casamento.

— Como marcar a data do casamento?! Eu nem consenti com o noivado!

— Agradeça a Deus que um Douglas se interessou pela senhorita, uma...

— Uma?! — interpelou-a moça, intrigada.

— Nada, não quis dizer nada. E saiba que toda mulher neste país daria tudo para casar-se com um Douglas.

Mas Miss Evans nem ouviu a última frase da madrastra. Em sua mente uma pergunta continuava latente: por que os Percy e sua família não se davam bem? Mas, por mais que tentasse imaginar a razão, a imagem nua e máscula do homem que acabara de conhecer não mais lhe sairia da mente, atrapalhando sua concentração.



04 | UM NOIVADO?

Não tropeçamos nos maciços e sim nos outeiros.

Berwick, agosto de 1388.

Miss Evans só tinha um pensamento: o cavalheiro do rio Tyne. Queria vê-lo novamente e lhe explicar que ela não tinha culpa pelas desavenças ancestrais de sua família, da qual, aliás, desgostava tanto quanto ele. Assim, arrumou-se sem qualquer contentamento para o noivado. Não se casaria com o conde de Douglas e, à vista disso, não queria impressioná-lo. Colocou seu pior vestido e prendeu os cabelos num coque severo. Mas, antes de descer, Mrs. Evans passou por seu quarto:

— Que vestido é esse? — a mulher gritou quando a viu. — Está pretendendo sabotar o casamento, vejo isso claramente. Não irá com isso.

— Este é o meu melhor vestido.

— Não pode ser... então terei que lhe emprestar um dos meus — disse a madrastra, saindo do quarto. Retornou minutos depois dando mais ordens: — Pode soltar o cabelo. Com ele assim parece vinte anos mais velha.

Lauren Evans chamou a ama e ordenou que trançasse os cabelos de Miss Evans. A moça, totalmente apática, mantinha seus pensamentos muito longe dali. Em qualquer direção que olhasse, em qualquer paisagem que se descortinasse diante dos seus olhos, à sua frente havia um cavalheiro... e ele estava nu.

O conde de Douglas, contudo, não era feio, ela concluiu intimamente enquanto olhava para ele momentos depois. Mas nada poderia ser comparado ao magnetismo do cavalheiro do rio, que fez seu sangue pulsar velozmente e fez tremer seus membros... Era a vida pulsando dentro dela, lembrando-a de que o amor a circundava como um cheiro suave. Nada podia ser como antes, algo mudara repentinamente, mas de maneira indelével; e seus planos tomaram outro rumo. Como podia se casar com o conde de Douglas se o cavalheiro do rio não lhe saía da mente? Enquanto o olhava sem o ver, um ousado plano se formava

em sua mente, muito mais auspicioso. Permaneceu calada durante toda a ceia. A noite estava sendo um fracasso, segundo Lauren. Mas, mesmo assim, o acordo do noivado seria selado.

O dia mal amanhecera e Miss Evans escapulia pelos fundos em direção ao estábulo. A grama estava tomada pelo orvalho, e a barra de sua túnica se molhou. Mas ela nada percebeu. Jack já estava alimentando os cavalos nas baias e ela o chamou, pedindo que selasse sua égua, o último presente da marquesa. Queria pensar, o que fazia melhor quando estava em movimento. Cavalgou por muito tempo. Voltou ao rio, mas o cavaleiro não estava lá. Quando estava voltando para casa, percebeu que a égua mancava. Lembrou-se do dono da mercearia, Mr. Derrick, e resolveu procurá-lo. Havia anos não o encontrava. Ainda era uma criança quando o vira pela última vez, mas algo, naquele instante, a induzia à mercearia. O homem, que caminhava devagar, tão encurvado quanto um caniço, acabara de abrir as portas e a reconheceu de imediato. Sorrindo, ele disse:

— Ora, ora! Bom dia, Miss Evans. Quase não a reconheci. Não teria reconhecido se a notícia de sua chegada não estivesse de boca em boca por aí. Mas por que essa expressão de preocupação na testa, menina? Algum problema com o animal?

— Bom dia, Mr. Derrick. Ela está mancando.

— Venha cá — disse ele, aproximando-se e passando a mão carinhosamente por sua cabeça, um gesto de um antigo amigo, e depois acariciando o lustroso pelo da égua. — Pode ser apenas um pedregulho. Passou pelo rio?

— Sim, saltei o riacho na parte estreita.

— Igualzinha à mãe... Era uma mulher linda, forte e corajosa. Mas muito arteira — o homem justificou-se, rindo de forma saudosa. Por alguns instantes, ele parou o que fazia, mantendo a pata do animal elevada, sua mente longe dali.

— O senhor conheceu minha mãe?! — Miss Evans questionou-o. Estava muito surpresa, pois nunca alguém lhe havia falado sobre a mãe. A marquesa dizia que não havia convivido com ela, pois tinha estudado na França, depois havia se casado, enviuvado e sempre morara em Londres. Já Sir Evans nunca falava a respeito.

— Sim... — ele hesitou.

— O que sabe dela? Por favor, Mr. Derrick — insistiu. Havia ansiedade em sua voz.

— O que lhe contaram sobre ela? — ele perguntou, com certa rispidez na

fala, como se não quisesse falar mais.

— Bem, o que todos sabem.

— Eu não sei *o que todos sabem*.

— Que meu avô a trouxe da Escócia e que depois ela se casou com meu pai.

— Casamento, casamento... — Mr. Derrick resmungou. Parecia aborrecido.

— Não houve casamento? É isso que o senhor quer dizer? Sou uma bastarda?

— Ela era linda e seu pai a pegou como mulher — o homem revelou.

Miss Evans sentiu um arrepio. Seu pai era tão rude.

— Eu nem sei o nome de minha mãe. O senhor não imagina como isso é frustrante para mim! — disse ela, suspirando. — Quando pergunto aos servos eles me dizem que ela não tinha nome. Como se isso fosse possível! Todo mundo tem um nome.

— Ela tinha um lindo nome.

— O senhor sabe qual era? Conte-me, por favor.

— Não consigo imaginar nenhum impedimento em você saber o nome de sua mãe. O nome dela era Mhairi.

— Mhairi — ela repetiu, sorrindo. — Um lindo nome mesmo! Obrigada, Mr. Derrick. Por isso eu nunca consegui dar um nome a ela. Nunca eu teria imaginado... — Miss Evans estava emocionada. Mr. Derrick olhou-a e seus olhos pareciam marejados.

— Sim, vocês têm o mesmo nome. O dela é Mary em escocês.

— Bem, eu gostaria muito de saber mais sobre ela. O senhor pode me contar? — a jovem insistiu baixinho, enxugando os olhos discretamente.

Mr. Derrick, entretanto, não queria falar mais sobre o passado e desconversou.

— Leve o seu animal para o jovem Henry olhar. Ele gosta de cavalos, aprendeu como cuidar deles com um velho cocheiro e, com certeza, vai saber cuidar da sua égua — ele recomendou, gentilmente, procurando encerrar a conversa.

— Onde mora esse jovem Henry?

O homem indicou o caminho e despediu-se dela.

Miss Evans pegou o atalho sugerido por Mr. Derrick e, devagar, saiu puxando a égua pacientemente. O local não era distante da vila, mas como ela

andava lentamente, a viagem tornou-se longa.

Quando avistou o lugar, ela se assustou. *O castelo do conde?! Mr. Derrick deve ter se enganado. Esse jovem Henry não pode morar ali.* Logo, contudo, se recompôs. Certamente o tal jovem, que entendia de cavalos, seria o filho do cocheiro do conde.

À medida que se aproximava, seu coração batia cada vez mais forte. Era naquele castelo que morava Sir Percy, o cavalheiro do rio. Ela conhecia aqueles muros intransponíveis, as dezenas de torres... Muitas vezes tinha passado por ali cavalgando e admirado sua glamorosa entrada, que parecia uma grande igreja, com uma torre de cada lado, e os seus jardins, pois toda a gigantesca construção era cercada por um gramado com flores amarelas, roxas e brancas e centenas de árvores. A fortaleza era circundada por um rio, com acesso exclusivamente por uma ponte sobre um amplo fosso.

Quando caminhava sobre a ponte, Miss Evans foi abordada por um guarda que fazia a sentinela do pórtico. Ele olhou-a intrigado, depois examinou sua montaria. Assim que ela perguntou por Henry, o homem liberou sua entrada. *Então o filho do cocheiro mora mesmo neste castelo!* Foi encaminhada ao estábulo, uma construção tão grande que a deixou boquiaberta. Um homem que estava chegando naquele exato momento, vestido com uma capa escura, olhou para ela como se estivesse vendo um espectro. Miss Evans ficou curiosa pelo olhar perscrutador. Ela estava exausta, havia andado horas e, certamente, a sua aparência não devia ser das melhores, mas olhá-la daquela forma era quase ultrajante.

— Quem é a senhorita? O que faz por aqui? Está perdida?

— Boa tarde, senhor — ela respondeu com uma profunda reverência. — Sou Miss Evans. Estou à procura de um tratador para ajudar-me com a égua. Ela está mancando.

Ela notou que os modos do cavalheiro suavizaram; passaram da rispidez à bondade. O que havia dito para despertar aquela atitude, ela não sabia. Mas ele chamou o cavaliço, ordenou que levasse a égua e a tratasse, instrução que ela quis acompanhar de perto. Seguiu o servo pelos grandes corredores de pedra, no encalço de sua égua, com o maduro cavalheiro ao seu lado observando-a atentamente, como se ela tivesse saído de um conto de *As Mil e Uma Noites*. A égua foi colocada numa grande baia, foi-lhe trazida água e feno. Para atender à moça, uma criada de quarto fora chamada. Quando se deu conta, Miss Evans estava numa sala particular de alguma dama, sendo tratada como uma convidada de honra. Depois que sua *toalete* estava adequadamente feita e seu cabelo despenteado novamente trançado, foi-lhe servido um refresco para mitigar os

efeitos da longa caminhada.

Tudo isso acontecia enquanto todos pareciam procurar o tal jovem Henry. A impressão era de que ele não estava em lugar nenhum, pois muito tempo já se havia passado desde que fora recebida. Enquanto o cavaleiro que lhe abordara no estábulo fazia-lhe toda sorte de perguntas — sua origem, idade, quando chegara à vila... —, sua impaciência aumentava a despeito de todo aquele tratamento. Finalmente, ele apareceu.

Miss Evans ficou lívida quando o viu. Em seu íntimo ela já suspeitava, mas se fosse uma moça frágil teriam, naquela hora, de recorrer aos saís para animá-la. Sir Percy era o mesmo jovem Henry, o cavaleiro nu do rio Tyne.



05 | O HONRADO CAVALHEIRO

“O amor é um ser que não pede para entrar no coração da gente, e hóspede quase sempre importuno, por pior trato que lhe dê, não desconfia, não se despede, vai-se colocando e deixando ficar sem vergonha nenhuma.”^[6]

Berwick, agosto de 1388.

Miss Evans não podia acreditar. O tratador de cavalos indicado por Mr. Derrick era o cavaleiro do rio. Ele era um lorde de grande fama em Londres, apelidado de “Hotspur” por sua natureza impulsiva e por... Ela enrubescou apenas ao pensar no que ouvira das damas na capital. Suas pernas novamente estavam trêmulas e o seu coração acelerado.

— Miss! — cumprimentou ele, fazendo uma saudação com um riso malicioso nos olhos. Depois cruzou os braços e ficou olhando-a, como se a surpresa da moça o divertisse.

— Eu... eu... Eu não sabia que se tratava do senhor. Mr. Derrick sugeriu que aqui morava uma pessoa que poderia me ajudar com minha égua. Ela está mancando, acredito que um pedregulho...

Ele continuou calado, fitando-a de uma forma curiosa, pensativo. Ela suspirou, torceu as mãos. Ia pedir que a levasse até o estábulo para pegar a égua e sair dali imediatamente quando ele falou novamente, depois do que, para ela, pareceu muito tempo.

— Onde está o animal, Miss?

— No estábulo — ela respondeu, hesitante.

Com um gesto, ele indicou a direção, induzindo-a a segui-lo. Durante todo o longo caminho pelos corredores daquele labirinto, ele manteve-se em silêncio. Chegando ao local, pediu ajuda a um cavaleiro e examinou a égua. Deu alguma instrução a um lacaios, que saiu e voltou com uma caixa. Ajudado pelo cavaleiro, retirou o pedregulho da pata do animal.

Miss Evans o observava. Gostava de olhar para ele, era seguro no que fazia. Quando terminou, entregou o animal ao cavaleiro, deu alguma instrução, que ela não conseguiu ouvir, e voltou para junto dela.

— A égua precisa ficar aqui. Foi muito maltratada, é melhor não forçá-la a andar.

Ante o olhar apreensivo de Miss Evans, o lorde inesperadamente lhe impôs uma condição.

— Preciso que me prometa uma coisa. Isso é fundamental para que eu cuide de seu animal: não diga ao seu pai que esteve aqui — ele pediu.

— Por que o senhor não gosta de meu pai? — ela questionou prontamente.

— Isso é assunto para adultos.

— Eu tenho dezessete anos, não sou nenhuma criança. Além disso, não me incomodo que não goste de Sir Evans — Miss Evans protestou. Virou as costas e saiu.

— Ei! Volte aqui!

— Preciso ir. Devem estar preocupados comigo.

— Eu a levo. Não deve andar sozinha por aí. A floresta não é segura para uma moça.

Sir Percy pediu ao cavaleiro que selasse seu cavalo. Instantes depois, quando ele voltou com um só cavalo, ela protestou.

— Sou uma dama. Não posso ir montada com o senhor.

— Para quem já me viu nu, isso não é nada, milady.

Entretanto, “*nossos impulsos são mais fortes que a razão, às vezes*”.^[7] Quando Miss Evans se deu conta já estava praticamente no colo de Percy. A rapidez com que ele a pegou, levantou-a e colocou-a sentada sobre o animal foi surpreendente. Ela não tinha medo de cavalos, mas o garanhão era tão arisco, tão assustador, que ela agarrou-se ao dorso do rapaz com força. Prontamente, o braço de Sir Percy rodeou-a, trazendo-a mais para junto dele. Miss Evans estremeceu levemente. Um doce arrepio perpassou sua espinha e uma sensação completamente nova a tomou. *Abençoada seja sua inocência*.^[8] Dela e dele.

Sir Percy pegou um atalho diferente, que ela não conhecia. A trilha passava dentro da mata. O motivo para aquela escolha, como ele se justificou espontaneamente, era impedir falatórios envolvendo o nome dos dois. Mesmo sendo filha de um homem como Sir Evans, ela era, antes de tudo, uma dama. E assim cavalgaram, juntos e ao mesmo tempo tão separados, cada um deles com seus próprios pensamentos, seus corpos aquecidos pelo tênue calor do sol. E

cada um possuía seu sol particular para deleite da alma: algum sonho, alguma paixão, algum passatempo, uma esperança distante e remota que, mesmo sufocada, sobrevivia, como costuma sobreviver a esperança.^[9]

Miss Evans ajustou-se mais ao corpo dele. Aninhou-se naquele peito de guerreiro normando, quente, forte, duro, mas mesmo assim o lugar que ela queria fazer morada, encostar sua face, esconder seu rosto, tirando dali o ar que viria misturado ao cheiro dele, que inebriaria seus sentidos. Exalou o odor dele, bom, forte, amadeirado, e torceu para que o caminho ficasse cada vez mais longo.

Ele riu desdenhoso, pois, bem mais maduro que ela, embora se sentisse tão atraído quanto, controlava seus instintos e enxergava o descontrole dela. *Quer guardar a sua independência e nem percebe que já está cativo.*^[10] Pegou-lhe a mão e levou-a aos lábios. Miss Evans corou. Quando ela a puxou de volta, com força, ele soltou uma sonora gargalhada.

— Eu estava apenas com medo de cair — ela tentou se explicar.

— É melhor se segurar mesmo, senhorita, senão pode cair e se ferir para sempre.

— Se me aperto, o senhor reclama; se solto, também se queixa. O que farei?

— Que seu coração não se perturbe nem tema, moça.

— O senhor é um presunçoso.

— Ficou me espiando nu no rio. Agora se aconchega a mim. Apenas pensei...

— Pensou o quê?

— Que tivesse alguma intenção...

— E se eu tivesse, Sir?

— Eu teria que parar esse cavalo agora e beijá-la — disse ele, já parando e saltando. Com a mesma rapidez com que a elevou, ele retirou-a de cima do animal. O coração de Miss Evans batia descompassado. Nunca havia sido beijada. Não sabia o que fazer.

— Mary é o seu nome, não é?

— Sim — balbuciou, olhando para os lábios dele cada vez mais próximos.

— Vou lhe dar um conselho, Miss Evans. Cuidado com os cavalheiros. Eles não deixariam passar a oportunidade se tivessem uma linda e inocente dama em seus braços como eu tenho agora.

Ela tentou argumentar, mas ele colocou o dedo sobre seus lábios e

continuou:

— Não precisa ficar envergonhada. A senhorita teve o azar de me ver nu antes até de me conhecer.

— Azar? — ela mostrou-se muito surpresa.

— Sim, azar, Miss. A senhorita estava no rio e eu cheguei. Com receio, se escondeu.

— Bem, é verdade. Eu não sabia que encontraria o senhor por lá. Fui apenas para arejar a mente e... — ela abaixou a cabeça.

— Afinal, a menina é ainda uma criança, mesmo que no corpo de uma mulher...

— Eu não sou uma criança. Posso nunca ter beijado ninguém, mas sei como essas coisas funcionam. Já li sobre isso. Tecnicamente eu sei...

— Está bem, então vamos embora. Vou te deixar perto de sua casa, mas terá que caminhar meia milha. Não quero que nos vejam juntos.

Montaram novamente. Miss Evans percebeu que ele mantinha certa distância dela. Pensou que, de fato, ela tinha se mostrado infantil, quando de forma pueril argumentara que tinha aprendido a beijar nos livros. *Por que não me calo quando devo?* O que ela não sabia, contudo, era que Sir Percy não impunha aquela distância por ela, tampouco por nada que saíra de sua boca, mas por receio dos seus próprios sentimentos pela doce e jovem moça. Ele a desejava e, visto que ela era tão inocente, ele sabia que não podia abusar dela, pois era honrado.

Eles se separaram próximo ao rio. Sir Percy despediu-se com um aceno e partiu tão rapidamente que Miss Evans sentiu como se tudo tivesse sido um sonho. Em um gesto involuntário, tocou seus lábios com pesar.

Voltou seu pensamento à sua situação real. Os instantes especiais que passara com ele tinham sido fundamentados em ilusão. Sua existência estava em discussão, com outros decidindo seu futuro. Sua alma, contudo, continuava inquieta. Ansiava por uma paixão, aquele mundo de sensações que ela lera nos livros e que desejava para ninguém mais além de si mesma.



06 | O ARDENTE SIR PERCY

“Se olharmos para um futuro bem distante para distinguir as consequências de nossos atos, sempre seremos capazes de encontrar uma combinação de resultados, algum ponto, que poderá servir para justificar tais atos.”^{III}

Berwick, agosto de 1388.

Miss Evans entrou em casa pé ante pé, pois não tinha formulado nenhuma desculpa para uma ausência tão prolongada. Pretendia tomar um banho e fingir descansar em seu quarto. Mas imediatamente foi flagrada pela madrastra.

— Ah, aqui está a dama fugitiva! Preste atenção, Miss Evans! Isso aqui não é a corte. Trate de zelar pelo nome de sua família. Fique longe dos Northumberland. A senhorita é a noiva de um Douglas e deve portar-se como tal — admoestou-a Lauren

Miss Evans sentiu o sangue ferver e ruborizou. Tinha-se esquecido completamente de lorde James.

— De quem está falando? — perguntou. A madrastra não se deu ao trabalho de responder.

— Amanhã, logo cedo, vamos à costureira para tratar de seu vestido de noiva.

Miss Evans ergueu seu pescoço longilíneo e retirou-se altivamente em direção aos seus aposentos. Precisava pensar e planejar. Em vinte dias seu casamento aconteceria. Algum plano precisava ser traçado rapidamente. Mathilde chegou para ajudá-la com o banho. Enquanto a ajudava a se vestir, não se conteve.

— Tá muito apavorada e inquieta, Miss. Sossegue. Como vô fechar o vestido se tá mexendo como uma lagarta no formigueiro — queixou-se a criada.

— Ande logo com isso, Math. Preciso sair.

— De novo, menina? — Mathilde, que a conhecia desde criança, estava apreensiva. Conhecia Sir Evans e sabia que ele não tolerava rebeldia.

— Voltarei logo. Preciso apenas perguntar uma coisa para Mr. Derrick.

— Mr. Derrick? Que assunto a menina teria para tratar com o vendeiro? Sir Evans vai descobrir que a menina saiu... — Mathilde arregalava seus expressivos olhos. Temia o poderoso patrão que, pelo que ela sabia, podia até chicotear um servo traidor.

— Só se você contar, Math! — advertiu-a, levantando-se e saindo às pressas pela porta lateral.

— Ainda não terminei a trança, Miss... — mas Mary já estava longe.

Mr. Derrick parecia esperar por ela. Quando Miss Evans deu início ao seu interrogatório sobre o *jovem Henry*, o homem, lentamente, deu a ela um perfil completo do cavalheiro, a quem todos respeitavam e admiravam na vila. Dessa forma, ela ficou sabendo que Sir Percy estudara em Cambridge, tinha 27 anos, e sempre havia sido muito inteligente. O lorde tinha aprendido, com um criado do castelo, a tratar cavalos, pelos quais tinha verdadeira adoração. Descobriu também que a mãe do lorde havia falecido quando ele nascera. E que ele tinha um meio irmão, Ralph Percy, que estava em Cambridge, mas que era esperado para uma temporada ainda naquele ano.

— Conte-me mais, Mr. Derrick. Ele é casado? Tem alguma noiva? — perguntou, por fim, incapaz de controlar sua indiscrição.

— Sir Percy não é casado e, que eu saiba, também não tem noiva — ele respondeu ainda lentamente, como era do seu perfil.

— Tenho que voltar para casa de Sir Evans, Mr. Derrick. Então, se sua mente puder ser mais ágil... — ela apertava as mãos, apreensiva.

— Bem, seguindo a sua vocação natural, Sir Percy se tornou tratador de cavalos...

— E ele não tem nenhuma amante?

— Mulheres ele deve ter muitas, mas nenhuma em especial... que eu saiba.

— Como assim?! — Miss Evans irritara-se, pois sabia que homens tinham suas amantes, mas queria acreditar que Sir Percy fosse diferente. Mr. Derrick riu e escondeu seu riso.

— Eu não sei nada mais sobre isso, mas sei que ele não é padre, muito menos santo. Aliás, é chamado de lorde Hotspur. Aí a senhorita acrescenta fogo, cáldio, arrebatador, impetuoso, abrasador... — disse ele, dessa vez rindo abertamente da expressão contrariada no rosto dela.

— Ardente?

— Sim, e irascível também.

Miss Evans gostou de cáldo, mas desconsiderou os demais adjetivos.

— Eles, os Northumberland são bons, não são? — indagou a moça.

— São honrados.

— Eu sabia... Quem não tem caráter é meu... Sir Evans e lady Evans.

— A menina não deve falar assim de seu pai e de sua madrastra.

— Eu não gosto dele, Mr. Derrick. Nem de Lauren... — Mr. Derrick balançou a cabeça, como se compreendesse, e ela continuou: — Mas eu gosto de Sir Percy.

— Notei leve interesse de sua parte, Miss.

— Agora eu preciso ir mesmo. Vim porque não conseguiria dormir sem saber tudo sobre ele.

— Cuidado, Miss. Não deve permitir se envolver tão rapidamente. E, no mais, Sir Evans tem outros planos para a menina.

— Que ele fique com os planos dele para ele mesmo. Eu também tenho os meus — disse ela e, sem esperar por resposta, saiu. Depois voltou e disse:

— Voltarei para ouvir a história de minha mãe.

— A história de sua mãe a senhorita deve perguntar para o seu pai, menina — respondeu o homem, sério.

— O senhor sabe que ele jamais me contará. E se o senhor também se negar a fazê-lo, vou tirar minhas próprias conclusões. Penso que se uma coisa é muito velada, algo muito grave deve estar por trás dela.

Ela saiu às pressas deixando o homem pensativo.



Na manhã seguinte, Miss Evans começou a esboçar um ousado plano. Foi à costureira, como estava combinado com Lauren, e portou-se tão mansa quanto uma pomba. Acatou todas as sugestões para um vestido de noiva, sabendo que jamais o usaria. Assim que se viu livre, disse que iria caminhar um pouco no jardim para arejar a mente. Do jardim, ela chegou ao rio, e dele, fugiu para Alnwick Castle. Assim que chegou ao portão, foi admitida ao interior do castelo. Dessa vez ela não teve que esperar muito. Sir Percy, assim que comunicado da presença dela, veio ao seu encontro.

— Imagino que queira saber de sua égua? Venha se refrescar um pouco, depois eu a levarei até ela — ele disse, educadamente.

— Saber de minha égua? Ah, sim. Ela está bem?

Miss Evans sentiu-se culpada, pois havia se esquecido completamente do animal.

— Verá com seus próprios olhos.

Enquanto caminhavam em direção aos estábulos, ela deu início a uma conversa. Miss Evans era do tipo de pessoa a quem o silêncio incomodava. De mente vivaz, que gritava o tempo todo seus desejos e anseios, ela sofria quando lhe era negado o direito de expressar-se através da fala. Se isso lhe fosse negado, provavelmente seu corpo descreveria frases inteiras e, certamente, sem qualquer pontuação, tampouco censura.

— Não tem nenhuma lady em Alnwick Castle? Uma irmã...

— Não, só tenho um irmão por parte de pai, lorde Ralph. Mas, creio que a Miss está querendo saber se existe alguma lady Percy?

Ela ruborizou.

— Não! Eu sei que não há.

— Ah, sabe? Como?! — ele voltou-se para ela, encarando-a. Ao perceber que ela ruborizava, ele riu. Ela, vendo-se observada, abaixou a cabeça.

— E a senhorita? Tem irmãos?

— Não, apenas primos. Fui criada por uma tia em Londres, a marquesa de Queensberry, irmã de Sir Evans, como eu já lhe disse, creio. E seus filhos são como irmãos para mim. Tenho absoluta certeza de que já lhe falei sobre isso, acho. Desculpe-me — como ele apenas lhe escutasse, Mary deu vazão às frases contidas em sua veloz mente: — Ela morreu recentemente, a minha tia. Então tive que voltar a morar aqui. Não que eu não aprecie aqui, a vizinhança, sobretudo. Mas nem sempre eu tenho que conviver somente com quem gosto.

Evidentemente, gosto dos criados, especialmente de Math, de Jack, de... Ah! Desculpe-me. Por que estaria interessado em quem eu aprecio ou não.

— Está enganada se pensa assim, Miss.

— Estou?

Ele não respondeu. Porém, acrescentou: — Já deveríamos ter nos esbarrado em algum lugar em Londres. A Miss não é do tipo que passa despercebida, tão comunicativa. Não frequentava a sociedade?

— Não. Debutei apenas há pouco tempo, como sabe. Fui apresentada à rainha pela minha tia, mas com a morte dela...

Houve um instante de silêncio, no qual Sir Percy avaliava a estranha criatura ao seu lado: tão bela, tão ousada, mas tão jovem e inocente.

O conde de Northumberland surgiu repentinamente à frente deles, vindo de algum lugar naquele labirinto de corredores. Parecia assustado. Para a moça, o conde estava sempre assustado. *Por quê? Será que ele não gosta de mim? Que culpa tenho eu de ser filha de Sir Evans?* Fez uma reverência diante dele. Para sua surpresa, o conde sorriu-lhe, aproximando-se e beijando sua mão.

— Miss Evans veio ver como está seu animal, imagino — disse ele.

— Sim — ela disse, contida. Alguma coisa nele a intimidava.

O conde passou a caminhar com eles. Novamente aquele silêncio inoportuno que tanto a desagradava.

— Vossa Senhoria conheceu a antiga Mrs. Evans, minha mãe? — perguntou ela, hesitante, na tentativa de quebrar aquele pesaroso silêncio, no qual só se ouviam os ecos dos passos deles no corredor de pedras.

O conde pareceu muito surpreso com a repentina pergunta. Ela acreditou ter visto um rubor na face do nobre. Ele hesitou, tossiu e finalmente respondeu:

— Cara senhorita... — olhou para ela, como se refletindo no que diria, e prosseguiu: — Nós, os Northumberland, e os Evans, não somos... Bem, não somos aliados. Isso começou há muitos anos e de lá para cá sempre estivemos em lados opostos. Eu lamento se não era isso que esperava ouvir de mim.

— Eu lamento tanto. Não sei o que dizer, de fato — disse ela, mordendo seu lábio inferior. Depois ergueu seu olhar para o silencioso Sir Percy como se implorando pela intervenção dele ao seu favor. A clemência do jovem lorde não tardou a vir.

— Mas a moça não tem nada a ver com esse antagonismo, meu pai — havia ternura na voz do rapaz.

— Obviamente — respondeu o conde.

— Eu agradeço a ambos, embora eu saiba que bondade a mim dada não

muda o fato de eu ser uma Evans.

— Não, não muda. Mas sugiro irmos ver sua égua — sugeriu Sir Percy, polidamente.

Deixaram o conde parado na abertura que dava para os estábulos. Estava circunspecto, observava os dois jovens cheios de vida se afastarem. Havia certa sintonia entre eles, como uma canção, cujos arranjos se entrosam tão perfeitamente numa sintonia doce e envolvente, que eleva almas e corações. Seus passos eram cadenciados, seus corpos se voltavam um para o outro naturalmente, pendiam como se um ímã natural os puxasse. Era a força da atração, que dobra os corpos, encaixa os membros e canta o cântico do amor. De longe, o conde via o que formava ali e, assustado, sabia que aquilo tinha que ser interrompido.

Enquanto isso, alheia aos pensamentos tumultuosos do nobre conde, Miss Evans continuava com seu monólogo:

— Mas repito, Sir Percy, apesar de ter nascido uma Evans, fui criada e educada pela marquesa de Queensberry. Não aprecio Lauren Evans e odeio o primo dela, o conde de Douglas.

Imediatamente Sir Percy estacou. Voltou-se para ela de forma tão impactante, que Miss Evans se assustou.

— Conde de Douglas? A senhorita disse Douglas?

— Sim — ela respondeu, encolhendo-se diante do olhar acusador dele.

— O que o conde de Douglas tem a ver com essa conversa?

— Desculpe-me. Foi um erro tê-lo mencionado.

Por que a simples menção do conde de Douglas o enfureceu? Ela se perguntava, pois o terno rapaz de quando ela havia chegado não estava mais ali. À sua frente estava novamente o guerreiro e ele estava furioso.

Sem dizer uma palavra, ele voltou a caminhar a passos largos. Ela não teve alternativa senão segui-lo quase correndo. A sintonia havia sido quebrada. Nenhum dos dois disse mais nada até chegarem ao estábulo. Ao avistar sua égua, ela perguntou:

— Posso montá-la?

— Por enquanto, não.

Ela passou a acariciar o dorso do animal. Vez ou outra voltava seu olhar para o lorde, que examinava a pata da égua com vívido interesse.

— Sir, será que eu posso deixá-la aqui? Será por pouco tempo. Eu vou embora e vou levá-la comigo quando partir.

— Vai embora?! — Sir Percy levantou seu olhar para ela. Parecia

surpreso.

— Sim. É preciso.

— Para onde vai, Miss?

— Ainda não sei, Sir.

— É cheia de histórias, não é, menina?

— Pela última vez eu vou lhe falar, Sir. Eu não sou uma menina. Logo farei 18 anos e serei uma mulher. Se milorde não consegue ver isso é porque... porque... porque é um cego — ela protestou veementemente. Empertigou-se, empinou seus redondos seios e virou-lhe as costas, enfurecida.

Sir Percy riu. A raiva pela menção do nome do conde inimigo havia passado. Aproximou-se dela, tomou-lhe a mão e levou-a aos lábios, demoradamente.

— Então eu sou um cego? — perguntou ele.

— Sim, é um cego se não enxerga o óbvio — disse ela. E foi como se o ímã da atração soltasse uma corda antes muito retesada. Os corpos deles se uniram como se uma força invisível os puxasse. Incontrolável. Quando perceberam, estavam frente a frente, a centímetros um do outro. Podia-se sentir o calor dos corpos, a respiração, o cheiro. Sir Percy segurou-a pela cintura e Miss Evans ousadamente ficou nas pontas dos pés e roçou suavemente seus lábios nos dele. Mas a provocante carícia o inflamou. Ele puxou-a com força para junto dele e apreendeu a boca antes oferecida, forçando-a com a língua, num beijo apaixonado. Segurando nele para que não caísse, Miss Evans vivia a sua mais sublime experiência. Suas pernas tremiam, ela ardia por ele e seu prurido a umedecia, deixando-a pronta para o amor. No afã da paixão, ela tocou-o com sua língua, e o beijo que ele lhe deu em troca lhe possuiu a alma. Por fim, devagar, ele a afastou dele e disse:

— Isso é um beijo de verdade.

Os olhos dele estavam turvos pelo desejo e os dela clamavam por ele, por mais. Ele atendeu ao convite, voltando a beijá-la de forma ardente. E ela retribuiu com uma desinibição que o encantou.

Quando Sir Percy viu que a possuiria ali, naquele lugar, em cima daquele feno, ele murmurou, quase como um gemido angustiado, por ter de frear seus instintos quando seu cavalo queria correr pelos campos molhados. Essa analogia é a que mais se aproximava do que se passava ali: um jovem garanhão, cheio de energia, via um prado convidativo à sua frente e não podia cavalgar sobre ele. Muito pelo contrário: tinha que ver, sentir o cheiro que emanava dele e negar o convite que prontamente ele lhe fazia.

— Onde está a sua dama de companhia, Miss? Por que ela não está aqui, pelo amor de Deus? Não vê o risco que corre? Eu, Deus, poderia desonrá-la agora se quisesse.

— Não tenho nenhuma dama de companhia — ela continuava com suas mãos segurando a cintura dele.

— É melhor pararmos por aqui. Como vai explicar isso em sua casa? — disse ele, roçando um dedo pelos lábios rosados e inchados dela. Ele lutava para se conter e sua voz saiu um tanto trêmula. Mas ela não tinha freios.

— Beije-me, Sir Percy. Beije-me! Por favor.

— Miss! Eu tenho que ter juízo por nós dois. Se eu voltar a beijá-la, vou levá-la para aquele monte de feno ali e ninguém será capaz de me parar — ele apontou para a cama formada pelo feno, convidativa e à espera dos amantes.

— Vai se casar comigo, Sir?

— Por que deveria, Miss? — ele parecia se divertir.

— Beijou-me e ficamos sozinhos. Se não se casar comigo estarei desonrada.

— E agora é que se lembrou disso? Eu não sei o que vamos fazer, Miss, mas acho que é um pouco tarde para se pensar em honra.

Uma inquietação tomou conta dela, e honra nada tinha a ver com tal sentimento. Às vezes, só nos damos conta de que fomos longe demais quando nos perdemos pelo caminho. Do mesmo modo, muitas vezes, só atentamos para o fato de que aticamos lenha demais ao fogo quando somos queimados pelas chamas.

Ninguém disse nada, ela não ousou, ele tampouco. *“O silêncio tem um poder notável de mostrar o que se passa na mente e é mais impressionante que a fala. De igual forma falar pouco, muitas vezes, é a forma de se dizer mais.”*^[12]

O cavalo de Sir Percy já estava selado à sua espera. Mais uma vez ele a colocou à sua frente e montou no animal. Miss Evans aconchegou-se ao calor do corpo dele, não por ousadia, mas pelo ímã da atração. Era impossível contê-la àquela altura. Da parte dele também não era diferente. Ele podia ter mais juízo, era bem mais velho que ela, dez anos de diferença pesavam entre eles. E Sir Percy se cobrava. E, ao contrário da vez anterior, quando ele ainda possuía o controle de seus sentimentos, agora ele cavalgava mais rápido, como se temesse a si próprio. Ela sentia como lufadas do vento a respiração dele em seus cabelos.

Quando chegaram ao rio, ele desmontou e a tomou nos braços. Via-se a luta entre o querer e o dever. Nesses casos, quando o desejo é intenso, a paixão incipiente, cheia de uma ardente curiosidade, o dever é quase sempre

sobrepujado. Tudo aconteceu tão rápido que ela só se deu conta de que ele a beijava quando correspondia de forma apaixonada. Beijaram-se por muito tempo. Beijos sedentos, quase angustiados, matizados por culpa da parte dele, desespero da dela. Por fim, foram ficando mais lentos, a respiração dos dois, contudo, mantinha-se ofegante. Afinal, os corpos estavam insaciados.

Algum tempo depois, Miss Evans disse que precisava voltar, pois certamente procuravam por ela e, se o fizessem, os encontrariam ali. Ele, portanto, lhe deu o último beijo de despedida e ela se foi a pé, parando para olhá-lo antes que ele fizesse a curva do rio. Ele também olhou para trás, acenou, e galopou para longe dali.

Por algum tempo Miss Evans permaneceu parada no mesmo local, olhando para a direção que Sir Percy tomara. Levou a mão aos lábios e sorriu. Ele já havia galopado algumas milhas quando, de repente, como se lembrasse de algo, deu meia volta e retornou. Ela se assustou quando ouviu o tropel do cavalo, mas Sir Percy logo estava ao seu lado. Desceu num salto e, projetando-se enorme à sua frente, colocou as duas mãos na cintura dela.

— Por que citou o conde de Douglas?! — ele perguntou, fitando-a seriamente.

— Conde de Douglas? — ela temeu que a tempestade voltasse aos olhos dele e acabasse com a boa sintonia que tinham construído. Mas ele insistiu:

— Por quê?

— Ah! Bem... eu direi se quer saber. Mas antes quero um último beijo.

— Último?

Ela não respondeu, pois ele a beijou uma, duas, três vezes... Gemeu quando ela elevou as duas mãos e contornou a face dele, ao mesmo tempo em que o beijava repetidas vezes. Era quase como se necessitasse dele para saciar uma sede. Seus lábios tocavam os dele entreabertos, sedentos, desesperançados. Ele retribuía com a mesma ânsia arrebatada. Sentindo que tinha poder sobre aquele homem, Miss Evans jogou os braços e o enlaçou pelo pescoço, puxando-o para si, ao mesmo tempo em que acariciava seus cabelos. Era como se ela quisesse trazê-lo para ela, e o queria. A cada iniciativa dela, Sir Percy ficava mais subjugado. O bravo guerreiro, que não se entregava à espada, rendia-se ao toque de uma mulher. A língua dela, macia e provocante, contornou os lábios dele, e ele gemeu alto. Assim incentivada, ela introduziu a língua em sua boca e tocou a dele. A carícia acendeu o fogo que ele tentava controlar.

Estava perdido. Não tinha forças para conter aquilo.

Puxou-a para junto de si fazendo-a sentir toda sua ereção. Ela também

gemeu e se aconchegou mais a ele, buscando um alívio para algo desconhecido, mas que a consumia. Assustado com o seu próprio descontrole, ele empurrou-a devagar, ofegante.

— Miss, eu sou honrado, mas sou homem, não brinque com isso. Diga-me logo e eu partirei antes que eu me arrependa...

Ela estava trêmula de paixão.

— Não posso lhe dizer. Não hoje. Amanhã... Amanhã eu lhe direi... — ela respondeu, hesitante.

— É cheia de segredos!

Ouviram passos.

— Eu tenho que ir. Estão vindo à minha procura.

Sorrindo, ele beijou-a novamente, de forma rápida. Subiu na montaria e saiu galopando.



“Nunca um invejoso perdoa ao mérito”.^[13]

De Sir Percy veio a intrepidez, de Ralph, a ternura. Ele era ainda muito jovem, de uma inteligência sagaz, mas de sentimentos profundos e atitudes que discerniam esses sentimentos. A volta prematura para Alnwick Castle se deu por causa de um problema ocorrido em Cambridge, do qual, para ser honesto, ele fora mais vítima que culpado.

De temperamento brincalhão, o rapaz havia se envolvido em um passatempo com os colegas e por causa dele fora expulso da instituição. Tudo começou quando seu primo, Roger Mortimer, alguns anos mais velho que ele, o desafiou para um jogo.

Àquela época, estava em voga um tolo divertimento chamado Desafio de Honra. O cavaleiro era provocado, incitado a fazer algo que um comitê de colegas escolhia como como peleja. Na verdade, penso hoje, era uma distração melhor do que visitar bordéis e casas de jogos, mas mesmo assim tola. Mas tanto Ralph quanto os primos Neville e Mortimer entraram na brincadeira.

Certo dia lorde Ralph foi desafiado a vestir-se de mulher e desfilar pelo campus da universidade. Ele o fez com tamanha habilidade que o reitor caiu de paixão pela “moça” esguia, bela e encantadora que ele encontrou a caminho do corredor do dormitório dos alunos. Pega de surpresa, a “infratora” — pois não era permitida a entrada de damas naquele local — foi a mais “encantadora delas”. Lorde Ralph, para não ser desmascarado, tratou de desempenhar muito bem o seu papel, transformando-se em lady Ruth Percy, irmã mais jovem de Ralph Percy.

Para desespero do lorde, a farsa perdurou por vários dias. Até que fosse descoberto, ele teve que se caracterizar, pois a “irmã”, quebrando todos os precedentes, havia recebido permissão especial para visitar o irmão regularmente em seus aposentos. Entretanto, certo dia, “Ruth Percy” estava na sala do reitor quando o acadêmico, um viúvo magro e extremamente voltado para os prazeres da carne, tentou violar a honra da “jovem”. Foi demais para o lorde, que já estava cheio daquilo tudo. Repentinamente, tratou de colocar o velho cavaleiro em seu devido lugar. Dessa forma, usando mais força que ternura, quebrou o nariz do homem e, não satisfeito, quebrou também o braço, cuja mão avançara o sinal imposto pela “moça”.

O resultado da façanha foi várias expulsões da instituição, dentre elas, a do próprio Ralph e de seu primo Roger Mortimer, além da expulsão do cabeça do criador do Desafio de Honra. Foram feitas também tantas suspensões quanto a honra do reitor estipulara. O primo Neville estava no último grupo.

Temeroso de que a notícia chegasse ao conde, seu pai, antes dele dar as devidas explicações, Ralph tratou de pegar a primeira diligência de volta ao Norte. Mas o lorde não queria ser reconhecido, afinal, era filho de um conde, e filhos de condes não viajavam em carruagens coletivas. Sendo assim, tratou de tomar emprestada uma última fantasia com um dos colegas que em algum momento participara do Desafio de Honra.

Vestido de padre, Ralph pegou uma diligência comum na Trinity Ln, que cortaria o Norte da Inglaterra, cujo destino final era Linlithgowshire, na Escócia. Seu primo Roger viajava com ele, porém, trajando suas próprias roupas. Acontece que, ao contrário de Ralph, Roger Mortimer não tinha um pai a quem temer. A mãe do rapaz havia ficado viúva e, além de Roger, possuía mais cinco filhas; três menores e duas em idade de se casar: Chloe e Katherine, a levada Kit. E ainda sete meninos, alguns bem pequenos. Com tantos filhos para dar atenção, Mrs. Mortimer pouco distinguiria se um padre ou uma freira entrasse em sua casa. O conde Howard, contudo, só tinha Sir Percy e Ralph como filhos.

Sentando na diligência com sua vestimenta preta, com seu colarinho clerical branco, Ralph Percy fazia uma figura e tanto. Muito alto, cabelos negros na altura dos ombros, forte como um guerreiro, ele não era como um padre secular. Ao lado dele, o primo não dissimulava sua zombaria. Sentado à frente dos primos, um sisudo e jovem militar, com uma irmã ou filha ruiva, logo chamaram a atenção de Ralph, que assim que pusera seus olhos sobre a moça lamentara seu disfarce, pois ela possuía as características físicas que o atraíam nas mulheres: era ruiva, e ele amava as ruivas, talvez porque sua mãe tivesse sido assim; e havia a lenda de que as ruivas eram bruxas. Não que ele minimamente acreditasse naquilo, mas adorava provocar Mrs. Mercer, que praticamente o criara. A governanta tinha pavor de mulheres de cabelos vermelhos e jurava que a antiga patroa, Elizabeth Neville, a mãe do próprio lorde, fazia bruxaria na floresta ao lado de Alnwick Castle. Se Elizabeth recorreu à bruxaria para fazer com que o conde se apaixonasse por ela, de nada adiantou, pois, como eu já disse, lorde Howard sempre amara Mhairi da Escócia.

Bem, voltemos ao lorde em questão. Vestido de padre, sem poder demonstrar o interesse que sentia pela filha do severo militar, ele fez a mais desgostosa viagem. Roger, tampouco, facilitou as coisas para o primo. Muito pelo contrário. Invejoso e competitivo ao extremo, ao perceber que Ralph havia

se interessado pela outra, tratou de aproximar-se do militar para obter mais informações sobre eles, além daquelas que já eram evidentes: eram escoceses e iriam para Linlithgowshire.

Em dado momento, estavam parados em uma estalagem para as trocas dos cavalos e, ao ver que Roger estava prestes a cair na graça do homem e, conseqüentemente chegar à moça antes dele, Ralph aproximou-se do trio e se apresentou.

— Meus filhos — disse ele, tentando modelar o velho padre de Alnwick Castle. — Sou o padre Ralph, espero que estejam fazendo uma boa jornada. Está um dia ameno, graças à Providência, não acham?

Naquele instante, ele, que nem religioso era, elevou os olhos e as mãos para o Céu. Roger, que de uma hora para outra tinha decidido que aquela ruiva, de quem sequer sabia o nome ou idade, seria dele, riu estupidamente da estratégia do primo, deixando o “padre” numa situação bastante constrangedora. “Nunca um invejoso perdoa ao mérito”. Entretanto, a jovem, que certamente era subjugada pelo pai, talvez por ter um espírito protetor, sentiu empatia pela humilhante situação do estranho e belo sacerdote.

— Sim, o dia está agradável, senhor — ela murmurou, na voz mais melodiosa que os jovens ouvidos do lorde já tinham escutado.

O leitor pode até pensar que era somente o espírito generoso da moça que a fizera sentir empatia pelo belo e jovem padre. Contudo, o coração da mocinha, pela primeira vez, sentira o toque da pena da paixão. Foi surpreendente para ela, pois Fenella ainda não conhecia o amor, tampouco de ouvir falar. Entretanto, não há mente e corpo que se respire nessa Terra que, ao deparar-se com essa encantadora melodia que dá cor à existência, não estejam aptos a reconhecer seu canto. A canção do desejo, da paixão, do amor, seja lá que nome se dê, brotou de apenas um olhar compartilhado; um olhar que perdurou ínfimos segundos, contudo cheios de significados indelévels para ambos, pois a paixão nasceu.

Ouça a experiência desse velho mordomo e não seja prematuro em julgar se não viveu algo parecido. Às vezes, por falta de uma experiência, julgamos erroneamente. Sendo assim, mais uma vez eu lhe peço: não haja pela força da sua ingenuidade ou da arrogância de quem não passa de um broto à espera de vivências. Não precisa mais que um olhar para que a paixão nasça. A propósito, seja dito de passagem, o gérmen da paixão é uma semente que sempre brota, seja trazida pelo cheiro, pelo som de uma voz melodiosa ou pungente, ou pelo toque das pontas dos dedos. É como um vírus letal: está no ar, no andar, no sorrir e, sobretudo, no lampejo de um piscar de olhos. Regada pelos pensamentos, ela cresce, transborda e toma toda a alma.

Então, embevecido pela beleza celta de Fenella, pelo som daquela voz, pelo olhar cáldo e cheio de significado, Ralph não ouviu quando o militar se dirigiu a ele. Porém, quando Roger chamou sua atenção, ele voltou-se para o homem:

— O que disse mesmo, senhor?

— Coronel. Chame-me de coronel Douglas.

— Douglas? Certamente o coronel não tem nenhuma ligação com a aristocrática família Douglas, da Escócia.

— Não pareço um aristocrata, senhor reverendo sacerdote? Seja lá de que ordem Vossa Reverência tenha saído. Nunca em toda a minha vida vi padre tão esquisito. Pois, certifique-se de que sou irmão mais novo do conde de Douglas, com apenas treze meses de diferença dele. Se tivesse nascido alguns meses antes dele, eu seria o conde.

Ralph e Roger trocaram olhares conspiratórios. Ambos se perguntaram o que o irmão de lorde James estaria fazendo ali, naquela diligência comum. Entretanto, o próprio Ralph Percy, filho do conde de Northumberland, também estava ali e, ainda por cima, fantasiado de padre. Sendo assim, nada ali parecia real. Mas o coronel insistiu na pergunta e quis saber do padre se ele conhecia a família Douglas.

— Já ouvi falar de lorde James, senhor. Em Londres.

— É possível. A fama do conde de Douglas o precede. Grande guerreiro, sim. Ele é mesmo. Não há outro mais valente do que ele. Na Escócia todos o temem. Não há lugar dessa Terra que o nome dele não faça gelar a espinha de qualquer marmanjo barbudo e cabeludo — nesse momento, o militar encarou o jovem Ralph Percy, olhando com desprezo para os cabelos do rapaz. — A família Douglas jamais perdeu uma batalha... — o estranho e prepotente homem continuou citando as habilidades da família de que fazia parte.

Ralph Percy queria dizer que seu irmão, Sir Percy, era o mais valente guerreiro que existia, respeitado em todo o mundo, apenas temido por aqueles que não tinham honra, mas não podia revelar-se a um integrante da inimiga família escocesa. Talvez, se ele não estivesse com aquela maldita batina... mas estava. Desse modo, olhou para a calada jovem ao lado do arrogante coronel e baixou a cabeça.

Durante o restante do percurso, Ralph teve que ver crescer uma intimidade entre Roger Mortimer e a moça sem nada poder fazer para impedir. Mas que direito tinha ele de impedir seja lá o que fosse? Ela não lhe pertencia, os dois primos a tinham visto ao mesmo tempo, e ele não podia nem argumentar que a tinha visto primeiro.

— Que ele fique com a maldita Douglas — balbuciou, ancorando-se no ódio ancestral para lhe poupar da dor de ter sido preterido.

Roger Mortimer era um belo rapaz. Alto, loiro, olhos claros e audazes. Não era tão belo quanto lorde Ralph, isso não, motivo pelo qual o loiro invejava o primo. Acontece que todo mundo sabia, pois os que precediam ao título de condes de Northumberland pareciam ter nascido com a estrela da beleza. Em algum momento da história daquela família, o sangue normando havia se misturado aos *Angelcynn*, família dos anjos, e dado a eles uma tonalidade de pele que não era escura, mas não era tão clara quanto a dos normandos. Para contrastar com a cor de pele que podia ficar dourada com o sol e resplandecer com a chuva, os olhos tinham uma coloração também singular. A genética dançava neles, em nuances de um verde-acastanhado, verde-escuro, verde-claro e, muitas vezes, um mel tão claro que podia-se ver a íris brilhar ao fundo. Os lábios também se beneficiaram com características dos anjos: tinham carne, quando contrastado com os finos lábios dos Mortimer.

Se os dotes físicos não fizessem que qualquer dama de milhas de distância preferisse um Percy a um Mortimer, as características internas, como honra, força e carisma o faziam. De forma que Roger Mortimer não invejava Ralph Percy à toa. Eram primos, deveriam ser aliados, mas o ciúme e a inveja tornavam o primo um inimigo mais letal que qualquer integrante da família Douglas. Mesmo o conde de Douglas sendo inimigo declarado da família Percy. De forma que da inimiga família os Percy esperavam a espada. Mas, de onde se esperava a proteção poderia vir um afiado punhal.

Em certa parte do longo trajeto, quando pararam para pernoitar numa estalagem à beira da estrada, Roger chamou Ralph e disse:

— Creio que o coronel está desconfiando de seu disfarce. Devia ter cortado os cabelos como eu lhe sugeri.

— Está louco! Se chego em Alnwick com a cabeça de cumbuca que sugeri teria que passar o resto da vida ouvindo as piadinhas de meu irmão.

— Mas o coronel tem razão. Nunca se viu padre cabeludo.

— Agora já viram um: Ralph Percy, à sua disposição.

— Está se achando a própria Excelência Reverendíssima, senão o Santíssimo Padre, Ralph.

— O que foi, Roger? Concordamos que eu me fantasiaria de padre e que você, como meu primo e amigo, não me exporia até que estivéssemos em segurança em Alnwick Castle.

— Farsa? Percy? Alnwick Castle? — ambos viraram e se depararam com

um cabelo ruivo, dois olhos arregalados, que encaravam Ralph com grande desprezo.

— Eu tenho uma ótima explicação para o disfarce, senhorita.

— Imagino que, sim, milorde. Mas eu não estou interessada nela.

— Senhorita, espere, eu gostaria de...

Mas a moça já tinha virado as costas, descido as escadas e saído para a escuridão da noite. Ralph, parado onde estava, sentia-se um traidor, não somente por ter enganado a moça, ao pai dela, embora este fosse um Douglas. Ela também o era — ele frisou para si mesmo, na esperança de que a constatação dessa verdade expulsasse aquele sentimento de perda e de rejeição que ele sentia. Mas o sentimento não se esvaía, ao contrário. Outro amargo se alojara em sua alma. Havia envergonhado seu pai, sua família, sido expulso de Cambridge e voltava para casa desmoralizado. Intempestivamente, ele rasgou a batina e jogou-a no chão.

— Ela é só uma Douglas! Acalme-se — disse-lhe o primo.

— Ela é uma dama e eu a enganei. Menti para ela. Fingi-me de padre e escondi que pertenço à família à qual os Douglas desprezam.

— Enganou, Ralph? Não suporto essa sua mania de honra a qualquer custo! Para o inferno aquela Douglas! Está se esquecendo da danação de se misturar a eles?

— Pelo amor de Deus, Roger! Não me diga que acredita em bruxaria?

— Mas não se trata de bruxaria e sim de maldição.

— Isso é uma grande besteira inventada pelos nossos ancestrais, ou pelos antepassados dos Douglas, por causa desse ódio irracional entre nossas famílias.

— Se o conde seu pai ouvir a condescendência com que você fala dos Douglas, estará perdido.

— Meu pai é um homem esclarecido, não acredita em lendas, Roger. E eu não sei se ele odeia tanto assim os Douglas, creio que não — disse Ralph, que admirava o pai e o irmão acima de todos.

Mas Roger tinha razão. Existia, de fato, uma lenda no Norte da Inglaterra e na Escócia de que o sangue da família Douglas jamais poderia se misturar ao dos Percy Northumberland. Caso, algum dia, isso ocorresse, a pessoa estaria amaldiçoada para sempre, pois as forças das trevas se voltariam contra ela e contra sua família para sempre. Estou certo de que lorde Ralph não acreditava naquela crendice, mas a maioria do povo sim. Quanto ao conde Howard e Sir Percy, certamente não acreditavam na maldição em si, nos poderes das trevas, em bruxaria, essas coisas, mas creio que os sentimentos deles para com a família

Douglas não eram os mesmos dos de Ralph.

O jovem lorde nunca concordara com o ódio que sua família nutria pela família escocesa, embora respeitasse as ordens de seu pai para manter-se distante deles. Mas, até então, ele nunca tinha visto uma Douglas tão atraente.



08 | A BATALHA DE OTTERBOURNE

“Qualquer covarde pode lutar uma batalha quando ele tem certeza de que vai vencê-la; mas dê-me o homem que tem coragem para lutar quando ele tem certeza de que vai perder. Há muitas vitórias piores do que a derrota.”^[14]

Otterbourne, Hampshire, agosto de 1388.

Miss Evans estava radiante. Nunca havia experimentado nada parecido com aquilo que sentia por Sir Percy. Andava como se flutuasse. Quase dançando, sorria para os pássaros e cumprimentava as flores que encontrava pelo caminho. Desde que vira Sir Percy sabia que era com ele que desejava se casar. Ela não sabia explicar, mas se sentia ligada a ele por uma história cujo roteiro já estava escrito e no qual cumpria naturalmente seu papel. Sonhara tantas vezes com esse sentimento, sabia que era real, pois lera sobre ele nos livros, embora admitisse que, algumas vezes, colocara em dúvida a sua existência. Em momentos de total descrença chegara a banalizá-lo como mais um personagem de ficção, mas logo voltava à razão e se fiava, sobretudo, no amor, mesmo jamais o tendo experimentado.

Agora sabia que era tangível, que nada neste mundo se comparava àquilo. Nenhuma leitura chegara nem perto da descrição do gosto do beijo do homem amado, pois ela o amava e precisava falar com alguém desse sentimento que lhe agigantava no peito, exigindo-lhe confidências. Os ocupantes da casa senhorial, portanto, teriam que esperar por ela, pois precisava contar para Mr. Derrick. De todos os habitantes daquele vilarejo, ela não via nenhum outro em quem pudesse confiar aquela confissão.

— Vejo que está sozinho, Mr. Derrick — ela disse-lhe, abrindo um largo sorriso assim que ele a recebeu.

— E eu vejo que esses arteiros olhinhos estão brilhando mais do que ontem — ele respondeu, afetuosamente.

— O senhor é um homem perspicaz, Mr. Derrick. Estou muito feliz e por dois motivos. O primeiro é que minha égua está curada e o segundo, bem... esse é um assunto mais delicado... — ela disse baixinho, enquanto seus olhos perscrutavam as redondezas como se temesse ser ouvida.

— Espere aqui só um minuto, Miss Evans.

Mr. Derrick entrou em seu depósito, voltando instantes depois com um de seus ajudantes, ao qual pediu que cuidasse do comércio. Então, levou Miss Evans para dentro da casa, que ficava nos fundos. Sentaram-se em um velho sofá de couro de ovelha.

— Assim está melhor?

— Oh, sim, muito melhor, Mr. Derrick! De fato, o assunto requer toda privacidade —ela disse, encabulada. — Mr. Derrick, não tenho ninguém mais para desabafar e como o senhor conheceu a minha mãe, achei que pudesse ser meu confidente.

— Sim, pode confiar, senhorita.

— Sir Evans e minha madrastra querem casar-me com o conde de Douglas. O senhor deve saber que isso não me agrada em nada, mas já marcaram até a data. Eu já sabia que não me casaria com ele quando fiquei noiva, mas não tive escolha. Forçaram-me — ela confidenciou, hesitante.

Encorajada pelo olhar terno de Mr. Derrick, continuou:

— Mas aconteceu algo novo...

Miss Evans fez nova pausa. Com o olhar, ela pedia socorro ao novo amigo.

— Então querem lhe casar com o conde de Douglas?! — ele questionou. Embora Mr. Derrick se mostrasse surpreso, algo mais se passava em sua mente, pois seus lábios ficaram cinzentos, como se tomados pelo pânico.

— Sim, foi isso mesmo que eu lhe disse, senhor.

— A senhorita não pode se casar com aquele homem.

— Sim, eu também acho isso. Quero me casar com Sir Henry Percy.

— Oh, Miss! Também não pode se casar com Sir Percy.

— Mas por que eu não posso me casar com ninguém?! — ela protestou, indignada.

— A senhorita pode se casar, menos com um Douglas ou com um Percy.

— Mas, por quê?!

Mr. Derrick hesitou, refletiu, torceu as mãos, levantou-se e continuou ponderando se devia ou não contar para a moça o que ele sabia. Alguns aflitivos minutos depois, ele ainda continuava em silêncio e tudo aquilo estava deixando

Miss Evans muito angustiada.

— O que há, Mr. Derrick? Está me deixando apavorada.

— Minha menina querida. Eu sinto muito pelo que tenho de lhe falar. Mas a senhorita está repetindo a história de sua mãe. Ela também se apaixonou por um rapaz quando estava prometida a outro.

— Por quem minha mãe se apaixonou, Mr. Derrick? Não pode ser por Sir Evans.

— Não. Não foi por Sir Evans. Oh, Miss. Serei eu a contar essa história para a senhorita?

— Se o senhor não me contar, Mr. Derrick, nunca saberei.

Mr. Derrick titubeava. Novamente percorreu o aposento de um lado para outro. Foi em direção ao fogão, colocou uma vasilha com água sobre o fogo e disse que precisava de um chá. Miss Evans, sem nada poder fazer, pôs-se a ajudá-lo silenciosamente. Após prepará-lo calmamente, sempre pensativo, o homem tomou uma xícara e ofereceu-lhe outra. Ela recusou. Estava apreensiva. Queria o desfecho daquilo. Finalmente, após vários minutos, ele disse:

— O homem por quem a sua mãe se apaixonou tinha um nome, Miss Evans... — ele parou de falar novamente.

— Diga logo, Mr. Derrick. Não aguento mais esse seu silêncio.

— Chamava-se Henry Howard.

— Lorde Henry Howard?! — ela perguntou, visivelmente chocada. Havia empalidecido drasticamente, como se intuísse algo muito ruim. Como se repetisse para ela mesma, Miss Evans falou: — Minha mãe foi apaixonada pelo conde de Northumberland, o pai de Sir Henry Percy.

— Exatamente.

— Oh, não! Não pode ser! Está querendo dizer que minha mãe e o conde...?

— Sim, querida. Mhairi foi apaixonada pelo pai de Sir Percy. O conde era viúvo. Sua mulher tinha morrido no parto de Sir Percy. Só que Mhairi não tinha a determinação que a senhorita possui.

— Meu Deus! Por isso o conde odeia Sir Evans.

— A senhorita precisa conhecer toda a história. Sente-se, Miss! Não vou gostar nada disso e lhe asseguro que a senhorita também não. Tudo o que vou lhe contar ouvi da própria Mhairi.

Mr. Derrick pôs-se, então, ao relato.

— Sua mãe era uma serva escocesa. O pai de Sir Evans a raptou, pois ela era uma moça de extrema beleza. O velho pretendia ficar com ela, mas seu filho,

Sir Evans, apaixonou-se ardentemente pela moça. Ocorre que ela não era uma criada qualquer, Miss...

— Como não era uma serva qualquer, Mr. Derrick?!

Ele parou de falar, olhou-a demoradamente, segurou as suas duas mãos. Depois continuou: — Mhairi era filha bastarda do conde de Douglas, pai do então lorde James.

— O senhor está me dizendo que minha mãe era irmã de lorde James?

— Sim, isso mesmo. Por isso a senhorita não pode se casar com ele. Ele é seu tio.

— Mas como eles não a buscaram?

— Naquela época o conde de Douglas tinha mais bastardos do que soldados...

Miss Evans ficou em silêncio por muito tempo, enquanto refletia sobre tudo aquilo. Depois, perguntou:

— Sir Evans sabe disso? E mesmo assim quer me casar com meu tio?

— Não! Ele não sabe. Quem me confidenciou isso foi sua própria mãe, após contar para...

— Para?... Para quem?

— Para lorde Henry Howard e ser imediatamente rejeitada por ele.

— Não estou entendendo nada, Mr. Derrick. Tudo bem, não posso me casar com lorde James. Mas por que não posso me casar com Sir Percy. Ele também é meu tio?

— Tio, não, senhorita. A situação é muito pior. Sir Percy é seu irmão de sangue.

— O quê?! Que loucura é essa, Mr. Derrick? O que o senhor está me dizendo! Não pode ser verdade — era Miss Evans que agora percorria o aposento de ponta a ponta.

— Vou lhe contar tudo. Sente-se e tome esse chá, vai precisar — ele disse-lhe, carinhosamente, enquanto lhe servia uma xícara ainda fumegante. Mas as mãos da moça tremiam visivelmente.

— Oh! O que pode ser mais grave do que o que já me contou, Mr. Derrick?

— A senhorita tem o direito de saber a verdade, ainda mais agora... O fato é que sua mãe e Henry Howard, o conde de Northumberland, tiveram um envolvimento amoroso antes do casamento dela com Sir Evans. Eu mesmo os flagrei juntos... Eu os havia seguido, pois também estava louco de paixão por ela, e os vi entrando numa gruta no meio da floresta.

— Mas por que os dois não ficaram juntos? Por que não se casaram então?

— Porque quando Mhairi contou para o conde de quem ela era filha, ele a repudiou. Um Percy jamais se casaria com uma Douglas, mesmo que fosse uma bastarda. Não por ser bastarda, mas por ter o sangue da família escocesa. Essas duas famílias se odeiam há muitos anos.

— E depois? Coitada da minha mãe!

— Lorde Howard, àquela época, estava prometido a uma prima, Elizabeth Neville, e se casou com ela logo depois.

— Elizabeth Neville?! A mãe de Sir Percy? — perguntou Miss Evans.

— Não, a madrasta de Sir Percy. Lembra-se que lhe falei que a mãe dele havia morrido no parto? Elizabeth Neville foi a mãe de Sir Ralph Percy.

— Então, minha mãe se casou com Sir Evans...

— Sim, isso mesmo. E, poucos meses depois, você nasceu. O resto da história a senhorita já conhece.

— Sim, creio que eu conheça — Miss Evans tinha a voz embargada. — Lorde Howard e minha mãe estiveram juntos na gruta... Então ele é meu pai — ela concluiu. Um fio de voz pronunciou a última sentença: — Quanto tempo depois eu nasci?

— Menos de nove meses, Miss. Todo mundo falou disso. Sabe como são as coisas nesses lugarejos. Não posso afirmar quem realmente é seu pai... Eu não sei o que aconteceu naquela gruta. Apenas vi sua mãe Mhairi e lorde Henry Howard entrando nela.

— Oh! Mas isso tudo é tão cruel! Eu, irmã de Sir Percy e, ainda por cima, com sangue escocês dos Douglases.

Toda a alegria de seu espírito esvaiu-se em instantes. Seu corpo esmoreceu. Uma inquietação lhe tomou a alma. Sua mãe, pretendida de Sir Evans, havia se apaixonado pelo conde de Northumberland, era quase certo que tivesse se deitado com ele, e que ela fosse, de fato, filha dele. Mas, se lorde Howard tinha repudiado sua mãe porque ela era uma Douglas, o filho dele, Sir Percy, também a repudiaria pelo mesmo motivo, mesmo que eles não fossem, de fato, irmãos consanguíneos.

Um plano?! Mesmo diante das evidências, Miss Evans não pretendia renunciar àquela paixão. Pensou por um longo tempo, no qual apenas se ouvia o tilintar da xícara sobre o pires e a respiração dos dois. Ela se levantou, olhou para o homem à sua frente e tomou a resolução: Sir Percy jamais poderia saber nada sobre sua origem. *Sir Percy pode ser meu irmão e eu estou apaixonada*

pelo sangue do meu sangue.

Quando chegou de volta à casa senhorial, o sol já estava se pondo. Mais um dia chegava ao fim e a data do casamento se aproximava rapidamente. Sir Evans, Mrs. Evans e o conde de Douglas esperavam por ela. O conde estava visivelmente impaciente. A madrastra a olhava desconfiada, mas na frente do conde ela não diria nada que comprometesse o casamento. Miss Evans pediu licença para cuidar de sua *toalete*. Mathilde foi chamada para ajudá-la. Arrumou seus cabelos e ela não teve alternativa senão descer. Eles a aguardavam, cada vez mais inquietos. Assim que se sentou, Sir Evans fez o comunicado que mudaria o plano arquitetado intimamente por ela.

— O casamento será no próximo sábado.

Um frêmito perpassou seu corpo. Ela gaguejou.

— Como?! Por que tanta pressa? — perguntou, demonstrando surpresa. Dissimulava, assim sua indignação.

— Seu noivo, o conde, está de partida para o continente a negócios e deseja ir casado — respondeu a madrastra.

Não havia nada que ela pudesse fazer a esse respeito. Estava tudo acertado. A igreja, o enxoval... Fora vencida. Seu plano teria que ser antecipado. Precisava sair dali imediatamente, mas o conde não tirava os olhos de cima dela. Como ela o desprezava! Quando olhava para ele, lembrava-se da mãe e do que Mr. Derrick havia-lhe dito: “Ele é seu tio”.

A interminável noite na presença do conde chegou ao fim. Como ela esperava, Sir Evans havia bebido muito mais do que seu organismo suportava. Naquela noite ela ainda ficou sabendo que o pai viajaria no outro dia bem cedo para Londres. Miss Evans acordou muito cedo. Antes que Mathilde terminasse de arrumá-la, Mrs. Evans entrou no quarto. Como de costume, não bateu na porta.

— Vejo que ainda não está pronta, Miss. Temos um compromisso. Há muito que se fazer.

— Onde está Sir Evans? — ela perguntou, apenas para confirmar a ausência do pai.

— Por quê?

— Ainda faltam algumas peças em meu enxoval e pretendo encomendá-las com urgência.

— Seu pai foi a Londres tomar um banho de civilização.

— Por que não foi com ele?

— Por sua causa, Miss — respondeu a mulher, rabugenta.

Miss Evans estava aliviada e ao mesmo tempo irada com Mrs. Evans, mas se quisesse colocar o seu plano em ação tinha que colaborar para que nenhuma suspeita fosse levantada. Aquiesceu. Minutos depois, descia calmamente acompanhada pela madrastra. Ela tinha certeza de que a antecipação do casamento tinha tido a influência daquela maquiavélica mulher. Sem desconfiar de nada, Lauren levou-a para a última prova do vestido. Miss Evans representava seu papel com extrema paciência.

Já em casa, assim que se viu livre das obrigações de noiva, subiu para seu quarto, queixando-se de indisposição. A madrastra era uma mulher detestável e todos os servos a odiavam. Não tinha sido difícil para Mary conseguir aliados na casa. Ela e Gill arrumaram uma trouxa. Dissimulando uma lavagem de roupa, a trouxa foi deixada no rio, no esconderijo que a moça havia lhe indicado. Mathilde, Tomboy e Jack a ajudaram na fuga por uma porta dos fundos.

Ela amava Sir Percy e com um Douglas jamais se casaria. Para o poderoso conde escocês — um dos nobres mais ricos da Escócia — não faltariam pretendentes. O casamento com ela certamente era apenas um capricho.

De longe, Miss Evans avistou Alnwick Castle. Estava exausta de tanto correr e também porque praticamente não havia dormido na noite anterior. Dando sequência ao plano que traçara, tratou logo de sujar sua túnica numa poça de água bem pegajosa. Os guardas do castelo assustaram-se quando a viram, deram o alarme e Sir Percy foi chamado. Ele estava no estábulo. Ela escondeu a trouxa, que continha algumas poucas peças de roupas. Assim que ele a viu, ficou surpreso, não só pela sua inesperada chegada, mas também pelo seu estado deplorável. O contraste entre eles ficara ainda mais evidente: Sir Percy vestia uma camisa de finíssimo linho branco, com um gibão cinza por cima, Chausses^[15] com sola de couro, calça escura e uma ampla túnica que ia até o chão. Estava belo e limpo. Miss Evans tinha lama por todo o corpo e os fios que tinha soltado de suas tranças estavam encharcados e caíam sobre seu rosto deixando um rastro enlameado.

— O que aconteceu? Foi atropelada por uma carroça? — ele perguntou, sorrindo. Ela sorriu de volta e balançou a cabeça negando. — A sua roupa, Miss. O que aconteceu?

— Vim correndo, tropecei e caí no fosso. Gostaria de me lavar.

— No fosso?! Como?

— Sou desastrada, só isso. Quero apenas me limpar logo, se for possível.

Sir Percy mandou chamar uma criada e ordenou que a levasse para o quarto azul. Mas antes perguntou o que ela vestiria, já que a túnica não serviria

mais.

— Eu trouxe um vestido.

Ele olhou para ela desconfiado, mas ela acrescentou: — Daqui eu irei embora.

— Continua com essa história na cabeça? Depois não gosta quando eu a chamo de infantil — ele instigou-a. Parecia bem aborrecido.

— Preciso fugir, Sir. Meu pai e lady Evans querem me casar com o conde de Douglas. Obrigaram-me a ficar noiva. O noivado foi naquele dia em que o vi no rio... — ela retrucou. Olhou para ele e seus olhos estavam embaçados. O comportamento de Sir Percy também mudou repentinamente. Parecia surpreso e até embaraçado.

— Está noiva de lorde James?

— Sim. Obrigaram-me. O casamento está marcado para daqui a cinco dias. Mas eu não comparecerei à igreja.

Lágrimas verteram de seus olhos e Sir Percy estendeu a mão para secá-las. Ela estava suja, não cheirava bem, mas mesmo assim ele sentiu uma enorme vontade de tomá-la em seus braços. E o fez.

— Então é isso. Por que não me contou antes?

— Eu tentei. Mas, quando citei o nome do meu noivo o senhor ficou irritado.

— Naquele dia em que eu lhe encontrei no rio eu soube que o conde de Douglas e mais três condes escoceses estavam acampados em minhas terras. Eles pretendiam atacar Alnwick Castle sob a alegação de que eu e meus homens tínhamos invadido as suas terras na Escócia para caçar. Eu voltava de uma batalha.

— Havia lutado contra ele naquele dia?

— Não, porque ele e os outros condes tinham fugido, mandando seus soldados lutarem no lugar deles. Uns covardes. Esqueça os Douglas! Esses vermes não merecem que se perca tempo falando neles. Onde estão as suas coisas?

Miss Evans não o fitava, pois temia que seus olhos denunciassem todo o seu pavor. Ali estava a resposta da qual ela precisava. Seria vista como um *verme* se ele soubesse do sangue que corria em suas veias. Mas ela também era inglesa, uma Percy... Mas isso apenas piorava as coisas.

Ela o levou ao local onde tinha escondido suas roupas. Pouco depois ele saiu e retornou com duas criadas que cuidariam de seu banho. Foram necessários dois deles para tirar o cheiro da lama. Quando estava limpa, Miss Evans

agradeceu e pediu que lhe chamasse Sir Percy. As criadas se entreolharam, mas minutos depois o lorde entrava no aposento. Olhou-a surpreso dos pés à cabeça. As belas pernas de Miss Evans e seus ombros estavam à mostra. Embaraçado, ele deu um passo para trás, pois era um homem honrado e nenhuma dama poderia se apresentar daquela forma diante de um cavalheiro que não fosse seu marido.

— Por que me chamou, Miss? — perguntou ele, olhando-a sério. Ela continuou como estava. Em silêncio, parecia à vontade em sua parcial nudez.

— Por que ainda não se vestiu? Não está certo uma dama ficar assim, sozinha, e ainda por cima nua na frente de um homem.

— Sir Percy também já esteve nu na minha frente — respondeu ela, desafiadoramente atraente.

— Foi completamente diferente. Eu não sabia que tinha uma pessoa escondida atrás da moita.

— Vamos pular essa parte do que é certo ou errado. Estou indo embora hoje e não vamos nos ver nunca mais, Sir.

— Para onde você vai, menina? — ele perguntou, frisando bem o *menina* no intuito de atingir a mocinha petulante à sua frente.

Irritada por isso, Miss Evans soltou o manto que a cobria. Seus volumosos seios de mulher e o seu ventre ficaram à mostra. Sir Percy, completamente atordoado, pegou o manto e, em vão, tentou cobri-la.

— Quero ser sua, Sir. Eu o amo. Não quero que um Douglas seja o meu primeiro homem.

— Não está sendo coerente, Miss. Há pouco falou que jamais se casaria com ele — ele disse. Sua voz estava terna e rouca. A visão daquele corpo de mulher havia quebrado toda a sua resistência.

— Não pretendo me casar, Sir. Mas eles podem me forçar. Como fizeram com minha mãe no passado.

— Miss Evans, minha querida, você ainda é uma menina. Por mais que eu a deseje, eu não posso fazer isso.

— Hoje é meu aniversário de dezoito anos, Sir — ela disse, mentindo. Logo emendou: — Se o senhor não me ama, eu vou embora e nunca mais me verá.

Miss Evans caminhou lentamente para onde estavam as suas roupas. De costas para ele, começou a se vestir peça por peça. Seu coração batia acelerado, estava desesperada para que o homem que ela amava mudasse de ideia e a quisesse. Mas ele, aparentemente, não a queria. Uma lágrima de rejeição rolou

em sua face no mesmo instante em que ela sentiu os braços de Sir Percy em torno de sua cintura.

— Diga que não está mentindo, Miss, que está completando dezoito anos...

— Juro pela vida de Sir Evans — respondeu ela, enfaticamente.

No instante seguinte ela estava entre os braços de Sir Percy, sendo beijada e acariciada. Ofegante, com os olhos cheios de desejo, o lorde se afastou dela por um instante.

— Miss Evans, preciso saber: quem a viu primeiro, eu ou o conde de Douglas? — ele perguntou, baixinho.

— Eu nunca tinha visto o conde de Douglas até aquele dia depois que lhe vi no rio, Sir. E como eu poderei me casar com outro homem tendo visto o que vi? Eu o vi nu. Não seria honrado me casar com outro... E o senhor também me viu nua e, portanto, não seria honrado não se casar comigo. Estarei desonrada se isso não acontecer. Não posso me casar com um Douglas quando um Percy não sai de minha mente!

— Tem razão, Miss. Estaria desonrada se eu não me casasse com a senhorita. Peço que me aguarde aqui, mas se vista. Volto em breve.

— Sir, Sir, não me deixe, por favor! Quero ser sua. Faça-me sua! — ela implorou.

— Vamos nos casar, querida. Sou um homem honrado. Vou buscar o padre — ele disse. Voltou e a beijou novamente.

— Não Sir, não vá! Vamos consumir o casamento primeiro. Não me deixe aqui. Estou ardendo por ti, Sir — ela insistiu. Ele riu, beijou-a profundamente, tomou seus seios na palma da mão, seu polegar roçou a ponta enrijecida de seus mamilos, mas logo se afastou novamente.

— Não posso fazer isso com a senhorita antes de me casar. Tenho que ter juízo por nós dois, já lhe falei isso, e confesso que está quase me fazendo perder todo o senso, mas volto logo e lhe farei minha para sempre. Hoje ainda será a futura condessa Hotspur — ele disse, rindo, enquanto acrescentava que o título de “condessa fogosa” lhe caberia perfeitamente e que ele adorava aquele ímpeto que ela possuía.

— Não ligo para título, já devia saber disso, senão me casaria com o conde de Douglas. Miss Evans insistia na consumação imediata do sexo.

— Sir, o conde de Northumberland não consentirá no nosso casamento, eu sei. E meu único desejo é... — ela disse, começando a chorar.

— Ninguém vai me impedir de ter aquilo que eu desejo, Miss. Sou um

homem de quase trinta anos e meu pai não me governa — ele desaprovou-a. Parecia ofendido. Miss Evans pegou o manto e se cobriu tristemente. Ela sabia que aquele casamento jamais seria concretizado e que estaria definitivamente perdida.

Assim que Sir Percy saiu, ela terminou de se vestir. Seu olhar vagava perdido no nada, como se previsse o vazio que sempre seria sua vida sem ele. Sentada ao lado de uma janela, um belo vale e um lago se descortinavam à sua frente, mas sua mente nunca estivera em tamanha apreensão. A voz de Mr. Derrick não saía de sua cabeça: *“Eu os vi entrando numa gruta no meio da floresta. Ele é seu irmão”*.

Quase uma hora depois vieram chamá-la dizendo que o conde de Northumberland a aguardava no salão principal. Ela sentiu um estremecimento percorrer todo seu corpo, mas desceu. Com seu vestido azul com detalhes marrons na gola e na cintura, um manto preso no pescoço jogado sobre os braços, seus cabelos parcialmente presos, Miss Evans parecia uma rainha tristonha sendo levada à masmorra, à reclusão, sem Sir Percy, ao calabouço da solidão. Sua trouxa fora entregue à serviçal que vinha logo atrás. Ela não tinha dúvida de que seria expulsa dali pelo homem que devia ser seu pai, Henry Howard — o poderoso primeiro conde de Northumberland.

Ao chegar ao salão, quatro guerreiros do conde, com suas cotas de malha, peitoral de aço e elmos, aguardavam por ela. Assustada, ela olhou para os lados à procura do conde — seu pai, certamente — e de Sir Percy, mas nenhum dos dois estava ali.

— Queira nos acompanhar, senhorita — disse-lhe um dos guerreiros.

— Não! Sir Percy, Sir Percy?!

Seu grito soou pelo castelo e seu eco se fez ouvir. Parecia tudo acabado.

Enquanto isso, na casa senhorial, lorde James esperava por sua noiva. Estava impaciente, pois havia passado muito tempo desde que lhe disseram que tinham ido chamá-la. Mrs. Evans aparecera havia cerca de uma hora suplicando a sua paciência. A mulher tinha inventado uma história tão esdrúxula que o lorde teve certeza de que ela estava mentindo. Já tinha presenciado uma das artimanhas de Miss Evans e alguma coisa lhe dizia que lady Evans estava em apuros.

Decidido a acabar com aquela farsa, ele enviou um de seus homens para buscar o restante de seu exército. Seriam mais de quatrocentos guerreiros, que se juntariam aos cem que já cercavam a casa de Sir Evans. Mrs. Evans retornou ao salão ainda mais aflita.

— Vossa Senhoria, eu imploro que não nos faça nenhum mal. A notícia

que temos para lhe dar certamente lhe enfurecerá.

— Já estou enfurecido há mais de duas horas, senhora. Quanto tempo ainda pretende me enganar? Acha que sou um desocupado? Diga logo o que está acontecendo!

— Ela fugiu, milorde. Fugiu para Alnwick Castle.

— Maldito Sir Henry Percy!!!

Lorde James soltou um grito de guerra e pulou sobre seu cavalo. Era o motivo que precisava para acabar com a vida de seu maior inimigo sem aborrecer o rei.

A rivalidade entre Percy e Douglas era antiga, repleta de violência, sangue e usurpações. A mais recente discórdia entre o clã escocês dos Douglas e o clã inglês dos Percy datava de sessenta anos antes.

Na época, o avô do conde de Douglas — também chamado James — era senhor dos Douglas e patriarca da família. Pouco depois da assinatura do tratado de paz entre os dois países, o rei Robert, da Inglaterra, por meio de uma carta, datada de julho de 1328, enviada ao segundo barão de Alnwick, Henry de Percy, declarava que este e seus herdeiros teriam o legítimo direito ao território sul da Escócia.

Dos vários cavaleiros escoceses notáveis que testemunharam essa posição do rei em favor do avô de Sir Henry Percy, um membro do clã Douglas jurou que seus herdeiros quebrariam esse voto nos anos seguintes e buscariam uma guerra final com objetivo de erradicar os Percy da face da terra. Embora nunca governando como reis, o clã Douglas tinha imenso poder na Escócia, sendo um dos mais influentes e respeitados da região. Seis décadas depois, o neto do conde de Douglas tinha um motivo a mais para cumprir tal juramento.

Tanto os Douglas como os Percy, de Alnwick, eram famílias de lendária habilidade marcial dentro de suas próprias terras ancestrais. Eles poderiam juntar em torno de si muitos homens e esses guerreiros lutariam por eles com lealdade e bravura.

Lorde James Douglas convocou os demais condes que o acompanhavam na incursão em terras inglesas.

— Eu e meus homens vamos atacar Alnwick Castle e conquistar o *pennon*^[16] de Sir Percy. Os senhores poderão se juntar a mim com seus homens ou partir — ele disse.

Conhecendo o conde de Douglas e seu poderio na Escócia, eles mantiveram sua lealdade e seguiram com ele, levando todos os seus homens.

Alnwick Castle foi sitiado.

Do alto de seu cavalo, o conde de Douglas gritou:

— Sir Henry Percy, você será morto e vou levar o seu estandarte comigo hoje para a Escócia. Será a prova da minha proeza, da minha vingança. Vou colocá-lo na torre do meu castelo em Dalkeith, para que possa ser visto de longe.

Quando o conde de Northumberland percebeu que o exército de James Douglas estava para invadir Alnwick Castle, ele chamou seu exército para a batalha. Contudo, Sir Percy, seu principal homem, lorde de grande coragem que sempre se colocava à frente da tropa com valentia, sua lança em punho, estava ausente. E o pior, como deduziu o pai: seria pego numa emboscada do lado de fora do castelo.

Montado em seu cavalo, o conde de Northumberland foi encontrar-se com o conde de Douglas. Houve um confronto entre os guerreiros escoceses e os soldados ingleses.

— Por Deus, conde de Douglas! — gritou o conde inglês, — Vossa Senhoria nunca terá o estandarte dos Northumberland para vangloriar-se!

— Onde está lorde Percy? — perguntou-lhe Sir James Douglas, igualmente aos gritos. Só o *pennon* de lorde Hotspur tiraria a sua raiva. Precisava lavar sua honra com o sangue dele.

— Lorde Percy partiu para o Sul — respondeu-lhe o pai. Temia que ele e o irmão, ambos fora da segurança do castelo, fossem pegos desprevenidos e mortos. A única esperança era tirar logo dali o exército inimigo.

O conde de Douglas sabia que os Northumberland eram guerreiros, porém honrados. Como tal, jamais mentiriam.

— Pois envie uma nota a lorde Percy e diga que esta noite eu voltarei. Antes vou pendurar meu estandarte em minha tenda nas terras do conde e duvido que ele se aventure a tirá-lo de lá — desafiou.

O breve combate terminou com cada exército se retirando sem nenhuma baixa.

Os escoceses tinham muito de tudo, principalmente de carne. Enquanto se regalavam mantiveram-se atentos, vigiando à espreita, esperando pelo retorno de Sir Henry Percy ao castelo. Por fim, desapontados, perceberam que Sir Percy não retornaria e lorde James foi aconselhado pelos demais condes escoceses a adiar a batalha. De fato, o conde de Northumberland enviara uma mensagem ao filho informando-o da presença dos escoceses. Mas a nota ordenava que seu herdeiro e o irmão não voltassem ao castelo naquele dia, pois seriam mortos.

Sir Percy, contudo, estava decidido a descumprir a ordem paterna. A sua preocupação era Miss Evans, que motivara o ataque do conde de Douglas. Mas

Ralph, com a ajuda de um padre auxiliar, o desarmou. Juntos, os dois homens o persuadiram de que não teria qualquer chance de sobrevivência.

— Sem seu exército, meu irmão, o conde de Douglas o matará a sangue frio — disse-lhe lorde Ralph.

— Antes disso eu o teria matado — respondeu Sir Percy.

— Lorde James não conseguirá invadir o castelo, pois os homens do nosso pai irão detê-lo. Nossos homens também estão em maior número. Miss Evans está segura na fortificação — respondeu-lhe o irmão mais novo, naquele momento mais sensato que Sir Percy.

— Preciso ir. Alguma coisa me diz que ela está em perigo — insistiu Sir Percy, pedindo ao irmão que lhe devolvesse a espada.

— Não aja no furor da paixão. Se tentar ser valente hoje, você será um imbecil morto amanhã. E ele ficará com seu estandarte... e com sua mulher.

Após muita discussão com Ralph, com o padre auxiliar e o padre mais velho da igreja, Sir Percy decidiu passar a noite ali, mas determinado a enfrentar James Douglas no dia seguinte.

Assim que amanheceu, entretanto, os escoceses saíram do Norte, pois acreditaram que Sir Percy havia fugido para o Sul levando a moça com ele. A caminho de Otterbourne, chegaram ao castelo de Ponclau, do qual Sir Raymond de Laval, um cavaleiro muito valente, era o senhor. Chegaram às quatro da manhã, saquearam e queimaram tudo, em sua sede de vingança. Em seguida, retomaram a marcha.

Já em Otterbourne, permaneceram acampados. Naquele dia não agiram, mas no dia seguinte, logo cedo, suas trombetas soaram em preparação para outro ataque. Avançaram sobre um novo castelo, o Gateway, grandemente fortificado, situado entre os pântanos. Eles o atacaram durante muito tempo, sem sucesso. Fisicamente desgastados, acabaram desistindo.

Reunidos após essa derrota, não sabiam como agir dali em diante. A maior parte decidiu por partir no dia seguinte para a Escócia. Mas o conde de Douglas não aprovou tal decisão.

— Eu não vou voltar para casa sem antes matar Sir Percy. Vamos renovar o nosso ataque ao Gateway Castle, pois ele deve ser tomado. Assim, vamos ganhar dupla honra, pois Sir Percy ficará sabendo disso e virá nos atacar aqui.

Todos concordaram com lorde James, pois ele não era só temido, mas o comandante principal. Antes fizeram cabanas fortificadas para si e colocaram seus espiões na entrada do pântano, no caminho para Newcastle. Depois disso, os guerreiros seguiram para atacar novamente o castelo que usariam como isca

para pegar Sir Percy.



Logo cedo, os irmãos receberam uma nova mensagem do conde de Northumberland pedindo que voltassem para Alnwick Castle. A caminho de casa, os dois, acompanhados pelo padre auxiliar que Sir Percy levava para o casamento, ficaram sabendo por um guerreiro da ameaça do conde de Douglas sobre o *pennon* de Sir Percy.

Mas ele estava feliz demais com a expectativa de tomar Miss Evans em seus braços. Assim, a guerra com o conde Douglas podia esperar mais um pouco. O intrépido padre auxiliar havia se oferecido para realizar a cerimônia, após veemente negativa do outro, que alegara que o conde de Douglas e Sir Evans já tinham marcado a data do casamento, a ser feito por ele. Alegara, assim, que seria considerado um infiel se fizesse o casamento da mesma Miss com Sir Percy e que preferia ser taxado de inócuo a cometer perfídia, pois tinha muito amor ao seu velho pescoço. Contudo, lembrara que o auxiliar desconhecia o compromisso assumido por ele e, portanto, se tivesse coragem, poderia ministrar o sacramento, já que este estava sob a jurisdição da lei canônica, que reconhecia como um casamento válido aquele em que as partes declaravam que aceitavam um ao outro como marido e mulher, mesmo na ausência de testemunhas. E se a coisa estava como Sir Percy havia declarado, o casamento seria válido.

Os três chegaram a Alnwick Castle três horas após o sol ter nascido. Sir Percy pediu que o padre aguardasse no salão enquanto ele ia buscar a noiva. Logo foi interceptado pelo conde de Northumberland.

— Essa conversa não pode esperar, meu senhor? Já estou ciente de tudo o que aconteceu aqui e duas pessoas estão aguardando por mim, uma linda senhora e um padre guerreiro — ele disse. Sorria feliz.

— Sinto muito, meu filho. Não haverá casamento — respondeu o pai. Sir Percy sentiu como uma lança em seu coração, pois o conde nunca brincava com assuntos sérios e também não costumava impor suas vontades aos filhos.

— Haverá sim, meu senhor. Miss Evans está no antigo aposento da condessa aguardando apenas o padre. Demorei mais do que o previsto, mas creio que o conde meu pai ordenou que a tratassem bem. E ela, claro, vai compreender a razão do meu atraso.

— Ela foi embora — respondeu o conde, taxativo, enquanto desviava o olhar do que viu nos olhos do filho.

— Com o Douglas?!

O conde, que não sabia do noivado do conde de Douglas com Miss

Evans, não atinou para a pergunta. Mantinha-se em silêncio. Como explicaria ao filho que ele, seu pai, estava evitando que ele se casasse com a própria irmã sem que, com isso, tivesse que expor antigas fraquezas e pecados?!

Sir Percy nem insistiu na pergunta. O silêncio do pai já lhe bastava. Em poucas horas, seu exército — composto por cavaleiros e escudeiros, entre os quais seus primos, seu meio-irmão, seus leais guerreiros e o padre auxiliar — já estava montado e equipado para a guerra contra o conde de Douglas.

— Para os cavalos! Para os cavalos! Pela fé que eu tenho no meu Deus, no meu Senhor e Pai, vou recuperar minha noiva, casar com ela e bater em seus aposentos ainda nesta noite! — bradou Sir Percy.

Os guerreiros do Norte, que estavam dispostos a lutar por ele, fizeram-se prontos. Sir Percy foi acompanhado por seiscentas lanças, entre cavaleiros e escudeiros, e mais de oito mil infantes, que considerava mais do que suficiente para lutar contra os escoceses, com cerca de trezentas lanças e dois mil infantes. Quando estavam todos reunidos, eles deixaram Newcastle e entraram em campo em boa matriz, seguindo a estrada que os escoceses tinham tomado para Otterbourne. Não podiam avançar muito rápido, pois tinham de manter a infantaria junto deles.

Alguns escoceses tinham ido dormir, pois se haviam cansado muito durante o dia no ataque ao castelo, quando o “inglês” chegou com seu exército. Os guerreiros de Sir Percy confundiram, às margens da estrada, as cabanas dos servos com as de seus senhores.

— “Percy! Percy!”

Os servos assim gritavam quando o acampamento escocês foi invadido.

Em meio a esse alarme, o exército de Sir Percy fez seu primeiro ataque. Mas os escoceses estavam bem preparados para a defesa, pois enquanto seus senhores estavam se armando, os servos lutavam bravamente. Era noite, mas suficientemente clara, graças à lua que brilhava no céu de agosto, sob um clima temperado e sereno.

Já prontos e devidamente vestidos, os escoceses deixaram o acampamento em silêncio. Mas não marcharam ao encontro de Sir Percy e sim contornaram a montanha. O acesso era difícil, mas sabiam o que estavam fazendo. Durante o dia anterior tinham examinado bem o lugar e acordado entre si: “se o exército inglês vier à noite, vamos fazer isso e aquilo”.

Os guerreiros ingleses já tinham dominado os servos escoceses, entretanto, à medida que avançavam para o acampamento, continuavam encontrando corpos frescos prontos para se opor a eles, o que mantinha a sangrenta luta.

Os guerreiros escoceses, após marcharem ao longo do lado da montanha, caíram de surpresa, aos berros, sobre o flanco inglês.

Os gritos de Percy e Douglas, um de cada lado, ressoavam entre os guerreiros.

A batalha se enfureceu. O conde de Douglas, jovem, estava impaciente para ganhar notoriedade por seus braços fortes.

— Douglas! Douglas! — ele bradava continuamente, ordenando à sua bandeira para avançar.

Sir Percy e Sir Ralph, indignados pela afronta do conde de Douglas, rumaram a galope para o local de onde vinha o grito desafiador.

— Percy! Percy! — eles gritavam, igualmente estimulando seus guerreiros.

A batalha nos arredores de Otterbourne, nas Colinas de Cheviot, entre as tropas escocesas de lorde James, o conde de Douglas, e as tropas inglesas lideradas por lorde Henry Percy, o “Hotspur”, fora marcada por crescente violência, com as baixas aumentando à medida que o tempo ia passando.

Os dois estandartes conheciam muitos feitos. Os cavaleiros e escudeiros de ambos os lados mostravam-se ansiosos para continuar o combate com vigor, determinados a manter suas lanças. Covardia ali era desconhecida e, naquela batalha, a mais esplêndida demonstração de coragem foi exibida pelos jovens galantes da Inglaterra e da Escócia.

O exército inglês, entretanto, tinha força superior e lutava tão vigorosamente que aos poucos obrigava os escoceses a recuarem. Lorde James Douglas, vendo que perderia a batalha, fugiu a galope.

Sir Percy, o lorde Hotspur, teve novamente que ser fisicamente parado por Ralph e por seus outros cavaleiros. Achando que Miss Evans tinha sido levada para Dalkeith, ele queria ir ainda naquela noite ao encalço do conde de Douglas, ferido, para tentar um ataque ao castelo e trazer Miss Evans de volta.

Enquanto tentavam contê-lo, o senhor de Northumberland surgiu repentinamente à sua frente.

— Miss Evans não está com o Douglas — bradou o conde.

— Como não? O que está dizendo, meu pai?! — respondeu Sir Percy.

— Isso mesmo que eu disse. Eu a raptei.



09 | DE VOLTA À GRUTA

Duas forças são verdades inquestionáveis assim como o amor e o ódio, o anseio pelo proibido e a vingança. Um e outro são sentimentos poderosos, de inigualável complexidade e a junção quase sempre desastrosa.

Alnwick, agosto de 1388.

Cabisbaixa, Miss Evans caminhou para a saída de Alnwick Castle. De cada lado, dois guerreiros do conde de Northumberland. No pátio do castelo, vários outros homens estavam a postos em suas montarias e, ao lado deles, outros animais com provisões, munição e a sua égua. Ela aproximou-se e chorou abraçada a ela, certa de que perdera Sir Percy para sempre.

Foi dado a ela um animal para que montasse, pois sua égua ainda não tinha forças para carregá-la na longa jornada. Quando ela montou, olhou pela última vez para Alnwick Castle e o viu. Ele estava na janela e olhava para ela. Parecia triste. Seus ombros estavam decaídos e ela quis acreditar que os olhos do conde de Northumberland estivessem rasos de lágrimas, pois os dela estavam repletos de uma profunda tristeza. Sua alma chorava e o seu rosto estava molhado. Tinha perdido tudo o que ela mais amava.

Viajaram até o escurecer; ela sempre cercada e vigiada, mas tratada com respeito e zelo. Certamente o conde tinha dado ordens para que ela fosse cuidada e protegida. Pararam para dormir e se alimentar. Uma barraca fora montada para ela, mas Miss Evans não comeu e nem dormiu. Apenas chorava. Lembrou-se de Sir Percy e tentou imaginar se ele sabia o que estava acontecendo. Teria fugido dela para não encará-la, com raiva por ela ser uma Douglas e por ter escondido dele a verdade e, com artimanha, tentar arrastá-lo para a maldição de deflorar a própria irmã? Lembrou-se da história de Amnom, filho de Davi, que se apaixonou por Tamar, a sua meia-irmã^[12], e da maldição que se abateu sobre

todos eles.

Sir Percy era honrado. O que ela conseguira com tudo aquilo? Apenas seu desprezo e seu ódio.

Percebendo que a dama morreria de fome, o guerreiro mais antigo do conde aproximou-se dela para conversar.

— Minha senhora, precisa se alimentar — ele a advertiu.

— Não tenho fome, nem sede, nem sono — respondeu Miss Evans.

— Mas morrerás se não comer, e eu e todos os meus homens seremos mortos por sua causa. Dei a minha palavra ao meu senhor de que a senhora chegaria com vida ao seu destino. Temos famílias, mulheres e filhos que dependem de nós. Se não quiseses comer pela senhora, coma por nós.

Ela gostou da franqueza do guerreiro, comeu e bebeu, mas não conseguiu dormir. Muitos dias depois, ao chegar ao seu destino, estava magra e abatida. Uma apatia havia tomado conta dela. Tanto fazia viver ou morrer. Tinha sido rejeitada por seu pai e afastada do clã para que não levasse maldição a eles. Sentia-se uma pecadora, uma pagã... Certamente, assim pensava ela, havia herdado o sangue maldito dos Douglas.

Não havia casas naquele lugar que eles chamavam de entranhas de Hampshire, mas apenas uma pequena gruta cravada numa pedra, anexa à qual construíram uma cabana para ela. Próximo à moradia corria um pequeno rio que se perdia em meio à floresta. O guerreiro líder foi quem lhe fez as recomendações finais.

— De dia, mantenha sua égua perto do rio. Lá tem alimento com fartura para ela. Mas à noite, se possível, tranque-a com a senhora dentro da gruta e feche a entrada. Deixamos madeira de sobra para isso. Existem animais ferozes. Preste atenção, minha senhora: sempre que sair, feche a entrada da gruta. Quando voltar, acenda uma fogueira do lado de fora. Quando o carvão formar brasas, pegue-as com essa pá e jogue em todo o chão, deixe um pouco para matar o que tiver que ser morto, e depois varra tudo. Isso evitará que seja picada por qualquer bicho peçonhento.

Enquanto o guerreiro dava as orientações, a mente de Miss Evans vagava para longe dali. Recordou o que Mr. Derrick havia-lhe contado. Certamente, o conde Howard e sua mãe, Mhairi, tinham-se refugiado ali. Por isso ele havia lhe mandado de volta para aquele lugar.

— Há provisão para muito tempo, minha senhora, e de tempos em tempos traremos mais — disse o guerreiro, ao se despedir dela. A moça viu preocupação e pena nos olhos dele.

Por fim, ela foi deixada para trás, sozinha no meio do nada.

Era o que ela pensava. Na verdade, o conde de Northumberland havia ordenado que uma parte dos guerreiros montasse residência perto dali, garantindo guarda permanente para a filha.



Cansado e ferido na batalha, Sir Percy não podia acreditar que estivesse ouvindo o próprio pai, o conde de Northumberland, assumir o rapto de Miss Evans, que atribuíra ao conde de Douglas. Ainda achava que o pai estava blefando, no desespero de fazê-lo desistir de ir atrás de James Douglas, temendo pelas vidas dele e do irmão. Assim, deixou-se levar para a carruagem, pois não podia desrespeitar o conde. Ademais, ferido como estava, não conseguiria andar uma milha.

Na segurança de Alnwick Castle, entretanto, com seus ferimentos tratados, Sir Percy foi chamado ao escritório do conde. Recebeu ali, então, o pior golpe de sua vida.

O choque deixou-o paralisado, calado, tentando assimilar as palavras do pai. Depois do que pareceu um tempo longo para o conde, Sir Percy, já se recompondo, o interpelou:

— Tem certeza absoluta disso, meu senhor? Pois se houver a mínima chance de que ela não seja minha irmã de sangue, peço que me diga e me tire da agonia na qual me encontro — ele pediu.

— Não posso ter certeza absoluta, mas estive com a mãe de Miss Evans.

— Esteve com ela uma única vez?

O conde, constrangido, encaminhou-se para a janela. Ficou ali, estático, alguns minutos, como se contemplasse a paisagem, mas sem nada ver. Depois se voltou e falou, olhando para o chão.

— Estive com ela uma noite inteira...

Sir Percy entendeu. Seria capaz de fazer amor com Miss Evans incontáveis vezes durante uma noite. Se o conde, naquela época, esteve realmente apaixonado pela mãe dela, certamente ele e Miss Evans eram irmãos. Mas ele não queria, não podia acreditar nessa verdade.

— Por que não se casou com ela? — ele ousou perguntar.

— Ela era uma bastarda Douglas.

— A desonrou e depois a rejeitou, meu pai?

— Eu não sabia de sua origem até depois de nós... Bem, ela me contou que a mãe, uma criada, havia sido violentada pelo conde de Douglas. Eu não podia desafiar todos à minha volta e me casar com uma Douglas. Eu, então, estava prometido à sua madrasta, meu filho. Bem, depois me arrependi, mas já era tarde. A mulher que eu amava de verdade já tinha se casado com Sir Evans. Agora, certamente, estou pagando pelo que fiz — confessou o conde. Durante

todo o tempo os olhos do nobre estavam pregados no chão; os de Sir Percy, na figura derrotada à sua frente.

— E ela estava grávida? — perguntou Sir Percy.

— Nunca saberemos. Poucos meses depois a menina nasceu. Tudo leva a crer que Miss Evans é realmente minha filha... Mas há uma pequena chance de ser de Sir Evans e ter nascido precocemente.

Sir Percy suspirou aliviado.

— Meu senhor, creio que agora é muito tarde para essa revelação. Devia ter-me contado isso no dia em que aquela dama colocou seus pés pela primeira vez em Alnwick Castle — ele protestou.

— O que está dizendo, meu filho?! Que consumaram o sexo antes do casamento? — bradou o conde. Sua voz se fez ouvir muito longe.

— Sim, meu senhor. Miss Evans é minha mulher e nada que o senhor diga vai mudar isso. Neste momento ela pode carregar no ventre o terceiro conde de Northumberland e o sangue dos Percy e dos Douglas já se misturaram, pois eu não acredito que o senhor teve a desonra de mandar matá-la.

— Está louco! Não existe um Northumberland que não seja honrado. Ela está segura. Enviei-a, juntamente com meus guerreiros mais fiéis, para o Sul, para Hampshire. Vai encontrá-la próximo a Otterbourne.

— Otterbourne?!

— Eu não sabia que um Douglas também a queria e mandei-a para o mais distante possível de meu herdeiro. Jamais a teria enviado para lá se eu pudesse antever a batalha. Mas ela está segura onde está.

— Obrigado, meu senhor. Irei atrás dela e farei de Miss Evans a futura condessa de Northumberland. Dê-nos a sua benção, meu pai! Eu não sinto que ela seja minha irmã.

O conde Howard nada mais podia fazer. Deu-lhe a benção. O filho, Sir Percy, não devia repetir a sua triste história.



Quando Sir Evans retornou de Londres soube da fuga da filha e da guerra entre os clãs Douglas e Percy. Não se falava em outra coisa a não ser na batalha de Otterbourne. O assunto chegara até o rei. A participação do padre auxiliar, ao lado dos nobres Northumberland, tinha sido muito comemorada pelo povo do vilarejo. Dessa forma, com medo do clã, ele nada fez.

No dia em que se daria o casamento de James Douglas com Mary Evans um aviso foi colocado na porta da igreja. Nele havia a informação de que a cerimônia tinha sido cancelada.

Coincidentemente, um corpo em elevado estado de decomposição foi achado boiando no rio Tyne nesse mesmo dia. Alguém bem longe dali o havia jogado no rio, achando que estava se livrando de outras contaminações. Como a peste negra havia assolado a Europa e dizimado cerca de setenta por cento da população inglesa, aquele corpo feminino — semelhante ao de Miss Evans — chamaria a atenção de todos para o risco de outra possível epidemia. Assim, logo esqueciam um pouco da batalha de Otterbourne e até mesmo da tragédia que se abateria sobre a família de Sir Evans. Miss Evans acabou ganhando uma sepultura no cemitério de Alnwick, ao lado de tantas outras de guerreiros anônimos da batalha travada em nome dela.

Sir Percy, mesmo confiando na palavra do conde de Northumberland de que nada de mal ocorreria a Miss Evans, inicialmente ficou muito aflito quando soube do achado no Tyne. Mas tal aflição esvaiu-se assim que viu o corpo. Definitivamente, não era o de sua amada, que só ele, de fato, conhecia. Tal constatação, entretanto, não seria revelada ao público.

Somente no dia seguinte Sir Percy teve permissão — por causa dos ferimentos da batalha — para voltar a montar e empreender uma longa viagem. Uma comitiva, composta por mais de cem guerreiros e suas famílias e pelo leal padre auxiliar, partiu para o Sul com a Missão de encontrar Miss Evans. Assim que chegasse ao cativo, Sir Percy a libertaria e realizaria imediatamente o casamento. Estava determinado a se estabelecer ali mesmo, constituindo um novo reino na região.

Durante a longa viagem ele teve tempo de refletir sobre a mentira que contara para seu pai. Mas ele amava Miss Evans e o amor vence tudo. Além de um verdadeiro amor que nutria por ela, ele estava apaixonado sexualmente. E a paixão é o sentimento mais potente, capaz de fazer as maiores grandezas da terra, mas também capaz de provocar as mais insanas loucuras. Mesmo que Sir Percy tivesse a certeza da consanguinidade, ainda assim se casaria com ela.

Logo que chegou, ele deixou seus guerreiros junto a uma pequena vila construída pelos soldados que permaneceram ali e partiu com o padre em direção à gruta. Tinha estado aflito durante toda a jornada, pensando como uma dama, que havia vivido em Londres, poderia estar sobrevivendo naquele lugar, ainda mais sozinha.

Entretanto, Miss Evans havia sobrevivido bem. De um patamar no meio da densa floresta ele avistou um fio de fumaça. Era a fogueira que ela havia feito próxima da gruta. Mas, ao chegar, ele constatou que ela não estava. Havia apenas uma fogueira quase extinta, que de um único tronco esvaía uma coluna de fumaça.

— Ela deve estar por perto. Vou procurá-la. Tome, cuide dos cavalos.

Sir Percy soltou seu animal, enquanto o padre o levava para pastar próximo ao rio. Nessa hora, o religioso avistou Miss Evans. Ela estava se banhando, e nua. O padre voltou e disse-lhe onde ela estava e o que estava fazendo, insistindo, por isso mesmo, que ele esperasse. Sir Percy riu. Conhecia cada parte daquele corpo e também já o havia tocado. Mas respeitou o sacerdote.

— Vamos aguardá-la aqui, padre. Quando ela chegar, case-nos imediatamente e volte para junto dos outros. Não quero testemunhas para o que vai acontecer em seguida — ele disse, sério e sorridente, ao mesmo tempo.

Ao entrar na gruta pouco depois, enrolada apenas numa manta, Miss Evans levou um grande susto. Sir Percy foi ao seu encontro e tomou-a pela mão. Ela tremia. Ele levou a mão dela aos lábios e a beijou demoradamente.

— Demorei mais do que previa, meu amor, mas o padre está aqui. Ainda deseja ser minha?

— Para sempre — respondeu ela, enquanto uma lágrima se precipitava sobre a face.

— Pode nos casar, padre, e seja rápido com isso — ordenou o lorde.

O padre iniciou a cerimônia. Miss Evans sorria. Vivia um sonho. Algo havia acontecido e ela não sabia o quê. Mas estava claro para ela que aquele casamento estava sendo realizado sem o consentimento do conde de Northumberland. Quando o padre perguntou se ela aceitava se casar com Sir Henry Percy, ela disse o “sim”, sem hesitar. Sir Percy também o disse. Quando os olhos dele encontraram os dela estavam cheios de paixão; os dela, de lágrimas. Se ele tivesse perscrutado por trás delas, teria visto a culpa que se alojara em algum lugar ali.

Assim que a cerimônia terminou, ele despediu o padre.

Miss Evans ainda não podia acreditar. Era agora Mrs. Percy. Tudo tinha

acontecido tão rápido que, em um momento ela descia para o rio com o sentimento de ser para sempre exilada, e no outro era a esposa do homem que amava. Sir Percy, que havia ido dar alguma instrução ao padre, chegou algum tempo depois. Suas vestes e cabelo estavam molhados. Ela já tinha soltado os cabelos e esperava por ele sentada no chão, na cama que havia cuidadosamente preparado.

Não queria que nada estivesse entre ela e ele na sua noite de núpcias e, por isso, não lhe fez qualquer pergunta enquanto ele se despia. Havia imaginado aquela noite centenas de vezes e agora um temor estranho afligia seu coração. Mas olhando para ele à sua frente, a visão do corpo nu que vira no rio viera tão real que sentiu vontade de tocá-lo. Lembrava-se de cada detalhe, do brilho daquela pele, dos pelos que contornavam a sua masculinidade, a mesma que, naquele momento, a apavorava. Ele viu o medo nos olhos dela, admitindo que ela, inocente, realmente devia temer aquilo que desconhecia.

Sentou-se ao lado dela, pegou-lhe a mão e a levou aos lábios. Beijou demoradamente cada parte, cada dedo, seu pulso... Deteve-se na palma da mão, e disse:

— Mrs. Percy, agora você será minha para sempre. Dar-lhe-ei aquilo que a senhora queria.

Sorria, zombeteiro, mas visivelmente tomado pelo desejo.

— Somente eu é que queria, meu senhor? — ela balbuciou, sedutora.

— Não! Sabe que não. Desejei-a desde o início e lhe mostrarei, agora, o ímpeto desse desejo.

Tomou-a nos braços e a beijou apaixonadamente. Ela enlaçou-o pelo pescoço e correspondeu ao beijo. Ele deitou-a e deitou-se ao seu lado. Ela tocava o rosto dele, como se quisesse guardar na memória cada contorno do amado. Desenhava as espessas sobrancelhas, o queixo quadrado e os lábios celtas.

— Onde está aquela menina impetuosa que me queria há alguns dias? Que implorou que eu a fizesse minha? — ele perguntou. Ela sorriu.

— Está aqui, meu senhor, mas não sei o que fazer. Pode me mostrar?

— Sim, meu amor, eu lhe ensinarei. Mas somente lhe possuirei quando clamar por mim, quando implorar novamente. Temos todo o tempo. Você é minha agora, para sempre minha — disse ele, beijando-a e a trazendo para cima dele, enquanto suas mãos apertavam-na contra si. Ela sentiu seu membro rijo sob ela, e estremeceu. Ele colocou-a ao seu lado e abriu o manto, contemplando os seios que, com a tênue luz que vinha de fora, estavam dourados, como duas esferas de ouro. Levou a boca até um deles e o sugou, depois o outro...

Ela gemeu e o chamou pelo nome.

— Percy...

Mas ele estava apenas começando. A língua ávida queria conhecer e desbravar o corpo que ocupara suas incontáveis noites insones. Queria sentir o gosto, a temperatura e a vida que emanava dela; que se contorcia, arqueava as costas, ansiando e anelando por algo que, embora desejasse mais que tudo na vida, sequer sabia o que aspirava. Ele beijou-lhe a boca, o pescoço, os ombros... Voltou aos seios e molhou-os com a ponta de sua língua, deixando um rastro que brilhou ao reflexo da lua, da fogueira... àquela altura ninguém sabia de onde vinha o fogo que ardia mais. Se dele, dela, da natureza. Depois ele os sugou com paixão. A língua exigente desceu para a barriga, para as coxas, para o ventre. Ela gritou, se de susto ou de prazer, certamente ambos. Mas ele queria mais, queria que ela implorasse por ele. Voltou e segurou os quadris que arqueavam cada vez mais sedentos, e beijou ali dezenas de vezes. Os roucos gemidos o encorajavam, e ele beijou mais profundamente, sugou cada parte daquele cerne que quase o enlouquecera de anseio nos últimos dias.

— Percy, meu amor, eu o quero, eu preciso... Por favor.

— O que quer, diga-me que eu farei — ele respondeu, rouco, tomado pela paixão, olhos escuros, densos, inebriados como os de um felino.

— Eu o quero, Percy.

— Peça, e eu a farei minha, meu amor. Mostre-me o que deseja.

— Quero sentir seu gosto, o gosto de sua pele.

Ele, então, deixou-se aos cuidados dela. Pôs-se de barriga para cima, e, como já entregara a ela a sua alma, entregou também o corpo. Ela, conduzida pelo tormento da paixão, tocou-o cheia de entusiasmo. Passou a língua pela boca dele, em beijos cheios de ardor. Da boca ela desceu para o largo peito de guerreiro, beijou-o em cada parte. A inocente boca foi descendo, passou pelo abdômen do seu homem e confirmou-lhe o que ela tanto desejava. Ao deparar-se com ele, contornou-o com a língua, sugou com toda a paixão que sentia, quase tirando dele o arrebatamento de seu domínio. Ele chamou por ela.

— Mary, Mary...

Ele a pegou, virou-a novamente e se deitou sobre ela. Não suportando mais, introduziu-se bem devagar, enquanto ela se contorcia, elevando seus quadris, para matar aquela ânsia que gritava para ser satisfeita.

— Sabe o que vai acontecer, meu amor?

— Sim, eu sei... Eu quero.

E ele foi. Encontrou a barreira da sua inocência e estocou tirando dela um

frêmito e um grito de dor. Mas logo ela pedia mais, muito mais... E ele deu. Arremeteu-se dentro dela com paixão. Não era capaz mais de se segurar, e a cada nova estocada ela gritava por mais, gritava pelo nome dele, na insana agonia do desejo incontável. E a satisfação veio, enfim, com um grito e um tremor tão grande que ele não teve mais como se conter. Mergulhou de vez naquela carne macia e cravou seu gozo no íntimo dela.

Saciados, continuariam agarrados um ao outro por longo tempo, temendo que algo os separasse de novo. Nenhum dos dois ousou falar de seus medos e desconfianças, intimamente um temendo perder o outro.



10 | DOIS CORAÇÕES SOLITÁRIOS

“Todo inferno está contido nesta única palavra: solidão”.^[18]

Após a batalha de Otterbourne, Ralph Percy deparou-se com o momento da difícil conversa com o conde. Quando chegara de Cambridge, há dias, encontrara Alnwick Castle em tumulto, com os rumores de que o conde de Douglas rondava as terras do condado.

No entanto, a batalha chegara ao fim e, embora a sua estivesse apenas começando, Sir Percy já tinha partido para se casar com Miss Evans; James Douglas, humilhado, tinha se refugiado na Escócia para tratar suas feridas e, deste modo, havia chegado o momento de confronto com seu pai. Ele sabia que a carta do reitor, se já não estivesse no castelo à espera para ser lida, estava batendo às portas de Alnwick. Roger Mortimer, que também tinha lutado em Otterbourne e sido ferido, recuperava-se prontamente e podia ser uma forte ameaça, pois o primo se mostrara um grande farsante.

— Está me dizendo que foi expulso da universidade?

— Isso mesmo, meu pai. Quis eu mesmo trazer a notícia, pois gostaria que escutasse o meu relato.

— Pois não — disse o conde, sentando-se. — Creio que deva ter uma excelente razão para isso, meu rapaz.

Lorde Ralph baixou o olhar. O conde conhecia muito bem seus filhos, sabia que Sir Percy o confrontaria. Embora o respeitasse, não o temia. O caçula, porém, o temia. Ficou se perguntando a razão pela qual o jovem tinha tanto medo dele e seu coração amoroso de pai condoeu-se. Temer o próprio pai era, para o conde, uma profunda falha do patriarca, pois os filhos deviam honrar aos pais, não temerem.

— Filho, sente-se. Conte-me o que aconteceu para que eu possa defendê-lo perante aqueles que o acusarem. O que está feito está feito. Esteja você errado ou certo, eu me colocarei ao lado de meu sangue.

Ralph sentiu que iria chorar e por nada neste mundo um Percy chorava. Intimamente se perguntou se ele não teria saído à mãe Neville. Entretanto, relatou ao pai tudo o que ocorrera, sem esconder nenhuma parte. No final, embora o conde soubesse que devia ser mais severo com Ralph, viu-se rindo de toda a situação. Ele conhecia o reitor de Cambridge, pois no passado tinham estudado juntos, e sentiu-se vingado por uma antiga rixa. Embora lorde Howard desconfiasse de que quem saíra vencedor naquela batalha tinha sido o reitor. Mas nem tudo estava perdido. Ainda existia Oxford.

— Meu senhor, não gostaria de me afastar de Alnwick Castle. Agora que meu irmão está em Hampshire, sou mais útil aqui que em Oxford.

O conde pensou por alguns instantes. O filho tinha razão. Ele já se sentia um velho e as funções do condado lhe pesavam nos ombros.

— Se ficar, terá que assumir o comando exército no lugar de seu irmão.

— Ficarei.

Muitos anos se passaram depois dessa conversa. Lorde Ralph tinha agora 30 anos. Era um guerreiro experiente, homem vivido, já tendo passado por uma infinidade de camas, das mais notáveis damas de Londres e de Paris, mas, na mente dele, a ruiva da diligência continuava viva. Nunca mais soube notícias dela. Aliás, nunca se permitiu procurar por ela. Após a batalha de Otterbourne, a rivalidade entre os Douglas e os Percy apenas aumentou, e ele não tinha o direito de desrespeitar o conde, seu pai, e muito menos seu irmão. No íntimo, porém, sonhava com a paz entre as duas famílias, fantasiava poder procurar a moça, de quem guardava um rosto, um par de olhos verdes acusadores e nenhum nome.

Como ela se chamaria? Seria casada? Teria filhos? *Com certeza.* Na época, ela devia ter uns 13 para 14 anos, no máximo. Então, certamente teria perto de 26, 27 anos.

Ele se pegava pensando nela enquanto cavalgava pela fronteira da Escócia. Por uma infinidade de vezes pensou em mandar Leon Seth, seu fiel escudeiro e amigo, procurar por ela. Certa vez decidiu enviá-lo. Mas temeu encontrá-la sem ninguém, desprotegida. Se assim fosse, ele teria que protegê-la. Se assim o fizesse, a amaria. Se a amasse, trairia os Percy. Então, decidiu abortar a Missão.

No entanto, mais uma vez estava na iminência de mandá-lo à procura dela. Mas as velhas dúvidas de novo e repetidamente povoavam a sua mente:

E se ela estiver casada? E se foi por amor? Como viverei se não puder mais sonhar com ela? É muito bom imaginar que um dia ela ainda será minha... Melhor deixar como está. Se eu não souber, não sofrerei. Mas que frangote eu estou me saindo!

Decepcionado consigo mesmo, e nervoso por suas fraquezas, esporeou o animal e cavalgou até a exaustão.

O que de forma alguma podia passar pela mente de lorde Ralph era que, não muito longe dali, em Linlithgowshire, Fenella ainda pensava nele.

Muitas vezes, caro leitor, paro para pensar e assim fico por longas horas. Reflito sobre a força do pensamento. Já tive várias razões para acreditar que essa poderosa força atravessa montanhas e mares e vai ao encontro do objeto dessas recorrentes lembranças. Funciona como um redemoinho em um rio, remexendo a profundidade de calmas águas, não as deixando dormitarem, lembrando-as de que ali há um transtorno que não pode ser esquecido. Às vezes essas lembranças vêm com o vento, com o som de uma canção, com o cheiro. Verdade seja dita: quem um dia amou e esse amor não foi vivido até sua última gota, não necessita de vento, tampouco de cheiro, muito menos de redemoinho para ser lembrado. E assim se passava com Fenella.

No exato momento em que o cavalo de Ralph cortava o prado da divisa, ela caminhava com sua pesada cesta cheia de frutas silvestres, que tinha colhido na redondeza de onde morava, um casebre no meio do mato, perto da casa na qual havia vivido com o pai. Por uma lei estúpida em seu país, mulheres solteiras fortes e saudáveis, com menos de 50 anos de idade, eram proibidas de alugar casas ou quartos. Sendo assim, restara a ela a floresta.

Muitos anos haviam se passado daquele dia em que ela vira lorde Percy naquela diligência. Nesse meio tempo, seu pai, depois de ter comandado uma tropa na estúpida guerra envolvendo os reinos da França e da Inglaterra, havia sido morto. Não antes de ele conhecer um tal capitão, de descendência húngara, por nome Bajnok. Não pergunte a ela como e por que Bajnok se encontrava naquela guerra, pois Fenella nunca compreendera o motivo. Mas desconfiava que ele fosse um comerciante de pedras preciosas, pois ela havia lido que o reino da Hungria possuía muitos metais preciosos, motivo pelo qual o coronel Douglas, um apaixonado por riqueza, devia ter algum laço com aquele povo. Mas por que eu mencionei o capitão Bajnok? Há uma razão. Fora ele quem levava a Fenella a notícia da morte do coronel.

A moça havia ficado só no mundo.

O leitor certamente vai perguntar: mas ela não era uma Douglas? Sim, era. Mas a família Douglas possuía ramos: os ricos e os rejeitados. O pai de Fenella, embora irmão do conde de Douglas, logo depois daquele encontro com Ralph na diligência, fora expulso do clã por tentar assassinar o próprio irmão para usurpar o título. Portanto, ao morrer, Fenella ficara sem nada. Perdera até a casa onde morava, motivo pelo qual se encontrava naquela precária situação.

Quando se viu na miséria, então, teve duas opções: trabalhar para viver ou se casar. Não aparecera ninguém que ela apreciasse para se tornar seu marido. E ela, então, estava disposta a trabalhar, pois era uma moça aplicada e instruída. No entanto, por causa do que o pai havia feito, não era benquista entre seu próprio povo. Sendo assim, não conseguiu nenhum trabalho honrado. As únicas portas que se abriram para ela foram as de mulheres da vida.

Em seu país havia uma classificação rigorosa para as mulheres: as juvenzinhas virgens, as esposas e as viúvas. Qualquer mulher que não se encaixasse em uma das três categorias arriscaria ser equiparada ao membro do único grupo identificável e demarcado no qual, de forma alguma, ela se encaixava: o das prostitutas. Ela era virgem, mas não jovem. Não possuía quem a protegesse e, sem proteção, poderia perder até o único bem que ela tinha: sua pureza.

Ela era, sobretudo, uma moça diferente da maioria. Fora criada sozinha, sem orientação de uma mulher, pois sempre fora órfã de mãe. Sua mãe havia morrido quando ela nascera. Naquela época era costume as mulheres casadas manterem seus longos cabelos amarrados em tranças, sob uma espécie de cobertura de cabeça. Mas Fenella não era casada. Para as jovens solteiras era permitido que seus cabelos caíssem livremente sobre seus corpos, sinalizando que estavam disponíveis para o casamento. E era da última forma que ela usava a sua cabeleira. Mas Fenella não era mais uma juvenzinha. Então, enquanto todas as demais solteiras faziam o mesmo, ela era apontada na rua, pois destoava na idade e na singular cor de seus cabelos, que eram como uma tocha de fogo.

Para piorar, havia ainda uma abundância de superstições e crenças sobre a cor dos cabelos e a sexualidade feminina. A maioria dessas crenças girava em torno das bruxas e da relação sexual. Havia a crendice de que mulheres de cabelos vermelhos tinham desejo sexual mais potente e também se acreditava que eram extremamente luxuriosas e sedutoras, mais suscetíveis à tentação e sempre prontas para praticar o sexo. Acreditava-se também que elas tinham disposição em ter relações sexuais durante a menstruação, o que era considerado um grande pecado. Muitos outros pecados eram impostos às mulheres que tinham o azar de nascerem com os cabelos daquela cor: diziam que elas cometiam as falhas de fazer sexo nos dias e horários proibidos: domingos, às sextas e às quartas-feiras, dias festivos dos santos, períodos de jejum, como a Quaresma, ou outros adventos religiosos. Portanto, tais mulheres eram consideradas impuras. Além de ser impuro praticar sexo durante a menstruação, o era também durante a gravidez, nos primeiros quarenta dias após o parto e durante a amamentação. Em suma, diziam que a mulher ruiva estava mais

propensa a cometer tais cruciais pecados.

Coitada de Fenella! Por causa de todos aqueles desvios que as pessoas da vila impuseram sobre ela, devido à simples cor de seus cabelos, ao se ver sozinha no mundo, sem a proteção do coronel, sem onde morar, escondeu-se na floresta. Por ter se escondido na floresta, diziam que ela era uma bruxa.

Muitas vezes durante todos aqueles anos, Fenella pensou em lorde Ralph. No olhar suplicante daquele a quem ela tinha visto trajando-se como um padre. Por tantas vezes também se arrependera de não o ter escutado. Porém, orgulhosa, seguiu seu amor-próprio ferido, apenas por ele ter mentido que se tratava de um padre e por esconder sua filiação, isto é, um integrante da família Percy, inimiga de seu pai. Quando a tragédia se abateu sobre ela, cogitou seriamente em bater à porta de Alnwick Castle, mas temeu ser escoraçada, pois era uma Douglas. E tinha os cabelos daquela cor horrível, como passara a achá-los.

Quando o capitão Bajnok reapareceu para visitá-la e lhe propôs casamento, por medo de ser queimada viva, ela aceitou. Não o amava, isso não. Casou-se com ele, ganhou uma casa e um marido que lhe era um estranho. Muitas vezes pensou se deveria ter escolhido outro caminho, o das mulheres da vida, por exemplo, pois o que ela fazia com o marido não era diferente do que as outras mulheres faziam lá. Engravidou e teve um filho por nome Akos, que morreu com três anos de idade. Fenella sofreu amargamente pela morte do filho. Mas a vida era tão dura que outros sofrimentos sobrepuseram a essa perda e ela teve que subjugar-se.

Em 1396, o capitão voltou ao seu país para lutar na cruzada húngara e francesa, comandado por Segismundo da Hungria. Húngaros e franceses foram derrotados pelos turcos, em Dicópolis, nos Balcãs, e o capitão nunca mais voltou.



11 | AMOR PARA A ETERNIDADE

“Amor é um marco eterno, dominante, que encara a tempestade com bravura; é astro que norteia a vela errante... Amor não teme o tempo, muito embora sua lâmina não poupe a mocidade. Amor não se transforma de hora em hora, antes se afirma para a eternidade”.^[19]

O conde de Northumberland, Henry Howard, amanheceu muito cansado naquele dia. Um tipo de cansaço anormal, mas ele tinha que ir para Londres, uma viagem extenuante de quatro dias. Por mais que ele tentasse se levantar, seu corpo não o obedecia, embora sua mente estivesse vívida.

Mrs. Mercer, estranhando que ele não descera para o desjejum na hora habitual, procurou pelo criado de quarto do nobre. Não o encontrando, foi ela mesma averiguar o motivo de tal demora. Bateu na porta do aposento, mas como nada ouviu, sentindo um estranho temor, ousou abri-la. Foi quando ela ouviu vozes, porém, estranhamente, avistou somente uma pessoa no quarto, o conde, mas ele conversava e sorria para a brisa fria que entrava pela janela, como se esta fosse uma pessoa.

— Eu preciso ir ao Magnum Concilium. Tenho que sair dessa cama, maldição! O que está acontecendo comigo? Que maldito sono dos infernos é este?

— Você não vai, meu amor — disse uma voz que ele jamais esquecera. O mesmo timbre doce e anasalado.

— Voltei a dormir, maldição, estou sonhando com ela de novo. Não quero acordar, preciso ver sua face, há tempos não consigo preencher todos os contornos.

Abriu os olhos para vê-la em sonho, mas ciente de que estava atrasado para o encontro com o rei.

— Preciso sair dessa cama imediatamente. Tenho que partir imediatamente para Westminster, senão o rei ficará furioso. Ele já me teme por causa do meu exército, não posso dar mais motivo para esse temor.

— Eu sei, meu querido, que apenas os escolhidos do rei fazem parte desse Grande Conselho. Mas ele terá que substituir seu melhor homem agora — disse a voz, ainda sem rosto. Foi quando ele a viu à sua frente. Linda, toda de branco, saltando da janela para dentro do seu quarto.

— Mhairi, meu amor! O que faz aqui? Nunca, em nenhum dos meus sonhos, eu a vi com tanta nitidez. Logo agora que estou atrasado...

— Não se preocupe, querido. Não há contagem de tempo agora, não há compromissos.

— Como assim? Do que está falando? Onde estamos? Este não é o meu quarto. Meu Deus! Que sonho mais bizarro! Estamos na gruta em Hampshire. Mas não estou sonhando, estou acordado, tenho certeza disso. Como consegui chegar aqui tão rápido?

— Eu o trouxe, meu amor. Esperei por você por longos anos, mas agora temos toda a eternidade.

— Então eu... eu... morri?

— Morrer é uma palavra muito dura, meu querido. Você dormiu e passou para outra dimensão. Nosso espírito jamais morre.

— É um sonho então e logo a minha triste vida sem você voltará?

— Jamais voltará, meu amor. Venha! Nossa história começa agora. Nunca mais alguém nos separará.

— Mas eu não compreendo, Mhairi.

— Meu querido, este é o nosso Céu! Olhe! Não foi aqui que fomos mais felizes?

— Oh, Mhairi! Meu amor, minha vida! Para mim, o Céu é estar com você em qualquer lugar. Sim, essa gruta é o nosso Céu e sempre será.

— E para sempre, meu amor! Eu te amo!



12 | O NASCIMENTO DO COMANDANTE

Só é possível ensinar uma criança a amar, amando-a. ^[20]

Ano de 1403.

Haviam se passado 13 anos do dia do casamento de Sir Percy e Mary Evans. O lorde já havia construído Border Peace Park e formado no Sul um reino quase tão ostentoso quanto o do Norte. Deu-lhe esse nome porque fazia fronteira com Cheviot Hills, em Otterbourne, o lugar onde ele havia lutado e vencido o conde de Douglas. Era o casal mais feliz que existia na Terra. Não havia briga, nenhuma espécie de desentendimento e a paixão que sentiam um pelo outro não tinha arrefecido sequer um milímetro.

Certo dia, porém, receberam a visita de Leon Seth, o escudeiro de lorde Ralph, e Sir Percy soube que ele trazia uma péssima notícia. O semblante do escudeiro dizia que Sir Percy era o novo conde de Northumberland. O novo conde, então, partiu imediatamente para Alnwick Castle, pois precisava assumir suas funções como senhor daquelas terras. Consigo levou sua amada Mary, agora a condessa de Northumberland.

Mr. Derrick, nesse ínterim, se estabelecera próximo ao castelo. E continuaria gozando da eterna amizade do casal. Tempos depois, ao ter de fazer uma viagem a Londres, por convocação do rei, Sir Percy pediu-lhe que cuidasse da condessa. Três meses depois, quando retornou, não mais o encontraria. O velho amigo havia morrido de uma febre misteriosa.

O tempo passava e a condessa ainda não engravidara. O fato é que Sir Percy fazia de tudo para evitar a concepção, pois receava que sua amada pudesse morrer durante o parto, como havia acontecido com a mãe dela, Mhairi, e com a sua própria mãe. Visivelmente, tinha um medo exacerbado de perdê-la.

Alguma coisa, entretanto, acabara falhando e ela acabou engravidando. Estava radiante com a gravidez que tanto desejava, ignorando a preocupação do

marido.

— É um menino e ele será o próximo conde de Northumberland — ela disse-lhe, rindo.

Mary Evans não viveria para conhecer o filho. Mais do que uma natural complicação no parto, logo se atribuiu a sua morte à “maldição dos Northumberland”. Dizia-se que tal maldição tivera início quando o desejo de vingança sucumbira ao desejo pelo proibido. O proibido, talvez, não tenha se sobrepulado à vingança, mas se aliado a ela. Ao receber a notícia, o conde desesperou-se: “Os meus pensamentos não eram os pensamentos d’Ele”^[21]. E jogou-se por terra.

Lorde Ralph nunca tinha visto tanta tristeza em Alnwick Castle. Perdera o pai e, em seguida, seu irmão, pois Sir Percy era um morto-vivo após a morte de sua mulher. O filho, Harry, chamado carinhosamente de Comandante pelos criados, devido ao significado do seu nome, Comandante de Exército, era ignorado pelo pai, pois de alguma forma Sir Percy culpava a criança pela morte de Mary. Não foi surpresa para lorde Ralph quando o irmão caçou aquela batalha^[22] com o próprio rei da Inglaterra, deixando-se abater estupidamente para ir ao encontro dela.

O próprio Ralph, que fazia parte do exército rebelde, viu que “enquanto Sir Percy liderava seus homens na luta, de forma imprudente, penetrando no hospedeiro do inimigo, foi inesperadamente derrubado, por mão desconhecida”. Segundo Roger Mortimer, que estava mais perto dele, “Sir Percy foi atingido no rosto por uma flecha quando abriu seu visor para ver melhor”.

O que se sabe é que Sir Percy procurou a morte. Antes da batalha, disse para quem quisesse ouvi-lo que sua intenção era matar o rei.

A batalha continuou após a morte dele, pois no intenso combate ela não foi inicialmente percebida. Lorde Ralph, que sabia que o irmão estava morto, mas era um grande guerreiro e hábil estrategista, manteve a calma e quis ganhar tempo antes que a notícia se espalhasse, pois ele precisava retirar o sobrinho da Inglaterra. Alguns cavaleiros do exército de Sir Percy chegaram a saldar a morte de Henrique IV e aclamaram: “Henry Percy é o rei”! Mas Henrique IV não estava morto e ele retaliou gritando que mataria Harry Percy, o herdeiro do traidor. “A ausência de uma resposta confirmou que Sir Percy estava realmente morto e a batalha terminou, mas as forças do rei sofreram maiores perdas que o exército rebelde, e Henrique IV quase perdeu sua vida e seu trono”.

Entretanto, não perdeu o trono e Ralph soube, assim que viu o irmão caído, que o rei caçaria Harry e o mataria. Essa certeza era advinda das últimas palavras ditas pelo irmão, e ouvidas pelo inimigo, promessa de que se ele fosse

morto, o seu filho Harry cortaria a cabeça do rei. Ele não tinha escolha, Harry teria que desaparecer. No torpor do desespero, apenas um rosto veio a sua mente e era adornado por uma massa avermelhada. O único lugar onde Harry Percy não seria caçado seria na casa do inimigo, a de um Douglas.

Montado seu veloz cavalo por nome Jasper, Ralph entrou nos portões de Alnwick Castle e gritou: — O conde foi abatido, meu irmão Sir Percy está morto!

Houve grande pranto em Alnwick, mas Ralph não tinha tempo para chorar a morte do irmão, não naquele momento. Foi ao quarto de Harry, pegou a criança, enrolou em um espesso acolchoado e voltou para Jasper.

— Milorde, para onde está levando o Comandante? — gritou Mrs. Mercer, desesperada. Como aconteceu com Ralph, ela também já havia se apegado àquela criança.

— Eu não sei. Mas o rei intenta matá-lo. O Comandante precisa ser tirado de Alnwick Castle. É sua única chance de viver.

Deixando a chorosa governanta para trás, Ralph encontrou seu escudeiro à sua espera, e disse:

— Leon, junte o exército e cerque Alnwick. Diga aos homens que lutem pelo pequeno Comandante, o futuro conde de Northumberland. Se isso não os fizerem dar suas próprias vidas, que lutem por uma criança que perdeu o pai de uma forma trágica; que lutem por mim, por meu pai e por Sir Percy.

— Para onde vai? — Leon Seth perguntou. Ralph confiava em Leon como confiava em seu irmão e pai quando vivos, mas para garantia da própria vida do escudeiro, ele disse:

— Ninguém, além de mim, deve saber onde Harry crescerá, Leon. Faça isso para que sua própria cabeça fique onde está. Harry voltará a Alnwick Castle como conde e como Comandante do Exército. Quanto a isso, dou-lhe a minha palavra.

Entretanto, naquele instante, Ralph se deu conta de duas coisas muito importantes: a primeira era que ele era o nome na sucessão do título, algo que ele nunca sonhara, pois enquanto seu sobrinho não tivesse idade para assumir o condado, o terceiro conde de Northumberland seria ele. A segunda, era que ele precisava de Leon Seth, para sua própria segurança e daquela indefesa criança, pois não fazia ideia de onde a moça ruiva morava. Sequer sabia o nome dela para que a procurasse. Tampouco podia sair perguntando, pois levantaria suspeita. Embora ele nunca tivesse procurado dar um nome aquele rosto, Leon, certamente, sabia de tudo sobre ela.

Como se ouvisse os pensamentos do lorde, o escudeiro disse: — Precisaré de mim, milorde. Sei para onde levaré o Comandante.

Não havia mais nada a se fazer. Ele era transparente para seu escudeiro. Que Leon cuidasse de seu próprio pescoço.

Combinaram que Ralph iria na frente, que tiraria a criança imediatamente de Alnwick Castle e que Leon o encontraria na fronteira, num esconderijo. O escudeiro precisava repassar as ordens para o capitão do exército de Sir Percy. O castelo tinha que ser protegido, pois o rei iria retaliar.

Cavalgando Jasper, Ralph saiu pelos portões de Alnwick Castle com o embrulho em seus braços. Olhou para o rosto do sobrinho, tão indefeso, e o amou com o mais profundo amor. Ele e aquele ser em seus braços eram os únicos descendentes dos Percy na face da Terra.



Fenella não acreditou quando o viu. Ralph estava em pé, ao lado de um enorme cavalo, e segurava um embrulho que parecia uma criança. Não podia ser! Ele estava mais velho, mas ainda muito mais atraente que no passado. Na verdade, ele sempre fora o homem mais atraente que ela já vira em sua vida. Mas, ao vê-lo ali, parecendo ao mesmo tempo tão viril e tão indefeso, sua mente voltou no tempo e as bases do antigo orgulho familiar ruíram.

— Eu preciso de você — disse ele. — Não há outra pessoa na face dessa terra a quem eu possa recorrer para salvar a vida dessa criança.

— Ela está doente? — Fenella perguntou, assustada, andando na direção dele e estendendo os braços para pegar a criança. Ela já fora mãe, e que mãe pobre na Escócia não conhecia todos os remédios disponíveis na natureza? Embora ela não tivesse conseguido salvar a vida do próprio filho, sentia que podia ajudar aquele ali.

— Não. Ele não está doente. Mas querem tirar a vida dele.

— Quem quer matar uma criança?

— O rei da Inglaterra.

— Meu Deus! — exclamou Fenella, pálida. Mas se recompondo rapidamente. — Ninguém encostará um só dedo nessa criança.

Ralph sorriu. Ele sabia. No passado, quando ele fora humilhado por seu primo na frente dela e do pai, essa moça tivera misericórdia dele. Sim, ela, embora uma Douglas, tinha um bom coração.

— Vamos entrar, rápido — convidou Fenella. Embora morasse num sítio distante da vila, ela sabia que teriam que tomar cuidado. Foi somente neste instante que ela viu o escudeiro de Ralph. Leon Seth se aproximou, cumprimentou a moça, entregou a Ralph a trouxa que Mrs. Mercer tinha enviado, com roupas para a criança e para o lorde, e disse que voltaria para Alnwick Castle.

— Não deve voltar aqui, Leon. Pode ser seguido. Eu o procurarei. É uma ordem — disse Ralph, sério.

— Sim, milorde. Aguardarei suas instruções.

Quando Leon montou seu cavalo e partiu, Ralph voltou seu olhar para a moça da diligência, como secretamente ele pensava nela todos os dias. Ela também olhou para ele. Por instantes, nenhum dos dois disse nada, apenas ficaram se olhando, matando a fome dos seus olhos pelo longo recesso. Por fim, Ralph disse:

— Eu nem sei o seu nome, mas deposito em seus braços o futuro da família Percy. Harry, chamado por nós de O Comandante, é filho de Sir Percy, o segundo conde de Northumberland, morto hoje.

— Oh meu Deus! Quem o matou?

— Uma flecha vinda de alguém, não importa. No clamor de uma batalha, como saber quem atirou a flecha assassina?

— Meu nome é Fenella.

— Fenella — ele repetiu. — Um lindo nome. Soa-me como uma brisa suave.

Ele viu o primeiro riso na face dela. E sorriu de volta. Continuaram se olhando, com o pequeno Comandante dormindo nos braços dela, inocente à espada apontada para ele, com um futuro tão incerto, mas suspirando na proteção maternal que emanava de Fenella.

— Ele suspirou! — disse Ralph, rindo como um pai orgulhoso, a quem um filho dirige a primeira palavra na vida, chamando-o de “papa”.

— Sim — disse ela, tocando a face da criança. — Ele se sente seguro em meus braços.

— Eu também me sentiria — disse Ralph e, diante da face corada dela, se desculpou pela ousadia. — Eu não quis dizer o que eu disse. O que eu quis dizer foi que, quando pensei em alguém para cuidar e guardar esse segredo comigo, a sua imagem veio imediatamente à minha mente. Uma pessoa de quem eu não sabia sequer o nome, mas sabia que podia confiar.

— Eu agradeço pela confiança, milorde. Não o decepcionarei.

— Chame-me de Ralph, senhorita. Ainda é uma senhorita ou senhora Fenella?

Fenella novamente corou, mas respondeu: — Sou viúva.

— Então eu estava certo... — disse Ralph, mas ele não quisera falar aquilo, fora um pensamento que ele expressara em palavras. Sentiu um ciúme mortal do homem que dividira a cama com ela e lamentou não a ter procurado um dia após seu retorno a Alnwick.

— E o coronel Douglas? Onde está?

— Meu pai faleceu há muitos anos, milorde.

— Então mora sozinha aqui?

— Agora não. Agora eu tenho O Comandante — ela pronunciou o pomposo apelido bem devagar.

Tanto ela quanto Ralph sorriram por vários instantes. Ele, com uma ternura que pensou jamais existir. Ela, com o amor materno antes despertado,

interrompido pela morte prematura do filho, e reaberto o canal com a chegada daquela criança.

— Fenella — disse ele. — Posso chamá-la dessa forma?

Ela balançou a cabeça dizendo que sim.

— Meu sobrinho precisa de uma mãe, de um lar amoroso, seguro, até se tornar um homem. “Só é possível ensinar uma criança a amar, amando-a”. Está disposta a fazer isso?

— Sim, milorde. Vejo-o como se fosse meu próprio filho retornando para mim. Já o amo.

— Retornando? — perguntou ele e Fenella contou sobre sua triste perda.

Ralph expressou seu lamento pela dor dela, mas não podia negar que havia gostado da transferência do amor da bela mãe à criança recém-chegada, pois ele também amava o sobrinho como se ele próprio o tivesse gerado. Era o filho de seu único irmão, o único elo com os Percy que já tinham partido. Olhando a ternura com a qual Fenella olhava para o sobrinho, ele sentiu sua garganta comprimir de emoção. Mas precisava falar, e o fez:

— Fenella, preciso que fique claro. Somente quando O Comandante completar 18 anos será comunicado a ele quem ele é de verdade. Até então, nada poderá ser dito. Como tio dele e guardião do título que lhe pertence, escolhi você para essa Missão, talvez por alguma bondade da qual até eu já tenha sido beneficiado — ele olhou para ela e riu, e ela também, embora tenha ficado um pouco corada. — Você aceita ser essa mãe para ele, Fenella? Nada faltará a você e à criança, mas terá que criá-lo como se fosse sangue de seu sangue, um Douglas.

Fenella pareceu um pouco assustada, pensou por alguns instantes, e disse:

— Meu senhor, essa criança significa um alento à minha dor. Nada me daria mais alegria na vida do que voltar a ser mãe. Mas sou viúva, embora eu viva reclusa aqui no meu canto, às vezes vou à igreja da vila, o que dirão de mim?

Ralph não tinha pensado naquilo. Na honra daquela jovem. No ímpeto de salvar a vida do sobrinho, fora egoísta. Só havia uma alternativa.

— Fenella Douglas, aceita se casar comigo?

Fenella não esperava por aquilo. Nem em cem anos ela esperava receber outra proposta de casamento. Se achava muito velha e que mulher se casava naquela idade na Escócia? Ralph, vendo a surpresa no rosto dela, e que ela poderia não aceitar sua proposta, tratou de melhorá-la, dando ao pedido um

pouco de romantismo.

— Senhorita, sei que nossa situação é incomum, mas quando nos conhecemos, lá naquela diligência, bem, se eu não estivesse me vestido de padre, tudo poderia ter sido diferente, pois minha intenção ao vê-la era pedir ao seu pai para lhe fazer a corte.

— Eu era uma Douglas! — exclamou ela, e sua fala parecia dizer: “eu tinha lepra!”

— Eu teria pedido mesmo assim.

— Meu pai teria negado. Sou uma Douglas e milorde é um Percy.

— Sinceramente, para mim, isso não faz qualquer diferença. Mas fazia para o meu pai e para o meu irmão.

— Mas e a danação? O sangue de um Douglas jamais pode se misturar ao de um Percy. Esqueceu da maldição?

Como eu já mencionei, Ralph não acreditava em nada daquilo, mas estava claro para ele que Fenella acreditava. Portanto, tratou de esclarecer:

— Nosso casamento será apenas de aparência, para que essa criança tenha uma mãe e um pai e para que as pessoas não pensem mal de você.

Ela olhou para ele. Parecia um pouco decepcionada, mas balançou a cabeça concordando.

— Então aceita se casar comigo? — perguntou ele e certamente sua face expressava um contentamento que não existia aos pedidos de casamentos por conveniência, sobretudo porque seu irmão tinha morrido naquele dia. Mas a paixão juvenil brilhou nos olhos do guerreiro e uma tênue esperança de que, com o tempo, ele conseguisse fazê-la esquecer aquela lenda, fez seu coração bater mais forte.

— Sim. Pelo Comandante eu aceito.



13 | O LEGADO DE SIR PERCY

“Os covardes morrem muitas vezes antes de sua verdadeira morte; os valentes provam a morte uma única vez”.^[23]

Os dias que sucederam a Batalha de Shrewsbury, na qual Sir Percy Hotspur tinha sido morto, seus guerreiros se multiplicaram. O que aconteceu foi que a força de cada homem valente, pela indignação da morte de seu herói, multiplicou-se por dez, e Henrique IV temeu por sua vida. O rei tinha sido gravemente ferido no rosto por uma lança e, muito debilitado, foi aconselhado a recuar e não atacar Alnwick Castle. Se o povo do Norte fosse deixado no Norte, era possível que permanecesse por lá, mas atacar Alnwick era exterminar um exército real, já muito debilitado, com milhares de baixas. Não era segredo para ninguém que o exército de Sir Percy era superior em valentia e em número ao do rei. Entretanto, Ralph Percy, mesmo após saber que o rei recuara, não acreditou que ele tivesse esquecido a ameaça de ter sua cabeça decepada pelo herdeiro de seu irmão. Sendo assim, manteve o pequeno Comandante na Escócia. De forma alguma ele o tiraria de Fenella. Ralph, então, retornou à Inglaterra com a promessa de que voltaria em breve. Deixou dinheiro e provisões e também Leo Seth tomando conta deles.

De fato, ele não se demorou na Inglaterra, pois poucos dias depois estava de volta para o noivado. Foi breve, sem romantismo, com apenas um beijo cerimonioso na mão. Era para ser uma união de conveniência para que a vida do herdeiro Percy fosse poupada.

Aquela máxima de que de uma tragédia pode sair algo de bom se concretizou. Era como se um pêndulo de metal tivesse se precipitado e caído fundo, ao ponto de romper o côncavo de um tacho. Mas, embora o tacho estivesse para sempre violado, embaixo dele escondia-se ouro.

A revolta de Sir Percy, que culminou em sua morte, mudou a história dos conflitos da família inglesa com os Douglas, mesmo que por uma temporada de anos. Um dos motivos da revolta de Sir Percy com o rei fora o fracasso dele em

pagar os salários devidos a eles pela defesa da fronteira e a exigência do rei para que os Percy entregassem seus prisioneiros escoceses para execução em Londres. Sir Percy era um conde justo, disso já sabemos. E ele não deixaria que homens inocentes pagassem com suas vidas. Diante disso, quando Sir Percy foi morto. Ralph, então terceiro conde de Northumberland, mandou soltar todos os escoceses presos nos calabouços de Alnwick Castle, entre eles vários da família Douglas. Embora os Douglas soltos não pertencessem à parte rica do clã, da qual James Douglas era o líder, o gesto do Percy foi visto como uma bandeira de paz.

Quando a notícia do noivado de lorde Ralph com Fenella Douglas vazou, a união foi comemorada. James Douglas, então tio de Fenella, quis uma reaproximação com a sobrinha. Afinal, que culpa ela tinha de ter tido um pai assassino?

Tudo tinha acontecido muito rapidamente e eles não tinham conversado sobre detalhes importantes. Então, após o noivado, um impasse foi criado: onde Fenella moraria com o Comandante? Lorde Ralph não achava seguro que o sobrinho voltasse tão prematuramente para Alnwick, portanto teve uma brilhante ideia. Com a ajuda de Mrs. Mercer, de Leon, a notícia de Harry Percy, O Comandante, tinha sucumbido a uma febre foi espalhada por todas as vilas que circundavam Alnwick Castle: o herdeiro de Sir Percy estava morto. Houve velório, choro e sepultura. Tudo encenado de forma brilhante e o pequeno Comandante ganhou uma placa ao lado da de seu pai.

Nos dias seguintes à “morte” do herdeiro, Ralph voltou à tumba da família e pediu perdão ao irmão:

— Estou fazendo o meu melhor para protegê-lo, Henry. Não me condene e, se puder, perdoe-me.

Foi somente neste dia que Ralph chorou a morte de Sir Percy. Ele foi visto ajoelhado sobre a tumba, com seu rosto entre as mãos. Todo o seu corpo sacudia e tremia pela convulsão do pranto.

Como Ralph esperava, a notícia da morte do herdeiro chegou até o rei, que se sentiu vingado.

Sem a espada do rei sobre a cabeça do sobrinho, Ralph suspirou aliviado. Ele agora podia seguir com sua vida e com seus planos pessoais. Voltou à Escócia, onde havia comprado e mandado reformar uma pequena fortaleza para Fenella e para O Comandante, à qual ela deu o nome de *Neart an Gaoil*, algo como fortaleza do amor ou força da afeição.

Mas, ainda no caminho, deparou-se com falatórios de que Fenella era uma pecadora, de que havia se deitado com ele antes do casamento e que até já tinham uma criança. Assustado com aquilo tudo, ele cavalgou o mais rápido que

pôde até *Neart an Gaoil*, para deparar-se com Fenella tranquila, sem dar a mínima para o que falavam dela.

— Deixe que falem. Nada os impedirá de falar — disse ela, sacudindo os ombros. Estava com o “filho” nos braços e a criança, que já tinha cerca de quatro meses, sorria para ela com a alma juvenil que vê beleza e alegria em tudo e que reside em todos os inocentes.

Se Ralph analisasse, não era nem um pouco ruim o que se falava, pois o sobrinho passaria a ser seu filho com Fenella e, embora ele tivesse encenado todo aquele espetáculo da morte da criança, a segurança dele ainda pairava sobre sua mente. Mas agora a espada seria afastada de vez da cabeça do futuro conde. Com esse pensamento, ele decidiu que se mudaria para *Neart an Gaoil* e criaria o sobrinho como filho.

Tendo ele decidido, comunicou o fato a Fenella, que estranhamente aceitou sem nada questionar, e ele se mudou imediatamente, deixando Leon Seth em Alnwick.

Morando na Escócia, ele estreitou laços com os Douglas. Eu já tinha comentado que James Douglas queria uma reaproximação com sua sobrinha e essa reaproximação aconteceu. Uma carta, da parte do conde escocês, chegou para lorde Ralph, convidando a todos para um baile em Dalkeith Castle.

Enquanto isso, conviver com Fenella, dia após dia, havia acordado sentimentos latentes no homem apaixonado. Fenella, porém, parecia que tinha voltado toda a sua afeição para a criança, e lorde Ralph se viu sentindo ciúme do próprio sangue. Quando Roger Mortimer e suas irmãs Chloe e Katherine, a Kit, foram passar uma longa temporada em *Neart an Gaoil*, tudo mudou.



14 | O GOZO DE FENELLA

“Sempre que houver alternativas, tenha cuidado. Não opte pelo conveniente, pelo confortável, pelo respeitável, pelo socialmente aceitável, pelo honroso. Opte pelo que faz o seu coração vibrar. Opte pelo que gostaria de fazer, apesar de todas as consequências.”^[24]

Dizem que as histórias tendem a se repetir, e eu vi isso ao longo dessa família por todos esses longos anos. Irmãs brigando entre si por causa do amor de um Percy que, verdade seja dita, nesse caso não queria nenhuma das duas. Espelho eu, do alto dos meus mais de sessenta anos, se a Providência não tem um limitado estoque de roteiros. Digo isso, pois a chegada de Chloe e Kit em *Neart an Gaoil* comprova essa minha versão. As irmãs caíram de paixão por lorde Ralph.

Já, lorde Ralph, alheio aos sentimentos que despertava nas primas, estava voltado ao seu próprio envolvimento com Fenella e escreveu naquela noite em seu diário: “o silêncio é um amigo que nunca trai”, citando a fala do mestre Confúcio, e eu me sinto compelido a dizer que ele tinha razão.

Apostaria toda a minha fortuna — se eu a tivesse, obviamente —, de que no instante que ele redigia aquela frase, lembrava-se de que havia sido incauto na juventude, ao confiar em Roger e revelar-lhe sua incipiente paixão pela moça da diligência, e o que proviera daquilo. Treze anos depois, quando o primo aparecera em *Neart an Gaoil*, acompanhando suas irmãs, a vontade era mandá-lo embora. Mas não podia e vivenciava, com a presença dele ali, o mesmo sentimento do garoto de outrora: uma insegurança estúpida de que podia perder Fenella para ele ou que Roger podia descobrir a mentira sobre o sobrinho. Já Roger via claramente que a mesma paixão juvenil ainda dominava o homem feito, embora Ralph tentasse negar seus sentimentos. *Mas por quê?* Indagava-se o perspicaz e perigoso Mortimer. *O que há por trás desse noivado? Será um casamento por conveniência? Por qual razão? Não agem como um casal*

normal. Certamente, mais devido ao silêncio de Ralph que qualquer outra razão, o maldoso rapaz desconfiava de que lorde Percy estava lhe escondendo algo.

Entretanto, enquanto Roger tinha certeza de que o coração de seu primo era cativo, Katherine Mortimer acreditava fielmente em sua liberdade, e ousou lutar por ele.

Chloe era a mais velha das duas irmãs. Tinha, talvez, 23 anos, e também era a mais sensata e honesta das duas. A atração que sentia pelo primo não era recente, mas uma paixão juvenil e utópica, pois lorde Ralph nunca demonstrara qualquer reciprocidade, embora gostasse dela como pessoa. Não que ela fosse feia como eram as primas Neville, isso não. Chloe possuía uma beleza serena, um rosto pequeno, envolto por uma massa negra ondulante de cabelos. Os olhos eram castanhos e possuíam um brilho dourado, quase da cor do mel. Era de estatura mediana e seu sorriso cáldo. Era mais bonita que Kit, que tinha os cabelos avermelhados, num tom menos brilhante que os de Fenella. Os de Kit eram escuros, na cor de um mogno, e as nuances avermelhadas só apareciam quando uma luz incidia sobre eles. Kit, ao contrário de Chloe, que possuía mais massa em seu corpo, era muito magra e mais atrevida também. Seu sorriso era zombeteiro e seus olhos, de um verde esplendoroso, eram arteiros. A parte mais bela dela, sem dúvida eram os olhos, mas ela em tudo se achava melhor que Chloe. Com cerca de 21 anos, achava-se até mais atraente que Fenella pelo simples fato de ser mais jovem que sua rival. Mais jovem certamente o era, porém, não mais atraente. Isso não. Faço várias objeções às certezas de Katherine Mortimer.

Quando Fenella encontrou *Neart an Gaoil* cheia de hóspedes, decerto não gostou, pois era o tipo de pessoa que apreciava a reclusão. Nunca reclamava quando Ralph permanecia em casa, mas se via nos olhos dela que não apreciava a estadia dos Mortimer. Quanto a esses, não davam sinais de que iriam embora tão cedo.

Como eu tinha mencionado, havia chegado um convite para um baile em Dalkeith Castle. O conde escocês, na tentativa de aproximação com o atual conde de Northumberland, e certamente arrumando um motivo para encontrar-se com Chloe — já lhes conto essa história em seguida —, fazia questão da presença de todos, incluindo, manifestamente, os Mortimer.

Na data marcada, todos compareceram ao baile. Quem ousaria recusar um convite do poderoso conde de Douglas?

— O mais notável feito dos Percy, Vossa Senhoria, foi essa união com uma Douglas — disse lorde James, assim que chegaram a Dalkeith Castle.

Lorde Ralph, olhando com admiração para Fenella, que naquele dia

estava deslumbrante em um vestido violeta, sorriu e disse que concordava com ele. Fenella também sorriu e fez uma reverência diante do tio. Seus cabelos, presos em cascata, pareciam ainda mais acesos. Ela era muito quieta, quase não falava. Não por timidez, mas por força de sua própria personalidade desconfiada. Havia crescido em meio à briga de seu pai e seu tio, e o temia. Embora uma Douglas, não confiava no conde de Douglas. Mas daria a sua vida pelo conde de Northumberland, em quem confiava. Afinal de contas, se casaria com ele. Um casamento de mentira, mas somente ela e lorde Ralph sabiam disso.

Portanto, para que as aparências fossem mantidas, ela e o noivo chegaram de braços dados e teriam que dançar, no mínimo, três músicas.

Os bailes dos Douglas eram famosos pela diversidade, desde as tradicionais danças escocesas, como Strathspey e Jig ou Reel, ou mesmo as Squares ou Longways — no estilo das danças francesas — mantinham os casais animados o tempo todo e ocupados com seus pares. Havia também a dança da corte, Saltarello, na qual o cavalheiro tomava a mão da dama e permaneciam assim quase o tempo todo, apenas soltando para cada um executar seus passos, mas voltando a uni-las novamente.

Ralph aguardava com certa ansiedade por essa dança, pois Fenella teria que se manter presa a ele. Também tinha que haver total sintonia entre o casal, pois a mulher dançava para seu macho e ele para sua fêmea. Olho no olho, um flerte constante.

Havia chegado o momento tão esperado e lorde Ralph levou-a para o centro do salão. Quando ele a pegou pela mão, Fenella estremeceu. Não há toque mais íntimo que dedos apaixonados que se roçam. É semelhante à própria penetração, devido aos sentidos aguçados que levam uma descarga de prazer ao cérebro. Os mais sensíveis podem chegar ao ápice com apenas esse toque. Foi assim que ocorreu com ela. Seu corpo todo estremeceu e, a exemplo de uma espada tencionada que se quebra, a corrente passou para o corpo de lorde Ralph, que sentiu a emoção do momento. Ele segurou o languido corpo dela pela cintura, olhou-a nos olhos, e trouxe-a para ele:

— Fenella — ele praticamente gemeu o nome dela. Mas naquela única palavra, estavam expressos todos os seus sentimentos. Ela se deixou ficar onde estava, com o rosto no peito do noivo, ciente de que eram observados, mas sentindo as batidas do coração dele, como as próprias batidas de um Cajón^[25]. Não tinha mais forças. Se ousasse dançar, erraria os passos. E também se sentia envergonhada.

A Saltarello acabou e as pessoas se juntaram em um anel para a Carole, uma dança europeia que se dançava em círculo. Aproveitando que uma centena

de pessoas chegava ao meio do salão, Ralph retirou-a pela mão e levou-a para a saída lateral, chegando ao que parecia uma despensa de alimentos. Ela mantinha sua cabeça baixa, como se temesse que todos tivessem presenciado o seu êxtase. Porém, excetuando Ralph e Roger Mortimer, este sempre de olho na noiva do primo, ninguém mais tinha visto sua intimidade.

— Querida — lorde Ralph tomou o rosto dela entre suas mãos. — Eu a quero como minha.

— Eu já sou sua... — ela respondeu.

— Você não me entendeu, quero-a como minha mulher, quero frequentar o seu leito.

Fenella enrubesceu drasticamente, mas Ralph manteve o rosto dela preso entre suas mãos.

— Eu a desejo, Fenella. E tenho indícios para achar que você também me quer.

Ela balançou a cabeça, como se concordasse com o que ele tinha dito. Afinal, por que mentir se seu corpo tinha gritado a verdade instantes antes?

— Então, me diga querida, eu quero ouvi-la me dizer que me quer em seu leito hoje ainda.

Ela olhava para ele, mas embora seu olhar dissesse sim, nenhum som saiu de sua boca.

— Talvez prefira ir ao meu aposento. Entendo que fique constrangida pela ama de Harry ter de dormir tão perto de sua cama de meu sobrinho.

Fenella disse que sim.

— Posso esperar por você hoje, minha querida?

— Sim — ela balbuciou e lorde Ralph a beijou pela primeira vez.

Guarde um desejo por mais de treze anos para saber como sua consumação se procederá. Nada naquele momento poderia tirá-la dos braços dele; nada naquele momento afastaria seus lábios dos dela; nada naquele momento separaria corpos que há tanto tempo ansiavam um pelo outro, pois a paixão ardia como fogo, o amor enlouquecia a ambos e o desejo os traiu. Quando lorde Ralph percebeu, tinha suspenso Fenella na rústica parede daquele aposento, e a possuía com uma paixão animal, descontrolada. Ele não tinha tencionado possuí-la ali, na casa de um Douglas, mas seu corpo venceu sua mente, sucumbiu ao desejo e fê-la dele da forma mais improvável possível. Dentro dela, ele disse:

— Eu não pretendia que acontecesse aqui. Perdi o controle.

— Acabe logo com isso — respondeu ela, agarrada a ele, suas pernas

circundando a cintura do noivo.

Mas Ralph não queria que aquilo acabasse logo, tampouco ela. O que ela quis dizer, talvez, fosse que ele seguisse em frente. E ele seguiu. Com beijos cada vez mais apaixonados, mão famintas e afoitas, corpos encaixados, como um só, eles alcançaram a nota da canção que somente os apaixonados de alma escutam.

Mas quando retomavam o controle, ouviram um barulho, um movimento, e a porta se abriu. Ralph e Fenella olharam em tempo de ver Chloe sair do aposento, ou seria Kit? Estava escuro e as irmãs usavam túnicas azuis, do mesmo tingimento. Talvez Mrs. Mortimer, por ser mais barato, tivesse comprado todo o rolo de seda. Uma ou outra, a pessoa estivera ali o tempo todo.



“Das grandes traições iniciam-se as grandes renovações”.^[26]

— Não as quero em *Neart an Gaoil* — disse Fenella, por fim.

— Amanhã mesmo conversarei com Roger e direi para partirem.

— Não criará contenda com seus primos? — perguntou Fenella. Não queria mais saber de inimizades. Sua vida toda fora cerceada por brigas familiares e ela não desejava aquilo para Ralph.

— Podemos dizer que voltaremos para Alnwick Castle. Podemos ir passar uma temporada lá — sugeriu ele.

— Sim. Podemos ir. É melhor que convidá-los a se retirarem — Fenella sorriu. Havia um brilho em seu olhar. O brilho da satisfação que há em toda mulher que é amada. E lorde Ralph não era o tipo de cavalheiro que escondia seus sentimentos. Já mencionei que ele era movido pela ternura, mas o que viria pela frente o mudaria para sempre.

À noite, ao retornar ainda cedo de Dalkeith, enquanto ele esperava por Fenella, na escuridão de seu quarto mal iluminado pela acanhada luz da lareira, ele ouviu quando ela entrou no aposento. Estava com saudades, seu corpo jovem e vigoroso queria-a na tranquilidade de seu quarto, em sua cama macia. Ela se aproximou, subiu na cama, sempre quieta, e ele não estranhou seu silêncio, pois era seu habitual. Mas ao beijá-la sentiu que os lábios pareciam mais finos, mas ela ousadamente o tocou e ele esqueceu da espessura deles, do gosto que parecia ser outro e a possuiu. Acabada a união, ouviu-se uma batida na porta. Ele foi até lá e encontrou seu escudeiro à sua espera:

— Milorde, aconteceu uma tragédia — a voz de Leon Seth estava tensa.

— O que houve, Leon?

— O Comandante desapareceu.

Lorde Ralph não esperou por Fenella. Saiu desesperado pelo corredor da fortaleza e entrou no aposento do herdeiro, que era contíguo ao dela. Mas ao entrar, ele ouviu um grito: o de Fenella. Mas não podia ser dela, pois ele a havia deixado em seu aposento instantes antes. Seus pensamentos confusos não concatenavam. Contudo, ao iluminar o quarto da noiva, a viu na cama e, por Deus! Roger Mortimer estava sob ela.

Ralph, com o choque, por instantes não conseguiu coordenar a enxurrada de pensamentos que sobrevieram sobre ele. Havia acabado de fazer amor com

Fenella. *Não!* Então, se não fora com ela, com quem fizera amor? E, por que, acima de qualquer coisa, Fenella estava ali na cama com o primo? Cavalgando em cima dele?

Ele sabia que as mulheres escocesas eram muito mais liberais que as inglesas. Dizia-se que eram insaciáveis e que a luxúria era seu maior pecado. Acreditava-se que a mulher escocesa recebia muito mais prazer de um encontro sexual que os homens e alcançava sua prontidão sexual muito mais cedo do que eles também. Mas ele não podia conceber a razão pela qual ela estava ali com outro. Afinal, havia poucas horas ele a levava ao ápice da paixão. Por que o trair com seu próprio primo?

Enquanto Ralph tentava processar tudo o que se passava em sua mente, Roger Mortimer saiu do quarto e de *Neart an Gaoil*. Embora Fenella chorasse e dissesse que havia sido trapaceada por Roger, que acreditava que estivesse se deitando com seu noivo, lorde Ralph não a quis ouvir. Não que ele duvidasse dela, pois ele mesmo havia dormido naquela mesma noite com uma mulher achando que se tratasse de Fenella. Mas ele se achava imundo; e achava que ela também estava contaminada.

Àquela época, a quebra de um contrato de noivado era considerada falta grave. Porém, é digno de nota que geralmente só as mulheres eram punidas por isso. A um noivo não seria proibido cobrar multa, mas se o fizesse, os tribunais relutavam em puni-lo. Embora desfazer um noivado fosse uma coisa séria, uma mulher tinha essa opção e isso ocorria o tempo todo. Por que, então, ela não dissesse que não queria se casar com ele?

Não! Ela fora enganada por Roger?

Gritava a mente de lorde Ralph, mas ele lutava contra as evidências.

— Milorde, o Comandante foi levado — repetiu Leon. Só naquele instante Ralph saiu de seu torpor. Fenella, que ouviu o que a empregado dissera ao lorde, interrompeu seu choro, levantou-se da cama em desespero e correu nua para o quarto da criança.

— Oh, não! De novo, não! — ela gritou, todo seu corpo se contorcendo, mas Ralph foi incapaz de consolá-la. Quem estendeu a ela uma manta para que ela cobrisse sua nudez fora Leon.

Ele e ela tinham falhado na proteção da criança. Ambos por suas luxúrias. Roger Mortimer o tinha traído e, decerto, estava por trás daquele rapto.

— Vamos, rápido. Ele não deve estar longe — bradou Ralph, saindo e dando ordens ao seu escudeiro. — Cerque todas as estradas com destino a Londres.

Embora ele tentasse se mostrar otimista perante os seus homens, sentia que o sobrinho corria perigo de vida. Certamente Roger Mortimer tinha se aliado ao rei para derrotá-lo.

Cavalgava sobre Jasper como se um machado afiado tivesse sido atirado por uma mão gigante em direção à sua cabeça, mas a imagem de Fenella cavalgando por cima de Roger não lhe saía da mente.

Na Escócia daqueles tempos antigos havia uma hierarquia masculina natural nos quartos de dormir: as mulheres davam prazer aos homens e eram submissas para que eles pudessem impregná-las com a gravidez. Era um pecado uma mulher dominar um homem invertendo os papéis, pois acreditava-se que isso tornava o homem subserviente a ela.

E ela estava por cima. Seria uma bruxa como Mrs. Mercer acreditava?

Outra crença daquela época era que, se o homem não conseguisse fazer sua parte do que era necessário para que uma mulher engravidasse, sem que ele atingisse o orgasmo, acreditava-se igualmente que a mulher não poderia conceber uma criança sem que ela também atingisse o orgasmo. Uma consequência dessa crença era outra de que as mulheres estupradas que concebessem uma criança tinham tido prazer na experiência, apesar de qualquer outra evidência em contrário. E Ralph não podia aceitar aquilo. Se Fenella engravidasse, quem seria o pai de tal criança? Ele? Roger? Nunca saberia.

— Comandante, onde você estará? Eu matarei o maldito Mortimer! — bradou novamente lorde Ralph, sentindo as lágrimas do desgosto e da culpa banharem sua face. Há poucas horas atingira o Céu, para em seguida esborrachar-se no inferno. — Irmão, ajude-me a encontrar o seu filho.



16 | CHLOE

“Aquele que é feliz raramente conhece o ser de que possui inteiramente o coração.”^[27]

Uma semana se passou e, por mais que os guerreiros de lorde Ralph procurassem pela criança, não havia nenhuma pista dela. Roger Mortimer também tinha desaparecido. Quando o rei ficou sabendo do desaparecimento do “filho” de lorde Ralph — pois o rei, supostamente, havia acreditado na morte do filho de Sir Percy —, tratou de enviar uma carta ao conde de Northumberland, afirmando que ele não tinha nenhuma ligação com aquilo. Por alguma razão, lorde Ralph acreditou na palavra do rei. Mas o mais notável foi uma carta que chegou no mesmo dia da Missiva do rei. Para espanto de todos, quem assinava a carta era o morto Sir Percy. Dizia que estava vivo e que seu filho estava com ele. No tal documento, cuja letra era igual à do irmão, aquele que redigira a carta dizia que não revelaria o local onde estava, pois o rei tencionava matar a ambos. No final da estranha carta, a pessoa que dizia ser Sir Percy escrevera: “um dia, quando ele for homem, retornará e tomará aquilo que lhe pertence. Até então, você, meu irmão, será o conde de Northumberland”.

Com efeito, o corpo de Sir Percy nunca apareceu. O que se dizia era que o rei tinha cortado sua cabeça e dividido o corpo em partes, pois circularam rumores de que Percy ainda estava vivo. Então houve o boato de que o rei havia exumado o corpo e despachado a cabeça para York, onde fora empalada num dos portões da cidade, enquanto suas outras partes foram enviados para Londres, Bristol, Chester e Shrewsbury e nada entregue à família para que enterrasse. Então, foi feito um enterro simbólico no mausoléu da família, em Alnwick Castle. Mas Ralph nunca confrontara alguma testemunha desses boatos. Portanto, Sir Percy podia mesmo ter sobrevivido. Certamente ele o tinha visto cair com uma lança na face, mas o próprio rei também tinha sido ferido na face por uma lança e sobrevivido.

Ralph, que até então achava que Roger Mortimer, o invejoso primo, tinha

sequestrado seu sobrinho e, em algum momento pediria resgate, ficou tremendamente tentado a fiar-se no conteúdo da carta.

Mas, embora fosse menos dolorido crer que Sir Percy estivesse vivo e o sobrinho encontrava-se seguro com o pai, ele temia estar sendo enganado por Roger.

Não era segredo para ninguém que a família Mortimer passava por sérias dificuldades econômicas. Mrs. Mortimer estava viúva, com tantos filhos para criar, e com Roger, o mais velho dos homens, fugindo da responsabilidade de manter a família. O que ocorria era que Roger desejava ser rico como Ralph, mas sua família estava longe de equiparar-se à do conde. Os Mortimer eram parentes dos Percy, apenas isso, mas primos agora considerados pobres. Se Roger tivesse, humildemente, pedido a ajuda de Ralph Percy, certamente essa seria dada. Como já havia acontecido, o mesmo Sir Percy destinara uma quantia à viúva e Ralph mantinha isso.

Naquele dia, ele resolveu voltar ao solar dos Mortimer, mas a mãe do odioso primo sequer sabia para onde o filho fugira. Disse a Ralph que achava que ele estivesse na Sicília, pois para a França ele não se arriscaria a ir. As duas irmãs, uma das quais havia dividido a cama com ele, olhavam-no expectantes. Ralph se perguntava qual das duas o tinha enganado. Seria Chloe? Por alguma razão ele preferia que fosse essa a Katherine. Ele sempre sentira carinho por Chloe, mas por Kit ele sentia uma estranha aversão.

Ralph evitava pensar em Fenella, pois toda vez que tentava, a maldita imagem dela sobre o primo vinha à sua mente. E doía mais que a perda do pai, do irmão e do sobrinho. E ele se culpava, achando-se o pior egoísta da Terra, por sofrer mais por uma maldita mulher de cabelos vermelhos do que por seu próprio sangue.

O mais estranho foi que, dois meses depois, misteriosamente, tanto Chloe quanto Katherine apareceram grávidas. Ele, surpreso, olhou para as duas irmãs. Chloe o tinha levado para a biblioteca e estavam os três a sós.

— Estão me dizendo que eu as engravidei?

— Sim — as duas responderam ao mesmo tempo.

— Isso é impossível. Estive com uma das duas, pois uma de vocês me enganou.

Como já falei, Ralph sempre teve um carinho especial por Chloe Mortimer. Embora com dez anos de diferença entre eles, Chloe sempre fora muito chegada ao primo. Chorou quando ele disse que iria embora de Alnwick e esperava por ele todos os dias.

Era uma garota singular, embora tivesse irmãos e várias irmãs, fora ela quem conquistara o coração de seu pai e era ela quem ele levava para caçar e cavalgar nas primeiras horas da manhã. Muitas vezes Ralph caçara com ela, na companhia do conde seu pai e Sir Mortimer. Durante toda a vida ela acompanhara o pai com disciplina, levantando-se ao amanhecer para banhar-se na água fria da fonte, costume que o pai tinha e ela imitara. Aos seis anos de idade ela tinha seu próprio pônei e em poucos anos era capaz de controlar qualquer cavalo do estábulo de Sir Mortimer. Para preservar a cútis, ela usava um enorme chapéu de palha, amarrado com uma faixa de pano preta, quando cavalgava. Quando seu pai morreu, ela se apegou muito ao pai de Ralph, consequentemente a ele.

Mas foi enviada para a Escócia, para morar com uma tia por parte de pai, que muito bela, havia feito notável casamento com um rico escocês, com relações com a importante família Douglas. Era costume em grandes famílias, cujo pai ou mãe morria, que as meninas fossem criadas na casa de um parente mais próspero.

A tia, Mrs. Wallace, era descrita como “bela como a lua e severa como um tronco”, mas a encorajava a usar sua célebre biblioteca, que continha não só obras famosas da literatura clássica como manuscritos religiosos lindamente encadernados. Chloe nunca se esqueceria daquela biblioteca, pois suas melhores experiências da vida vieram de lá.

A vida de Chloe toda fora marcada por uma conduta modelada por ensinamentos da severa tia e pelo o que ela lia. Quando tinha 20 anos, a pedido da condessa Loisse Douglas, a esposa francesa do conde de James, Chloe foi para Dalkeith Castle como uma espécie de preceptora para o filho do casal, de nome Bruce. Seguindo a orientação de Mrs. Wallace, ela sempre usou o sobrenome da tia, deixando o nome Mortimer encoberto por uma pequena inverdade. A tia, embora severa, era uma mulher admirável, prudente, uma verdadeira senhora, mas sabia que a família Mortimer da Inglaterra era inimiga dos Douglas, da Escócia. E, para Chloe, a sobrinha a quem aprendera a amar, pois jamais tivera filhos, esconder suas raízes era a melhor saída.

Quando Chloe menos esperava, foi-lhe proposto casamento. Um amigo de seu tio, 40 anos mais velho que ela, ficara viúvo e queria uma nova esposa. Logo, Chloe foi abordada pela tia dizendo que ela deveria aceitar a proposta, pois certamente não teria outra oportunidade melhor. Ela tinha apenas 20 anos de idade e o futuro marido tinha 60, mais que o dobro da sua. Chloe, na sua inocência de virgem, não hesitou em aceitar o idoso noivo, por ser uma moça extremamente obediente e por confiar integralmente em sua tia. Sabia que Mrs.

Wallace, a quem ela passara a ver como uma mãe, escolheria sempre o melhor para ela. O marido que a tia escolhera era um parente do conde de Douglas, Grant Douglas, barão de Aboyne. Não era só imensamente rico e poderoso, mas também um afamado e corajoso caçador. Logo casaram-se. O casamento foi realizado em Dalkeith Castle, na residência do poderoso James Douglas. A noiva estava muito bela, com seu rosto solene.

O idoso noivo permaneceu com Chloe por três anos, depois faleceu. Durante esse período, Chloe foi uma esposa dedicada, fiel, companheira e extremamente presente na vida do velho marido. Viveram no solar do barão, em Aberdeenshire, uma amedrontadora fortaleza medieval repleta de antigos criados sombrios e muitos mistérios. Depois dos risos e da alegria no meio de seus jovens irmãos, em Alnwick quando jovem, foi um choque para ela ir para essa casa lúgubre e antiga, ao lado do marido idoso. Mas ela foi, e obediente.

Todavia, essa mudança trouxe compensações, pois a vida no campo girava em torno da ousadia e da emoção da caçada, na qual Chloe se destacava, e o barão tinha magníficos estábulos e uma enorme e maravilhosa biblioteca, duas de suas maiores paixões.

Mas Chloe não foi capaz de dar filhos ao barão e, quando ele morreu, acabou mandada embora pelo filho mais velho do falecido marido. Entretanto, durante os três anos em que fora casada com Grant, Chloe fortaleceu os vínculos de amizade com lady Heather, irmã do conde de Douglas. Quando não estava em Aberdeenshire, Chloe ia quase que constantemente a Dalkeith para ficar com a delicada Heather, sempre que essa requisitava a sua presença. Quando foi mandada embora de Aberdeenshire, lady Heather a convidou para morar com ela em Dalkeith. Ela aceitou, pois não gostaria de voltar a morar com Mrs. Wallace, por uma série de motivos que não têm importância aqui.

Mas a beleza de Chloe não escapara à atenção do conde de Douglas ou de seus amigos nobres. Contudo, devido à sua reputação de pureza e de moral ilibada, fortes princípios ensinados pela tia, a postura dela impunha respeito, e o único comentário do conde com sua irmã sobre ela fora o seguinte: “deslumbrantemente bela, agradável de contemplar, mas pura demais para se ousar”. Mas a despeito da pureza dela, Chloe passou a ocupar muito tempo dos pensamentos do conde.

Considerada pela condessa de Douglas uma jovem de boa estirpe, culta, educada, Chloe caiu na graça de Loisse. Ela e o conde de Douglas estavam casados há mais de dez anos. Loisse, filha de um poderoso conde francês, tinha poder na França, mas na Escócia não tinha beleza e nem poder, pois seu marido a desprezava. Loisse nunca fora bonita, sequer atraente. O casamento deles tinha

sido um arranjo político. Com o passar dos meses, James, o poderoso conde de Douglas, passou a usar sua inteligência e seu charme para agradar Chloe. E ela se apaixonou perdidamente por ele.

Quando Bruce completou nove anos, James pediu ajuda dela para que ensinasse o que ela sabia ao filho, pois Loisse o mimava demais e Bruce era um fraco. Chloe não somente ensinou-o a caminhar ereto, tendo postura elegante e viril, como também a se comportar na mesa, utilizando os talheres e as louças certas para cada tipo de refeição. Ensinou-lhe o francês culto, treinou o seu raciocínio argumentativo e lhe deu lições de oratória. Incentivou-lhe a ter o hábito da leitura e a cultivar o senso crítico. O treinou na esgrima e na arte da caça, visto ser uma exímia caçadora. Enfim, o ajudou a se tornar um rapazinho valente, decidido, preparado para enfrentar as guerras e, sem sequer imaginar, Chloe cativava ainda mais James Douglas.

Quanto mais amava o pai, mais amor ela dava ao filho.

Foi a partir daí, dessa relação entre professora e aluno, que se formou um laço de afeto duradouro e recíproco entre Chloe e James. Mas uma tragédia aconteceu e Bruce morreu. Um acidente quando caçava com o pai.

O único conforto obtido por James foi o que Chloe lhe deu, quando disse que Bruce fora o mais notável rapazinho que ela havia conhecido. As encantadoras palavras, dadas a um pai enlutado pela encantadora Chloe, fizeram com que James a amasse verdadeiramente.

A morte de Bruce exerceu sobre Chloe e James Douglas um efeito profundo e duradouro. Sem a presença de Bruce, com Heather Douglas na França, tendo apenas a companhia um do outro, pois Loisse também tinha viajado para a casa dos pais, a apatia só não tomou conta de James porque ele se ancorou em Chloe, na doce Chloe.

Na França, uma profunda e negra depressão deixou Loisse taciturna e silenciosa. Ela sabia, seu marido amava outra. Agora ela enxergava Chloe não mais como uma aliada, mas como sua rival.

Enquanto Loisse chorava a perda do filho e do marido na França, na Escócia, no decorrer dos longos e solitários meses, James sonhava com uma dama a quem pudesse oferecer sua proteção e dedicar seu coração. E essa dama não era Loisse, e sim Chloe.

Entretanto, devido aos mexericos sobre ela e o conde, aconselhada por Mrs. Wallace, Chloe havia voltado para a casa da tia. Poucos dias depois, o conde de Douglas, na tentativa de atrair Chloe de volta ao castelo, marcou uma competição em Dalkeith e os Wallaces foram intimados a comparecerem.

Os competidores deviam cavalgar lentamente, passando pelos

espectadores, um depois do outro. De acordo com a tradição da justa, eles deviam baixar a lança diante da dama cujo favor pretendesse e cujas cores pediriam para usar naquele dia. Para surpresa de todos os presentes, incluindo Chloe, James, o conde de Douglas, o homem mais poderoso do torneio, entrou na arena e parou diante dela. Num tom de voz firme, ele ofereceu-se para dedicar-se à honra e à proteção dela, caso ela permitisse que ele usasse as cores dela: azul e branco. Foi um gesto que chamou toda a atenção da Escócia para a bela e jovem viúva, e é óbvio que ela deu seu consentimento.

A relação de James e Chloe era muito profunda. Ela fora a responsável pela educação do filho dele e, embora Bruce tivesse morrido, James nunca esquecera o seu favor. Logo eles se tornaram amantes. Não havia como evitar isso. Chloe estava apaixonada por ele, mesmo James sendo casado. O fato de uma mulher como Chloe tornar-se amante de um homem casado a colocava numa situação perigosa, não apenas no que dizia respeito à sua imagem, mas também com relação à sua sensibilidade. Anos a fio James venerara Chloe como uma amiga de sua irmã: a serena Chloe, a distante, a pura. É natural que a ideia de que a deusa inacessível, venerada e adorada por tanto tempo pudesse amá-lo o tenha abalado profundamente.

Mas, ao descer do pedestal e assumir as fragilidades humanas, Chloe arriscava-se a ser humilhada, parecer ridícula. Mas James demonstrou, de todas as maneiras possíveis, o seu amor por ela. Falava até em anulação do casamento, já que Loisse o abandonara na Escócia e fora para a França.

James deu a Chloe um solar com imensos jardins, que ocupavam mais de um hectare e eram rodeados em parte por fossos e muros de pedra, de onde se elevavam magníficos terraços. Ainda hoje pode-se ver o belo jardim de Chloe. As mudas de aveleiras chegavam aos montes como presentes dele, para a composição de sebes folhosas; as macieiras, pessegueiros e outras árvores frutíferas foram destinadas ao frondoso pomar. Uma centena de olmos foram plantados para a formação de alamedas para passeios românticos.

Um ano após a partida de Loisse e da morte de Bruce, James implorou a Chloe que aceitasse e usasse um anel. Ele lhe dissera: “por amor a mim. Para que eu possa lembrá-la daquele que nunca amou e nunca amará outra além de você”. Em tudo o que escreveu para a sua amante, o amor de James era comovedoramente repleto de dedicação. James a adorava sem reservas e ela o amava sem qualquer cobrança e expectativa. Ainda bem que ela não tinha expectativas, pois Loisse retornou à Escócia decidida a retomar o que era dela e a ter outro filho com James.

Mas, mesmo com o retorno da mulher, a devoção de James para com

Chloe nunca vacilou, por mais doloroso que tudo isso deva ter sido para Loisse. Seguindo os conselhos de Chloe, James não anulou o casamento e, mesmo contra sua inclinação, era cortês para com Loisse, que tentava, mesmo que externamente, conviver pacificamente com Chloe.

Loisse era apaixonada por James e constantemente forçada a reprimir seus sentimentos. Ela, embora fingisse com Chloe à frente do marido, odiava a rival e a invejava. Naturalmente ela não conseguia conter a curiosidade a respeito do deslumbramento do marido pela outra. Como toda mulher traída, ansiava por descobrir o que ele achava tão irresistível em sua rival. E tratou de arrumar uma forma de descobrir.

Mudou-se para um aposento exatamente sobre o que Chloe ficava e mandou que seus empregados franceses — pois não confiava em ninguém na Escócia — fizessem um buraco exatamente sobre a cama de Chloe. Isso foi feito sem muita dificuldade. Foi quando ela os viu: uma faca devia atravessar o coração de Loisse quando ela presenciou a beleza de Chloe, o corpo conservado firme através do exercício cotidiano de cavalgar. Conta-se que ela observou os amantes na enorme cama, seus corpos iluminados pelo brilho do fogo da grande lareira, até que no calor da paixão eles rolaram nus pelo chão e continuavam a acariciar-se num espesso tapete de veludo. Quando Loisse viu por si mesma a paixão e a ternura existente entre eles, ela comentou, soluçando, à sua acompanhante, que o marido “nunca a usara tão bem, que nunca a usara daquela forma”.

Diante da infelicidade de Loisse por causa de sua esterilidade, Chloe não teve dificuldade em fazer com que a condessa se abrisse com ela.

Chloe não era má, não era insensível à difícil situação de Loisse e, embora não devesse ter sido fácil, ela incentivou o homem que ela amava a ir para a cama da esposa e cumprir com as suas obrigações de marido e de conde que precisava de um herdeiro, para fecundá-la novamente. Compadeceu-se de Loisse ao ouvir dela sobre os horrores a que vinha se submetendo, encantamentos e rezas populares, como forma de atrair James e de obter a gravidez tão desejada. Portanto, Chloe foi capaz de oferecer-lhe um pouco de conselhos práticos, inclusive como agradar a James no ato sexual. Chloe foi mais além; convenceu James a deitar-se com a esposa por um mês consecutivo, espaço de tempo em que ela se refugiou com sua família, em Alnwick. Foi a ocasião em que passou uma temporada com Kit em *Neart an Gaoil*, na casa de seu primo Ralph e de sua noiva Fenella. Então, quando ela tentava uma reaproximação com Ralph, buscando na memória o afeto juvenil, tentava, na verdade, esquecer James.

Mas o baile em Dalkeith Castle fizera com que Loisse descobrisse que ela era parente do conde de Northumberland. Embora Chloe nunca quisesse esconder isso de James, a mentira a colocava numa terrível situação. Nada fora premeditado. Ela apenas seguira o conselho de sua tia. Essa era a desgraça de Chloe, pois James inesperadamente passou a dar atenção a Loisse. A situação de Chloe agora era drástica. Estava grávida dele. Era uma amante que realmente amava e que, por amor, havia renunciado a tudo pela felicidade do seu amante.



17 | OS HERDEIROS

“O que passou, passou, mas o que passou brilhando, resplandecerá para sempre”. ^[28]

Diante do olhar do primo, Chloe abaixou a cabeça. Ela não podia mentir para aquele por quem sentia tanto afeto. Portanto, antes que Kit a chamasse de mentirosa, seu olhar já tinha confessado a Ralph e, com o mesmo olhar sincero, pedido perdão. Mas Kit não tinha bons princípios e disse:

— Ela está mentindo. Quem esteve com milorde fui eu e posso provar.

Não precisava de comprovação, Ralph sabia que tinha sido a malvada Kit, mas aquilo não importava mais. Fenella não era mais uma opção para ele. Então, ele saiu deixando as duas irmãs sozinhas. Precisava pensar. Com as duas ele não podia se casar e certamente não se casaria com Kit.

Mas Kit jurou vingança. Jurou que Ralph se arrependeria por tê-la rejeitado.

Pouco depois, ele tomou uma decisão e mandou que Leon Seth fosse até o solar Mortimer e trouxesse Chloe. Ele queria conhecer a história de sua gravidez. A prima contou tudo para ele, sem reservas. Narrou a mesma história que lhe contei, sem aumentar ou tirar uma só palavra.

Comovido, Ralph propôs se casar com ela e assumir a criança.

— Mas, e Kit? Ela espera um filho seu.

— Quem me garante?

Era sabido que Kit e Annag, chamado de O Gracioso, o cavaliço de Alnwick Castle, tinham algum envolvimento. Annag era belo e atraente e não ganhara aquele codinome a troco de nada. Sendo assim, lorde Ralph manteve seu pedido de casamento a Chloe. Ele estava muito ferido. Sua alma terna havia passado por grandes bombardeios e ele via na doce Chloe um oásis onde pudesse descansar sua cabeça. Não a amava como era apaixonado por Fenella, mas eu já lhe disse: Fenella estava fora dos planos dele. Já Chloe, desiludida e desprezada

por James, agarrou aquela oportunidade. Ela, efetivamente, também não era mais apaixonada por Ralph como outrora, mas o amava, sempre o tinha amado, desde criança. Era aquele amor da prima pelo primo mais velho, a quem admirava. Então não viu como sacrifício aquele casamento. Ela já tinha se submetido a um homem 40 anos mais velho que ela, então a juventude de Ralph era também seu oásis.

Casaram-se imediatamente.

A outra, Katherine Mortimer, com receio de que seu segredo com Annag fosse espalhado por Chloe, tratou de guardar o da irmã.

Em *Neart an Gaoil*, Fenella soube do casamento. Destroçada, juntou seus pertences e deixou a fortaleza, de volta à floresta.

Em Dalkeith Castle, lorde James também soube do casamento e a tênue paz que tinha havido entre os Percy esfacelou-se como uma bruma. Loisse, conquanto, comemorou. Teria seu marido só para ela. Usando o que Chloe havia-lhe ensinado para agradar ao marido na cama, pouco tempo depois ela engravidou e nasceu Heloise, um nome francês escolhido por ele, pois significava sol. Seus dias depois do casamento de Chloe com o conde inglês foram ensolarados. Mas seus dias ensolarados estavam contados. Poucos anos depois, ela faleceu no nascimento de Ella, nome que o pai lhe deu por significar “linda fada”. James não chorou pela morte de Loisse, pois sempre amara Chloe. Não tinha raiva dela, pois por sua culpa a afastara dele, e não ela. Chloe já tinha aceitado todas as humilhações para ficar com ele. Se ele não a tivesse repellido, ela estaria com ele, que poderia finalmente se casar com ela. Mas Chloe agora era a condessa de Northumberland, mulher de seu maior inimigo.

Por alguma estranha razão, o conde de Douglas não estava ansioso para se casar e ter um herdeiro homem. Havia aceito as duas filhas e jamais queixara-se de ter tido apenas meninas.

Por outro lado, em Alnwick Castle, Chloe também teve filhos. O fruto de seu amor por James Douglas havia nascido e se chamava Jimmy. Ela havia insistido com Ralph para que o filho se chamasse daquela forma, uma notável homenagem ao próprio pai biológico. Pouco tempo depois, ela engravidou de Ralph e tiveram Beatrice.

Mas, por ironia do destino, se O Comandante jamais aparecesse, quem herdaria o condado de Northumberland seria um Douglas.

Os anos foram passando. Ralph aprendera a amar Chloe e ela a ele. Quando ela tentava olhar para trás, ele dizia que esquecesse o passado e olhasse para frente. Se ele fazia o mesmo, não sabemos, pois Ralph nunca mais foi o mesmo depois daquela noite em *Neart an Gaoil*. Nunca conseguiu esquecer o

rosto dos amantes. Também não havia um dia em que ele não pensasse no sobrinho desaparecido e no quanto havia falhado com a família Percy. Corroía-se de culpa.

Falhei drasticamente. Ele sempre se martirizava.

Afinal, se O Comandante estivesse morto, e ele acreditava que sim, Jimmy seria o conde. Mesmo que todos pensassem que Jimmy era um Percy, ele, Chloe e Kit sabiam que não. Ralph não confiava em Kit e temia que a cunhada revelasse aquele segredo. Se isso ocorresse, toda a sua reputação estaria perdida. Que espécie de homem ele era que não fora capaz de gerar um herdeiro homem?

Mas ele não desistia e Chloe novamente concebeu. Outra menina, a quem chamaram de Flora. Tinha sido um parto extenuante e Chloe quase morrera. Dessa forma, ela não podia ter mais filhos. Decidiram, os dois, que não mais se tocariam.

Vivendo em Alnwick Castle como somente primos e pais de Jimmy, Beatrice e de Flora, os dois seguiram com suas vidas. Ralph nunca mais soubera notícia de Fenella e abandonara *Neart an Gaoil* como um lugar mal-assombrado. Quem passava em frente contava que sempre ouvia um choro de uma criança. Mais tarde, diziam que viram um menino correndo por lá, e 18 anos depois, viram um lindo guerreiro lutando esgrima nos jardins. Havia quem afirmasse de pé junto que o companheiro de tal jovem era James Douglas.



18 | A REVELAÇÃO

“Quem nunca altera a sua opinião é como a água parada e começa a criar répteis no espírito”.^[29]

Com 41 anos de idade, Chloe adoeceu mortalmente. Talvez tivesse olhado para trás e permanecido agarrada ao passado. O que se conta é que ela caiu doente. Negava-se a comer, a beber e Ralph a via definhando dia após dia. Jimmy Percy, muito apegado à mãe, passava horas com ela em seu quarto, insistindo para que ela se alimentasse. Muitas vezes Mrs. Mercer viu Jimmy chorando. Ralph, mais forte que Chloe, sabia que as pessoas felizes lembravam do passado com gratidão e alegravam-se com o presente, encarando o futuro sem medo^[30]. Embora ele mesmo tivesse suas recaídas, não podia esmorecer diante da família. Tinha que ser forte.

Mas nada o preparara para o que ocorrera. Certa noite, ele ouviu gritos e correu para o quarto da mulher. Deparou-se com a seguinte cena: James, o conde de Douglas, estava caído no chão e Jimmy estava sobre ele, empunhando uma espada, prestes a matá-lo.

— Não! Ele é seu pai! — gritou Ralph, segurando a mão do rapaz, antes que a espada chegasse ao pescoço do conde escocês. Chloe, apavorada, também havia gritado e perdido a voz, e o conde de Douglas nunca estivera tão impactado.

— Meu o quê? — Jimmy tremia e a espada caiu de sua mão, fazendo um estrondoso barulho no assoalho. O conde de Douglas pegou a espada que o filho empunhara para ele e a tirou do caminho. Ele olhava em choque de Jimmy para Chloe, como se pedisse a ela que confirmasse aquilo. Chloe, chorando, balançou a cabeça, afirmando que o que Ralph dissera era verdade.

— Meu filho? — disse James.

— Sim. Jimmy é um Douglas — disse Ralph, deixando seu corpo cair numa cadeira.

— Não! É mentira — respondeu Jimmy, vermelho, tão alterado que todas as veias de seu rosto e pescoço eram visíveis.

— Meu filho, se me ama, aceite isso. Você nasceu do maior amor da minha vida — Chloe se pôs a chorar e, em seguida, começou uma crise de tosse, como se sufocada, e todos pensaram que ela morreria naquele instante. Jimmy subiu na cama da mãe, segurou-a nos braços e, chorando, pediu perdão.

— Não morra, mãe. Perdoe-me.

Não era novidade para ninguém que Jimmy amava mais a mãe do que a Ralph. Este o tinha criado como filho, dado amor, educação, ensinando-o a ser um guerreiro. Mas, por algo que apenas o espírito do jovem sentia, lá no fundo de sua alma Jimmy sentia que sua mãe o amava mais que seu “pai”. Agora estava explicado. Ele era um pato em meio aos cisnes. Ele era um Douglas e não um Percy.

Essa revelação mexeu profundamente com James Douglas. Sentou-se na beirada da cama e levou as mãos à cabeça. Por fim, eram ouvidos apenas os soluços de Chloe e de Jimmy.

— O que faremos agora? — por fim James perguntou, olhando para Ralph. Mas Ralph não fazia ideia do que ocorreria dali para frente. Para não deixar que um filho matasse o próprio pai, fosse a mão que vertesse o próprio sangue, ele havia revelado o segredo de toda uma vida. E agora? O que seria de todos eles? O abatimento havia tomado conta do conde Percy. Era visível em sua face.

— Vossa Senhoria — disse James. — Tenho também uma revelação a fazer.

Ralph olhou-o. Ele sabia. O que o conde de Douglas revelaria mudaria o futuro de todos eles. Começou a tremer e Jimmy achou que perderia a mãe e o “pai” no mesmo dia.

— Eu... proponho uma troca. Eu levarei comigo para Dalkeith Castle... sua... Chloe e meu filho e lhe entregarei seu herdeiro.

— Harry, O Comandante? — todo o sangue fugiu da face de lorde Ralph.
— Oh meu Deus! Oh meu Deus! Por que eu nunca imaginei isso? O conde de Douglas precisava de um herdeiro e pensava que Harry tivesse o sangue Douglas.

— O Comandante tem o meu sangue! Ele também é um legítimo Douglas, pois é filho de Mary Evans, a noiva que seu maldito irmão roubou de mim. Eu deveria ter sido o marido dela se um desgraçado Percy não tivesse atravessado o meu caminho. Mary Evans, a mãe de Harry, era uma Douglas, ou Vossa Senhoria não sabia disso? — bradou James, como se recitasse um grito de guerra. Depois que a mágoa do passado fora extravasada de forma tão passional, já que ao lamentar a perda de Mary Evans, sua antiga paixão da juventude, ela menosprezava Chloe, o seu amor da maturidade, ele voltou-se para a doente à beira da morte e seu olhar continha o lamento por seu rompante juvenil. Tomou a mão dela entre as suas e fez um pedido de perdão silencioso. E, como se tivesse pegado emprestado uma enxada e não uma vida, senão o herdeiro de Northumberland, ele, voltado às suas próprias angústias, não se dava conta da estupefação que se passava à sua frente: lorde Ralph, horrorizado e ainda lívido, tentava compreender como o segredo sobre a paternidade de Harry tinha sido violado. Quem o traíra? Fenella jamais faria isso, nem Mrs. Mercer, que o criara com tanto amor e também amava Harry como se fosse um filho. Naquele instante, no qual as vidas de todos os envolvidos mudavam de forma definitiva, ele se lembrou de Kit e da noite em que fizera amor pela primeira vez com Fenella.

— Como soube que Harry era filho de Sir Percy e não meu? — gritou Ralph. Ele havia evitado que o filho matasse o próprio pai, mas ele era um Percy e mataria James Douglas ali se fosse preciso, mas o conde escocês não sairia daquele quarto sem revelar a identidade do traidor. Todas as evidências levavam lorde Ralph a acreditar que se tratasse de Kit Mortimer, mas ele queria ouvir a confirmação da boca do Douglas.

— Vocês Percy Northumberland confiam demais em seus primos — desdenhou o homem que lhe roubara o sobrinho.

— Quem? — lorde Ralph sibilou e sua mão foi novamente à espada.

— Seu primo Mortimer, o mesmo que lutou contra mim ao lado de seu irmão em Otterbourne. Como ele soube, eu não sei, mas ele me procurou propondo uma aliança entre os Mortimer e os Douglas. Em troca ele me revelaria o seu segredo, a sua grande farsa, a sua mentira ao rei. Os planos de Roger Mortimer era entregar o menino ao rei, ver a cabeça da criança rolar e levar Vossa Senhoria para a forca por traição à Coroa. Eu salvei a vida do

Comandante!

— Maldito Roger! — disse lorde Ralph, pois sabia que Douglas estava falando a verdade. Roger Mortimer o queria morto por causa de Fenella. Mas matar o próprio herdeiro de Northumberland? Para quê? O que ele, um Mortimer, que jamais chegaria ao título, ganharia com isso? Vingança, lorde Ralph deduziu. O primo iria cometer um cruel crime por pura inveja.

— Onde está Roger? Eu o matarei, pois essa semente maldita precisa ser exterminada.

— Era Roger Mortimer ou o menino. Tive que fazer uma escolha.

— Matou Roger Mortimer? O irmão de Chloe? — lorde Ralph aproximou-se do Douglas e murmurou para que nem a prima e nem Jimmy, ainda em estado de choque, o escutassem.

— Eu não o matei, pois não sujaria a minha espada com sangue tão vil. Mas se ele estivesse vivo, Harry não estaria sendo disputado por nós dois, como agora. Seria mais um punhado de ossos, entre tantos os outros que o rei da Inglaterra acumula.

Lorde Ralph ficou olhando para o Douglas. Pelo que ele se lembrava, aquela era a primeira vez em que os dois estavam de acordo em algo. Roger Mortimer era uma fruta podre entre os Mortimer. Ao pensar nisso, a imagem de Kit veio à sua mente, mas ele a desviou. De certa forma, ele se culpava pelo o que tinha acontecido entre ele e Kit, mesmo que ela o tivesse enganado. Mas era somente mais um graveto de culpa na fogueira de seus remorsos.

— Tive que mentir dizendo que Harry era meu filho e de Fenella. Mentir para preservar a vida dele.

— E por causa dessa mentira ele foi criado pensando que é um Douglas — complementou James.

— Onde ele está?

— Sempre estive em *Neart an Gaoil* — respondeu James. Nunca saiu de lá. Mas pensa que é meu filho com alguma rameira qualquer.

— Maldito Douglas! — Ralph partiu para cima dele com a espada, mas dessa vez foi Jimmy quem defendeu o seu sangue. Colocou-se entre James e Ralph, pronto para morrer pelo seu pai, sob a espada daquele que lhe criara.

Isso tocou profundamente a alma de Ralph. O elo invisível que ligava as famílias pelo peso do sangue. Diante disso, da escolha de Jimmy, Ralph perguntou a Chloe o que ela queria.

— Meu desejo é terminar meus dias junto de Jimmy e de seu verdadeiro pai.

— E Beatrice e Flora? O que direi a elas? Que a mãe as abandonou?

— Nunca as abandonarei. Mas creio que elas preferirão sua mãe viva.

Não havia mais o que fazer. Ralph soltou seus braços ao longo de seu corpo. Fora vencido, suplantado pelo sangue e por um amor que sobrevivera anos.

— Tem a minha benção — disse ele antes de sair do quarto.

Que o povo falasse. Eles sempre falaram e falariam deles.

Naquela mesma noite, ainda de madrugada, o conde de Douglas transportou a doente Chloe para Dalkeith Castle e Jimmy estava com eles. Ralph não dormiu. Ficou à espera do sobrinho, que ele sabia que retornaria para casa.

O Comandante chegou naquele mesmo dia. Era como se estivesse vendo Sir Percy na juventude. O mesmo porte ereto de guerreiro, o mesmo andar intrépido, a mesma ousadia no olhar, a mesma bravura nos braços. Já estava a par de tudo. Mas quando viu o retrato de si mesmo na parede de Alnwick Castle, Ralph viu seus olhos marejados.

— Eu não sei o que dizer, Harry, a não ser seja bem-vindo à sua casa, ao seu condado. A partir de hoje você é o quarto conde de Northumberland.

— Não, meu tio. Não quero o título agora. O senhor é o conde. Um dia, se Deus quiser, eu serei um.

Harry foi apresentado a todos, às primas Beatrice e Flora, e tomou posse do quarto que um dia fora de seu pai e de sua mãe. Mas as surpresas daquele dia não tinham terminado. Ralph estava em seu escritório com Leon Seth quando Mrs. Mercer foi avisá-lo de que alguém esperava por ele nos portões de Alnwick Castle.

— Quem espera por mim?

— Uma mulher, milorde.

— Por que ela não entra?

— Porque pede a sua permissão.

— Quem é?

Pelo olhar de Mrs. Mercer ele soube que se tratava de Fenella, e seu coração retumbou como há dezoito anos não retumbava. Ele e Leon trocaram um olhar e Ralph balançou a cabeça, autorizando a entrada dela. Em seguida, ele foi para a janela que dava acesso ao pátio. Pouco depois a viu. O que pareceu aos seus olhos era que os anos não tinham feito nenhuma mudança nela. Continuava com a espessa cabeleira vermelha, tão magra como sempre fora, e linda. Ele a achou linda. Ao lado dela, ele viu um rapaz, e se indignou.

Como ela ousa vir até a mim com o marido? E ainda por cima muito

mais novo que ela? Aquela descarada.

Mas quando os dois se aproximaram da janela, quando ele discerniu as feições do rapaz, estremeceu e toda a cor fugiu de sua face.

O que seu coração já tinha lhe dito foi confirmado pelos próprios lábios de Fenella.

— Meu filho, apresento a você o seu pai, Ralph Percy, terceiro conde de Northumberland.

O rapaz, uma cópia de Ralph aos 17 anos, ocasião em que se fantasiara de padre, olhou de Fenella para Ralph, muito surpreso.

— Mas... me disse que viríamos aqui pedir trabalho — disse ele, muito encabulado.

— Eu menti, pois decerto, se dissesse que seu pai era o conde, não acreditaria em mim.

— Ainda não acredito.

Fenella não se dirigiu ao filho, mas ao estático e chocado Ralph.

— Eu soube que perdeu seu herdeiro, que Jimmy é um Douglas. Então lhe trago um Percy. Gawain, mais conhecido como Lobo.

— Meu filho — Ralph, por fim, balbuciou.

— Não sou seu filho — disse o arisco Lobo, o rapaz criado na floresta.

— Basta olhar aquele quadro — Ralph apontou para o seu retrato, pintado na época de Cambridge. O rapaz olhou e Ralph viu a cor fugindo do rosto dele.

— Se reconhece?

Mas o rapaz respondeu com uma pergunta.

— Por que largou minha mãe e seu filho numa floresta?

Ralph e Fenella trocaram um olhar. O que diriam para o falcão branco de batalha, pois este era o significado do nome de Gawain? Falcão ou Lobo, eles teriam que contar a verdade, pois os olhos inteligentes e vivazes do rapaz olhavam de um para outro, como se lessem a mente dos dois.

Os instantes de silêncio se agigantaram diante deles. Por fim, Ralph disse a verdade:

— Desde os meus 17 anos, um rapaz como você, eu amei a sua mãe. Vi-a numa diligência de Londres para a Escócia e não houve um único dia nesses 31 anos que eu não pensasse e chorasse por ela. Não chorar, como está pensando, embora eu tenha feito isso também. Mas o choro de um coração ferido derrama mais lágrimas que os olhos de uma criança faminta, que anseia pelos seios de sua mãe. Os adultos, porém, têm a estranha mania de buscar o sofrimento ao

invés da alegria simples e pura. Era muito mais fácil eu e sua mãe termos ficado juntos, criado você, meu filho, aqui em Alnwick Castle, como é o seu direito, mas eu fui orgulhoso, preconceituoso e ignorante.

Fenella certamente não esperava ouvir aquilo. Ralph viu como suas palavras a tinham tocado. Mas ele também estava imensamente tocado pela visão dela. A mesma que ele afugentara dia após dia, noite após noite, na tentativa de amar Chloe como amava Fenella. Ele viu o erro que cometera, fazendo não somente a ele infeliz, mas a Chloe, Fenella e aos filhos de ambos.

— Não posso alterar um só dia do passado, mas posso escrever um futuro diferente. Quero que se mudem imediatamente para Alnwick Castle. Deus! Você tem duas irmãs lindas, que vão amar saber que têm um irmão. Beatrice é a alegria em pessoa e Flora, a determinação. Irá gostar delas, tenho certeza.

— Não virei — respondeu Fenella.

— Se a senhora não vier, tampouco eu.

— Os dois não saem daqui. Nem que para isso eu tenha que usar a força.

Ao dizer isso, Ralph correu para a porta e chamou por Leon. Deu a seguinte ordem:

— Leon, Fenella e meu filho — ele apontou para o rapaz — não devem passar pelos portões sem que eu esteja com eles.

Se Fenella ficou enfurecida com a ordem de Ralph, não podemos afirmar. O que aconteceu é que daquela data em diante ela se tornou a senhora de Alnwick Castle. Conta-se que lorde Ralph a visitava em seu quarto todas as noites, e nas noites que ele não ia, Fenella ia ao quarto dele.

Em Dalkeith Castle Chloe recuperara a saúde. Da mesma forma, tornara-se senhora do castelo e amante de James. Nem ela e nem Ralph podiam se casar com seus parceiros, mas isso não impediu que vivessem suas vidas com quem eles queriam. Heloise e Ella aceitaram Jimmy como seu irmão e o futuro conde de Douglas logo aceitou seu destino.

Heather, irmã de James Douglas, havia arrumado um noivo francês e pela França ficou, casando-se com ele. De forma que Chloe reinou poderosamente em Dalkeith Castle, provando que “nossos melhores sucessos vêm depois de nossas maiores decepções”^[31]. Ela retomou sua relação com James como se jamais tivesse havido uma ruptura. De fato, “a ausência só mata o amor quando ele já está doente na data da partida”^[32], e o deles nunca desvanecera.



19 | COMPLICAÇÕES DE SANGUE

“Amar é consequência de uma atração espiritual acima de qualquer mera paixão humana”.^[33]

Com Chloe vivendo em Dalkeith Castle era natural que as filhas quisessem visitar a mãe, e Ralph permitia que Beatrice e Flora cruzassem a fronteira da casa de um Percy para a de um Douglas desde que Harry, O Comandante, e Lobo as acompanhassem. Novamente uma pausa de paz sobreveio entre as famílias.

Contudo, como sabemos, a convivência de rapazes e moças sempre acarreta paixões. Logo, O Comandante e Heloise Douglas começaram a ser vistos muito tempo juntos. Embora Harry sempre tivesse acreditado que fosse um Douglas, filho de James com alguma “mulher da vida”, como o conde tinha lhe mentido, até então nunca tinha visto Heloise e nem sua irmã mais jovem, chamada Ella. O motivo de desconhecer aquelas que supostamente eram suas irmãs foi que passara muitos anos num colégio interno, somente visitando a Escócia nos períodos de férias escolares, ocasiões em que se hospedava em *Neart an Gaoil*. Certamente Harry acreditava que aquela fosse a residência do conde de Douglas. Portanto, só tomou conhecimento das moças em Dalkeith Castle.

Assim que ele e Heloise se viram, conectaram-se. Foi uma atração

instantânea, tanto da parte dele quanto dela. A doçura e a bondade de Heloise encantaram o jovem Comandante, e a intrepidez dele deve ter exercido algum fascínio sobre ela.

Como eu disse, os Percy e os Douglas estavam em um intervalo de paz. As rixas tinham sido eliminadas e integrantes de uma família eram sempre vistos na propriedade da outra, fosse na Escócia, no Norte da Inglaterra ou em Londres.

Embora Lorde James tivesse reavido seu filho legítimo, Jimmy, pelo qual nutria um carinho especial, talvez por ser filho de Chloe, era notório que amava mais o jovem Harry Percy, a quem chamava sempre de meu Comandante. Era natural. O conde tinha visto Harry crescer, havia acalentando por muitos anos a ideia de que aquele intrépido guerreiro um dia se tornaria seu sucessor. Talvez, quem sabe, James tivesse comparado Harry com o filho morto, um fraco — como ele se referia a ele quando vivo —, e se regozijado porque o próximo conde de Douglas seria um bravo senhor.

Quanto às filhas de Loisse, a mulher a quem ele nunca amara, o conde escocês visivelmente desprezava. Diante desse cenário, quando Harry quis se casar com Heloise, James Douglas viu nisso algo muito bom, pois seu Comandante voltaria a ter laços com ele, e como um filho. Sem mencionar que Harry era filho de Mary Evans, uma mulher que o próprio James quisera para ele, que também fora uma Douglas, sobrinha dele, aliás. Então, de certa forma, para James, fazia todo sentido aquele casamento entre o futuro conde de Northumberland e sua filha.

Quanto a lorde Ralph, o que ele podia fazer para impedir aquele casamento? O próprio pai de Harry tinha sido casado com uma Douglas. Portanto, deu também a sua permissão.

Entretanto, caro leitor, enquanto a atenção de todos estava voltada para o enlace de um Percy com uma Douglas, o pior estava acontecendo bem embaixo dos narizes da nobreza do Norte e nenhum deles parecia notar. Lobo, o filho de Fenella com Ralph, parecia muito interessado em Flora, a filha de Chloe com o mesmo nobre. Quando eu mencionei lá atrás que parece que a Providência possui um roteiro limitado, eu não estava brincando. O que me parece aqui é que a tal lenda, de que o sangue de um Douglas jamais poderia se misturar ao de um Percy, senão, uma danação viria sobre eles, e para sempre, parecia mesmo verdadeira. Embora Lobo e Flora fossem filhos do mesmo pai, não tinham amor fraterno um pelo outro, o que era compreensível.

Flora era tão voluntariosa e obstinada quanto o tio, Sir Percy. Lobo era mais parecido com Ralph. Embora terno, nada tinha de fraco. Nunca confunda ternura com fraqueza. Ele tinha sido criado na mata, em meio aos bichos, e era

tão ágil quanto um leopardo. Era guerreiro e sua habilidade na esgrima era assustadora. Logo ele conquistou o coração impulsivo de Flora, pois, embora tivesse a força dos Percy, possuía uma candura de derreter qualquer coração. No seu olhar via-se isso quando ele estava olhando para a bela Flora. Ela, contudo, retribuía esse olhar com paixão. Quando se juntam ternura e paixão pode apostar numa junção carnal explosiva. Um tentará tirar do outro aquilo que lhe é escasso.

Mas enquanto a paixão proibida que consumia o jovem casal somente aumentava, Ralph e Fenella viviam o momento mágico do reencontro. Era comum vê-los juntos, sorrindo, cavalgando pelos arredores de Alnwick Castle. Amavam-se, isso era notório em cada olhar que Ralph dirigia a ela e Fenella a ele. A sombra do passado tinha se dispersado e eles gozavam da presença um do outro e com o outro. Mas, dizem que “os melhores momentos do amor são aqueles de uma serena e doce melancolia, em que choras sem saber a razão, e quase aceitas tranquilamente uma desventura que não conheces”^[34]. Pois, de fato, as desventuras se multiplicavam diante de Ralph e ele custava a enxergar.

Jimmy, o filho de Chloe com James Douglas, que sempre tivera uma ligação especial com Beatrice, também filha de Chloe, mas com Ralph, agora dava vazão a seu impulso apaixonado. Antes, ele lutava para conter o sentimento, que tinha como pecaminoso. Muitas vezes achara-se imundo em desejar a própria irmã. Talvez esse seja o motivo para ele ter aceito tão rapidamente que era um Douglas e não um Percy. Mas o que Jimmy não queria levar em conta era que Beatrice era filha de sua própria mãe.

Sim, o povo dizia que Sir Percy havia se casado com sua irmã por parte de pai, mas nunca ninguém provara isso. Com Jimmy e Beatrice não se necessitava de provas: eles eram irmãos.

Fico aqui refletindo comigo mesmo: será que um coração apaixonado não enxerga laços de sangue? Ou quem comandava aqueles corações era uma força superior, a lenda da maldição, por exemplo?

Jimmy, que antes parecia um rapaz terno, mais parecido com a mãe, assim que descobriu que era um Douglas transformou-se numa outra pessoa. Foi como se tivesse sido ovelha a vida toda e descobrisse que, na verdade, era um leão. Sua personalidade havia mudado e tornara-se mais parecida com a de James Douglas. Sim, Jimmy era um autêntico guerreiro Douglas. Já Beatrice era Chloe novamente: terna, doce, linda e encantadora. Não podemos condenar Jimmy por se sentir atraído por ela. Excetuando as convenções, vale dizer que no passado remoto era comum irmãos se relacionarem. O próprio Jimmy, para dirimir sua culpa, tratou de procurar argumentos no livro sagrado da família. Ele

argumentava que o casamento de irmão com uma irmã fora um propósito de Deus para o início da criação. “Seth casou-se com sua irmã de sangue^[35]. Caim, casou-se com uma de suas irmãs também. Se Abel não tivesse sido assassinado, teria se casado com uma de suas irmãs, obviamente”, frisava ele. “Além destes, Adão e Eva tiveram outros filhos e filhas que se casaram entre si ou com suas sobrinhas e sobrinhos. Não existiam outras famílias na Terra. Existiam apenas Adão, Eva, seus filhos e suas filhas. Nesta época não havia proibição”. E, se querem a opinião desse velho mordomo, Jimmy tinha toda razão.

Mas os problemas só estavam começando. Lembram-se de Kit, que havia jurado vingança a lorde Ralph? Pois a danada da mulher reapareceu 18 anos depois. É bom lembrar que, na época, logo depois do casamento de Chloe com Ralph, Mrs. Mortimer tinha procurado pelo lorde e pedido ajuda para que Annag e Katherine — como a mãe a chamava — saíssem de Alnwick. Para Ralph era cômodo não olhar mais para Kit, pois ela o lembrava uma noite que ele lutava para esquecer. Dessa forma, doou um grande pedaço de terra em Hampshire para que seu antigo empregado formasse uma fazenda. Parece que Annag conseguiu tornar-se um bom fazendeiro e até prosperar bastante. Ele e Kit acabaram se casando logo depois do enlace de Ralph com Chloe, e tiveram um filho. Filho de Annag? Era o que as pessoas se perguntavam, pois se falava em toda a região que Annag tornara-se estéril depois de um acidente envolvendo alguma parte do corpo dele totalmente necessária à fecundação de uma mulher, devido ao coice de um cavalo enfurecido. Como um casal saudável passa 18 anos juntos e somente gera um filho? Tudo levava a crer que Kit mentira ao dizer que tinha perdido a criança que Ralph gerara nela. Ela, então, retomava sua vingança.

Foi então que chegou ao Norte da Inglaterra Reese Dietrich, cujo primeiro nome significava apaixonado, e o segundo, governante do povo. Kit havia retornado à casa da família Mortimer, na vila de Alnwick, depois de muitos anos sem dar qualquer notícia, e levava seu filho com ela. Logo a intrigante mulher, ao saber que as filhas de Ralph estavam na casa de sua irmã, na Escócia, empreendeu uma viagem para Dalkeith Castle, arrastando o rapaz com ela. Até então, nada sabíamos sobre a personalidade dele.

Era o cenário perfeito para uma vingança. Reese era tão formoso quanto o mais belo Mortimer, ou mesmo um Percy, e ainda possuía carisma. Era um rude fazendeiro, sem dúvida, mas de beleza comparada somente a Apolo. E, decerto por sentir-se à vontade com as primas, revelara uma face tão radiante quanto uma tarde de verão. Logo a filha de James, Ella, ficou interessada nele. Mas Kit tratou de intervir, pois se Reese amasse Ella, toda a sua vingança estaria perdida. Ele tinha que se apaixonar por Beatrice ou por Flora.

E Kit armou a cama. Fazia de tudo para que Reese estivesse a sós com uma delas. Logo surgiu uma rivalidade entre Lobo e ele. Podiam ser irmãos, pois em muito eram parecidos. Ambos eram altos, de olhos claros e majestosos, cabelos negros, como os de Ralph, mas se tornaram rivais por causa de Flora.

Fora Chloe quem enxergara tudo. Ao ver o quadro diante de si, viajou para Alnwick, acompanhada pelo conde de Douglas, para conversar com Ralph e Fenella.

— Está me dizendo que Lobo e Flora estão apaixonados? — Ralph não podia acreditar. Seu filho e sua filha. Ele olhou para Fenella e os olhos da mulher se anuviaram. Ela acreditava na maldição.

— Sim, infelizmente é verdade. E tem mais: Kit está hospedada em Dalkeith Castle com Reese... e tudo leva a crer que ela mentiu sobre... — Chloe objetou e baixou a cabeça constrangida.

— Mentiu sobre o quê? — foi Fenella quem perguntou. Ela odiava Kit e não escondia sua repulsa.

Chloe olhou para Ralph. Ele soube, pois eles se entendiam apenas com um olhar.

— Como sabe? — Ralph perguntou.

— É igual a você.

Chloe viu Fenella abaixar a cabeça. Mas o que se viu nos olhos de Ralph foi uma determinação assustadora.

— Lobo vai para Cambridge e Flora para um colégio interno — disse ele. — Colocarei um oceano entre eles.

— E Jimmy e Beatrice? — o conde de Douglas, até então calado, indagou.

— Oh, meu Deus! Que pecado eu cometi para merecer isso?! — exclamou lorde Ralph.

— Casou-se com Chloe. Nunca deveria ter feito isso — o conde de Douglas rebateu.

Ralph olhou para Fenella. Ele sabia que ela pensava da mesma forma. Quantos anos os dois tinham perdido por causa d sua errada escolha! Mas o que ele poderia fazer?

— Se eu soubesse que Chloe esperava um filho meu, tudo teria sido diferente — continuou o conde de Douglas.

Sim, Ralph sabia disso. O Comandante teria sido devolvido há muitos anos. Quanta dor isso teria sido evitado! Quanta culpa teria sido poupada! Mas ele havia se casado com Chloe e aquilo era um fato.

— Enviarei Beatrice junto com Flora — murmurou lorde Percy.

Chloe começou a chorar. De Dalkeith a Alnwick Castle era muito perto, podiam se ver quase que diariamente, mas para onde Ralph enviaria as suas filhas?

— Para onde pretende mandá-las? — perguntou ela, ainda chorosa.

— Eu não sei — mentiu Ralph, mas ele não queria que o conde de Douglas soubesse. Ele poderia contar para Jimmy. Embora estivessem em paz, ele não confiava no escocês.



20 | O CONVENTO E O MONASTÉRIO

As melhores coisas na vida não são coisas.^[36] A recordação da felicidade já não é felicidade; A recordação da dor ainda é dor.^[37]

Gawain, o Lobo, quando soube que seu pai estava afastando Flora dele para sempre, tomou uma trágica decisão: tornar-se-ia padre. É engraçado quando olhamos o caminhar da história dessa família. No passado, há muitos anos, o próprio lorde Ralph tinha se fantasiado de padre, ocasião em que conhecera Fenella. Depois, o filho deles se tornaria um padre de verdade. Não por vocação, mas por amor a uma mulher que jamais poderia ser dele.

Entretanto, dias antes da decisão de lorde Ralph, Johnny Mercer, o filho mais velho de Mrs. Mercer, que era cavaleiro em Alnwick Castle no lugar de Annag, viu Lobo e Flora juntos no estábulo, sobre a moita de feno. Se eles conceberam o ato, Johnny não soube dizer, pois ficou com receio de ser visto e distanciou-se da cena de amor. Mas ousou dizer que sim. Não somente porque Lobo era um homem cheio de vigor sexual, mas sobretudo por Flora: ela não era de recuar em nada. Por que recuaria quando apaixonada?

Sim, Flora não era de desistir facilmente. Quando percebeu que de nada adiantaria lutar contra a decisão de seu pai, fingiu que aceitava o destino escolhido pelo nobre. Tratou de colocar uma expressão de subjugada na face e no corpo, mas no íntimo de seu ser ela já tinha tudo traçado: fugiria de onde quer que fosse que seu pai a colocasse e voltaria para resgatar Lobo do sacerdócio. Vale dizer que ela riu debochadamente quando soube da escolha do amante.

Já na Escócia, Jimmy Douglas, quando soube da decisão de Ralph, jurou que procuraria Beatrice por toda a Terra, mas que se casaria com ela.

Enquanto o jovem Douglas cavalgava afoitamente pelos campos gelados da Escócia, com o rosto banhado por lágrimas quase congeladas, e um Percy viajava para seu destino solitário, uma carruagem novinha em folha levava as moças para longe de Alnwick Castle.

Quando o veículo passou pela vila, um jovem montado num cavalo perscrutava detrás de uma velha construção. Era Reese, que também se apaixonara por Flora. Acontece que ela era a moça mais bela de toda aquela região. Possuía a beleza da mãe, misturada ao que os Percy tinham de melhor. Sem falar em seu temperamento similar ao fogo. Não havia homem que não quisesse se queimar naquelas labaredas. De cabelos negros encaracolados, densos como uma floresta, a moça de olhos tão verdes quanto um campo à espera das ovelhas era esplêndida. Reese certamente havia enxergado esse esplendor e a queria para ele. Mas Flora não era fácil, sua beleza era cortante, pois a guerreira jovem era muito voluntariosa, uma genuína Percy até seu último fio de cabelo.

Reese não a temia. Muito pelo contrário, gostava do temperamento rebelde dela e sonhava aplacar aquele caprichoso espírito com seu amor. Assim sendo, seguiu a carruagem e não a perdeu mais de vista. Os viajantes, obviamente, não tinham uma grande comitiva. Formavam um pequeno grupo com bons cavalos. Por conseguinte, viajavam muito rápido. A comitiva das ladies podia fazer entre 35 e 40 milhas por dia, viajando apenas durante o dia, pois à noite pernoitavam em alguma estalagem. Reese fazia o mesmo, tratando de esconder seu rosto sob um espesso capuz.

Lorde Ralph havia enviado na frente um mensageiro, que também viajava à noite, para requisitar cavalos extras ao longo do trajeto. Este mensageiro cobria de 55 a 60 milhas por dia. Mas Reese não tinha mensageiro, muito menos cavalo extra. Tinha um bom cavalo, resistente, mas da forma que ele estava exigindo do animal, talvez o perdesse pelo caminho. Ele também possuía algum dinheiro dado por sua mãe, mas nada que pudesse ser comparado à fortuna das moças. Mesmo assim ele chegou a Londres logo atrás delas. Nunca tinha estado naquela cidade e o rapaz da fazenda sentiu-se aturdido em meio àquele alvoroço: cavalos, carruagens, carroças, uma balburdia sem fim. Gritos, relinchos, tropéis, latidos, ambulantes, damas e prostitutas à luz do dia.

A comitiva de Alnwick com as moças, mais seus batedores e carregadores, desembarcou em Northumberland House, a casa da família em Londres. Mas Reese dormiu num beco escuro e fétido naquela noite. Foi a única forma de não morrer de frio.

Não esquentaram lugar na mansão, pois as moças, Leon Seth e comitiva partiram logo cedo para o porto de Dover. O destino deles era Bolonha, aos pés do Apenino Tosco-Emiliano, uma cadeia de montanhas que separa as regiões da Toscana e da Emilia-Romagna. Mas atravessar os Alpes era impossível àquela época, ainda mais com duas donzelas. Era uma jornada longa, cansativa e

perigosa, embora certamente devesse ser esplêndida.

Entretanto, Leon Seth era um sábio viajante e, com duas lindas donzelas, procurou usar transporte através da água sempre que possível, mesmo que isso significasse que deveriam fazer um desvio. Ainda assim podia ser mais rápido e muito menos perigoso do que viajar por terra. A viagem da França para Nápoles, por exemplo, não necessariamente passaria pelos Alpes. Se comesse em Cannes, poderia ir costeando o Sul da França até lá.

Conta-se que foi uma bela viagem, mas os olhos de Flora e Beatrice não enxergaram nenhuma beleza além daquela que tristemente tinham deixado para trás. Sim, a tristeza deixa o coração cego.

Fico imaginando a responsabilidade de Leon Seth. Quantos percursos alternativos ele tivera que tomar. Havia ainda a dificuldade das guerras entre Florença e Milão. Mas os rios Sena, Reno, Loire, Rhône, Mosela e outros eram as principais vias europeias naquela época e creio que ele tivera boas alternativas, pois onde os barcos marítimos não podiam ir, as barcas estreitas podiam, e havia muitos canais para ligar rios e córregos.

O que sei foi que Reese ficou sabendo que elas embarcariam num navio chamado The Garibaldi e tratou de embarcar nele. Conta-se que, em certa parte, a água estava muito baixa e tiveram que mudar para o barco Galatea. Mas Reese havia sido muito inteligente. Empregara-se como marujo no The Garibaldi e quando tiveram que sair do navio para o barco, ele misturou-se aos carregadores e fingiu que se tratava de um. De forma que ele ajudou a empurrar e arrastar o barco e a carga das moças sem ser reconhecido.

Naquela noite, todos pernотaram à margem do rio. De longe ele ficava olhando para Flora, à luz de uma fogueira, embevecido pela beleza dela. Um dos integrantes da comitiva pôs-se a tocar uma canção de Roland, cuja letra era uma poesia épica. O poema em si fora composto em algum momento do século X ou XI e contava a história de Roland, que lutara na Batalha de Roncevaux, em 778, na qual sucumbiu. O conto, embelezando o personagem de Roland com muitas qualidades e características cavaleirescas, era cheio de romantismo.

A certa altura, o próprio Reese, escondido na penumbra da noite, cantou com uma voz grossa e forte a canção de um anônimo, *L'autrier m'iera levaz*. Flora levantou a cabeça e olhou na direção da qual vinha a bela voz. Acompanhava a melodia que saía dos lábios de Reese, com acompanhamento de um tocador de gaita de fole, e foi um momento sublime. Reese, naquele instante, encheu-se de esperança. Pediram que ele cantasse mais e ele entoou a canção *Pastourelle*^[38]. A música era um conto de amor entre um cavaleiro e uma mulher de origem comum: um lorde francês que professara amor a uma plebeia. Uma

representação inversa da realidade de Reese e Flora. Ela era a lady rica e ele o moço pobre.

Será que um dia ela o aceitaria? Será que o amaria, como ele sonhava? Deixemos que o tempo responda, pois o tempo é sábio. Nunca se precipita, embora seja também caprichoso e jamais volte atrás.

Chegaram a Bolonha sem que nada de grave tivesse acontecido às moças - uma preocupação constante de Leon Seth. Ele suspirou aliviado. Mal sabia ele que Reese estivera à espreita o tempo todo. As duas, então, foram deixadas no Monastério Sancti Francisci di le Donne, a escola-convento das Clarissas, na Bolonha, e Leon retornou à Inglaterra.

Lorde Ralph, inicialmente, havia pensado em mandá-las para a França, mas, além da relação daquele país com a Inglaterra estar sempre estremecida por constantes guerras, era perto demais. Apenas o canal separava os dois reinos. Um pavor tomara conta dele quando percebera que a história, maldição ou não, estava se repetindo. Ele queria afastá-las para o mais longe possível de Lobo e Jimmy. O lorde chegou a pensar na Espanha, mas este país também estava com relações cortadas com a Inglaterra, por causa de uma aliança entre Inglaterra e Portugal.

Naquela época, a maioria das meninas não recebia educação, salvo aprender a costurar, bordar, essas coisas, a menos que seus pais as colocassem em um convento. O ensino na escola-convento também não era científico, mas voltado ao estudo das escrituras e no cuidado com as crianças. Portanto, as duas não seriam necessariamente ensinadas a ler. Em alguns casos raros, as mulheres aprendiam a ler e a fazer o cálculo básico; era um caso raro. Mas Flora e Beatrice sabiam ler e escrever, talvez porque lorde Ralph fosse um homem à frente daquele tempo ou porque Flora o tivesse infernizado a vida, o que é bem provável. Elas, então, logo escreveram para Lobo e para Jimmy.

Conta-se que as freiras escondiam o papel, pois certamente, àquela época, era muito caro. A tinta também era coisa rara. Só podia ser oferecida às freiras graduadas e, em último caso, para as moças dos mais altos níveis de nobreza. As alunas também nunca usavam a pena. Mas Flora conseguiu tudo isso e ainda emprestou a Beatrice. Como ela conseguiu papel e tinta? Imagino que subornava alguém no convento.

Na Inglaterra, Lobo havia mesmo entrado para o monastério dos monges cistercienses, uma ordem fundada como uma reação contra a crescente riqueza e opulência dos mosteiros beneditinos. Os cistercienses seguiam a regra de São Bento: cultivavam a simplicidade, a austeridade e o isolamento. Naqueles dias, tudo o que Lobo queria era se isolar do mundo. Acostumado à floresta, ele

adaptou-se à solidão em Rievaulx Abbey, no Norte de Yorkshire.

Cerca de um ano depois, uma carta de Flora para Lobo foi interceptada por Leon Seth e entregue ao pai da moça. Flora, embora soubesse que Lobo tencionava se tornar padre, desconhecia o paradeiro do meio irmão e enviara a carta para Alnwick Castle, na esperança de que chegasse até ele. Dizem que lorde Ralph chorou quando a leu. Mrs. Mercer, sem querer ser bisbilhoteira, ouviu-o lendo para Fenella. Dizia algo semelhante:

Bolonha, ano da minha tristeza.

Meu querido,

Não sei se realmente se tornou um padre, mas se essa desgraça aconteceu, nunca mais sairei deste maldito convento com vida. Penso que o melhor a fazer, já que não podemos ficar juntos em vida, é combinarmos de tirarmos as nossas no mesmo dia e horário. Como eu não sei onde você se encontra, é melhor que venha me encontrar aqui. Estou num convento chamado Monastério das Clarissas. Aqui é o inferno na Terra. Não entendo nenhuma palavra que as freiras dizem e, se não fosse uma freira inglesa, única que fala o meu idioma, eu não estaria escrevendo esta carta para você. Ela me deu papel e tinta escondida da abadessa, uma senhora enorme, que fala cem palavras por minuto e, embora eu não entenda uma só delas, sei que está brigando comigo. Meu amor, jamais esquecerei os momentos que compartilhamos. Deixe-me saber o que pensa, como você está e se ainda me ama...

A carta continuava por páginas e mais páginas. Embora o papel e a tinta fossem caros, parece que Flora não se atentava para isso.

Beatrice também escreveu para lorde Jimmy, porém, ao contrário da carta de Flora, a da irmã chegou ao destinatário. Ficamos sabendo de seu teor, pois lorde Jimmy deixou-a em seu quarto e foi encontrada por Chloe, que pediu que seu amante lesse para ela. Assim que o conde de Douglas leu a missiva abaixo, procurou por lorde Ralph e a narrou a ele. Chloe, aconselhada pelo conde escocês, para não levantar suspeitas, pôs de volta o documento onde o filho o havia deixado.

As cartas tinham sido escritas no mesmo dia. Beatrice, como Flora, jurava amor e fidelidade ao irmão.

“Já que não poderei ser sua, jamais serei de ninguém. Desculpe-me os erros, não sei escrever bem como Flora. Ela saiu ao meu pai, muito inteligente. Já eu sai à minha mãe, um tanto obtusa”.

Creio que Chloe não gostou muito dessa parte, mas mesmo assim continuou ouvindo a leitura:

“Meu amor, eu não sei o que será de mim e de minha irmã aqui. As freiras, com exceção de uma única, que é inglesa, não gostam de nós. Talvez porque Flora esteja constantemente descumprindo as normas e até aprontando contra a abadessa e as freiras mais severas. E o pior, Flora diz que vai se matar para ficar com Lobo e eu temo pela vida de minha irmã. Ela está muito alterada. Você a conhece bem. Manter Flora presa é como prender uma onça em um cercado. Já quanto a mim, não posso recorrer a esse método, pois morro de medo de qualquer objeto cortante ou mesmo de corda. Além disso, desmaio quando vejo sangue. Como poderei me matar sem estes utensílios? Penso que essa não será a alternativa para ficarmos juntos. Já estou conformada e penso que ser freira, desde que seja na Inglaterra, não deve ser tão ruim assim. Às vezes eu fecho os olhos e imagino que estamos juntos. Nestes momentos, eu sou tão feliz que poderia passar minha vida toda imaginando, mas sempre chega alguém e eu sou obrigada a sair de meu devaneio.

Jimmy, seja feliz sem a sua Beatrice. Somos proibidos um para o outro. É pecado. Tente se casar com alguma outra moça daí que não tenha laço de sangue com você. Mas, por favor, nunca me conte. Deixe-me viver da minha doce imaginação e na ignorância...

Conta-se que lorde Ralph ficou muito angustiado após a visita de Chloe e do conde de Douglas e foi retirado da biblioteca por Fenella. Mas naquela noite mesmo Mrs. Mercer teve um sonho muito estranho. Vale ressaltar que as pessoas naquela época se impressionavam muito com sonhos e até se guiavam por eles.

Ao acordar, a governanta abordou lorde Ralph no dejejum. Fenella estava sentada ao lado dele.

— Vossa Senhoria — disse Mrs. Mercer em sua voz de anciã, pois já estava muito velha. — Tive um sonho muito diferente na noite passada. Não foi como os sonhos que essa velha aqui costuma ter.

O conde pediu-lhe que se sentasse e que contasse o sonho. Antes quero esclarecer que Mrs. Mercer tinha lorde Ralph como a um filho do coração. Havia visto o lorde nascer, crescer e tornar-se o homem maduro que era. Ela o amava e queria a felicidade dele. Mas o via constantemente cabisbaixo, infeliz e preocupado com os filhos, em um tempo da vida que finalmente tinha Fenella, o grande amor de sua vida, ao seu lado — fase que ele podia estar gozando com alegria. Penso que aquele sonho era mais a personificação da realidade que ela desejava para ele que um aviso do além ou mesmo uma premonição. Ela pôs-se

a narrá-lo:

— Lorde Howard e Sir Percy apareceram juntos ao lado de minha cama, milorde. Eles disseram que era para eu aconselhar Vossa Senhoria a viver a sua vida e deixar que seus filhos e Harry vivessem as deles. Disse que os destinos de todos já estavam traçados e nada que milorde fizesse alteraria os seus fins.

Lorde Ralph, intrigado, olhou para Fenella em busca de apoio para sua incredulidade. Ele era cético, mas Fenella não. Ela acreditava em sonhos e lorde Ralph viu nos olhos de sua mulher que ela creu em cada palavra dita por Mrs. Mercer. Embora ele fosse descrente, acreditava que Mrs. Mercer estivesse falando a verdade. Fez-lhe várias perguntas e para todas a governanta tinha respostas convincentes. Por fim, ele se deu por vencido: ou algo estava acontecendo além do que ele podia imaginar racionalmente ou estava cercado por supersticiosos. Não acreditava que Mrs. Mercer tivesse inventado tal coisa. Isso não. Mas tendia a acreditar que a própria mente da governanta a induzira ao sonho. Depois de vários minutos em que o lorde passou refletindo, Mrs. Mercer fez menção de se retirar, e ele disse a ela:

— Obrigado, Mrs. Mercer. Talvez a senhora tenha ido dormir preocupada com tudo o que ouviu aqui. Seu sonho certamente foi por causa disso. Não se preocupe com isso.

Ele não disse diretamente que não acreditava em crendices, mas Fenella sabia que ele não se guiaria pelo sonho de uma governanta.

Mas não foi somente Mrs. Mercer quem sonhou. Harry, que não tinha ouvido sequer uma palavra do que dissera a governanta, entrou na sala de desjejum minutos depois, cumprimentou a todos e disse:

— Meu tio, estou surpreso. Tive um sonho com meu avô e eu sabia que se tratava dele, mesmo não o tendo conhecido. Ele falou comigo como se eu estivesse acordado e ele vivo. Meu pai também estava com ele. Eu os reconheci por causa dos retratos da galeria. Eles me disseram algo muito estranho, como se o meu destino e o de minhas primas e primos já tivessem sido traçados. Mais o que mais me intrigou foi que meu pai disse para eu assumir o condado e deixar o senhor partir para Hampshire, para a gruta. Eu não entendi absolutamente nada, pois não sei de que gruta ele falava. Mas quando eu ia perguntar, eles desapareceram na minha frente, como fantasmas. Vejam os meus braços, os pelos estão todos eriçados. Na hora eu não senti medo, pois certamente era um sonho, mas agora não vejo com bons olhos essas aparições noturnas. O que acha disso, meu tio? Estou sendo supersticioso? Detestaria que me achasse um parvo.

A cor fugiu da face de lorde Ralph, pois ele podia ser cético, mas certamente era muita coincidência duas pessoas naquela casa, sem que uma

tivesse conhecimento do que se passara com a outra, terem tido o mesmo sonho. Ele novamente olhou para Fenella em busca de compreensão para o que se passava ali, mas ela escolheu o silêncio, e o lorde disse:

— Não lhe acho um parvo, meu sobrinho.

— Está pensando em ir embora, meu tio? E que gruta é essa?

Sem pensar no que dizia, lorde Ralph respondeu:

— Sim, Harry. Está na hora de você assumir o seu lugar.

— Não, meu tio. O senhor é o conde.

— Não, Harry. Fui conde até você tornar-se um homem. Agora é O Comandante que deve comandar o condado.

— Vai embora e me deixar sozinho?

— Você em breve será um homem casado. Não estará sozinho. Você é um Percy e um Percy nunca tem medo. Seja forte e corajoso, meu sobrinho, e seu pai se orgulhará de você. E eu também.

Naquela mesma tarde, Leon Seth foi enviado para Bolonha. Lorde Ralph havia ordenado que fosse buscar as filhas. E ele, em pessoa, partiu para Yorkshire para soltar Lobo daquela clausura.

Na chegada a Rievaulx Abbey, Lobo foi chamado. Quando Ralph o viu, novamente quase chorou. O vigoroso rapaz estava muito magro. Seus lindos olhos estavam baços e seu braços eram como galhos finos de uma árvore. Ele o abraçou e entregou ao filho a carta de Flora. Deu alguns minutos para que Lobo a lesse e disse:

— Mande Leon buscá-las e trazê-las de volta. Quero que volte para Alnwick Castle e pare de brincar de monge. Eu e você sabemos que não tem chamado para isso, muito menos vocação. Deve estar se saindo um péssimo monge.

Lobo riu, pois era verdade, e Ralph viu nele toda a ancestral beleza dos Percy: aquela que tristeza alguma podia secar, aquela que a lança podia até ferir, mas jamais apagar. Para alegria de Ralph, o filho não colocou resistência alguma à partida e naquela mesma tarde pai e filho retornaram para Alnwick Castle.



21 | A GRUTA EM HAMPSHIRE

“Mas o futuro deve ser cumprido, por mais severo e ferro que seja.”^[39]

Alguns meses após o retorno de Lobo, Harry Percy, O Comandante, já era oficialmente o quarto conde de Northumberland, completamente inteirado de suas responsabilidades como senhor e chefe daquele condado. Lorde Ralph apenas aguardava o retorno das filhas para partir para a propriedade que herdara de seu irmão, Border Peace Park, em Hampshire. Mas quando Leon chegou, Flora não estava na comitiva.

Desesperado, tanto lorde Ralph quanto Lobo correram ao encontro de Beatrice, para saber do paradeiro dela. A filha, porém, só chorava e dizia que Flora havia desaparecido. Ralph questionou Leon e a informação que ele lhe deu mudou todos os seus planos: Flora havia sido sequestrada por um rapaz e as características do sequestrador eram as de Reese.

Imediatamente ele, lorde Lobo — que agora era chamado dessa forma — e Leon saíram à procura de Kit. Ela havia voltado para a fazenda de Annag, o que fez com que a comitiva tivesse que viajar vários dias para o Sul. Lorde Ralph levou Fenella à frente de seu cavalo e a deixou em Border Peace Park. Não queria ficar distante da mulher. Estavam cada vez mais apegados e a distância dela lhe doía no fundo da alma. A maturidade tinha apaziguado o orgulho e muitas coisas que outrora tiveram importância, naquele estágio da vida deles não tinham mais. Viviam o amor da maturidade.

Como imaginavam, Reese há muito havia desaparecido. Kit ainda encenou a mãe chorosa e preocupada com o único filho, mas a cena não convenceu a ninguém. Annag também estava fora e lorde Ralph, muito abatido, voltou para Fenella, enquanto lorde Lobo e Leon voltaram para Alnwick. Não havia o que fazer, pois o próprio Leon tinha contratado vários homens para procurar por eles, sem obter sequer uma pista.

Lorde Ralph se perguntava se Reese seria seu filho, mas não o sentia como tal. Reese se parecia com os Mortimer e se procurasse alguma semelhança

com Annag, decerto a encontraria também. Kit dizia que Annag era estéril, mas ardilosa como era, é possível que estivesse mentindo. Certamente, ela já havia interrompido várias gravidezes, pois não queria ter um filho do cavalariaço.

Com a ajuda de Fenella, Ralph tentava acreditar nos sonhos de Mrs. Mercer, mas era difícil para uma mente racional fiar-se naquilo que não via. Sempre que os questionamentos vinham à sua mente, Fenella o levava para a cama dela... e voltavam a ser os jovens amantes de antes. A paixão deles o tempo não consumira. Ralph olhava para ela e via a moça da diligência, tão linda, tão arisca quanto vermelha. Ele amava aquela massa escarlate e colocava suas mãos sob ela, puxava Fenella para ele e dizia que a amava.

Ela também o amava, mas era mais resistente em declarar seu amor com palavras, embora o fizesse continuamente com ações.

Chloe, orientada pelo conde de Douglas, havia pedido a anulação do casamento com lorde Ralph. Mesmo que fosse muito difícil de conseguir, existia um tipo de anulação que declarava o casamento inválido. Os tribunais da Igreja eram que lidavam com todas as questões religiosas, incluindo o casamento, anulações e a punição por adultério. Para a Igreja, havia apenas algumas razões muito específicas que poderiam permitir que homens e mulheres pedissem a anulação: se uma parte tivesse antes um pré-contrato de casamento com outra pessoa, por exemplo, era um dos motivos. Chloe alegou que Ralph tinha um pré-contrato com Fenella, o que era verdade, pois Ralph e Fenella tinham sido noivos. Se houvesse também uma relação de sangue entre os indivíduos, por exemplo, como casamento entre irmãos, este seria anulado. Ou se a pessoa tivesse se casado com uma menor de idade sem o consentimento dos pais; ou impotência, ou uso de força ou medo para obter o consentimento para as relações sexuais; algum crime, geralmente adultério. Mas nenhum desses últimos eram motivos para que ela alegasse. O conde de Douglas sugeriu que ela alegasse que lorde Ralph usava a força para com ela. Chloe se opôs no início, mas o próprio lorde Ralph consentiu que ela o acusasse. Assim fora feito. Casamento clandestino também era motivo para uma anulação. E Ralph e Chloe tinham feito um casamento clandestino em Gretna Green, na Escócia. De forma que três fortes motivos foram alegados.

Não foi difícil arranjar as provas. O conde de Douglas arrumou várias pessoas que foram levadas ao tribunal da Igreja para confirmar as alegações. O dinheiro não era obstáculo para ele. Os honorários dos advogados chegaram às cifras de £ 7.000 libras. Como já havia jurisprudência - a anulação recente do casamento de lorde Gilbert de Clare, conhecido como Gilbert, o Vermelho, o sétimo conde de Gloucester e sexto conde de Hereford, com Alice de Clare,

antes Alice de la Marche, que alegou adultério por parte do marido^[40] — havia razão para que o conde de Douglas incentivasse Chloe a buscar a anulação.

Para alegria de Ralph e de todos os envolvidos, a anulação foi finalmente concedida. Ralph recebeu permissão do Papa para se casar com Fenella e Chloe para se casar com James.

Fenella era agora lady Percy, e Chloe, a condessa de Douglas. Viviam as melhores fases de suas vidas. A única nuvem que pairava sobre suas cabeças era que Jimmy ainda estava interessado em Beatrice. Lorde Lobo, embora ferido com o desaparecimento de Flora, dava sinais de que estava se recuperando. O Comandante e Heloise estavam mesmo noivos.

Numa tarde de verão, Ralph e Fenella tinham saído para cavalgar. Ele havia deixado por conta do destino as vidas das filhas e dos filhos, embora fosse um pai presente e sempre escrevesse para eles. Fenella também sempre escrevia para lorde Lobo, mas tanto ela quanto lorde Ralph não mais interferiam drasticamente nas vidas deles, como fizeram no passado. O desaparecimento de Flora fora um castigo demasiado para lorde Ralph, pois se culpava ao ponto de arrepender-se de tê-las enviado para o continente.

Ao chegarem à gruta, Fenella apeou de seu cavalo e correu para a entrada. Lorde Ralph foi atrás, pedindo que ela tomasse cuidado, dado que há muito ninguém ia lá. Mas ela havia morado na floresta e não temia nada. Em poucos minutos, ela tinha feito uma fogueira e, com tochas, limpado a caverna. Ralph olhava para ela admirado, a mulher que ele sempre havia amado, desde sua tenra juventude. Aos olhos dele, ela não havia mudado, mas os anos já tinham escrito suas linhas na face de Fenella há muito tempo. A cegueira da paixão é mais um jogo do amor que flerta com o tempo, desconsiderando dias, meses e anos, para que a beleza e, certamente o desejo, nunca se esvaíam. Ela também o via como o jovem lorde, cuja ternura a tinha cativado.

Entraram na gruta e se deitaram. Um sobre o outro. Amaram-se iluminados pelo fogo que incidia uma fraca luz sobre seus corpos. Eram novamente os mesmos jovens amantes de muito tempo atrás, ocasião em que ele, na despenha de um Douglas, tomado pelo desejo de uma paixão desenfreada, fez da guerreira de cabelos de fogo sua amante. Para sempre.



PARTE 2

Embora o presente seja uma soma de incontáveis ações do passado, mesmo que a conduta e as escolhas sejam de outrem, há de ser vivido sobremaneira, para que as alegrias ultrapassem as tristezas, e o gozo vigente suprima o adiamento da felicidade para o futuro.



22 | UMA NOVA GERAÇÃO

Outono do ano de 1.407.

De longe se via apenas uma capa negra esvoaçante. Ao aproximar-se mais, via-se que era um cavaleiro sobre um veloz cavalo negro. Verdade seja dita, ele também parecia negro, pois a escura e enorme capa era jogada para a frente e para trás, dependendo do movimento da ventania ou da direção que o cavaleiro tomava, ora para a direita, ora para a esquerda, como se perseguisse algum animal. A negra e espessa massa de fios, na altura dos ombros, há muito havia se soltado da amarração e revoava como um bando de borboletas, pintando o rosto do lorde com a mais linda cor de azeviche.

Quem quer que fosse o espião que vigiava os passos do rapaz, sabia que se tratava de Lobo Branco, o fruto da relação de lorde Ralph com Fenella, cujo nome Gawain dado por sua mãe, como já mencionei, significava Falcão Branco de Batalha. Porém, o povo simples da vila passou a chamá-lo de lorde Lobo Branco de Batalha, pois ele era o comandante das tropas do exército de Harry Percy, O Comandante, o quarto conde de Northumberland, seu primo.

Àquela época Mrs. Mercer, a velha governanta, já tinha morrido e Johnny Mercer, seu filho, antes cavaleiro, ocupava o lugar dela como mordomo. Aconteceu que o quarto conde, vendo que Mrs. Mercer já estava muito debilitada, esquecia os recados e trocava a correspondência — a anciã teimava

em continuar na função —, por um tipo de consideração aos serviços prestados por toda uma vida, pediu que Johnny passasse a ser ajudante da mãe. Quando ela morreu, naturalmente ele, que sabia de todas as funções, ocupou o lugar dela.

Johnny era casado com Agnes, a filha de um dos guerreiros. Então uma nova Mrs. Mercer entrou para Alnwick Castle e assumiu a cozinha. Agnes era uma boa pessoa e logo a cozinheira e Lobo Branco, que era um caçador, começaram a se dar muito bem.

Naquele dia ele tinha ido caçar na fronteira com a Escócia. Diga-se de passagem que a floresta era o lugar em que Lobo Branco mais se sentia em casa. Sobretudo, ele estava acostumado a cavalgar por todos os lugares que margeavam aquela fronteira. Mas, por distração ou negligência, devido à satisfação pela caça do enorme cervo que trazia amarrado à sua garupa, ele esqueceu a localização de um fosso encoberto por uma sebe e, quando o percebeu, já era tarde demais. Instigou seu garanhão para que o saltasse e o animal não o decepcionou, salvando a vida de ambos, mas a negra capa ficou do outro lado. Certamente, ela tinha se prendido a alguma vegetação. Lobo olhou para trás, mas ponderou que o melhor seria deixá-la no fosso. Cavalgou de volta a Alnwick Castle grato, porque a caça estava bem amarrada à montaria e Mrs. Mercer teria carne para o jantar.

Não era função de lorde Lobo caçar para suprir o castelo. Havia pessoas para isso e muita carne à disposição. Mas ele sempre gostava de levar um agrado para Agnes, pois ela era uma ótima bordadeira e tinha bordado em suas capas um lobo branco, no lugar do usual leão do brasão dos Percy. Era como se ele tivesse um brasão pessoal.

Na divisa com a Inglaterra, muito perto de onde Lobo caçava, ficava o Solar Athelard, que pertencia à família Douglas. Tinha esse nome por causa do antigo proprietário, Mr. Athelard, que morara ali até a morte. Embora o conde de Douglas o chamasse de Solar dos Douglas, o nome pelo qual todos se referiam ao lugar era mesmo Athelard.

Quando Chloe se tornou a condessa de Douglas, Heloise e Ella, talvez um pouco enciumadas porque a mãe nunca conseguira o afeto de lorde James, pediram ao pai que lhes desse sua permissão para se mudarem para o solar. O conde deu, com a condição de que lorde Jimmy acompanhasse as irmãs e elas arrumassem uma dama de companhia. Assim foi feito: lorde Jimmy aceitou prontamente, pois estaria mais perto de Beatrice. E as duas irmãs arrumaram uma acompanhante.

A estirpe da acompanhante não era bem o que o conde de Douglas tinha em mente. Mas ele estava sobremodo feliz com sua permanente união com

Chloe para se incomodar com ninharias ligadas às filhas.

A nova acompanhante era uma das filhas de uma viúva muito pobre que morava nas imediações de Athelard. Conta-se que, a bem da verdade, Mrs. Rosaleen, como era chamada, tinha sido amante de Mr. Athelard enquanto cozinheira dele. Mas quando o fazendeiro morreu, ela ficou sem trabalho, sem teto e com uma penca de crianças esfomeadas, entre elas Rohesia, chamada de Red Eagle, ou seja, Águia Dourada ou Águia Ruiva.

O apelido de uma ave muito comum na região, predadora de animais como perdizes, lebres, coelhos, veados e até bezerros, veio depois que ela conheceu as irmãs Douglas. Não que Rohesia, ou Águia Ruiva, comesse os bezerros, mas a mocinha, uma jovem pálida, sardenta, de cabelos vermelhos, traços celtas e assustadoramente bela, logo despertou o despeito da feia Ella Douglas. De fato, era uma sorte a jovem ainda ser virgem, se é que o era, pois tamanha beleza certamente não passava despercebida. Os cabelos puxados para trás mostravam uma linha fina no topo de sua alva testa. Eram um fluxo de cabelo notavelmente brilhoso. O nariz era delicadamente pontiagudo. A moça possuía uma beleza elegante, clássica, quase escultural. Sua expressão facial era de uma pessoa feliz. Seus olhos suaves davam serena confiança a seu rosto e aos lábios em formato de coração, que eram rosados e delicados. A bem da verdade, a forma dos lábios e da boca era distintamente escocesa, e seu queixo dava sinais de que ela fosse uma pessoa muito forte. O efeito geral que a jovem Rohesia causava era de uma mulher sedutoramente linda, porém, dados suas vestes e modos, uma moça muito simples.

Rohesia geralmente caçava para levar comida para seus irmãos mais novos. A irmã Raja, um ano mais jovem que ela, ficava em casa tomando conta dos cinco irmãozinhos e da mãe doente, que estava o tempo todo acamada.

Por que estou falando sobre essa família? Porque ela terá um papel muito importante daqui para frente.

As irmãs Douglas conheceram a jovem Rohesia quando a moça estava espiando as duas sentadas no jardim de Athelard. A pobre mocinha era muito curiosa e tinha verdadeira paixão pelos chapéus usados pelas damas ricas, na verdade uma espécie de hennin^[4], e por suas vestes coloridas e túnicas, um enorme contraste com as roupas grosseiras e ásperas que ela usava. Naquele dia, lady Heloise usava um hennin enrolado e acolchoado sobre um capuz, ainda coberto com um véu, para proteger o rosto dos insetos, mas mesmo assim ela viu a mocinha e a chamou:

— Ei! Quem está aí nos espionando?

Como muito medo, Rohesia começou a tremer e não conseguiu correr,

pois seus joelhos fraquejaram.

— Responda ou eu vou mandar chamar os guardas — insistiu lady Heloise, mas Rohesia também tinha perdido a fala. Lady Ella, que até então apenas escutava, olhou para onde havia um dos guardas e gritou para que ele pegasse o intruso e desse uma boa sova. O guarda, mais que depressa, adiantou-se sobre a sebe e arremessou seu machado. A mortal arma passou de raspão, mas mesmo assim acertou o rosto da moça, especialmente a boca, quebrando parte de um de seus dentes frontais.

— Oh! É só uma menina! — exclamou lady Heloise, que sempre tivera um coração mais bondoso que o de sua irmã.

— O que faz aqui? — gritou o guarda, segurando-a pelo braço e levantando-a. Toda ensanguentada, a moça cobria a boca com a mão e, por causa do ferimento, não conseguia falar. Em estado de choque, lágrimas se misturavam ao sangue da pálida criatura de olhos atemorizados.

— Leve-a para dentro de casa e mande chamar o boticário imediatamente — ordenou lady Heloise. Lady Ella, cujo coração parecia de pedra, achou a atitude da irmã um absurdo. *Levar aquela imunda para dentro do solar.* Mas lady Heloise era a mais velha e mais sensata delas. Logo lorde Jimmy chegou e ordenou que a moça recebesse o melhor tratamento.

Por causa do grave incidente, a mocinha que só queria admirar os chapéus de perto, para tentar fazer um igual para ela e outro para a irmã usando a vegetação da floresta, acabou sem um pedaço do dente, com um corte na face e um enorme hematoma nos lábios. Muito aborrecido, pois tinha sido criado em Alnwick Castle e respeitava os servos, lorde Jimmy tratou de ir ter com o restante da família da jovem para explicar que ela estava segura no solar.

Ao chegar no lugar indicado por Águia Ruiva, pois foi lady Ella quem começou a chamá-la dessa forma, o lorde encontrou toda a família numa pequena cabana no meio da mata dividindo um único e malcheiroso cômodo com os animais e correndo grande risco de incêndio, pois um fogão no centro da cabana, além de deixar o ar permanentemente esfumaçado, emitia labaredas que roçavam as rústicas roupas de lã que eles usavam. A única mobília do lugar era um par de banquetas, um baú velho e algumas painéis. Sentiu-se culpado pelo que ocorrera à inocente e provedora mocinha, pois Rohesia, quando se recuperou do susto, contou que estava ali apenas de passagem, pois estava indo caçar para levar comida para os irmãos e para a mãe doente quando viu as damas e parou para admirar seus vestidos e chapéus. Então, o lorde ofereceu trabalho para ela e para a irmã mais nova na cozinha do solar e designou um chalé decente perto dali para a família morar.

Em pouco tempo lady Heloise se afeiçoou a Rohesia e pediu ao irmão que permitisse que ela fosse sua dama de companhia. E assim foi feito. Rohesia então ganhou os vestidos usados de lady Heloise e até um velho chapéu que ela tinha descartado. A moça, que nunca tivera nada além de um pano velho e sujo amarrado na cabeça, sentiu-se a mais sortuda pessoa da face da Terra.

Um mês após Rohesia estar como dama de companhia de lady Heloise, esta resolveu que iria cavalgar sozinha. Deixou Rohesia no estábulo à espera dela e cavalgou para longe. Ela queria escapar e ir até as terras do noivo. Faltava apenas uma semana para o casamento dela com lorde Harry Percy, e lady Heloise queria ficar a sós com ele, coisa que era impossível em Athelard, já que lady Ella estava sempre com eles.

Entretanto, por azar, o dia que lady Heloise escolhera para o passeio fora justamente o mesmo em que Lobo saía para caçar nas imediações do solar dos Douglas. Sucedeu que lady Heloise não retornou na hora marcada e Rohesia foi obrigada a ir relatar o fato a lady Ella. Esta, autoritária, disse que se algo acontecesse à irmã a culpa seria da mocinha, pois ela jamais poderia ter deixado que sua lady saísse sozinha. Chorando, Rohesia foi comunicar o fato ao futuro conde de Douglas.

Imediatamente saíram à procura da lady desaparecida. Estava escurecendo e tochas foram preparadas e acesas. Era um tempo perigoso, além dos animais ferozes que habitavam na floresta, como lobos e outros, havia as gangues da fronteira, conhecidas como os Reivers, que invadiam as terras ao redor, roubavam ovelhas, gado e cavalos. E estuprariam, com certeza, se encontrassem uma moça andando sozinha. Já tinham feito centenas de ataques e dezenas de homens já tinham sido mortos em longas batalhas ao longo das fronteiras da Inglaterra e da Escócia. Lobo Branco, como chefe do exército da fronteira da Inglaterra, era responsável por contê-los.

Muitas horas mais tarde, lady Heloise foi encontrada quase morta de frio e nua. Antes foi encontrado seu sobretudo, usado sobre uma cotehardie^[42] de brocado e forrada de pele. Perto das vestes dela, a capa de Lobo Branco.



23 | O DESENTENDIMENTO

“É muito mais fácil acusar que defender, como é mais fácil causar um ferimento que curá-lo.”^[43]

Poucas horas depois, lorde Lobo foi chamado ao escritório de Harry Percy. Ao entrar, encontrou o conde desfigurado: ódio e revolta estavam estampados nas belas feições do Comandante. Ao ver o primo naquele estado, Lobo interpretou como um desentendimento entre os Percy e os Douglas e desembainhou sua espada indo na direção de lorde Jimmy. Na mente de Lobo Branco só o término da paz entre as duas famílias podia trazer tamanha consternação às feições do primo. Mas foi detido por um grito.

— Detenha-se, maldito! Jimmy Douglas o acusa de ser o violador de Heloise Douglas, sua irmã e minha noiva.

— Sua capa — exibiu o Douglas, furioso — estava ao lado do corpo de Heloise.

— Por Deus! Ela está morta? — perguntou lorde Lobo, alheio à acusação que pesava sobre ele.

— Não! Mas está desonrada e perdida — foi lorde Harry, o noivo, quem respondeu. — E você vai me pagar por isso, Lobo. Como ousou fazer uma barbárie dessa com a minha noiva? Que espécie de monstro abrigo em Alnwick Castle?

— Comandante! Primo! Estão achando que eu fiz isso? — somente neste instante Lobo se deu conta de que sua capa, ao lado do corpo de Heloise, o incriminava de forma grave.

— Temos a prova — os dentes do conde de Northumberland estavam cerrados. Seus olhos, tão idênticos aos de Sir Percy, seu pai, eram duas esferas de ódio.

— Se o conde Percy não o matar, eu o farei — bradou lorde Jimmy, que, como Harry Percy, trazia também ódio em cada sílaba sibilada.

— Não fui eu. Dou a minha palavra. Perdi essa capa enquanto caçava na fronteira hoje cedo. Inadvertidamente, esqueci-me do fosso e se Dangerous não o tivesse saltado, eu nem aqui estaria para me defender. Trouxe um cervo para Mrs. Mercer, e a cozinheira pode comprovar que falo a verdade.

— Mente para seu senhor! É um animal semelhante ao seu nome! — gritou Harry. — Quer uma desavença entre os Percy e os Douglas para mantermos a tradição da guerra entre as nossas famílias? Ou quer o meu lugar? Entregue-me sua espada agora.

— Está me tirando do comando do seu exército?

— Traidores e violadores não podem me servir — respondeu lorde Harry.

— Está cometendo um grande erro, meu senhor — respondeu Lobo, colocando pacificamente sua espada sobre a mesa à frente do conde.

E os mesmos guerreiros, que antes eram comandados por ele, sob as ordens do jovem conde, levaram lorde Lobo para o calabouço, mesmo a contragosto.

Todos o amavam, pois Lobo Branco era justo. Era o mais forte combatente, o mais valente e destemido soldado, o que ia à frente e dava a sua vida, se assim fosse preciso, em defesa de Alnwick Castle e do reino. Portanto, os guerreiros que o levaram ao calabouço o fizeram porque o conde ordenara, mas uma única palavra de Lobo os colocaria contra o conde, a favor do outrora comandante deles. Mas Lobo Branco nunca tencionara ser conde, tampouco invejava o primo e jamais seria a causa de uma revolta entre os Percy. Ademais, ele gostava de ser livre e como conde estaria preso às obrigações de um condado, a inúmeros compromissos em Westminster. Lorde Lobo amava a mata e odiava as aglomerações sociais.

Em defesa de Harry Percy temos que entender que o lorde iria se casar com Heloise Douglas, a quem acreditávamos que ele devia amar. De outro modo, por que estaria se casando com uma Douglas? Volto a dizer: essas duas famílias sempre estiveram em lado opostos. Estavam vivendo um insólito tempo de paz, já que o normal, entre eles, era a guerra.

Há poucos meses, um cavalheiro de Londres, Patchetts, que tencionava comprar um título de baronete ou mesmo de barão, havia mudado para perto da vila de Alnwick, com intenções nada admiráveis. O homem possuía uma fábrica de armas de todos os tipos, como lanças, espadas, mace^[44], mangual^[45], martelos e machados, Halberd^[46], bastões, arcos longos, cimitarra^[47], entre muitos outros utensílios de guerra. Entretanto, após reequipar o exército real por causa das inúmeras baixas da Batalha de Shrewsbury, da revolta de Sir Percy contra o rei, muitos anos atrás, pois o exército de Sir Percy ficara com o despojo da guerra, o

homem deixara de fornecer armas para o exército do rei. O motivo foi que Sua Majestade descobrira que Sir Patchetts tencionava bajulá-lo para conseguir um título. Havia muitos outros ferreiros menos ambiciosos que fabricavam as mesmas armas. Sendo assim, por que o rei faria negócios com um homenzinho tão insultuoso?

O patife cavalheiro, que via a cada dia seu capital minguando, viu na desavença uma saída para seu negócio. Não somente uma guerra entre essas duas famílias da fronteira o salvaria da bancarrota, mas também uma aproximação de sua filha, Gonora Patchetts, com as irmãs Douglas. Afinal, ele queria que sua filha fosse condessa, pois um eventual casamento dela com lorde Jimmy o levaria às alturas na escala social e a muitas honrarias. Ficaria muito rico e, quem sabe com uma filha condessa ele conseguisse ser, pelo menos, baronete. Era o sonho do homem baixinho com ambições gigantes.

Então, esse inusitado cavalheiro, com a intenção de acusar lorde Lobo, espalhou de ouvido a ouvido, por toda a redondeza, algo assim: “ouvi dizer que um homem avistou lorde Lobo na fronteira à espera da moça Douglas e, quando ela apareceu, bem, tal homem correu com medo de ser acusado, pois lorde Lobo é muito querido por todos. Quem acreditaria num pobre homem sem título que falasse de um lorde?”

Mas o tiro saiu pela culatra, pois tal estratégia causou revolta entre o povo que, de posse da vil ideia criada pelo fabricante, inventou a seguinte notícia, que também foi espalhada como verdade de boca em boca: “Ouvi dizer que lorde Lobo Branco é totalmente inocente. Muitos homens estavam caçando com ele e viram quando ele voltou com um cervo em sua montaria e isso muito antes do ocorrido com a lady”.

A notícia foi tão acreditada que os povos de Alnwick, Berwick, Tynedale, Tynemouth, Redesdale, Hexhamshire e até de Newcastle se juntaram para defender lorde Lobo da acusação e da culpa de “desejo diabólico” que tinha se apossado dele.

E o pior foi que o crime afetara os dois condes: a irmã de um e a noiva do outro. Portanto, o povo temia uma severa punição, tortura ou mesmo decapitação do membro de lorde Lobo e se arrepiava com essa ideia.

Naquele tempo era normal um vagabundo pobre ser chicoteado e acorrentado, mas um lorde? As pessoas sabiam que, se fosse um pobre que tivesse cometido aquele crime, certamente seria espancado e queimado vivo, mas não podiam conceber que Lobo Branco estivesse correndo o mesmo risco. Recentemente, uma mulher tinha sido afogada por acusação de adultério e as pessoas estavam apavoradas que algo muito ruim acontecesse ao querido rapaz.

— Poderão fervê-lo em óleo — disse um exaltado aldeão.

— Ou arrancar seus olhos — respondeu outro.

— O mesmo um dedo ou coisa pior, as partes dele, por exemplo. Deus me livre! Só de pensar, me arrepio! — gritou o dono da taberna, cada vez mais exaltado.

— Não podemos deixar que um inocente vá para a fogueira — Guimer, o líder deles, um velho guerreiro que não tinha mais forças para a guerra, mas mantinha a persuasão da palavra, convenceu a todos que deviam ir para a frente de Alnwick Castle e gritar: “Lobo Branco é inocente” em um coro ininterrupto.

E assim foi feito. A turba guiou para lá, centenas e mais centenas de homens. Alguns falaram em milhares. Conta-se que o capitão dos guerreiros e dos guardas de Alnwick Castle ficou muito assustado, pois a massa era muito maior que os guerreiros que guardavam o lugar.

Os revoltosos não arredaram o pé e acamparam nas imediações de Alnwick Castle, muitos deles em frente ao portão. Ninguém entrava e ninguém saía. Em coro, gritavam a inocência do lorde e pediam uma audiência com o conde de Northumberland.

Muitos dos homens que estavam do lado de fora, gritando que lorde Lobo era inocente, tinham lutado como guerreiros na Batalha de Shrewsbury, ocasião em que Sir Percy fora morto. Quem não havia lutado era filho de quem lutara. De forma que lorde Harry teve que parar para escutá-los. Três ou quatro deles, com Guimer liderando, foram levados à presença do conde e afirmaram, com convicção, que estavam com o lorde na caçada e tinham voltado juntos. Como testemunhas tinham mais de mil homens lá fora.

— No passado eu lutei com Sir Percy, o pai de Sua Senhoria, e jamais mentiria para o conde de Northumberland. Eu estava com lorde Lobo na caçada, assim como estes homens que estão aqui ao meu lado, e em nenhum momento avistamos qualquer lady, ainda mais uma Douglas. Retornamos todos juntos para Alnwick. Pela honra de Sir Percy, Sua Senhoria não pode duvidar de seus leais guerreiros — disse Guimer.

Diante de tal depoimento, o conde não tivera alternativa senão mandar soltar Lobo Branco. Entretanto, muito magoado pelo primo ter duvidado de sua palavra, de sua honra e ainda tê-lo acusado de querer usurpar o seu lugar como conde, lorde Lobo saiu da clausura, montou Dangerous e foi direto para a floresta. Nem falar ele quis com seu primo. Aliás, com ninguém no castelo, além de seus leais amigos guerreiros. Conta-se que, com a ajuda da turba que havia mentido para libertá-lo, foi construída, em uma semana, uma fortaleza de pedra, barro e madeira quase tão imponente quanto Alnwick Castle, chamada de A Toca

do Lobo Branco. E ali ele ficou residindo.



24 | FLORA E REESE

Bolonha, século XV.

Quando um homem está na iminência de realizar um grande desejo, e sobre ele lança toda a força de sua alma, todo o universo conspira a seu favor.

O leitor deve estar se perguntando: que fim levaram Flora e Reese? Para responder isso, precisaremos voltar no tempo, ocasião em que as ladies ainda estavam na escola-convento das Clarissas.

Como eu já havia mencionado, Flora tinha um temperamento imperioso, era audaciosa e muito corajosa. Era a que mais se parecia com Sir Percy, o seu tio. Ela não aceitava porteira e a clausura havia despertado nela o pior de seu temperamento. É sabido que ela pegava “emprestados” o papel, a tinta e as penas das freiras, materiais escassos e caros naquela época; ela organizava motins entre as alunas, e até entre as freiras, tudo com a intenção de ser expulsa. Mas nada daquilo adiantava, pois lorde Ralph a mantinha lá e enviava constantemente o dinheiro para pagar os “empréstimos” da filha, pois a abadessa escrevia diariamente informando-lhe dos desvios da lady.

Mas Flora jamais se deixava abater. Ela, então, quando percebeu que Lobo não tinha a intenção de tirar a própria vida para encontrá-la no além — pois ele não respondera à carta dela —, bolou um plano ousado para fugir da

clausura.

O convento das Clarissas era uma fortaleza cercada do lado esquerdo por um intransponível barranco e, pelo direito, por extensa floresta. Empoleirava-se magnificamente no alto de um despenhadeiro e, para fugir de lá, tinha que ser pelo portão de entrada, pois era impossível galgar as janelas e as muralhas. Beatrice, medrosa, não quisera compartilhar com ela e subjugara-se a morar ali para sempre. Até já tinha aprendido a rezar naquele idioma muito estranho para elas. Mas Flora não queria saber de rezas, muito menos de amuletos, e desdenhava abertamente a fé da abadessa. Chamava a madre superiora de Bolota de Bolonha, uma anedota ao nome do lugar.

Astuta, ela passou a observar, e guardou na memória, os dias em que os entregadores de provisões iam ao convento: toda segunda-feira. Entretanto, ela hesitava em deitar-se numa carroça cheia de sangue, ou mesmo enfiar-se sob um carneiro abatido. Mas ela não via outra alternativa. E quando havia tomado a resolução de rastejar até a carroça do açougueiro, meter-se sob qualquer animal morto e sair escondida, foi salva pela visita da família real napolitana.

A madre ficara tão embevecida por tal notoriedade que esquecera que o portão estava aberto, ocasião em que Flora, atenta, não hesitara em sair por ele furtivamente. Encostou-se à muralha, arrastou-se praticamente entre as rodas da carruagem dourada da realeza, escondeu-se atrás das ancas avantajadas e bem nutridas dos magníficos cavalos e infiltrou-se no mato adjacente ao portão.

Não muito longe dali, Reese, que até já especulava de cortar o pescoço do entregador de carne para tomar seu lugar e invadir o convento, a viu de imediato. Ele não levava a cabo a ideia de decepar a cabeça do pobre homem, pois sua boa índole, embora fosse filho de Kit, o impediu de fazê-lo. Entretanto, não teve qualquer dúvida quando avistou uma moça em fuga e todo o ímpeto de sequestrá-la e fazê-la dele, à força se fosse preciso, veio à tona.

Imediatamente ele montou seu cavalo e foi na direção que ela tomara. Flora, ao ouvir o tropel, achou que os guardas napolitanos estivessem em seu encalço e correu ainda mais. Reese, porém, gritou o nome dela e Flora reconheceu a voz inglesa e começou a chorar. Quando ele, então, a pegou e jogou sobre seu cavalo, ela o abraçou apertado, beijou sua face várias vezes, e o raptor passou a ser o seu salvador.

Todos aqueles meses de viagem desgastante, trabalho árduo, somados aos dias à espreita do convento, apenas intensificaram o desejo de Reese de raptá-la e desflorá-la, para que ela fosse obrigada a aceitá-lo como marido. Mas, surpreendido pela atitude dela, ele se viu numa situação inesperada. Dessa forma, modificou todos os seus planos.

Reese, assim que Flora se acalmou, disse que ela não poderia voltar à Inglaterra pela mesma rota em que viera, pois certamente estariam à sua procura, com o que Flora concordou de imediato. À vista disso, ela deu a Reese a condução de seu destino.

Era outubro e o inverno logo chegaria. Com ele, dias enregelantes, neve e estradas escorregadias, até mesmo congeladas. Reese, portanto, bolou um novo plano. Observou que o crepúsculo logo cairia e ele tinha que arrumar um abrigo decente para a moça. Flora era uma lady e não um rústico fazendeiro como ele, que dormia em cavernas e até encostado em um tronco de árvore. Nos dias em que esperara por ela, a fogueira era seu único conforto e a lembrança dela, sua eterna companhia.

Ele, então, lembrou-se de uma igreja que vira não muito distante dali. Ficava na vila de Bolonha. Podia haver riscos, ele pensou, pois certamente procurariam por ela, mas eles não tinham escolha. A vila era movimentada e, com um pouco de sorte, talvez não notassem a presença de mais dois forasteiros entre os muitos que circulavam por lá. Era o que ele esperava. Não tinha ficado tanto tempo à espera daquela oportunidade para perdê-la para uma freira. E foi para a capela de San Domenico que ele a levou.

Flora, encostada em seu peito, estava incomumente calada. Ele sentia a respiração quente dela e se continha para não acariciar seus cabelos, para não abaixar seu nariz e cheirá-los. Mas ele não podia fazer aquilo. Flora o via como irmão e certamente acreditava que um sentimento fraterno o tivesse impelido a ir buscá-la. Com seus planos desmantelados, refletia que o melhor a fazer seria manter a confiança que ela depositava nele, ganhar seu respeito, sua admiração e, quando ela o admirasse, a faria apaixonar-se por ele, pois certamente a admiração era um fascínio da alma. E, se há fascinação, há indício de paixão.

Em Alnwick ele não teria nenhuma chance. Lobo era sumariamente o preferido dela. Com seu rival por perto, Flora jamais olharia para ele. Não que ele se achasse inferior a Lobo. Isso não. Fisicamente eram até parecidos. Ambos possuíam alta estatura, os olhos claros dos Percy ou dos Mortimer, cor de pele semelhante e, como Lobo, os cabelos de Reese também eram escuros, à altura dos ombros. Enfim, eram ambos muito atraentes. O que os diferenciava era que Flora era apaixonada por Lobo e não por ele. Mas ele faria com que ela o amasse. Disso Reese não tinha dúvida. Ele só precisava de tempo, e tempo agora eles teriam de sobra, e sozinhos. Um riso matreiro perpassou os lábios e os olhos do rapaz. Flora, embora não visse as expressões faciais dele, sentiu a vibração em seu peito.

— O que foi, forasteiro? — perguntou ela, irônica. — Está rindo do meu

desespero, quando percebi um cavaleiro no meu encalço?

— Não. Estou rindo porque nem religioso eu sou e vamos passar a noite toda numa igreja.

— Por que numa igreja?

— Porque é o lugar mais acolhedor que temos no momento. Para uma estalagem não podemos ir, pois seria muito arriscado; dormir no mato será muito desconfortável para uma dama como você.

— Quando eu estava presa lá no convento, nos dias em que eu planejava a fuga, dizia para mim mesma: “Veja bem, Flora, lá fora não haverá conforto. Você poderá passar fome e frio, haverá bichos que poderão feri-la e muito mais”. Mas mesmo assim eu achei melhor que viver presa naquele lugar. Eu o odeio!

— Nunca a deixarei passar fome, muito menos que lhe firam. Eu lhe prometo, Flora... Quanto ao frio, basta se aconchegar a mim.

Ela afastou-se um instante do peito dele, onde mantinha-se encostada, e virou para olhar a face de Reese. Talvez, inconscientemente, ele tivesse dado pistas de seus sentimentos por ela. Mas Reese manteve seu rosto impassível e, por sorte dele, ela pareceu não ter enxergado nada. Apenas um belo cavaleiro seguro de si, que parceria saber o que estava fazendo. E Flora gostou daquela sensação de segurança, de ter alguém cuidando dela.

Chegaram na vila. Flora olhava assustada para cada pessoa que olhava para eles. Agarrada ao corpo de Reese, ela praticamente escondia seu rosto dentro da roupa dele. Reese, então, murmurava para ela ficar calma e fingir-se esposa dele. Ela não sabia o que fazer para se passar por esposa dele e, por algum motivo que somente ela sabia, também não perguntou. Mas manteve-se agarrada a ele, com uma mão na perna de Reese, bem próxima à virilha dele, mostrando uma intimidade que somente as esposas têm com seus maridos.

Percorreram devagar toda uma extensa rua até chegar à capela. Reese parecia que queria prolongar aqueles instantes, aquele contato. A mão de Flora lhe queimava como brasa e ele estava aceso de desejo por ela. É possível que Flora sentisse o volume da ereção dele às suas costas, mas também nada comentou. Ao chegar, ele desceu do cavalo e estendeu os braços para ela. Flora jogou-se nas mãos dele com a confiança de uma criança que se atira aos braços do pai. Reese a colocou no chão devagar, com os olhos presos aos dela, bem próximo ao corpo dele, de forma que podiam sentir a respiração um do outro. Ele teve a sensação de que ela também estava mexida, mas achou que fosse prepotência sua, dada a extrema confiança que ele tinha em sua masculinidade.

Ele, então, deixou o cavalo amarrado a uma árvore e levou Flora pelos fundos da igreja. Àquela hora estava vazia, fato que agradeceram, pois não

tinham outro plano de onde pernoitar. A porta abriu-se facilmente, porém, rangeu e Flora olhou para trás, assustada. Reese perscrutou o ambiente e estendeu a mão para trás. Ela agarrou a mão dele, mais uma vez contente por ter alguém cuidando dela. Nas poucas horas que passara com Reese, já havia percebido que a realidade era muito diferente da imaginação. Ela, uma moça sozinha, seria violentada; soube disso pela forma com que os homens olhavam para ela no cavalo. Presa lá no convento, ela era a coragem em pessoa, mas ali, correndo os riscos dos pobres mortais, seu coração pulsava de ansiedade. Ela jamais confessaria, mas o fato de não saber para onde ir, onde dormir, e o estupro, principalmente, era o que mais a amedrontava.

O interior da igreja tinha um odor peculiar, de madeira molhada e apodrecida, mas estava quente, e isso era o que importava. A luz de uma única vela, deixada ali por algum fiel, iluminava uma pequena estátua, que parecia olhar para eles com olhos reprovadores. Pelo menos foi o que concluiu Flora, uma vez que ela mesma desdenhara a fé da abadessa.

— Creio que o melhor a fazer é irmos para a galeria — disse Reese, apontando para uma escada em caracol. Como Flora nada dissesse, ele a conduziu para lá. — Vou alimentar o cavalo e trago alguma coisa para você comer. Talvez, com um pouco de sorte, eu consiga uma boa manta de lã por alguma pechincha — ele riu.

— Reese — chamou Flora, enfiando a mão no bolso e pegando um embrulho. — Tome — complementou.

— O que é isso?

— São moedas. Algumas eu trouxe de Alnwick e outras... bem... outras eu peguei emprestadas da abadessa.

— Você roubou a abadessa, Flora?

— Roubar é uma palavra muito grave, Reese. Eu peguei emprestado, afinal, como eu chegaria à Inglaterra sem dinheiro? Imaginei que teria de subornar muita gente.

— Não devia ter feito isso, Flora.

— Não vai fazer papel de irmão mais velho agora, não é Reese? Vá, tome, compre algumas vestes para nós.

— Para nós? — ele olhou desconfiado para a roupa imunda que ele usava.

— Sim. Essa está cheirando muito mal — Flora riu e Reese também.

— Você é uma ingrata — ele respondeu. Não queria perder aquele clima de camaradagem que havia surgido entre eles. Mas Flora agora seria caçada

como uma fora-da-lei. Ela era uma pecadora. Mas aquilo nada arrefecera seu amor por ela e Reese se perguntava se não era exatamente isso que o atraía.

— Sou eternamente grata por você ter me salvado e o retribuirei de alguma forma, Reese.

— Terá tempo para me pagar — ele riu. — E cobrarei por cada noite mal dormida em que passei na frente daquele mausoléu. Vá, me dê esse produto de roubo. Mas não o quero para mim. Comprarei um vestido para você e uma capa de lã.

— O eterno orgulho dos Percy.

— Eu não sou um Percy! — a voz dele soou no claustro como um trovão e o eco voltou aos ouvidos de ambos. — Eu não sou seu irmão — vociferou. — Não repita mais isso.

— Está bem — disse Flora, levantando as duas mãos em rendição. Quando Reese saía, ela murmurou baixinho: — mas não é o que dizem.

Após alimentar seu cavalo, arrumar um abrigo seguro para o animal, Reese se encaminhou para o emaranhado mercado do Quadrilátero, cujas pequenas vielas ficavam numa área quadrada da Piazza Maggiore. Foi esbarrando nas pessoas, pois a iminência da noite fazia com que elas corressem para desfazer-se de cestas e mais cestas de peixes, de carneiros, de pães, afinal, tudo aquilo se perderia se não fosse consumido aquela noite. Entroncando-se nas vielas, ele passou pelas peixarias, pelos ourives, pela via Caprarie, onde ficavam os açougueiros, com suas carnes de ovelhas, de cabra, e seguiu para a via Drapperie, à procura de um vestido modesto e quente para Flora.

Enquanto caminhava, perguntava-se para onde a levaria. Nos dias e semanas que passará à frente do convento, ele tinha pensado nisso inúmeras vezes, senão constantemente, sem ter uma visão certa do seu destino. Na verdade, sua ideia inicial era levá-la para os Alpes e lá viver como um caçador. Entretanto, outrora pensava que teria de sequestrá-la, e uma moça raptada não podia escolher seu destino. Mas tudo havia mudado. Flora achava que ele era o salvador dela, um tipo de herói, e que mocinho levava a mocinha para uma cabana no meio do nada?

Entretanto, o que ele tinha dito a ela fazia todo sentido: não podiam retornar à Inglaterra pelas vias normais, pois certamente seriam pegos. A notícia do desaparecimento dela e, pior ainda, do roubo da abadessa, já devia estar em todos os portos, estradas e bifurcações. Reese estremeceu. Ele não contava com aquilo, que tivesse que ajudar uma ladra de um convento a fugir. Sendo assim, não teriam outra escolha: esconder-se-iam nos Alpes.

De lá eles poderiam ir para Nápoles, ou Espanha, ou França, e mais uma

infinidade de lugares e reinos. Ele havia lido na biblioteca da avó que existiam trilhas, inicialmente feita pelos fenícios e depois mantidas pelos gregos e pelos romanos, que cortavam os Pireneus orientais, contornavam a porção gaulesa do Mediterrâneo, atravessavam os Alpes até a Espanha, a Gália ou a Sicília. Sua preocupação era que poucos tinham passado por elas. Ainda mais uma linda lady.

Nos dias em que estivera à espera de uma oportunidade de raptar Flora, havia encontrado alguns mercadores e, quando ele perguntara o que sabiam sobre a trilha que ligava as colônias do Norte, onde ele estava, ao reino da França, eles lhe disseram que as passagens eram difíceis, muito altas, com despenhadeiros e, embora próximas a riachos, eles não aconselhavam a travessia por um homem inexperiente. Havia vários riscos, como animais ferozes, trilhas cobertas de neve, degelo e até infratores.

Absorvido em suas meditações, ele levou muito tempo para achar o que queria. Quando achou, comprou duas boas peças de roupa para Flora, uma capa quente e impermeável e, lembrando do que ela havia lhe falado sobre suas próprias roupas, tratou de comprar uma nova muda para ele também. Ela precisava gostar do cheiro dele, isso era imperativo. Que mulher desejava um malcheiroso? Pensando nisso, voltou à barraca e comprou mais uma muda completa e uma capa novinha em folha. Faltava a manta e o que eles ceariam àquela noite. Não foi difícil encontrar uma boa e quente manta de lã, mas ele levou alguns minutos para decidir por qual alimento levar. Não sabia do paladar de Flora. Optou por pão de centeio, cuscuz, “cucusa” no dialeto do povo de Bolonha, feito com peixe em vez de cordeiro. Ele pensou que o melhor já seria levar a provisão para a viagem, pois sairiam quando ainda fosse noite e o mercado estaria fechado. Então, comprou massas de maçapão e sêmola secas, pão e vinho.

Antes de voltar para à igreja, ele se banhou na bacia dos cavalos, como era chamado o lugar, jogou a velha roupa fora, pois o estado dela era mesmo deplorável, e tomou a direção da capela. Encontrou Flora enrodilhada, certamente com frio. Ele, mais que depressa, enrolou-a na capa recém-adquirida, estendeu a grossa manta no chão e disse para que ela saísse do frio e se aconchegasse, o que foi prontamente feito.

Flora estava faminta. Devorou o pão, tomou vinho e comeu do cuscuz. Reese a observava. A linda e fina dama, filha da mais respeitada família do Norte da Inglaterra, sentada no chão, comendo com um fazendeiro do Sul. Ele riu. O riso novamente não passou despercebido por ela. Que bom que estavam em boa paz, pois viria o tempo da guerra entre eles.

Dormiram lado a lado, mas sem se tocar. Para Reese foi a noite mais difícil desde que chegara à Bolonha. Tê-la ali, tão perto e ao mesmo tempo tão distante, pois ele sabia, ela suspirava por Lobo. Mas por pouco tempo.

Acordaram de madrugada. Estava escuro, mas à medida que caminhavam, o dia foi amanhecendo e, ao olhar para trás, Flora viu que uma neblina cobria o vale onde se situava a vila, rodeada por pitorescas colinas ondulantes, entre o rio Pó e os Apeninos. Estremeceu. Reese puxou sua longa capa e a cobriu. A mão dele, mesmo sem ser intencional, roçou os seios dela: ela estremeceu novamente e ele também, mas nenhum dos dois fez qualquer comentário.



25 | A TOCA DO LOBO BRANCO

“Mas a paixão aumenta em função dos obstáculos que se lhe opõem”.^[48]

Lembram-se de Rohesia? A tal mocinha que fora atingida por um machado em seu lindo rosto? Bem, ela se recuperara e, se não possuía uma beleza extrema, era pelo menos a promessa de uma. O acidente que deixara uma cicatriz em sua face e boca, levava parte de um dente frontal, e ela usava sempre um leque para encobrir o que chamava de defeito. Nunca sorria sem que esse adereço lhe cobrisse a boca.

Havia mesmo se tornado dama de companhia de lady Heloise. Mas como residisse em Athelard, tinha que conviver também com a malvada lady Ella Douglas. Não porque a jovem dama de companhia desejava, mas porque a outra a obrigava.

Lady Heloise, depois do terrível acontecimento, muito abalada pelo estupro e mais ainda pelo término do noivado, tinha sido levada para Londres pelo irmão, para que ela espairecesse e ficasse distante das doloridas lembranças do Norte. O conde de Douglas, que na ocasião do ataque à filha estava no continente, ao saber do ocorrido voltara imediatamente e começara a caça ao culpado. Ele queria ver um pescoço na corda e buscava incansavelmente o maldito que violara a filha. Não acusava lorde Lobo Percy, pois as provas a favor dele eram inquestionáveis, e o conde tinha uma pista do culpado. Por outro lado, não gostara da atitude de lorde Harry, a quem chamava de “aquele pirralho”, que ousara quebrar o contrato de casamento entre os Douglas e os Percy. Mas voltarei a falar desse assunto mais para a frente, pois o desacordo do casamento vai trazer toda a antiga rivalidade entre essas duas famílias. Neste instante, eu quero lhe contar o que a outra, a chamada de lady má pelos servos, estava aprontando.

Lady Ella Douglas sempre fora apaixonada por lorde Lobo, mas ele nunca tivera olhos para ela. Preferia olhar para uma raposa, que podia virar alimento para as famílias de seus guerreiros, que para aquela lady cheia de

artifícios para conquistá-lo. Mas lady Ella não desistia. Quanto mais o lorde fugia, mas ela se encantava por ele. Naquele dia, a lady tinha traçado um plano. Iria se infiltrar na Toca do Lobo e, quando ele retornasse, ela o atacaria. E ele seria obrigado, por honra ou guerra, a fazê-la esposa dele. A ardilosa moça, aproveitando o recente estremecimento entre as duas famílias, queria atear fogo ao mato seco. Se Lobo não fosse dela, não seria de mais ninguém.

Para isso ela obrigou Rohesia a infiltrar-se na mata com ela à procura de um filhote de lobo, pois ela tencionava dá-lo de presente a lorde Lobo. Era verão e muitos homens naquela época também entravam na floresta para matar os filhotes, pois os lobos ali eram numerosos. Até mesmo os mais ricos mestres, apesar de empregarem muitos homens para o trabalho, perdiam suas ovelhas para a alcateia. Por isso os nobres empregavam servos como caçadores. Existiam até cães de caça especiais para isso.

A questão era tão preocupante que existia a temporada de “caça ao lobo” no Norte, que começava em janeiro e ia até 25 de março, pois era a época em que eles estavam mais vulneráveis e suas peles também eram de maior qualidade.

Lady Ella não desconhecia nada disso, mas achava que lorde Lobo se agradaria de um presente assim. Afinal, como ela defendia, ele mesmo era um Lobo. Rohesia havia argumentado que era perigoso infiltrar-se na floresta, pois elas poderiam virar alimento para um lobo faminto. Mas a lady argumentara que Rohesia fora outrora uma caçadora e tinha que saber tomar conta de si e dela, a sua lady, e ainda caçar um filhote de lobo para ela. Rohesia achou aquilo tudo um absurdo, mas quando começou a falar, a lady fê-la se calar e a obrigou a acompanhá-la à floresta. Decerto Rohesia sabia que não encontrariam filhotes de lobos, pois todos, certamente, tinham sido capturados. Mesmo assim tivera que acompanhar a outra.

Foram a cavalo e levaram um cavaleiro com elas. Lady Ella disse ao cavaleiro que ele iria junto para trazer seu animal de volta ao estábulo, pois seu cavalo era de raça e de grande valor, embora o de Rohesia não valesse mais que um pão duro. A dama de companhia se perguntou o que a lady teria em mente, pois se os cavalos voltassem com o cavaleiro, como elas retornariam? Mas lady Ella não lhe respondeu. Muito tempo depois, quando já estavam embrenhadas no meio da floresta, a lady apeou, mandou que Rohesia fizesse o mesmo e ordenou ao cavaleiro que voltasse com os animais. O rapaz, embora tímido, sentiu-se no dever de alertar a lady sobre o perigo de duas jovens sozinhas na mata, mas ela o mandou calar de forma peremptória, dizendo que não precisava ouvir a opinião de um servo.

O cavaliço olhou penalizado para Rohesia, mas, sem alternativa, partiu, embora muito preocupado com a pobre mocinha. Todos gostavam de Rohesia em Athelard, exceto Lady Ella, pelo motivo que eu já disse: inveja da beleza da outra.

O que a lady má pretendia fazer, Rohesia não tinha ideia. De fato, não encontraram nenhum filhote de lobo, muito menos seus pais, coisa que Rohesia agradeceu mentalmente. Há muito não caçava e essa era uma atividade que exigia prática constante e muita sagacidade. E mesmo que no passado tivesse sido uma provedora, suas caças se resumiam a coelhos. Jamais um lobo. Ella Douglas, contudo, ficou muito frustrada, mas prosseguiram mata adentro.

A vegetação cada vez mais densa agarrava-se à roupa em que Rohesia usava, pois a lady ordenava que ela fosse à frente, abrindo caminho para que ela passasse.

— Você mal parece uma nativa. Voe logo, Águia dourada, coisa vermelha. Corte esse mato, não quero estragar a minha roupa.

Rohesia sentia sede e estava muito cansada, mas não reclamava, pois quanto mais ela se queixava, mais maléfica a outra ficava. Seguiu em frente, subiu uma íngreme ladeira, desceu rente a um despenhadeiro, de onde olhou para baixo e temeu que lady Ella a empurrasse. Quando se afastou da beirada dele, sentiu-se aliviada. Mas logo tiveram que subir novamente. Rohesia já se arrastava, seus braços e mãos doíam pelo movimento da foice de corte, mas a lady não dava sinais de que chegariam ao seu destino.

Por fim, ao avistar a Toca do Lobo Branco, Rohesia estremeceu.

— O que é aquilo? — perguntou, pois ela nunca estivera em Alnwick Castle e jamais vira um castelo. E a casa de lorde Lobo impressionava à primeira vista. Cercada de árvores centenárias, a imponente e lúgubre construção era quase assustadora. Como seu próprio nome já dizia, ela se parecia com uma toca de algum animal feroz.

— Uma construção. Não está vendo?

— Sim, mas... é enorme!

— É um castelo.

— Quem mora nele? Por que estamos aqui?

— Quem mora nele não te interessa. Eu vou me esconder atrás daquele arbusto — mostrou para Rohesia e a mocinha olhou para a direção apontada —, e você vai ficar aqui e começar a gritar. Ele, então, virá te socorrer e eu entrarei na fortaleza.

— Ele quem? Gritar? Para quê? O que milady pretende fazer lá?

— Você faz perguntas demais, sua idiota inútil. Venha — a lady, com força, a puxou pelo braço. — Abaixei-se — empurrou-a para o chão. — Deite-se. Agora — ordenou a malvada moça, puxando um galho e jogando sobre a perna de Rohesia, que gritou de dor, mas a lady fez com que ela se calasse.

— Cale-se! Quer estragar tudo? Você só deve gritar quando eu estiver escondida.

E Rohesia foi deixada caída sobre a espessa vegetação, tendo um tronco sobre ela, ferindo-a com seus espinhos. Quando a lady fez sinal para que ela começasse a gritar, ela o fez. Primeiro de forma tímida, mas como Ella Douglas gesticulasse para que ela gritasse alto, ela o fez:

— Ajude-me! Socorro!

De fato, Rohesia tinha motivos para gritar, chorar e pedir por socorro. Sentia-se humilhada, com medo, sobretudo estava ferida, no corpo e na alma. O galho que a lady jogara sobre ela era robusto e continha pontas afiadas, como os espinhos de uma roseira. Rohesia se perguntara como a outra, magra como era, tivera força para erguê-lo, mas o fizera, pois ela mesmo vira e sentira seu impacto sobre si.

— Ajude-me! Socorro! — gritava a pobre mocinha, rouca, sua voz se esvaindo. Lágrimas banhavam seu rosto, agora sujo de terra. As grossas gotas desciam, preenchendo sua cicatriz, escorrendo por ela, como se fosse uma vala, e pingando como uma torneira intermitente. Ela tentou puxar a perna, pois a dor era lancinante, mas se deu conta de que não conseguia. Os espinhos tinham perfurado sua pele e, quando mais ela se mexia, mais encravavam, causando uma dor insuportável.

— Ajude-me, por favor! — ela soluçou, dobrando seu corpo em forma de arco e olhando para a direção onde a lady estava, para constatar que ela havia desaparecido. Rohesia soluçou desesperada. Ferida, sangrando, ela seria uma presa fácil para os lobos, pois eles sentiam cheiro de sangue a uma distância enorme, e ela sabia, os lobos eram oportunistas, nunca desperdiçavam uma oportunidade.

— Socorro! Ajude-me! Estou ferida — ela gritou a pleno pulmões, usando o que restava de voz e força, mas ninguém apareceu. Quando, por fim, ela tinha entregado sua alma a Deus, na total consciência de que seria o jantar de uma alcateia, pois já ouvia os uivos cada vez mais próximos, ouviu o tropel de um cavaleiro.

— Ajude-me, por favor! — ela ainda teve forças para murmurar antes de desmaiar. Na tentativa de sair, ela tinha perdido muito sangue.

Lorde Lobo mal acreditou quando Dangerous relinchou e empinou, quase

o jogando ao chão. Mas se o animal assim não o fizesse, passaria por cima da cabeça de uma moça ferida, perto de sua toca. Ele estava retornando de uma caçada na companhia de Guimer, aquele velho guerreiro que liderara a mentira para salvá-lo no passado, quando recebeu o recado de que lorde Ralph e Fenella, seu pai e sua mãe, estavam em Alnwick Castle à sua espera. Há meses ele não voltara lá, mas não podia deixar de atender à ordem do pai. Podia tê-los mantado vir à sua toca, mas o percurso de Alnwick Castle até ali era íngreme, apenas a cavalo, e ele não desejava que seus pais viajassem mais, além do que já tinham viajado no Sul até o Norte. Portanto, havia passado o cervo abatido para o cavalo de Guimer e seguia para uma bacia que uma mina d'água fizera, gelada, mas onde ele se banhava todos os dias.

Quando Dangerous empacou, ele gritou pelo velho guerreiro:

— Guimer, venha ver isso aqui.

E saltou para constatar que a moça estava ferida. Retirou o galho de sobre ela e a colocou sobre o cavalo. Esqueceu o banho, pois, sem sentidos, a jovem dava sinais de precisava de cuidados urgentes.

— Vamos levá-la para dentro. O que uma moça tão bela faz aqui, e sozinha? — indagou Guimer, olhando de um lado para outro à procura de mais alguém.

— Não faço ideia — respondeu lorde Lobo.

Ele não tencionava ir para a Toca do Lobo, mas para Alnwick Castle. Fenella estava lá e ela, certamente, saberia cuidar daquela moça. Guimer, então, ajudou a levantar a moça e ancorá-la ao corpo dele e entre os braços fortes do lorde.

— Está firme? Não vai deixá-la cair?

— Nem que minha vida dependa disso — respondeu Lobo, saindo a galope.

No trajeto, novamente se perguntava o que uma jovem fazia ali, à espera de ser a refeição de uma alcateia, mas não tivera tempo de perguntar, pois assim que Rohesia — de quem ele não sabia nem o nome — voltou a si, quando chegaram a Alnwick Castle, fora tirada dos braços dele por Johnny Mercer e levada para o quarto que Fenella indicava.

Ele só se encontraria com Rohesia muitas horas depois. Antes banhou-se em seu antigo aposento, vestiu as roupas que outrora havia deixado para trás e conversou com o pai. Este consentiu que, assim que Harry Percy, o conde, retornasse de Londres, Lobo o procuraria para acabar com aquele desentendimento entre eles

Fenella tinha lhe dito que a moça estava bem, que Mr. Harrison, o curandeiro do castelo, tinha tratado de seus ferimentos e ela estava alimentada e vestida decentemente. A própria Fenella lhe emprestara uma de suas vestes.

— Onde achou essa moça, filho?

— Na floresta, perto de minha casa.

— O que ela fazia lá? Não quis lhe fazer perguntas, pois ela parece muito assustada.

— Eu não faço ideia. Dangerous resfolegou e, quando olhei, ela estava lá, caída. Quando desci e a olhei de perto, vi que estava ferida e inconsciente.

— Estranho. Quando eu perguntei como ela se chamava, ela me olhou com olhos assustados e, em vez de responder, me perguntou se eu tinha um leque para emprestar para ela.

— Leque?

— Sim — Fenella riu. — Dei um a ela. Creio que ela sinta vergonha de uma cicatriz que tem na face, perto dos lábios.

— Talvez, mas me pareceu uma linda moça — disse Lobo e Fenella olhou para ele com um sorriso de mãe que lê a mente do filho.

— Posso vê-la?

— Sim. Deixei-a acordada. Está no quarto ao lado do seu.

Lobo Branco subiu as escadas de quatro em quatro degraus. Ele não era o que se podia chamar de um lorde convencional. Era um rapaz que sabia ler e escrever, mas a maior parte de sua vida havia passado na floresta. Seus passos, porém, eram ágeis, os movimentos certos. Ele era um guerreiro e ao mesmo tempo um hábil caçador. Quase como se flutuasse, ele chegou à porta e bateu. Ninguém respondeu e ele a abriu devagar, colocando metade de seu corpo para dentro do aposento. Na espaçosa cama de madeira estava uma mocinha miúda, de cabelos vermelhos, como os de sua mãe. Naquele instante ele só via os olhos, pois assim que o viu, ela erguera o enorme leque e o manteve sobre o nariz e a boca.

— Posso entrar? — ele perguntou.

— Sim — a voz saiu de trás do leque.

Ele entrou, sempre com os olhos presos aos dela.

— Bem, creio que devemos nos apresentar. Meu nome é Gawain, mas ninguém me conhece por este nome. Todos me chamam de Lobo Branco — ele riu. Lobo percebeu que os olhos dela também sorriram. Naquele instante, Rohesia se lembrou de que já tinha escutado falar de lorde Lobo. O homem que fora acusado de violentar sua lady. Embora a acusação sobre ele tenha acabado,

ela estremeceu. O que via diante de si era um homem muito alto, bonito demais para não olhar para ele e temer, seja lá o que fosse.

— Eu não como mocinhas — disse ele e se arrependeu imediatamente, pois a testa dela ficou da cor de seus cabelos. — Bem, eu quis dizer que, apesar de me chamarem de Lobo, não sou violento. O nome veio porque eu nasci na floresta, ali perto de onde eu a encontrei, e porque o significado de meu nome é falcão branco de batalha. À medida que o tempo foi passando, o povo daqui começou a me chamar de Lobo Branco de Batalha — ele riu novamente.

Ela apenas o encarava.

— Como se chama?

— Rohesia, milorde.

— Rohesia. Um lindo nome. O que significa?

— Nada, milorde.

Ele riu do sotaque dela. Um sotaque escocês quase incompreensível.

— Creio que seu nome pode ter uma ligação com rosas e cavalos.

— Eu gosto dos cavalos — disse ela, timidamente. — E de rosas — completou, quase como um chiado.

— Eu também aprecio os cavalos. Aliás, foi meu cavalo Dangerous que a salvou. Se não fosse por ele, você poderia estar morta agora.

Rohesia balançou a cabeça. Ela queria muito agradecer àquele lorde por tê-la salvado, mas estava muito embaraçada. Temia que ele visse o seu defeito e, certamente, se o visse, bem, nada mudaria, mas ela não queria que ele o percebesse.

— O que fazia lá? — ele aproximou-se mais da cama. Ela olhava assustada para ele.

— Não precisa ter medo de mim.

— Eu... eu... não... tenho... medo.

— Então, responda. Por que estava ali? Queria virar refeição de um lobo?

Ela novamente ficou da cor dos seus cabelos.

— Não. Eu temia os lobos. Eu caí e me feri — ela mentiu.

Ele sabia que ela mentia, e a constatação de que escondia algo fez com que ele quisesse a verdade.

— Ninguém cai e coloca um tronco pesado sobre si.

— Eu estava olhando para o castelo e o galho caiu em cima da minha perna.

— Por que mente para mim? — a voz dele a fez estremecer. Ele viu

quando ela baixou seus olhos e estavam cheios de lágrimas. Ela, então, elevou a mão para contê-las e o leque caiu em seu colo. Ele viu o lindo rosto e uma pequena cicatriz na face, próxima aos lábios e também neles, mas aquilo nada diminuía a beleza dela. Quando ela percebeu que ele a encarava, tratou de elevar o leque.

— Por que se esconde atrás dessa coisa? Não há nada de errado com seu rosto.

Ele viu medo nos olhos dela.

— Por Deus! O que fizeram com você?

Alguma centelha no som da voz dele continha ternura, e a sensibilidade da alma dela sentiu a brandura que emanava da dele. Embora a voz fosse grossa e quase um trovão, as palavras eram doces como mel para ouvidos de uma jovem que jamais tivera a proteção de um homem, tampouco da mãe, pois era ela quem cuidava de todos em sua família. E ela chorou novamente. Dessa vez seu corpo se vergou para frente, o leque foi esquecido, pois ela usou as mãos para cobrir toda a face. Lorde Lobo em um salto estava ao lado dela na cama e a abraçava.

— Está tudo bem agora, minha rosa escocesa. Está salva dos lobos.

Entretanto, no fundo de seu espírito inocente, sem nunca ter conhecido o amor, nem pelos livros, pois ela era analfabeta, sem nenhuma espécie de cultura, a não ser aquela que a natureza ensina, Rohesia sabia que sua alma estava cativa e de um belo e bom homem cujo nome era Lobo.



26 | O QUARTO CONDE DE NORTHUMBERLAND

Em um novembro qualquer do século XV.

“Seja lícito ou ilícito, o amor ainda é o mais poderoso entorpecente”.^[49]

Já dizia Shakespeare que todos erram um dia: por descuido, inocência ou maldade. Quantas vezes a simples visão de meios para fazer o mal faz com que o mal seja feito!

Harry Percy, o quarto conde de Northumberland, chamado desde criança de O Comandante, estava em Londres para algumas reuniões com o rei em Westminster. Desde o fim de seu acordo de noivado com Heloise Douglas ele se tornara um homem amargo. Intimamente, ainda se ressentia de Lobo, embora fosse pouco provável que o primo tivesse violentado Heloise. Mas ele precisava se ressentir com alguém. Com a noiva? Não fazia sentido, pois ela fora uma vítima, a despeito de ter sido também uma tola. Onde já se viu sair para cavalgar sozinha, sem sequer uma dama de companhia? Mas o fato de o violentador não ter sido apontado o constrangia, pois ele se considerava um fraco.

Meu pai se envergonharia de mim. Pensou ele, sentado abatido no amplo escritório de sua casa em Londres. As paredes forradas de carvalho escuro, o chão de madeira, tão lúgubre quanto sua mente, resplandecia um brilho que ele não possuía. Seu coração estava como morto, seco.

Se amo Heloise? Eu não sei. Se a amava? Tampouco consigo responder essa indagação. Talvez sim. Talvez não. Por que eu me uniria a uma Douglas então? Para repetir a história de meu pai? É possível. Quais meandros da mente do homem nós conhecemos? Sou um poço de obscuridade. Quem sou eu? Meu intelecto responde: ‘és um Percy’. Mas eu refuto: ‘fui criado por um Douglas e sempre acreditei que fosse tornar-me um conde escocês, ao passo que estou eu aqui, um conde inglês’. Preciso de um herdeiro. Já possuo idade para ter um. Sim, Lobo poderá herdar o título, ou um filho dele, mas que sentimento é esse

em meu peito que não o quer lá, no lugar que eu ocupo? Raiva? Inveja? Mas por que eu o invejaria? Sou eu o conde e ele é um eremita, um ermitão. Por pouco não se tornou um monge. Não! O condado merece um homem forte, forte como meu pai foi. Mas Lobo é forte. Neste momento, certamente, mais forte que eu. Por que o invejo? Porque ele ri, ele tem amigos entre os guerreiros, porque o povo do Norte o ama? Sim, é isso que eu invejo em Lobo. Ele é popular e eu inacessível. Então posso tornar-me alcançável, acessível. Mas eu sou o líder. A autoridade do condado. Se me misturo, não me respeitarão. Mas respeitam a Lobo. Eles o amam e o respeitam. Danação! Gostaria de ser simpático como ele, mas não o sou. Sou um conde mal-humorado, ainda muito jovem, mas já amargurado. O que pode me ocorrer para que essa amargura saia de dentro de mim? Providência divina, se de fato existe, mostre-me o caminho, pois estou a pouco de colocar minha cabeça à frente de uma lança e sem qualquer boa causa para manter meu nome na História, senão um conde perdido.

Foi com os pensamentos nesse turbilhão que ele se levantou, saiu da mansão, entrou em sua carruagem e ordenou ao seu cocheiro que fosse para a St Helen's Church, na Bishopsgate. A igreja estava vazia àquela hora e lorde Harry entrou e sentou-se no segundo banco à direita.

Era uma coisa interessante a se observar: um belo homem, bem-vestido, alto, de aspecto saudável e muito atraente, mas com os ombros curvados, como se derrotado.

Christabel olhava para aquele rapaz com reverência e admiração, quase como as outras freiras olhavam para a imagem de Jesus na parede. St Helen's era uma igreja muito larga, possuía duas naves paralelas, uma para os paroquianos e outra para as freiras. E era da ala das freiras que ela o observava. De onde ela se encontrava não via a expressão conturbada dos olhos dele, mas enxergou sua austera beleza. Viu o belo homem sentado tristemente, talvez rezando por um parente recém-morto. Foi o que Christabel pensou, pois ela própria estava ali fora devido à morte de seus pais.

O curvar dos ombros dele fê-la lembrar-se dela mesma quinze anos atrás, quando fora deixada ali, ainda uma menina de 10 anos de idade. Foi largada à porta do convento por um tio desesperado para se livrar dela e manter sua própria vida e a dela. A Peste Negra havia matado pobres, ricos, religiosos e ateus. Os judeus, como ela, foram responsabilizados e exterminados pela população, como ratos. “Por não serem da Europa e por, desde a Idade Antiga, viverem em constante migração, passando por várias regiões do mundo até se instalarem nos domínios do continente europeu, acabaram se tornando ‘bodes expiatórios’ das multidões enfurecidas. Milhares de judeus foram mortos durante

a eclosão da Peste, que tinha esse nome por causa das afecções na pele da pessoa acometida: grandes manchas negras, seguidas de inchaços”. Ela fora aconselhada pela madre superiora — *que Deus a tivesse sob suas asas*, pensou — a esconder sua origem judia, seu nome verdadeiro, dado por sua mãe em homenagem às avós materna e paterna, Leah Rebecca. A madre lhe dera um nome cristão que, segundo ela, significava seguidora de Cristo, muito mais apropriado para a vida que ela teria que levar dali adiante. E indubitavelmente sem escolha, ela se tornara uma freira.

Christabel, pois ela fora chamada dessa forma por mais anos que pelo nome judeu, acostumou-se ao nome, mas não à vida eclesiástica. Ela não se encaixava e, como lorde Harry, vivia em conflito consigo mesma. Uma culpa a consumia por abandonar a religião dos pais e outra por não ter se tornado a freira exemplar que a madre superiora, que a criara com amor e carinho, esperava.

Com 25 anos de idade, a mente de Christabel era o que ela descreveria como uma mente cheia de pensamentos pecaminosos. Ela acordava em sua cela, sua alcova da dor, molhada de suor, com seu corpo tremendo de desejo, como se tivesse sido visitada pelo mal, como as outras freiras a acusavam. Seja dito de passagem: a moça precisava apenas de um homem em sua cama. Ela era saudável, apenas isso.

Veze sem fim ela idealizara um homem perfeito. Seus olhos eram verde-escuros, a boca parecia criada por um cinzel na mão de um habilidoso escultor, que dera à madeira um contorno suave, mas ao mesmo tempo uma almofada de prazer. Essa almofada, quando sorria, fazia um vinco nas extremidades, uma covinha quase imperceptível, mas ela a enxergava em sua mente. O nariz era longo, mas não feio. Ela havia lido que se chamava de nariz grego, com narinas estreitas e atraentes.

Por falar em gregos, certa vez ela entrara na sala da madre e, em cima da mesa da superiora, viu uma gravura feita a carvão, provavelmente confiscada de alguma freira que certamente tinha tanta vocação quando Christabel, ou Leah Rebecca, para a vida religiosa. A gravura era uma semelhança rudimentar da posterior Batalha dos Dez Nus, de Pollaiuolo. Mas Christabel apossou-se daquele papel e o adorou por anos a fio. Ela passava seus longos e finos dedos pelos contornos dos músculos dos glúteos, das costas, dos braços, do abdômen e corava quando contornava a genitália da gravura, já quase apagada. A freira — se fora uma freira a criadora de tal gravura — sabia o que desenhava, pois apenas a imaginação de uma virgem não teria tanta propriedade.

Lorde Harry, como se sentisse que era observado, levantou-se e olhou diretamente para onde Christabel se encontrava. A visão da linda freira o fez

estremecer, pois, ao contrário de Christabel, Harry era católico. Desejar uma freira era para ele um extremo pecado e ainda assim ele a desejou.

Ele não viu nada mais, senão os olhos e a boca, mas a intensidade do olhar da jovem o paralisou e o atraiu. Quando ele deu por si, já caminhava na direção dela com passos decididos. Christabel fez menção de correr, deu dois passos para trás e chocou-se com a parede. Talvez, se não estivesse entre ele e a fria parede, ela teria corrido, mas não o fez e seus olhos se encontraram.

Ah, caro leitor, que sentimento supremo é a paixão! Nada há mais forte no mundo. Ela arde, pulsa, altera planos e muda rotas; é tão poderosa e nasce apenas de um olhar.

— Não corra. Não lhe farei mal algum — disse ele, estendendo a mão na direção dela e recolhendo-a em seguida, como se temesse tocar o inatingível.

Ela apenas o olhava, mas não era um olhar qualquer. Era o olhar de quem constatava que seus devaneios, fantasias e sentimentos tinham feito surgir à sua frente a materialização de seus sonhos. Pois aquele ali era o homem que ela havia inventado para dar vida à gravura roubada.

— É uma freira — ele não perguntou, não era necessário, apenas constatou, ao olhá-la de cima a baixo. O hábito que ela usava, uma túnica preta coberta por um escapulário e um véu branco, não lhe dava qualquer esperança de dúvida.

Christabel balançou a cabeça, concordando. Lorde Harry baixou seu olhar. Parecia, novamente, ter perdido outra batalha. Entretanto, aquela ali estava apenas começando. Quando ele fez um gesto com a cabeça, uma sutil despedida, e virou-se para partir, para sempre, ela o chamou:

— Por favor, senhor, não vá ainda. Qual é o seu nome?

O pedido, quase um clamor, trouxe todo o anseio daquela alma que, há anos na solidão de sua cela escura, sonhava acordada com alguém semelhante a ele. Ela morreria se não soubesse qual nome trazia sua criação. Nunca conseguira dar um nome à sua gravura.

A voz melodiosa de Christabel, com anos de treino no coral do convento, tocou no mais profundo da alma de Comandante, e ele se voltou para ela.

— Por quê? Por que tinha que ser uma freira? Logo uma freira!

— Eu não tive escolha, senhor.

— Como não? Ninguém entra para um convento obrigada — ele parou para refletir um instante —, pelo menos deveria ser assim.

— Meus pais, senhor, morreram. Meu tio me trouxe para cá ainda quando eu era apenas uma menina.

— Como se chama, irmã? — ele enfatizou o “irmã”, mais para ele próprio do que qualquer coisa, mas aquilo fez o semblante dela decair. Foi como se ele a lembrasse que ela era uma pecadora. Como ela não respondeu, ele se deu conta de que não poderia ir embora dali sem que também soubesse qual nome teria aquela freira; aquela que povoaria todos os seus sonhos, as incontáveis horas insones dali para frente até a sua morte, quem sabe.

— Diga-me como se chama e eu a deixarei em paz — repetiu ele.

Ela o olhou profunda e ousadamente e disse:

— Não o direi, senhor. É melhor que nunca saibamos o nome um do outro.

— Mas... por quê? — ela agora o tinha desafiado. Se lorde Harry, até aquele instante, tinha dúvidas de que puxara ao pai, não teve mais. Pois o filho de Sir Percy estava ali, aquele que nunca fugira de um desafio, que amava o proibido, e ele disse:

— Eu descobrirei o seu nome. Diga-me por benevolência ou à força, pois hoje ainda estará comigo a caminho do Norte.

— Não irei a lugar algum, senhor. Vivo aqui, na clausura.

— Irá comigo, por bem ou por mal.

— Não pode me raptar, senhor!

— Não a raptarei. Algo em seus olhos me diz que caminhará calmamente até a minha carruagem...

Christabel, embora de pele parda, característica dos judeus, corou visivelmente. Ela também havia sonhado com algo assim, com seu herói raptando-a e levando-a embora daquele convento. Mas em sua imaginação ele estaria a cavalo. A carruagem, porém, era apenas a sofisticação de seu sonho. Àquela época, somente os reis e os nobres tinham carruagens e ela achara que já era ousadia sonhar com um cavaleiro tão belo, com corpo de um guerreiro, com uma espada na mão. Sendo assim, para suas parcas ambições, seria ousado demais e acima de suas expectativas sonhar com um nobre.

Os olhos do jovem conde estavam sobre ela, como se temesse que ela fugisse. Ele se desconhecia. Se ele soubesse que Lobo havia feito algo semelhante não se surpreenderia, mas ele? Antes tão sensato, tão pacato, não inalcançável, previsível até, estava ali na iminência de cometer um sacrilégio. Mas a despeito de seus pensamentos acusatórios, de sua consciência que gritava, ele se mantivera firme. Queria ver o que havia por trás daquele hábito de freira.

— Eu... eu... não posso, senhor. Não... porque sou freira... mas... porque eu sou... — ela olhou para ele e ele viu medo nos escuros olhos.

— Diga-me. O que pode ser maior impedimento que ser uma freira?

— Eu... eu... meus pais, senhor... eles... eles... eram judeus... — a última palavra saiu quase num sussurro.

— E que problema há nisso? — lorde Harry deu um leve sorriso para encorajá-la. Ele sabia da perseguição aos judeus e naquele instante entendeu a razão pela qual ela tinha se escondido naquele convento. Pois a paixão que ele via naquela mulher nada tinha de religiosa.

— Não se importa? — os olhos dela brilhavam.

— Não, de forma alguma isso seria um impedimento para mim. O que me preocupa, confesso, é fazê-la quebrar os seus votos.

Ela olhou surpresa para ele.

— Eu nunca os fiz de coração. Como fazê-los, senhor? Eu sou judia.

Naquele instante eles ouviram vozes, muitas delas. As outras freiras estavam indo naquela direção. Era chegado o horário do ensaio do coral. Lorde Harry pegou-a pela mão e puxou-a em direção à saída da igreja.

Se, naquele momento, alguém estivesse passando pela Bishopsgate, veria um lorde alto e forte de mãos dadas com uma freira miúda e assustada. Diriam que aquele comportamento não era adequado a ela, uma escolhida de Deus, mas Christabel nunca escolhera aquele caminho. Os fatos miseráveis de sua vida a tinham jogado lá, e lá, sem parentes e com medo, ela se escondera por todos aqueles anos. Entretanto, embora seu corpo estivesse enclausurado naquela alcova, sua mente e coração voavam e, de alguma forma inexplicável, atraía lorde Harry àquela igreja.

A história dos dois estava apenas começando, mas havia uma profunda conexão entre eles, como se a Providência os tivesse feito um para o outro, num encaixe perfeito, como as teclas de um piano, tão distintas em cores, mas que juntas traziam música à vida.



27 | AS NUANCES DA PAIXÃO

Tanto o homem quanto a mulher que censura a insanidade do estado da paixão nunca a experimentaram. Sinceramente, eu queria estar errado sobre o que eu considero uma desventura. Da mesma forma que para todo macho ou toda fêmea que condene esse vultuoso sentimento seja um infortúnio, creio que merecidamente todos deveriam provar do seu mel — ou de seu fel — ao menos uma vez na vida, seja doce ou amargo o seu fim, há de saber como ele palpita o coração.

Paixão é fogo que transforma o mais virtuoso homem no mais vil culpado. É o calor que dá vida ao perecimento, é o arrebatamento que transforma ovelhas em lobos, que faz do fraco o mais perseverante combatente, no intento de aplacar a fome que lhe acomete o espírito. Oxalá, se fosse só isso, poderia ser sanada, talvez, por resiliência, mas a paixão é voraz, toma todo o ser, enreda o corpo, envolve a alma e enleia o espírito. É a avidez, a sede e a aflição que removem o sono, consomem as horas e incendeiam a mente. Sim, ela pode ser aplacada, até controlada, como se controla um animal em fúria, entorpecendo-a momentaneamente na satisfação do desejo carnal, como a água sacia a sede. Porém, ela é sagaz e, enquanto existir, não pode ser totalmente saciada, pois reincide meia hora depois, porquanto é poço de inesgotável anseio, cuja incerteza aumenta seu desassossego. E que certeza há na paixão? Dessa forma, é sofreguidão da alma, agonia do espírito e avidez do corpo. Ainda assim, caro leitor, é a maior delícia da existência humana na Terra. É preciso experimentá-la pelo menos uma vez para se dizer que viveu. De outro modo, tenha o meu mais sincero lamento, destarte passou uma vida em branco.

Em vista do exposto acima, vamos aos três cavalheiros dessa história que intentei lhe contar. Reese, como o leitor já percebeu, há muito era controlado pela voluptuosidade desse sentimento, que o levou do Norte da Inglaterra, ao Norte do Reino das duas Sicílias, passando por percalços incontáveis pelo caminho, mas mesmo assim enlevado pelo torpor do encanto da paixão pela ardente Flora. Ele era como um leão que avançava no vestígio do cio da fêmea.

Mas volto a falar desses dois em seguida, pois agora posicionarei o leitor quanto aos demais cavalheiros.

Conta-se que os dois lordes do Norte, Lobo e O Comandante, eram homens decididos, vividos, calcados pela força e pela nobreza. Porém, em quase todo o resto eram diferentes. Lorde Lobo, embora fosse filho de um nobre, era um rústico morador da floresta. Já lorde Harry possuía a aristocracia em cada fibra de seu ser. Mas seja majestoso ou silvestre — creio que posso chamar lorde Lobo dessa forma —, homem é homem, macho é macho, e quando a semente da paixão cai na terra da solidão, ela brota, cresce e toma a terra por assalto. E foi assim que aconteceu com ambos.

Mas a paixão, por ser um sentimento que carrega na sua essência a voluptuosidade, é matreira. Para não assustar suas presas, às vezes ela chega de mansinho, rastejando como uma fera sobre a paliçada. É o mais inteligente sentimento e conhece profundamente os homens e as mulheres, sabe com quem tem que ter perspicácia e a quem ela pode tomar de assalto. O conde ela tomou de assalto, pois, embora ele tivesse sido noivo de lady Heloise, tampouco conhecia a paixão. Já com lorde Lobo, outrora ferido na batalha da vida, astuciosa, ela rastejou.

Lorde Lobo sequer tinha noção de que já tinha sido cativado, dado que às vezes ainda pensava em Flora romanticamente, ou por hábito. Ou seria culpa? Com o conde, a paixão não se deu ao trabalho de camuflar-se, enlaçou-o de imediato. Creio que não existe nada mais forte para o apego que o proibido. E aquela freira era o que havia de mais condenado para O Comandante. Como eu já mencionei, ele era católico, havia sido educado pelo conde de Douglas e, quando criança, havia tido como preceptor um padre. Imaginem a mente daquele jovem quando aspirou tomar para si uma freira? O que eu posso contar é que aquele anseio se tornou uma ambição desmedida, que surpreendeu até ele mesmo. O lorde se viu tomado por um arrebatamento e uma obstinação que, até então, eram muito insipientes. Lembra-se que ele não se achava parecido com seu pai? Contudo, a atração tornou-se entusiasmo e esse ardor transformou-se numa emoção desconhecida, pois, de repente, ele descobriu que o que outrora sentira por lady Heloise não era nada se comparado ao fascínio que ele sentia por Christabel. Ele se viu agindo com parcialidade, tenacidade e até insensatez, coisas que jamais fizeram parte de seu caráter.

Pois conta-se que lorde Harry abriu a porta de sua carruagem e colocou a freira para dentro, sob o olhar assustado de seu cocheiro, e mandou que ele seguisse para o Norte. Já quanto a Christabel, não posso dizer o que se passava por sua mente, mas creio que vivenciava um misto de medo e expectativa diante

do que viria pela frente. Há de se supor que estivesse também feliz, já que lorde Harry era a materialização dos seus mais profundos anseios.

— Para onde está me levando, senhor? — ela ainda não sabia que ele era um conde.

— Para o Norte. Para Alnwick Castle, a minha e a sua casa de agora em diante.

— Castle, senhor. Disse um castelo? — nem no mais recôndito ser de Christabel ela pensaria em algo assim. Era como se o seu príncipe, montado em um cavalo branco, a estivesse raptando e levando para sua fortaleza.

— Sou o quarto conde de Northumberland, senhorita. Em breve será... — neste instante, lorde Harry hesitou. Não que ele não tivesse pensado em fazê-la dele ainda em alguma estalagem a caminho do Norte, mas ele não tinha parado para pensar no depois. Torná-la sua condessa? Uma judia sem nome e sem família? O que seu tio, lorde Ralph, diria daquilo? Torná-la sua amante e casar-se com lady Heloise apenas para ter um herdeiro? Isso não era honesto para com lady Heloise e nem para com Christabel. Tampouco para ele mesmo. Embora ele tivesse total certeza de que o sentimento que o conduziu ao noivado com lady Heloise não fora paixão, nem amor, apenas simpatia, o lorde era um homem de elevados princípios. Usar lady Heloise não lhe parecia honesto, pois a moça devia ter por ele sentimentos profundos. Menosprezar Christabel tornando-a apenas uma amante passageira também não lhe parecia suficiente. E ele sentira uma conexão especial com aquela moça. Ele, então, voltou seu olhar para a freira e um presságio de culpa perpassou seus olhos.

— O que foi, milorde? Hesita em me dizer alguma coisa?

— Sim, tem razão. Eu não sei o que farei com você.

— Não sabe? Não... não... me usará?

— Usar?

— Sim, uma freira me contou que os homens usam suas mulheres de forma... bem, de forma... creio que carnal... — corada, ela se lembrou das admoestações da freira superiora sobre dar vazão aos desejos da carne, e a culpa também veio sobre ela. Asas negras possuem a culpa. Ela sobrevoa a mente e rouba a esperança. De repente, Christabel olhou para o hábito que usava e se deu conta de que tudo estava muito errado. Então, tristemente voltou seu olhar para o conde para pedir que a levasse de volta ao convento, mas deparou-se com a floresta verde dos olhos dele e perdeu-se neles. Nos indelévels segundos que se manteve presa àqueles olhos, toda a sua vida no diminuto quarto escuro, sua cela solitária, desfilou à sua frente. Os sonhos mais recônditos de sua mente, os anseios de viver um grande amor, a esperança de largar o hábito e deitar-se

comum homem, e ela se deu conta de que, se voltasse atrás, poderia nunca mais ter outra chance, o que possivelmente era verdade. Quando percebeu já havia retirado a touca, o limpel que envolvia seu pescoço, o capuz, mostrando os lindos cabelos negros que jaziam sob todo aquele paramento: o anseio havia vencido e ela se despia da culpa. Pelo menos por ora. Embevecido pela beleza dela, o lorde pegou sua mão e levou aos lábios.

— Como é bela, senhorita! Devia ser considerado pecado enterrar tamanha beleza naquelas frias paredes.

A moça apenas sorriu encabulada. Preso à beleza daquele rosto, o conde sentiu que deveria dar a ela o seu melhor. Naquele momento, o seu melhor era a verdade e ele a expôs.

— Peço o seu perdão, senhorita. Mas tenho que ser honesto. Responda-me, eu lhe peço do fundo de minha alma: deseja ir comigo, para viver como minha amante, ou deseja voltar ao convento? No momento, nada mais posso lhe oferecer.

Naquele instante, era Leah Rebecca que se sentava ali, pois os ensinamentos da mãe judia vieram à mente de Christabel. Ela, quando sonhava com seu herói, aquele que lhe resgataria da cela do convento, não pensava no que ele faria com ela depois de fazê-la dele. Estarrecida, lembrou-se de que seu sonho não saía da cena carnal, da realização carnal de um coito. Deu-se conta de que as coisas estavam acontecendo dessa forma porque ela não tinha sonhado com um casamento. Sobretudo, lembrou-se das poucas imagens vívidas de seu pai e de sua mãe, enquanto marido e mulher, e não gostou das recordações. Jamais vira seu pai beijar a mão de sua mãe como o cavalheiro a seu lado havia beijado os seus dedos. Christabel estremeceu. O que era mais vantajoso para ela, voltar à cela e passar o resto de sua lúgubre vida olhando a ilustração a carvão, pecando da mesma forma, pois ela também se lembrava que pensar e realizar era, diante do Deus dos Cristãos, a mesma coisa. Então, voltou-se para o expectante lorde e respondeu:

— Se, em minha sede, eu não encontro água corrente, morrerei porque não quero tomar das gotas que respigam sobre mim?

Lorde Harry a amou naquele instante e prometeu a si mesmo nunca deixar que lhe faltasse água.

— Eu lhe prometo, se confiar em mim, se me tiver afeto como eu tenho por ti, nunca sentirá falta de nada. Serei o mais atencioso amante, o mais presente, o mais amoroso e nunca, jamais, sua cama esfriará.

Christabel sorriu e, pela primeira vez, lorde Harry viu as covinhas que se formavam em sua face. Ele se embebedou daquele riso e, quando deu por si, já

provava dela.

Christabel nunca tinha sido beijada. O mais próximo daquilo que ela tinha visto fora uma mãe passarinho alimentando seus filhotes. Mas ela segurou com as duas mãos a face dele e se deixou beijar, conduzida pelo experiente conde, ao mais elevado desejo. Despertada dessa forma, onde apenas sua imaginação a havia levado, deu vazão aos seus desejos e deu sinais de que se entregaria a ele. O Comandante, então, mandou que o cocheiro parasse na primeira estalagem e, vestindo em Christabel a sua capa, saíram para a primeira noite de amor deles, pois o crepúsculo dava adeus, e uma noite cheia de prenúncios batia à porta.

Em outro tempo, em meio a outros povos, a muitas e muitas milhas dali, nas bordas dos Apeninos, no mesmo crepúsculo, Reese havia terminado de construir uma cabana para que ele e Flora pernoitassem. A vegetação era intensa, uma mata os cercava, com todos os assustadores ruídos de uma floresta cujos animais ferozes acordavam e saíam à caça. Mas Reese, um experiente homem do campo, havia escolhido um bom esconderijo para o casebre: era cercado nos fundos por uma enorme pedra e do lado por um amplo barranco, de forma que apenas dois lados tiveram necessárias fortificações. Construiu-a de madeira, cobriu-a com espessa folhagem e erigiu, com pedras, o local onde uma fogueira os aqueceria. O fogo guardaria a entrada da choupana, de forma que nenhum animal ousaria incomodá-los.

Era estrategicamente pequena, feita sob medida para que seus corpos se tocassem, mas ao mesmo tempo era confortável — com o que eles dispunham de conforto, obviamente. A espessa manta forrava o chão e a ampla capa dele servia-lhes de cobertor. Para manterem-se aquecidos, teriam que buscar também calor um no corpo do outro.

Reese prudentemente tinha levado provisão para aquela noite. Ainda bem, pois eles tinham chegado mais tarde do que tinha previsto e sua prioridade fora construir a cabana. Portanto, não tivera tempo de caçar. Ele também, antes de sair à caça, queria fazer um reconhecimento da área. Optara pelo local por causa da água e tivera sorte de encontrar um bom e discreto lugar, escondido da trilha principal, para construir seu ninho. Ele pretendia ficar ali por um bom tempo, talvez até depois do inverno. Por isso a acuidade com a construção.

Enquanto comiam, Flora perguntou:

— Reese, quando chegaremos à Inglaterra?

— Vai demorar, querida. Não podemos viajar pela montanha no inverno, pois há precipícios que ficam encobertos pela neve. Eu jamais colocaria a sua vida em risco.

Ela nada respondeu. Na tênue luz da fogueira, ela olhou os traços fortes dele, destacados por uma tez ampla, com ângulos másculos e lábios de um homem determinado. Nada em Reese lhe passava fraqueza e sim decisão, total segurança. E Flora admirava essas qualidades, as mesmas que a fizeram apaixonar-se por lorde Lobo, o homem da floresta. Poucos instantes depois, um som de alguma fera fê-la estremecer.

— Reese — chamou ela, amedrontada.

— Não se preocupe, querida. A cabana está fortificada nos dois lados e em cima. O fogo também afastará qualquer intruso e, se algum animal ousar ultrapassá-lo, há a minha lança. Está segura comigo, Flora.

Ela novamente nada respondeu. Estavam sentados lado a lado e, pelo tamanho da construção, era impossível que seus corpos não se colidissem. Instantes depois, Flora deitou sua cabeça nos ombros de Reese, ombros trabalhados pelo trabalho árduo de anos na lida da fazenda e pelos meses como marinheiro no navio que o levou até aquele país. Ele virou o rosto na intenção de beijá-la, mas Flora já dormia profundamente. O cansaço da viagem em cima de um lombo de um cavalo tinha exaurido suas forças. Reese, então, deitou-a sobre a manta, ao lado dela. Deixou seu braço estendido para que lhe servisse de travesseiro. Mas enquanto Flora dormia na mais complacência ternura, confiando sua vida a ele, Reese ardia por ela. O sono, como se podia esperar, não veio para ele e, embora cansado, ele não conseguiu dormir. Desejava-a tão intensamente que pensou em cometer um desatino e fazê-la dele ali, naquela noite.

Não! Não faça isso.

Disse ele para sua mente atordoada e seu corpo em chamas.

Ela irá ceder. E quando isso acontecer, ela me procurará, se oferecendo.

Então, ciente de que esperar era a melhor estratégia, que só os tolos pulavam etapas e se precipitavam, ele se aquietou um pouco, mas as horas foram passando, a fogueira se extinguindo e seu corpo continuava teso, aceso, em tumulto, rígido como a pedra na construção que naquele instante continhas as cinzas.

Preciso reavivar o fogo dessa fogueira e aliviar o meu.

Com cuidado, retirou o braço sob ela e Flora gemeu. Sonhava com alguém, seria com lorde Lobo? Reese se enfureceu. Levantou-se, saiu da cabana e se aliviou daquele desejo. Pensou nela, que a penetrava e que ela gemia por ele. Mais calmo, voltou, reavivou a fogueira e, finalmente, quase na aurora, foi vencido pela exaustão.

Distante dos Alpes, quando a alvorada mostrou sua bela face, cândida e quase translúcida, iluminando o Norte da Inglaterra com seus tímidos raios de sol, lady Ella Douglas acordou. Tinha esperado por lorde Lobo a noite toda.

— Maldito! Onde ele estará? Ninguém passa um dia e uma noite caçando.

Com fome, pois há muito a hora da última refeição ficara para trás, ela não tivera alternativa a não ser sair do quarto e ir à procura da cozinha. Seu estômago gritava pelo desjejum. Tencionava fazer isso às escondidas e voltar para seu esconderijo e esperar por sua presa. Mas seus planos foram frustrados, pois ao se esgueirar para a cozinha, deparou-se com ela ocupada, sobressaltando a si e ao guerreiro que ali desjejuava.

— Mas que desgraça é essa! — exclamou Guimer, reconhecendo a estranha aparição matutina como uma das ladies Douglas. O que aquela dama fazia ali, àquela hora da manhã, toda descabelada como se tivesse lutado com um lobo?

— Onde está seu patrão?

— Eu não tenho patrão, milady, mas se está se referindo a lorde Lobo Branco de Batalha, ele não se encontra aqui, mas sim em Alnwick Castle.

— Alnwick Castle? Mas o que ele foi fazer lá? Todo mundo sabe que ele e o conde estão brigados.

— Eu não sei nada da vida de lorde Lobo, menina.

— Menina, não. Sou lady Ella Douglas e exijo que me trate como uma dama.

— Posso perguntar o que a *dama* está fazendo sozinha na Toca do Lobo?

Lady Ella ficou desconcertada, pois o guerreiro não se intimidara com ela e usara sua própria afirmação para refutá-la. E era verdade. Guimer não se intimidava com os Douglas. A propósito, nada o intimidava. Ele já perdera as contas das vezes em que lutara contra o exército dos Douglas e, embora estivesse fora de forma, não seria aquela petulante mocinha que o intimidaria.

— Eu estava cavalgando e me perdi dos outros.

— Onde está sua montaria? Não vi nenhum cavalo diferente nos estábulos.

— Não o tenho mais. Tive que deixá-lo com os lobos, do contrário não estaria aqui lhe contando isso.

— Os lobos atacaram seu animal? — Guimer quase gargalhou da mentira da outra, pois era óbvio que ela mentia. Ele sabia a razão pela qual a moça Douglas encontrava-se ali. Não era segredo para ninguém, em toda aquela

redondeza, que lady Ella queria tornar-se lady Lobo Percy. Possivelmente, ela viera armar alguma cilada para seu amigo.

— E a lady correu para a Toca do Lobo para se abrigar. Isso foi agora pela manhã?

Lady Ella hesitou e, quando percebeu que o guerreiro a olhava fixamente, aguardando uma resposta, respondeu:

— Foi ontem à noite.

— Cavalgava de noite pela floresta? Muita corajosa. Tenho que reconhecer que é, de fato, uma Douglas.

Lady Ella ficou em dúvida se ele a elogiava ou desdenhava, mas concluiu que ele a tomava por tola e ofendia toda a sua família.

— Foi ontem à tarde. Como eu já lhe disse, cavalgava com minha dama de companhia e um servo de Athelard fortemente armado nos guardando, mas eu e minha dama nos perdemos dele quando o servo foi afugentar algum animal feroz. Mas algo aconteceu que cavalgamos para direções opostas e estou certa de que minha dama de companhia também foi devorada pelos lobos, pois eu mesma a ouvi gritando desesperada e pedindo socorro.

Guimer, imediatamente, ficou mais atento. Então a mocinha a quem lorde Lobo socorrera era a dama de companhia daquela imprestável Douglas.

— Deixou sua dama de companhia ser devorada pelos lobos?

— O que eu podia fazer? Está sugerindo que eu deveria ter dado a minha vida em troca da dela?

— Creio que o “Lobo” vai preferir comer a outra à senhorita — Guimer, que tinha visto como lorde Lobo cuidara da criatura do cabelo vermelho, desdenhava da insuportável Douglas. Ele a acompanharia de volta ao solar de Athelard e iria ter com Lobo. O lorde precisava saber da visita que recebera aquela manhã.

No mesmo horário, mas em Alnwick Castle, Fenella conversava com o filho durante o desjejum.

— Beatrice me disse que a mocinha de cabelos vermelhos é a dama de companhia de lady Heloise. Você sabia disso, filho?

— Não sabia. É mesmo? — lorde Lobo parecia surpreso. Ele imaginava que ela fosse a filha de algum camponês escocês, mas jamais imaginou que ela tivesse alguma ligação com as ladies Douglas. Ela não lhe parecia filha de nenhum cavaleiro, muito menos de nobre. Mas se ela tinha alguma ligação com os Douglas, ele precisava ficar mais atento. Por pouco não fora para a fogueira por causa de uma delas.

— Sim. Beatrice apareceu enquanto eu trocava seus emplastos e a reconheceu de imediato. Porém, embora sua irmã tenha lhe feito muitas perguntas, a outra somente lhe deu respostas evasivas. Estou inclinada a acreditar que lady Heloise a enviou para ver se O Comandante se encontrava aqui.

— Lady Heloise a enviou? — lorde Ralph entrou naquele instante e beijou Fenella no rosto. Ele havia acordado ainda de madrugada para ir ter com o ferreiro, pois a roda de sua carruagem havia empenado, e ele queria saber se o conserto tinha sido efetivado. Pretendia partir ainda naquele dia para Hampshire.

— Consertou a roda? — Fenella perguntou.

— Sim, querida. Mas quando eu entrava ouvi você dizendo que lady Heloise enviou alguém. É a mocinha que Lobo resgatou?

— Beatrice acha que sim — foi o próprio Lobo quem respondeu. — Mas eu mesmo vou tirar isso a limpo. Ela já tomou seu desjejum, mãe?

— Sim. Mr. Mercer levou para ela.

— Acha que ela já pode viajar, querida? Se é dama de companhia de lady Heloise, eu mesmo posso levá-la a Athelard antes de partimos para Border Peace Park.

— Não acho prudente que ela viaje agora, meu querido — Fenella olhou com cumplicidade para o outro lado da mesa onde seu filho estava sentado. — Seus ferimentos são muitos e podem ficar ainda piores se ela se movimentar. Mesmo que não caminhe até a carruagem, daqui para a Escócia há buracos demais na estrada. Melhor deixá-la aqui aos cuidados do curandeiro. Por falar nele, Mr. Harrison me disse que o estado dela pode se complicar se ela se aborrecer.

— Mas não foi somente um ferimento na perna? — lorde Ralph perguntou.

— Ferimentos nas duas pernas — corrigiu-o prontamente lorde Lobo.

— Pois é, eu também não entendi porque Mr. Harrison disse isso. Mas a mocinha fala tão pouco conosco, o tempo todo se escondendo atrás daquele leque. Talvez ela tenha lhe revelado algo que não contou para nós.

— É possível — respondeu lorde Ralph. — Vou falar com Mr. Harrison. Bom dia, filha — Beatrice entrava naquele instante.

— Mr. Harrison não está, papai. Eu mesma estou vindo de sua sala. O que deseja com ele? Está doente?

— Não — lorde Ralph voltou a se sentar, mas não antes de ver que sua mulher e sua filha trocavam um olhar cúmplice. E ele compreendeu tudo. Sim,

que a mocinha ruiva ficasse ali. Antes ela que Flora. Seu filho parecia ter se esquecido da irmã ou subjugara aquele sentimento incestuoso.

Entretanto, a lembrança da filha desaparecida abateu o lorde mais velho. Antes de partir para Hampshire ele foi ao antigo escritório, então pertencente a lorde Harry, para escrever mais uma carta para Leon Seth. A última que recebera da parte de seu escudeiro dizia que ele tinha uma pista de Flora e tudo indicava que ela estava com Reese. Que Deus ajudasse que Reese não fosse seu filho.

Que maldição aquela de irmãos sempre se apaixonarem um pelo outro! Pensou ele, cabisbaixo.

Naquele instante ele acreditou que Sir Percy, seu irmão, tivesse, de fato, violado as leis de Deus.



28 | ROHESIA

Deitada com suas pernas sobre uma profusão de almofadas, numa grande e confortável cama, tendo uma lareira constantemente acesa por uma criada, que disse que se chamava Mrs. Mercer e vez ou outra entrava para abastecer o fogo com mais uma lasca de madeira, Rohesia pensava o que contaria para aquelas bondosas pessoas. Não era decente mentir, mas se a lady má descobrisse que ela tinha revelado para alguém o que efetivamente sucedera, decerto maltrataria sua mãe e seus irmãos. Ela, então, precisava se manter firme e, assim que suas pernas parassem de doer, fugiria e voltaria para Athelard. Teria que roubar um cavalo, ela pensou. Já roubara perdizes além da conta para sentir-se culpada pelo empréstimo de um cavalo, pois seguramente não o comeria. As perdizes do passado foram para alimentar seus irmãozinhos famintos. Depois, pensou ela, pediria ao cavaleiro de Athelard que soltasse o cavalo próximo a Alnwick Castle.

Se não fosse por meus irmãozinhos, minha irmã e minha mãe eu ficaria aqui para sempre. Deixaria que pensassem que um lobo me devorou. Mas o que será de Raja, Rick, Robin, Riley, Roderick e Rolf? Lady Ella os cozinhará vivos. Sem falar na pobrezinha de nossa mãe. Não! Preciso manter minha boca bem fechada, o que de minha parte, suponho, não será difícil, pois meu maior desespero aqui é que ele, o lindo lorde Lobo que me trouxe para cá, veja que sou uma defeituosa, e para sempre. Oh, por que fui lá aquele dia? Tudo por conta de um chapéu!

Neste instante alguém bateu na porta e, logo depois, o *lindo lorde Lobo* entrou. Rohesia sobressaltou-se e imediatamente catou o leque de sobre a cama e o elevou à boca. Lorde Lobo já estava para pegar aquele maldito utensílio e jogar na lareira, porém, conteve-se, dizendo para si mesmo que dominasse aquele impulso animal.

Estou lidando com uma moça e não com uma raposa.

— Bom dia, senhorita. Como está passando hoje?

— Bem melhor, milorde. Creio que eu já posso até ir embora.

— Ir para onde?

— Para... para... a Escócia, evidentemente.

— Sim, evidentemente — ele riu um riso raivoso. — Para Athelard, o solar dos Douglas, onde reside e é dama de companhia de lady Heloise — acrescentou pausadamente, encarando-a.

Rohesia sentiu que o sangue lhe fugia da face e elevou o leque, cobrindo todo o rosto.

Como ele sabia que ela era dama de companhia das ladies Douglas? Certamente a boa lady Beatrice, que estivera com ela naquela manhã, havia lhe reconhecido. E ela que achou que isso não tivesse ocorrido, pois numa única visita daquela lady ao solar dos Douglas pensara que estivesse invisível. Estava perdida. Aquele Lobo a olhava como se fosse devorá-la.

— Se cobrir mais uma vez o seu rosto com esse... essa coisa aí, eu o pegarei e o jogarei na lareira.

Rohesia, assustada pelo tom da voz dele, abaixou o leque e, temerosa, olhou para a lareira, já visualizando o lindo leque contorcendo-se nas chamas

— Sim, milorde. Não cobrirei mais meu rosto, mas não estrague esse lindo leque que a dama de cabelos iguais aos meus me emprestou.

— Muito bem. Creio que estamos progredindo. Agora, sem mentir para mim, conte-me o que fazia perto da Toca do Lobo.

Rohesia fez menção de levantar o leque, mas o olhar de advertência de lorde Lobo a conteve.

— Milorde, tenha pena de mim — implorou.

— Eu tive. Socorri-a e a trouxe em meus braços da floresta até aqui. É muito longe e você pesa bastante.

Ela achou ter visto um riso nos olhos verdes dele.

— E eu serei eternamente grata por ter me salvado dos lobos, milorde. Acredite em mim.

— Começarei a acreditar assim que a Miss começar a me dizer a verdade.

— Acredite em mim. Por minha própria vontade eu jamais lhe mentiria, pois foi a pessoa que mais me tratou com respeito em toda a minha vida, mas há algo que eu não posso lhe revelar, pois minha família corre risco de vida.

Lorde Lobo aproximou-se da cama com um largo passo. O olhar dele transpassava Rohesia. Todos os seus instintos de guerreiro, de comandante do exército dos Percy e de caçador estavam ali, apurados.

— Quem? — fora uma única palavra, mas continha tais sentenças: não

ouse mentir para mim, não ouse esconder nada de mim, não ouse, sequer, tentar me enganar.

Rohesia estremeceu visivelmente. Ele não repetiria a pergunta. Como aquele homem um dia tinha entrado para um mosteiro? O leitor pode estar se perguntando. E eu responderei: a dor e a culpa o levaram para lá, mas a força de seu espírito e a tenacidade o resgataram. Não era seu destino ser monge e sim guerreiro. Está no sangue dos Percy. Obviamente, eu não estou dizendo que escolher a carreira clerical seja coisa para fraco, ou ruim, longe disso, mas lorde Lobo possuía virilidade para povoar a Terra. O que faria com tal ardor?

— Ella Douglas — Rohesia murmurou, encolhendo-se, como se a única lembrança daquele nome a intimidasse. Começou a chorar dizendo que a malvada lady mataria toda a sua família.

— Sua família mora em Athelard?

— Sim, milorde. Minha mãe é acamada há muitos anos, desde que Mr. Athelard morreu — ela hesitou como se, num rompante, tivesse revelado um segredo, mas continuou, pois lorde Lobo nada sabia sobre as amantes do falecido Mr. Athelard. — Minha irmã trabalha na cozinha do solar para sustentar a todos. Antes de eu ser escolhida como dama de companhia de lady Heloise, era eu quem os sustentava, caçando, mas agora é Raja, minha irmã, quem o faz com as sobras do solar.

— Sobras? — a pergunta continha todo o desprezo que ele nutria pelos Douglas.

Ela balançou a cabeça, mas em defesa dos Douglas, disse: — Lorde Jimmy foi bom para minha família. Cedeu-nos um chalé perto de Athelard. Antes morávamos todos no meio da floresta, numa cabana e, quando chovia, molhávamos todos e quase morríamos de frio. Meus irmãozinhos viviam doentes, mas agora são saudáveis. Não posso me queixar de nada, exceto de uma pessoa.

— Vou mandar buscá-los e levá-los hoje ainda para a Toca do Lobo — ele andou até um aparador, pegou um velino^[50] e entregou a ela. Depois molhou a pena na tinta e estendeu a ela também. — Escreva para eles falando que está aqui e segura e que devem acompanhar, sem qualquer receio ou objeção, os homens que irão lá buscá-los sob as minhas ordens.

— Eu... não... sei escrever, milorde. Nunca me ensinaram as letras.

Ele ficou olhando para aquela adorável criatura sentindo-se um tolo. Era evidente que ela não sabia ler nem escrever.

— Como faremos, então? Eles acreditarão em mim, se eu for

pessoalmente?

— Eu não sei, milorde. Temo que não, pois todos o temem em Athelard por causa do que aconteceu à lady Heloise.

Agora foi a vez da cor fugir da face de Lobo.

— Eu nada tive a ver com aquilo.

— Eu acredito em milorde, mas mesmo assim o temem.

— O que faremos? Quero tirar sua família das garras dos Douglas, da sujeição aos restos de alimentos, e a senhorita ainda não pode sair dessa cama.

— Não adianta escrever para minha irmã, pois Raja é como eu, não conhece sequer uma letra.

Ela refletiu por um instante. Lorde Lobo percebeu que ela tecia um plano e deu-lhe tempo.

— Será que pode mandar a pessoa repetir à minha irmã o que eu lhe disser? Apenas nós duas sabemos do que se trata.

— Repetir o quê?

— Quando a pessoa chegar perto de Raja, deve dizer o seguinte: “Sua irmã está segura em Alnwick Castle, no reino da Inglaterra, e manda dizer que a senhorita reconheceria esse código: ‘o machado voou, tirando dela a alegria para sempre’, e nos acompanharia com toda a sua família, sem qualquer medo, pois somos do bem”.

— O que significa isso? — ele perguntou. Tinha a sensação de que havia uma ligação daquela frase com a cicatriz que ela teimava em esconder em seu rosto e lábios.

— Não significa nada para ninguém, milorde, mas tem um significado para mim e para Raja apenas.

A conversa dos dois foi interrompida por lady Beatrice, que bateu na porta e entrou para levar um recado a lorde Lobo, de que Guimer o esperava do lado de fora.

— Guimer? Aqui?

— Sim. Parece bem agitado. Diz que precisa lhe falar com urgência.

— Diga a ele que estou indo.

Antes de sair, virou-se para Rohesia, certificando-se de que a frase “o machado voou, tirando dela a alegria para sempre” tinha sido guardada por ele na íntegra.

— Sim, milorde — respondeu ela tristemente. A simples lembrança daquele machado trazia-lhe imensa dor. Para sempre estaria deformada, pois fora-lhe tirada a única forma dela demonstrar a sua alegria. Sempre fora pobre,

porém, sorria para tudo, para todas as pessoas que encontrava pelo caminho. Mas depois do machado seu riso se calara.

Logo após o acidente, ela vira sua imagem no espelho do lago e, mortificada, percebera que estava monstruosa. Depois disso nunca mais se olhou e, embora o hematoma tivesse diminuído, ela sabia, pelo contato da língua em seus dentes, que havia uma fenda em seu sorriso. Nunca mais poderia sorrir sem que se sentisse embaraçada, envergonhada e constrangida.

Lorde Lobo encontrou seu amigo guerreiro andando de um lado para outro no grande hall de Alnwick Castle.

— O que houve? Algum incêndio?

— Pior.

— O que pode ser pior que um incêndio descontrolado?

— Uma lady Douglas apaixonada — Guimer riu, mas lorde Lobo manteve-se sisudo.

— Ella Douglas, presumo.

— Sim. Eu estava desjejuando hoje quando ela apareceu do nada. Desconfio que tenha dormindo em seus aposentos.

— Tenho certeza de que passou a noite lá — respondeu lorde Lobo.

— Ela me contou uma história fantasiosa, mas em meio a ela disse algo que talvez lhe interesse. Falou que a dama de companhia tinha sido devorada pelos lobos e que ela mesma tinha escutado os gritos da pobre por socorro e visto a tragédia.

— Ela lhe disse isso? Interessante.

— Eu tenho sérias desconfianças de que ela feriu a outra e a deixou lá para ser devorada.

— Eu tenho certeza disso — respondeu o Lobo. Seus olhos estavam turvos de raiva.

— Maldita Douglas dos infernos! — exclamou o guerreiro. — Devia ter cortado a cabeça dela e jogado o corpo no fosso.

— Teria declarado guerra contra os Douglas. Deixe Ella Douglas comigo. Preciso que me faça um favor, pois apenas confio em você para isso.

— Farei o que me pedir, mestre.

— Não sou o seu mestre e sabe disso, Guimer — lorde Lobo riu. Ele e Guimer eram amigos. Ele devia a sua vida ao velho guerreiro.

— Pegue a carruagem, alguns homens e cavalos, vá até Athelard. Há um chalé nas terras dos Douglas e lá vive a família dessa moça. Você deve levar todos para a Toca do Lobo. Há uma senhora acamada que não suportará a

viagem toda a cavalo. Cerifique-se de que ela faça uma viagem confortável e chegue em segurança. Arrume alguns guerreiros e cerque a fortaleza, de modo que ninguém entre sem a nossa permissão, minha ou sua. Mas para que a família da moça aceite ir com você, deve procurar pela irmã dela, de nome Raja, e dizer o seguinte... — e lorde Lobo citou a emblemática frase.

— Que diacho de código é esse?

— Eu não sei, mas descobrirei.



29 | OS OUTROS TRÊS

A essa altura, se eu fosse o leitor, estaria me perguntando: como andam as investigações do conde de Douglas em relação ao homem que tirou a virtude de sua filha? Foi só falar no nobre escocês que a carruagem de Dalkeith Castle parou em frente a Alnwick Castle. Para surpresa de lady Beatrice, que olhava da janela de seu quarto, lorde Jimmy acompanhava o pai. Mr. Mercer os recebeu.

— Onde está o conde?

— Sua Senhoria está em Northumberland House, em Londres, milorde.

— E Alnwick Castle está abandonado?

— Não, milorde. Lorde Lobo se encontra aqui.

— Chame-o imediatamente.

Lorde Lobo tinha acabado de se despedir de Guimer e se dirigia ao quarto de Rohesia quando lady Beatrice o chamou.

— Lobo, o conde de Douglas acabou de chegar.

Institivamente, lorde Lobo levou a mão à espada.

— Lorde Jimmy está com ele — disse lady Beatrice e o lorde percebeu que ela abaixou seu olhar.

— Desça comigo, Beatrice — disse ele e à moça, que corou, pois seu irmão devia ter percebido que era exatamente por aquele convite que ela esperava.

Ao entrar na grande sala de Alnwick, lorde Lobo disse:

— Vossa Senhoria. O que o traz a tão humilde casa inglesa?

— Deboche não lhe cai bem, meu rapaz. Esse traço maldito pertencia ao seu tio, Sir Percy.

— Dizem que a ironia está no sangue dos Percy, milorde. Mas o que o traz a tão longe de casa?

— Descobri quem foi o maldito.

Lorde Lobo era expressivo e seu belo rosto fez a pergunta por seus lábios.

— O maldito que desgraçou a minha filha e quase o assou vivo.

— Parece que também possui uma veia irônica, Vossa Senhoria. Quem é o maldito? Eu mesmo o cortarei ao meio com a minha espada.

— Não me tire esse prazer, milorde. Já o mandei buscar. Nessa hora ele está a caminho de Dalkeith Castle. O maldito é o fabricante de armas.

— Sir Patchetts.

Lorde Lobo era perspicaz e não precisou que o conde lhe dissesse o que o fabricante de armas tinha em mente ao lhe imputar a culpa pelo estupro de lady Heloise. Era óbvio. Uma guerra gerava desgraça para a maioria, mas um único homem enriquecia com ela, o fabricante das armas.

— Ele queria uma guerra entre nós.

— Sim. Sei disso. E quase conseguiu — respondeu lorde Lobo.

— E tencionava fazer Gonora Patchetts, a filha dele, a futura condessa de Douglas.

Neste momento, lady Beatrice que encarava lorde Jimmy, ficou tão corada como a polpa de um salmão do Tâmis.

— Como isso aconteceu?

— Ele infiltrou a filha em Douglas House, como dama de companhia de Heloise, e minha filha a ajudava com o irmão dela. Quando descobri tudo, coloquei-a para fora de lá, expondo a podridão de seu pai.

— Como está lady Heloise? — lorde Lobo perguntou. Ele simpatizava com ela, embora sentisse aversão à outra.

— Está se recuperando. Espero que, com todo o caso esclarecido, lorde Harry honre seu compromisso conosco — frisou o conde de Douglas. — Se isso não ocorrer, temo que o desejo do maldito Patchetts se concretize.

— Está nos ameaçando com uma guerra, caso meu primo não se case com lady Heloise?

— Minha filha ficará desonrada se isso não acontecer. E eu não permitirei isso. Dê esse recado ao conde de Northumberland: ou um casamento entre as nossas casas ou uma guerra.

Antes que o conde virasse as costas, um bilhete foi passado para as mãos de lady Beatrice. Lorde Jimmy marcava um encontro com ela para dali a três dias. A essa altura, lady Heloise também regressava ao Norte com a promessa dada por seu pai de que O Comandante a desposaria. Entretanto, embora a lady Douglas tenha chegado em segurança ao Reino da Escócia e se instalado

confortavelmente em Athelard, lorde Jimmy nunca mais veria lady Beatrice com vida. Uma febre a abateu naquela mesma noite e lorde Ralph fora chamado de volta ao Norte. O lorde nem tinha chegado a Hampshire. Do caminho mesmo ele retornou, mas também não veria mais o doce sorriso de sua filha. Mas Chloe, que também fora chamada por lorde Lobo, ainda teve tempo de se despedir e pedir perdão.

— Perdoe-me, filha. Eu as abandonei para viver na Escócia. Se eu tivesse permanecido aqui isso não teria acontecido. E Flora, oh, meu Deus! Perdi vocês duas! Por que não se pode ter tudo na vida? Quando, por fim, encontrei o amor, vocês são levadas de mim — os soluços de Chloe tocaram profundamente a alma de lorde Lobo. Ele amava sua irmã com um terno sentimento de irmão. Lady Beatrice, com sua doçura e meiguice, sempre fora a preferida dele, isto é, fraternalmente.

— Oh, mamãe. Fique em paz. Estou em paz. Aprendi lá no convento que Deus espera por nós do outro lado. Eu sempre soube que partiria mais cedo. Eu até estava feliz lá nas Clarissas — ela tossiu, uma tosse cheia de excremento. Chloe sentia, como o ar que ela respirava, que sua filhinha partiria ainda naquela noite. E partiu. Quando lorde Lobo percebeu que a alma de sua irmã não estava mais ali, puxou Chloe e a aconchegou em seus braços. Ela soluçava agarrada ao filho de Fenella. Naquele instante eram uma só família: o clã Percy chorando por seus mortos.

Do quarto onde estava, Rohesia ouviu o choro. Devagar, desceu da cama e, embora com dor, prosseguiu para o local de onde vinham os lamentos. Quando alcançou a porta, foi praticamente empurrada para dentro do quarto pelo conde de Douglas e por lorde Jimmy, que chegavam naquele instante. O conde tirou sua mulher dos braços de lorde Lobo e a envolveu entre os seus, tirando-a dali em seguida; e lorde Jimmy, chocado ao ver a mulher que ele amava morta, mal notou a presença de Rohesia, o que, de outro modo, o teria deixado muito surpreso.

Em choque, o jovem futuro conde de Douglas ajoelhou-se ao lado da cama em que jazia o corpo de Beatrice. Lorde Lobo, que sabia da extensão dos sentimentos de um pelo outro, conduziu Rohesia e Mr. Harrison para fora do aposento, para deixar o lorde e a morta sozinhos. Na morte eles tiveram privacidade. Que ironia do destino. Ainda emocionado por ter acompanhado os últimos instantes de sua irmã, impotente diante do inevitável, lorde Lobo olhou para Rohesia e perguntou.

— O que faz aqui, senhorita? Não podia, não devia...

— Oh, eu sinto tanto por ela! — Rohesia ainda olhou para trás, para a

bela moça morta, e lágrimas rolaram por sua face. Lorde Lobo, afavelmente, fechou a porta do quarto. Eles, naquele momento, estavam sozinhos no grande e extenso corredor e lorde Lobo, quebrantado como estava, deixou-se consolar por ela. Ou ele a consolava. Na morte e na dor não há hierarquia. E o lorde e a pobre moça encontraram conforto nos braços um do outro. Muitos instantes depois, o lorde se deu conta de que aquele abraço estava demorado demais. Com esforço, afastou-se dela, embora seu corpo ainda clamasse pelo aconchego.



No sepultamento de Beatrice, apenas duas mulheres estavam presentes: Chloe e Fenella. A última consolava seu amor, lorde Ralph, que pelo passar dos anos tinha os cabelos já grisalhos, mas mesmo na dor matinha a gravidade e a tenacidade dos Percy. Certamente estava mortificado por dentro, mas apenas quem olhasse nos fundos de seus olhos veria a dor. Lorde Lobo olhou. Ele era como o pai. Ambos, um ao lado do outro, com o vento gelado cortando suas faces, mantinham-se eretos, como se esperassem que a natureza os fizesse eternos, como duas estátuas de gelo.

Lorde Harry, que tinha chegado naquela manhã, acompanhado por uma desconhecida, a quem pedira para Mr. Mercer instalar no quarto contíguo ao dele, estava ao lado do mortificado lorde Jimmy. Do outro lado estava o conde de Douglas, amparando Chloe, que trazia, além da dor pela morte da filha, as asas negras da culpa sobre si. Os clãs Percy e Douglas viviam um raro momento. A dor os tinha unido.

Das janelas de seus quartos, tanto Rohesia quanto a recém-chegada Christabel viram o cortejo regressar. Como se sentissem que eram observados, lorde Harry e lorde Lobo ergueram seus olhos. Ambas se afastaram da janela ao mesmo tempo, pois, como seus quartos eram próximos, tiveram a sensação de que eram observadas por um desconhecido.

Momentos depois estavam todos na grande sala. Lady Heloise e lady Ella também estavam à espera deles. Lorde Lobo, assim que avistou Ella Douglas, mudou de direção e foi à procura de Guimer. Encontrou o guerreiro à espera dele no estábulo.

— Estão todos instalados na Toca, mestre.

— Por fim uma boa notícia. Não se opuseram a ir, espero.

— Não. Mas a mãe da moça está muito doente. Peço a sua permissão para levar Mr. Harrison lá para vê-la.

— Permissão dada. Aliás, penso que agora que Harry voltou é melhor que eu leve a moça para a floresta.

— O que teme? — perguntou Guimer.

— De Harry, absolutamente nada. Mas prefiro que ela esteja sob o meu território. Como fez para levar a moribunda até a fortaleza?

— Fizemos uma plataforma de madeira e a deitamos. Não foi fácil, mas estão todos sãos e salvos. É uma penca de crianças.

— Uma penca?

— Não sabia?

— Não.

Guimer riu.

— Então não vou tirar sua agradável surpresa.

Desconfiado, mas decidido a retirar a moça imediatamente de Alnwick Castle, lorde Lobo passou pelo hall, vigiado de longe por Ella Douglas, e subiu ao aposento onde Rohesia se achava. Encontrou-a andando nervosamente de um lado para o outro. Assim que ele entrou, sem bater na porta, ela disse, assustada:

— Eu a vi. Lady Ella está aqui.

— Sim, está, mas a senhorita vai partir imediatamente.

Rohesia empalideceu.

— Acalme-se. Não irá com ela. Irá encontrar-se com os seus na Toca do Lobo. Estão todos sãos e salvos.

Há na vida de todas as pessoas, até das mais desconfiadas, aquelas que, guiadas por seus complexos, vigiam seus movimentos, não dando a si mesmas a liberdade da espontaneidade, um momento de lapso. Nele, algum acontecimento desequilibra a eterna vigilância e a pessoa se permite ser ela mesma. E foi num desses raros momentos que Rohesia exclamou, mostrando-se:

— Oh, meu Deus! Que alegria! — e sem que percebesse o leque ficou na cama. E os braços da moça, repousados no colo, também não se ergueram e ela sorriu. E lorde Lobo entendeu o motivo do leque e a estranha frase dita por ela. E, sobretudo, ele a amou naquele instante. Mas Rohesia não sabia daquilo, não podia ler o que se passava na mente dele e tomou o estado passivo dele como decepção, rejeição e até pavor.

— Eu... sinto... muito... que... o tenha... decepcionado — com a mão na boca, a truncada frase saiu em meio aos secos soluços de um choro contido e repleto de dor. Uma angústia que lhe sobressaía a alma, uma consternação que envergonhava seu espírito, causando o mais triste constrangimento.

Se houvesse uma forma de se pesar a dor, eu diria que lorde Lobo sentiu cada grama daquele padecimento, daquela tortura, do abatimento que tomou conta dela, pois Rohesia se amargurava, achando que seu valor seria diminuído pela falta de um pedaço em seu sorriso. Um fragmento retirado dela por uma mão cruel, que quis cessar para sempre sua alegria, ou a demonstração dela, pelo que há de mais terno nesse mundo, o sorriso.

E ele a tomou nos braços em um abraço que não deixava margem para dúvida de seus sentimentos por ela. Naquele momento, aquilo que ele negava para si mesmo foi inegável. Talvez até ele mesmo desconhecesse tamanha força,

pois o que outrora sentira por Flora não tinha sido amor, tampouco paixão. Penso que fora um misto de desejo e culpa. Muitas vezes a mistura desses dois sentimentos são confundidos com paixão.

Nunca saberemos ao certo o que leva uma pessoa a amar outra. Estou falando de amor e não de atração. Oxalá soubéssemos, poderia ser evitado ou incentivado. Há no íntimo de cada ser humano um vácuo construído por tudo o que ele viu, assistiu e sobretudo sentiu. Penso que quando encontramos alguém que tenha o que falta àquele vácuo, ou que se pareça com os elementos ao redor daquele espaço, a amamos. Não é à toa que escolhemos como pares aqueles que se parecem com nossos pais. Talvez o pai ausente, ou mãe. Não seria uma necessidade de trazer esse pai ou essa mãe para preencher aquele espaço vazio? Ou as dores que vemos nos outros, as fraquezas, por uma empatia heroica, levam-nos a amá-los. Quem nos dera soubéssemos! Tudo isso não passa de conjecturas. O que posso afirmar é que lorde Lobo, que desde o início se sentira atraído por aquela pequena desprotegida, amou-a com todo o ardor do caçador que encontra uma presa ferida e a leva para casa para criá-la como animal de estimação.

— Eu a adoro como é. Eu a amo como é. Isso jamais fará qualquer diferença para mim — ele segurava a face dela com as duas mãos, olhos presos em sua “presa”, cheio de ternura. — É nos pequenos defeitos que consiste a diferença que amamos, e eu a amo, com o mais puro ardor de minha alma. Acredite em mim, eu lhe peço.

Ela tentava acreditar, mas a mente da mocinha estava entorpecida por suas crenças e ela achou que ele estivesse com pena dela. Só quando os lábios dele tomaram os dela, no mais possessivo beijo apaixonado, ela se deu conta de que, talvez, ela tivesse morrido junto com lady Beatrice e acordado no Céu.



30 | NOITES ARDENTES

Lorde Lobo saiu do aposento de Rohesia com a promessa de que iria se despedir de seu pai, de sua mãe e voltaria para tirá-la de lá. Mas antes de sair voltou e beijou-a apaixonadamente por longos minutos. Na luta contra as crenças adquiridas após o voo do machado, de que nunca ninguém poderia aceitá-la defeituosa, ela vivia um misto de encantamento e pavor. Como aquilo era possível? Como aquele homem poderia querê-la sendo ela uma estragada e ainda por cima ignorante?

Rohesia, encostada à porta pela qual ele saíra, mal acreditava em sua boa sorte. Temia acreditar e sofrer. Tão jovem e tão sofrida. Tão meiga e tão arisca. Tão pequena e ao mesmo tempo tão grande. Tão frágil e ao mesmo tempo tão forte. Talvez o caçador tivesse enxergado tudo isso. Caminhando como se caminhasse nas nuvens, com o coração aos saltos e o corpo em febre, ela foi até a janela e perguntou para o nada, sorrindo, como podia algo assim acontecer a ela. Mas, ao lembrar-se de que seu sorriso estava incompleto, levou a mãe à boca e, envergonhada, a cobriu da brisa que soprava.

Lorde Lobo encontrou o pai no escritório de lorde Harry lendo uma carta que havia chegado do fiel escudeiro dele, com notícias de Flora. Naquele instante, o jovem lorde percebeu que Flora tornara-se para ele o que Beatrice fora, uma irmã apenas, e se perguntou se todos os sentimentos eram voláteis, se o que sentia pela moça que o aguardava no quarto acima um dia se apaziguaria. Imediatamente afirmou que não. O que sentira no passado por Flora fora o despertar sexual. O amor que ele sentia por Rohesia era o amor da maturidade, do homem pronto, formado, másculo em cada essência de seu ser, que encontra a parte que se encaixava nele para sempre.

— Devo voltar para casa, meu pai.

Lorde Ralph elevou seus olhos da carta e disse:

— É de Leon. Flora e Reese estão mesmo juntos. Isso me conforta pela segurança dela, tranquiliza-me, porque sei que ela está viva e segura com Reese, mas ao mesmo tempo me desespera.

Lobo refletiu por alguns instantes e sentiu pena do pai. Ele mesmo já havia se deitado com Flora, sua própria irmã. Lembrou-se do que sua mãe lhe contara há muitos anos: a lenda acreditada pelo povo da fronteira, de que o sangue da família Douglas jamais poderia se misturar ao dos Percy Northumberland, pois isso traria maldição para as futuras gerações, algo ligado às forças tenebrosas das trevas. Fenella era uma Douglas. Ele quase havia se esquecido disso. O ódio dos Percy contra os Douglas o tinha cegado a essa verdade. Mas tudo tivera início bem antes de seu pai. Pelo que ele sabia, seu avô também tinha se ligado a uma Douglas, assim como Sir Percy. Com o tio, segundo o povo, outra maldição dobrada caíra sobre o clã, pois, além da moça ser uma Douglas, podia ser irmã dele. Lorde Lobo se arrepiou. Ele se negava a acreditar naquela lenda, mas que explicação ele podia dar para o fato de que ele mesmo fizera sua irmã sua mulher, tirando-lhe a honra? Ele balançou a cabeça contritamente e um arrependimento tomou conta dele. Não somente ele, Beatrice fora apaixonada por lorde Jimmy, que era filho da mesma mãe que ela. Talvez a irmã tivesse preferido morrer a deitar-se com seu irmão. Beatrice era cristã. O tempo em que vivera no convento na Bolonha sedimentara uma fé irrevogável em sua alma. E agora seu pai dizia que Reese e Flora estavam juntos e Reese podia ser seu irmão, irmão dele e de Flora, filho de Ralph com Katherine Mortimer. Santo Deus! Os fatos eram contundentes demais para que lorde Lobo não ficasse impressionado. Mas ele não dividiu seus pensamentos com o pai.

— Flora está bem?

— Parece que sim. A última pista deles é que pernoitaram em uma igreja em Bolonha. E ela não faz ideia do que ocorrera à sua irmã — disse Ralph, e lorde Lobo viu que ele segurava a emoção para não chorar. Lobo foi até a janela e olhou para o imenso jardim. Pairou seus olhos sobre o lago. Por lá ficou por alguns instantes. Mas ele nada viu senão as cenas que iam e vinham à sua mente. Voltou-se para o pai e disse:

— Sei que no passado eu lhe causei dor, meu pai. E peço que me perdoe... perdoe-me por causa de Flora...

Ralph olhou para o filho, um homem com todos os atributos do nome. Sim. Ele o perdoava. Aquilo tudo pertencia ao passado.

Fenella entrou naquele instante, interrupção bem-vinda, pois aquelas lembranças traziam constrangimento tanto para o pai quanto para o filho. Lobo, então, explicou a ela que estava de partida, pois queria curar suas feridas em sua toca, longe de todos.

— E Harry? Vocês conversaram? — perguntou lorde Ralph quando o filho já saía.

— Pouco, pai. Mas não há qualquer animosidade entre nós. Voltarei depois e teremos uma boa conversa. Agora creio não é um bom momento. Acabamos de enterrar Beatrice e todos nós estamos de luto.

Pouco depois, com a ajuda de Guimer, lorde Lobo retirou Rohesia do quarto, usando um lençol e a janela. Os Douglas ainda estavam em Alnwick Castle e não davam sinais de que partiriam naquele dia. Ele a queria longe dali, longe de Ella Douglas. Depois voltaria e teria a conversa que seu pai lhe pedira com O Comandante. Era hora de união e não de desavenças.

Enquanto lorde Lobo, com Rohesia à sua frente, enrolada à sua manta e aconchegada ao seu corpo, percorria a distância que separava Alnwick de sua toca, um longo e árduo percurso, pois a fortaleza ficava num planalto, navegaremos pelo Mediterrâneo e vamos aos Apeninos. Veremos como estão Reese e Flora.

Como se pode imaginar, Reese tinha ampliado seu território. Com o passar dos dias, com a ajuda de Flora, haviam construído um depósito para lenha, que estava entulhado de madeira até o teto; haviam construído um local a que deram o nome de “casinha”, para suas necessidades básicas. Esta ficava a alguma distância da cabana onde residiam, mas ainda assim perto. No dia anterior, ele havia caçado e congelado, num depósito de neve que havia caído na noite passada, parte da caça que não conseguiram comer. Então, tinham em abundância. Nada lhes faltava, a não ser o luxo e o conforto. Mas, para lhe ser franco, nenhum dos dois reclamava.

Flora se deu conta de que não mais pensava em lorde Lobo. Sua preocupação agora era Reese. Quando ele saía para caçar, ela ficava angustiada e somente se descontraía quando o via chegando com a caça sobre os ombros. Ela também se mostrara uma eficiente ajudante. Costumava lavar as roupas dela e as dele, enquanto Reese abria e lavava a caça no rio, com o sabão que ele havia lhe ensinado a fazer com a erva-saboeira^[51].

A mudança dos pensamentos de Flora ocorreu de forma gradativa, como sempre acontece. Mas a natureza dera uma força prodigiosa na direção desse vento. Quer saber como aconteceu? Imagino que sim, portanto, lhe contarei. Em certa ocasião, enquanto ela, um pouco acima da correnteza, com água até os joelhos, brincava com a espuma do sabão, Reese deixou a caça nas margens sobre a grama e retirou toda a roupa, mergulhando na água fria. Flora, assustada com seu próprio desejo por um homem que até então via como irmão — abro um parêntese aqui para dizer que isso nunca fora empecilho para a sôfrega moça, tendo em vista que ela havia entregado sua pureza para lorde Lobo — prendeu seus olhos nele e aquela imagem nunca mais saiu de sua mente.

Lembram-se de que Reese disse que ela o procuraria? Pois ele tinha toda razão. Numa noite, com o corpo em chamas de desejo pelo que tinha visto, Flora aconchegou-se a ele de forma que Reese não teve dúvidas de que ela se oferecia. Ele estava deitado de costas para ela. Ele nunca se deitava assim, mas naquela noite o fez. Talvez, no seu íntimo, ele já sentisse que, como ela era uma caçadora, devia dar a ela a chance de buscar o seu próprio prazer. Sobretudo, ele sentiu que naquela noite não seria necessário aliviar-se sozinho, que teria uma parceira onde depositar sua essência.

Aconteceu dessa forma: ela aproximou o corpo do dele, roçando os seios nas costas de Reese. Como ele não se mexesse, não que ele não os tivesse sentido, quentes e intumescido de desejo. Deus! Ele os sentira em cada fibra de seu ser. Como um cajado em riste, inflado, seu corpo respondeu no mesmo instante. Mas ele queria dar a ela a chance da caça. Flora, então, colou-se mais a ele, de forma que seu ventre roçou as nádegas de Reese. Não satisfeita, em seguida, levou sua mão e segurou-o pela cintura, fazendo uma leve pressão para que ele se virasse. Com seus lábios no ombro dele, perto dos ouvidos de Reese, que ouvia a respiração ofegante dela, disse:

— Reese — chamou, cheia de desejo —, eu quero colocar a minha boca aqui — e levou a mão e segurou o túrgido membro.

Há um limite a que um homem pode suportar. E Reese gemeu como um animal enjaulado.

— Ele é todo seu, Flora — virando-se para ela, exibindo-se à luz da fogueira que ardia, ele mostrou todo o esplendor avultado de seu membro, dando a ela total liberdade para que o tomasse. E Flora o fez. Abaixou-se e o tomou com a boca, ávida, levando Reese à borda do precipício. Ele temeu não se segurar, pois queria possuí-la, senti-la quente em torno dele. Mas ele conhecia um pouco a mulher que o tomava de assalto. Ela precisava conduzir para se sentir realizada. Reese já tinha experiência de vida para conhecer bastante as mulheres: algumas gostavam de ser conduzidas, domadas, e outras gostavam de ter o controle. Para ele, uma ou outra o satisfaziam. Mas ele amava Flora, sempre a tinha amado, e vivia o seu melhor momento de vida naquele instante.

Flora, que também o queria, e não era uma virgem amadora, cavalgou sobre ele e se encaixou no imponente espetáculo de sua saciedade, gemendo e chamando o nome dele incontáveis vezes, no desvario que acomete os apaixonados ante o gozo. O inverno daquele ano seria, sem dúvida, o melhor para Reese.

Lógico, evidentemente, ele percebeu que Flora não era mais virgem, mas a amava demais para se prender àquilo. Ele também não o era, então os dois

eram iguais. Para a época, era um avanço e tanto um homem aceitar uma mulher que já passara pela cama de outro, seja cama ou feno, pois ela se deitara com lorde Lobo sobre o feno dos estábulos de Alnwick Castle.

— Foi Lobo, não foi?

— Sim, foi.

— Quantas vezes?

— Uma só.

— Ainda o ama?

— Não.

— E me ama? — ele virou seu corpo para a olhar nos olhos.

— Se amor for ferver pelo homem, ansiar tê-lo dentro de si, querer seu bem, ficar feliz quando ele volta da caça vivo, pois até que você retorne, eu vou incontáveis vezes lá fora, e essa espera me mata de ansiedade, pois sinto um frio na espinha de medo quando imagino que algum animal possa ter-lhe ferido... E esse frio só aumenta, meu coração acelera e a vontade de sentir sua presença aqui é enorme. Também sinto um frio aqui — ela levou sua mão à barriga — nos momentos que precedem a sua chegada ou quando o vejo chegando. Se tudo isso significar amor, então eu o amo.

Reese a abraçou com força. Sim, ela o amava, ele não tinha nenhuma dúvida daquilo. Ele a beijou novamente, retirou a roupa dela, pois até então ela vestia uma túnica de dormir, e levou-a até a enorme bacia de barro em cima de uma espécie de grande fogão: empilhamento de pedras, dentro do qual ateavam fogo para esquentar a água do banho. Àquela altura tomar banho no rio era impossível. Banhou-a, tocando em cada parte do corpo dela. Depois, enrolou-a numa manta para que se secasse e ele também se banhou. Aquele ritual se repetiria à noite toda, pois eles eram incansáveis em saciar seus desejos.

Em outro reino distante, no de Albion, lorde Lobo e Rohesia tinham chegado à Toca do Lobo. Assim que deixaram o cavalo no estábulo e entraram pela cozinha da grande fortaleza, ele se deparou com uma mocinha muito parecida com Rohesia, que concluiu obviamente que se tratava de Raja. Mas o que mais o surpreendeu foi a fileira de garotinhos de cabelos ruivos, um ao lado do outro, sentados quietinhos sobre uma enorme mesa de madeira, como vários pares de jarros. Rohesia abraçou e beijou a irmã e depois fez o mesmo com cada um dos *jarrinhos*.

— Mas o que temos aqui? — brincou lorde Lobo, sorrindo para os irmãos de Rohesia e beijando a mão de Raja. A moça enrubesceu drasticamente. Provavelmente ninguém nunca fizera aquilo.

— Como se chama? — ele perguntou para o maior deles, pois estavam sentados como em uma escadinha.

— Rick, senhor — respondeu um garotinho de cerca de sete anos. Lorde Lobo bagunçou a cabelereira vermelha dele e o garoto sorriu.

— E você, qual é o seu nome?

— Robin, senhor.

— Robin, muito bem, Robin. Seja bem-vindo à Toca do Lobo.

O garotinho de cerca de seis anos também sorriu timidamente. Estavam magros, maltrapilhos, mas mesmo assim eram lindos.

— Onde está o lobo, irmã? — uma vozinha infantil perguntou. Era Riley, de cinco anos.

— Ele — apontou Rohesia para o homem por quem ela estava apaixonada —, se chama lorde Lobo.

Todos os olhinhos se voltaram para o anfitrião, com curiosidade.

— Diga para seus irmãos, Rohesia, que, embora me chamem de Lobo, sou manso.

Todos riram, inclusive Rohesia, que parecia ter perdido o medo de fazê-lo.

— Temos mais dois aqui. Minha nossa! Como se chamam?

— Roderick e Rolf, senhor — um menininho, de quatro anos talvez, respondeu por ele e pelo caçula, quase um bebê. Guimer, que chegou naquele instante, disse:

— Vejo que já os conheceu!

— Sim, acabei de conhecê-los — disse lorde Lobo, indo ao encontro de Guimer, entregando-lhe algumas libras e sussurrando: — Pode providenciar roupas decentes para eles? Para as moças e a senhora doente também?

Quando Guimer estava de saída, o lorde o chamou: — Aquele velho padre preceptor ainda vive?

— Creio que sim, mestre.

— Faça-lhe a proposta de ser preceptor dos futuros cavaleiros que se encontram sobre a mesa. Ah, diga a ele que têm duas damas também que querem aprender a ler e a escrever.

Rohesia bateu palmas. Era um sonho que ela acalentava há muito tempo. Embora o acalentasse, achava que jamais teria oportunidade. Ela sabia que nem as filhas dos ricos sabiam ler, exceto algumas poucas mulheres, como ficou sabendo que as irmãs de lorde Lobo sabiam. Nem lady Heloise e nem lady Ella eram alfabetizadas.

— Ler? — Raja levou a mão ao coração. Ela sequer sonhara com aquilo algum dia. Olhou para Rohesia com os olhos cheios de lágrimas. Sua vida tinha mudado por completo em menos de vinte e quatro horas. Sua mãe estava sendo tratada por um curandeiro e já se via melhoras; e seus irmãozinhos não precisavam mais comer a lavagem que sobrava dos Douglas. Tinham sido alimentados por uma surda-muda que, embora não ouvisse e nem falasse, percebeu que estavam todos famintos e deu-lhes alimento em abundância.

— Como se chama a sua mãe? — perguntou lorde Lobo para a irmã de Rohesia.

— Rosaleen, senhor.

— E como está Mrs. Rosaleen?

— Depois que o curandeiro lhe deu os tônicos, está bem melhor, senhor — disse a moça, com seu inglês mal falado, no sotaque terrível do escocês montanhês. Ela falava como Rohesia, mas como lorde Lobo amava essa, já não se incomodava com os erros e seu sotaque carregado. Aliás, diga-se passagem, ele nunca se importou com isso. Devemos tirar o chapéu para esse lorde, um guerreiro cuja alma caridosa não lhe cabia no peito. Adotar uma penca como aquela, colocar sob a sua responsabilidade alimentá-los, vesti-los e educá-los, como sinceramente ele se propunha a fazer, não era desafio pequeno. Seria mais fácil para ele lutar numa guerra, pois a espada ele sabia manejar com precisão, mas cuidar de crianças era outra história.

Assim que ele se desvencilhou das crianças, acompanhou Rohesia ao quarto da doente. Ele assustou-se quando viu a moribunda e se perguntou se ela estivera pior do que aquilo. A previsão de lorde Lobo se cumpriu ainda naquela noite, pois Mrs. Rosaleen, como se agora soubesse que seus rebentos bastardos estavam em boas mãos, partiu, deixando lorde Lobo responsável pela prole que Mr. Athelard havia feito nela e também dado o fora deste mundo de meu Deus. Como o estado de Mrs. Rosaleen só piorou naquela noite, vindo a culminar em sua morte, lorde Lobo e Rohesia não mais tiveram qualquer contato íntimo.



Uma semana após o sepultamento da progenitora dos rebentos órfãos, como Guimer se referia a ela, o velho padre preceptor chegou à fortaleza. Ele era um bom homem, logo lorde Lobo concluiu. Tomou para si a responsabilidade de ensinar os três mais velhos. Dos outros, Mrs. Vance, a esposa de um dos homens que Guimer havia contratado como guarda, assumiu os cuidados. Eles já tinham recebido roupas novas e não eram mais as crianças esfomeadas e catarrentas que chegaram ali. Estavam bem nutridos e felizes. Também já não eram mais como jarros estáticos. Eram livres para correr, brincar e ter vida de uma criança normal, sem serem cerceados, com medo de que o dono da propriedade os espancasse, como fizeram à irmã deles. O medo dos olhinhos deles já tinha se dissipado e quando lorde Lobo chegava à toca, era cercado por vários braços, que lhe agarravam as pernas, e ele mal conseguia andar.

— Soltem-me seus anjos avermelhados — ele sorriu para Rohesia, que os observava da sala onde ela estava aprendendo a ler.

— Não! — gritava um.

— Não! — repetia o outro.

— Não. O Lobo não é mau! — gritou Rolf, o menorzinho de todos. Lorde Lobo o pegou nos braços e o jogou para cima. A criança ria e se deixava elevar, confiando totalmente sua vida àquele estranho que, de uma hora para outra, tornara-se seu pai.

Embora a fortaleza tivesse vários aposentos, Rohesia e Raja dormiam no mesmo quarto e todos os cinco meninos em outro, juntamente com Mrs. Vance, a babá. Haviam se acostumado a ficar juntos, um valor advindo da pobreza.

Mas, às vezes, esse ficar junto atrapalhava. Como era o caso dessa noite em especial. Rohesia ansiava ir ter com Lobo, mas não queria dar mau exemplo para Raja, de forma que ela disse para a irmã:

— Esqueci o jarro de água, Raja. Vou buscá-lo.

— Não precisa, irmã. Nunca bebemos água durante a noite.

— Mas eu sinto que nesta noite beberei muita água. O assado de Mrs. Wade hoje estava muito temperado. Não achou?

— Não. Acho que o tempero de Mrs. Wade é excelente. Aliás irmã, penso que eu poderia ajudar na cozinha, como eu fazia em Athelard. Mrs. Wade é doente... — Rohesia a interrompeu.

— Mrs. Wade é surda-muda e não doente.

— Sim, era isso que eu estava querendo dizer. É que os homens lhe

pedem água e ela nunca os escuta. Se eu estivesse lá com ela, poderia ser seus ouvidos e sua boca.

— Eu já ajudo na cozinha, Raja. Você trabalhou demais em Athelard e sua saúde é muito fraca.

— Mas eu gostaria tanto.

Rohesia desconfiava que a irmã estivesse interessada em um guerreiro jovem e belo que lorde Lobo tinha acabado de trazer para a fortaleza. Tratava-se de Clive Cole, o Corvo, como os homens o chamavam, devido a sua cor morena. Mas os olhos de Cole eram de um azul transparente e ele era muito bonito. De onde tinha saído aquela mistura nem Cole sabia, pois, segundo ele, a mãe era ruiva como uma celta e o pai um escocês de pele clara.

— Está bem, Raja. Durma, então. Falarei com lorde Lobo agora e creio que amanhã você poderá ajudar na cozinha.

Era tudo o que Raja queria ouvir, mas o desfecho acabou trazendo a oportunidade que Rohesia almejava. Seu saudável corpo ansiava pelo de lorde Lobo e ela bateu na porta do quarto dele.

— Entre — a voz possante veio lá de dentro. Rohesia sentiu um frio na barriga. O que ela estava fazendo oferecendo-se a ele? Decerto ele tinha lhe dito que se casaria com ela, mas o agravamento da doença de sua mãe, sua morte e os afazeres com os irmãos pequenos os tinham mantido separados. Lorde Lobo também estava muito mais ocupado. As terras tinham que produzir, pois a família havia aumentado e, com ela, as responsabilidades.

Rohesia entrou. Ele mal acreditou que a estivesse vendo ali, vestida daquela forma. Por certo, ela vestia alguma coisa sob a camisola branca transparente, mas os vastos cabelos vermelhos caíam luxuriosamente sobre os pontiagudos seios, convidando-o a cheirá-los e, ao fazê-lo ali, naquele lugar, ele também tomaria os seios dela com sua boca. O simples pensamento do que faria com ela o deixou teso, armado. Rohesia, embora pura, era uma jovem do campo e já tinha visto inúmeros animais copulando. Ela não sabia exatamente como a coisa se passaria entre um homem e uma mulher, mas tinha uma boa noção e soube identificar que ele a queria.

Lorde Lobo, com os olhos presos aos dela, alcançou-a com dois passos e a tomou nos braços.

— Sabe que não deveria ter vindo à toca desse Lobo aqui, não sabe? — e ele a beijou com paixão, que ela retribuiu com o mesmo ardor. — Mas já que veio por sua própria vontade, sabe que não sairá daqui sem que eu a coma, não sabe?

Ela balançou a cabeça dizendo que sim. Ela queria ser devorada por ele.

— Sabe, querida, eu vou devorar você viva — disse ele rindo, mas seus olhos estavam turvos de desejo.

Ele a beijou novamente. Não foi um beijo normal, pois ele a engoliu, tragou. Puxou Rohesia para si e, ao passo que sua boca e língua tiravam dela toda a reserva, toda a timidez — se porventura ainda houvesse alguma migalha —, com uma mão ele elevou a camisola, chegando à umidade dela. Ainda colado à boca de Rohesia, ele gemeu, mas o gemido gutural se perdeu em meio ao beijo; ele encostou-a na parede, abriu suas pernas com um de seus joelhos, elevou o corpo dela a altura de seu membro e, liberando-o do que o prendia, preencheu-a com uma só estocada. Se houve dor, ela não deu nenhum sinal, pois eram um só, colidindo, tragando-se, um preenchendo o outro, completando-se num encaixe perfeito. Era o que se podia chamar de sexo animal, duas almas essencialmente selvagens, comendo-se, se dando, recebendo, num gozo pleno, uivado.

Por fim, saciados, seus corpos vergaram sobre o tapete macio de um animal outrora abatido por ele. Respiração se amainando, mentes voltando a raciocinar com coerência. Ele a trouxe para ele e beijou-lhe a cabeça.

— Minha deliciosa. Não deveria ter vindo aqui.

— Por que não? Não gostou de me... comer?

— Sabe que sim, mas ainda não somos casados.

— Eu não me importo com nada disso.

— Sei que não — disse ele, virando para ela e roçando o mamilo de um dos seios dela com a mão esquerda.

— São maravilhosos e eu nem os beijei — disse ele, fazendo exatamente aquilo. Tomou um com sua boca e língua e depois o outro.

— Eu a amo tanto.

— E acha que eu não o amo? Se não amasse loucamente não teria vindo aqui em seu quarto me oferecer.

— Nunca me disse que me amava — ele brincou, passando o dedo no nariz dela e beijando a ponta arrebitada.

— Eu mostrei que o amo, dando-me a você.

— Sim, mostrou, mas eu ainda não estou totalmente convencido desse amor. Talvez, se fizer isso mais umas centenas de vezes, quem sabe eu passe a acreditar.

— Seu malandro — disse ela e ele gargalhou. Seu riso alto, forte e sensual percorreu cada canto daquela fortaleza e seu eco, talvez, tenha sido

levado pelo vento até Alnwick Castle.

No mesmo instante, lorde Ralph e lorde Harry discutiam calorosamente.

— Escolhe a guerra a casar-se com lady Heloise? — bradou o tio.

— Eu não amo lady Heloise.

— E você acha, Vossa Senhoria, conde de Northumberland, responsável por todas essas vidas, centenas delas, que amor conta quando algo muito maior está envolvido? Acha que me casei com Chloe Mortimer por amor? Vivi anos uma vida sem amor por causa da honra — lorde Ralph praticamente gritava.

— Eu sinto muito decepcioná-lo, meu tio. Mas eu não sou o senhor. Não me casarei com Heloise Douglas. Não fui em quem a desonrei e sim Mr. Patchetts. Ao invés de enforcar o homem, o conde de Douglas deveria fazer dele um genro.

— Cale-se, Harry! Pare com essa ironia. Uma guerra está em curso, você nunca participou de uma, oxalá saiba pegar numa espada.

— O senhor está me ofendendo, meu tio. Sou o quarto conde de Northumberland e seu senhor.

— Para o inferno o seu maldito título se não sabe ser senhor dessas pessoas! Escolhe enfiar uma espada e uma lança no coração de seu povo a abrir mão da luxúria.

— Case seu filho com Heloise Douglas. Eu me casarei com Christabel, aquela moça que o senhor conheceu e com quem foi muito agradável.

— Uma freira — a voz de lorde Ralph era cheia de desprezo.

— Ex-freira e a futura condessa de Northumberland.

Lorde Ralph nada mais falou, mas a sugestão dada por lorde Harry era amadurecida em sua mente.



31 | O QUE SE FAZ EM NOME DA HONRA

Ninguém soube como aconteceu, mas Mr. Patchetts fugiu do cativeiro uma noite antes de seu enforcamento. A porta estava aberta e nenhum sinal de luta havia. Os homens que tomavam conta dele também tinham desaparecido e o conde de Douglas estava incontrolável. Até sua mulher estava com medo dele. Foi nesse clima *amistoso* que lorde Ralph chegou a Dalkeith Castle.

— Se o casamento entre uma Douglas e um Percy não for marcado para daqui a uma semana, meus guerreiros marcharão sobre Alnwick e não pouparão ninguém. O *pennon*^[52] de Harry Percy estará na ponta de minha espada. E você, o seu filho animal, todos os Percy serão abatidos, juntamente com todos os seus guerreiros. Não pouparei nenhum Percy, ninguém que esteja ligado à maldita família, seja homem, mulher, criança.

O conde de Douglas, depois do morto Sir Percy, tinha um ódio irracional de lorde Ralph por ele ter atravessado seu caminho, casando-se com Chloe Mortimer. Mesmo que tudo tenha sido desfeito, ele ainda guardava um ciúme quase doentio do rival.

— Vim para propor um acordo — disse lorde Ralph. Ele, decididamente, não queria lutar mais uma guerra com os Douglas. No ano de 1388 havia lutado na Batalha de Otterbourne, quando as tropas do conde de Douglas, que havia proibido a caça em suas terras, atacaram o exército de seu irmão, lorde Henry Percy Hotspur, pois a rivalidade era tanta que qualquer motivo tolo gerava uma guerra. Naquele tempo, lorde James havia interpretado uma caçada liderada por Sir Percy na fronteira como uma invasão à Escócia. Mas, na verdade, os dois tinham declarado guerra por causa de uma mulher e mais uma vez uma mulher seria motivo de guerra? Convenhamos, lorde Ralph estava velho e era sensato demais para concordar com aquilo.

— Qual acordo, Percy?

— Que lorde Lobo despose lady Heloise no lugar de meu sobrinho. Hoje ele é o sucessor do condado, pois o conde não tem herdeiros.

Enquanto o conde refletia sobre a proposta, pois era uma ótima proposta, lady Heloise levava a mão ao peito e lady Ella saía enfurecida, jurando vingança.

— Se ele não se casar comigo, com Heloise é que meu Lobo jamais se casará — a malvada Douglas estava possuída pelo mais ardoroso ciúme. O que ela seria capaz de fazer, ninguém ainda suponha. Mas Ella Douglas não aceitava perder e não ficaria de braços cruzados.

Como lorde Ralph previa, o conde escocês aceitou o acordo.

— Muito bem. Em breve meu filho virá pedir a mão de lady Heloise em casamento e o acordo se tornará público

— Amanhã — disse o conde. — O casamento será daqui a uma semana — bradou o conde escocês. Lorde Ralph abaixou a cabeça concordando. O que mais poderia ser feito? Sangue inocente estava ameaçado, então alguém teria que ser sacrificado. Que fosse ele, o sangue de seu sangue, o fruto de seu grande amor. Por que tinha que ser assim? Pensou ele, com a angustia lhe queimando a alma.

Lorde Lobo assustou-se quando Guimer apontou seu pai entrando pelo portão da fortaleza. A cor fugiu da face de traços e cor bascos, pois lorde Lobo possuía os sentidos tão apurados como um animal. Ele notava o cheiro do medo nas pessoas, assim como notava o cheiro do desejo de uma mulher.

— Minha mãe! — exclamou, pois para ele Fenella estava morta.

— Acalme-se — disse Guimer. Espere e saberá.

— Mas vejo que a notícia que ele traz é muito ruim, e ruim para mim, eu sinto.

Lorde Lobo foi ao encontro do pai. Assim que o cansado homem desmontou, ele perguntou:

— O que o traz aqui, meu pai? Minha mãe? Como ela está? É Flora?

— Leve-me para dentro e sirva-me uma água, meu filho. Não tenho idade e nem disposição para tantas horas em cima de um cavalo morro acima. Não tinha um lugar mais plausível para construir a sua casa? — o pai brincou, mas lorde Lobo lia a notícia em seus olhos.

— Minha mãe está bem? — insistiu Lobo, não retribuindo o sorriso do pai.

— Sim, Fenella está saudável e se encontra em Alnwick Castle. Flora, pelo que eu saiba, está bem.

— Então, por que veio?

— Vamos, filho, peça para me servirem algo para beber: água e logo depois algo mais forte.

Pouco depois era lorde Lobo quem precisava de um destilado.

— Casar-me com lady Heloise Douglas? Maldição! — e naquele instante ele se deu conta de que, de fato, existia uma maldição. Uma danação, como sua mãe lhe contara, de se misturar Percy e Douglas. Era como se os destinos deles já tivessem sido traçados. Era uma condição *sine qua non*. Nenhum Percy, após o primeiro a se envolver com uma Douglas, passava sem que a maldição o alcançasse, fosse por escolha ou forçado, como ele estava sendo. Era imperativo que se vivesse a maldição em algum momento da vida.

— É a única condição de evitarmos uma guerra contra os Douglas, filho.

— E O Comandante? Ele era o noivo, não eu?

— Harry está caído de amor por uma freira e não tem sua força. Você, sim, é o que carrega o sangue Percy em toda a sua essência. Harry, infelizmente, perdeu muito ao ser criado por um Douglas.

— Eu fui criado na mata, por minha mãe e, com todo o respeito que lhe devo, meu pai, eu não cresci em meio ao luxo dos Percy.

— Por isso é forte. Sei que vai se casar com lady Heloise e evitar que inocentes paguem com suas vidas.

Sim, lorde Lobo sabia que não havia outra saída, mas pensou em Rohesia e seu coração se condoeu de horror. Ela não o perdoaria por aquela traição. E os irmãos dela eram responsabilidade dele.

— Pai, eu preciso de sua ajuda e da ajuda de minha mãe. A moça de cabelos vermelhos, nós... — ele olhou para o pai e lorde Ralph entendeu. Naquele instante, foi como se lorde Ralph voltasse ao passado e perdesse Fenella mais uma vez. Ele havia visto Rohesia uma única vez, mas a imagem dela estava gravada em sua mente: uma jovem linda, doce, gentil e pura. Embora forte como Fenella, havia algo que parecia estar prestes a quebrar nela; algo sutil, talvez uma delicadeza nos ossos, ou seria nos olhos, ou na alma.

— Sim, filho. Farei o que me pedir.

— Preciso que leve Rohesia para Hampshire, ela e os irmãos. Sua mãe acabou de morrer e ela, a irmã e cinco menininhos dependem de minha benevolência. Eu já os considero como se fossem da minha própria família, pai. Eu não terei coragem de contar para ela que me casarei com outra. Não me peça para fazer isso, pois eu não farei — pediu lorde Lobo, pois viu na feição do pai que ele não concordava com a mentira.

— O que fará, filho? Deixará essa moça à sua espera, sabe-se Deus por quantos anos? Enterrará a moça viva? Isso é desumano.

— Desumano é tirar a virtude dela e depois casar-me com outra.

Lorde Lobo virou as costas para o pai. Lorde Ralph viu que a fera estava machucada, que sangrava. Naquele instante, o velho lorde odiou o conde de Douglas e lamentou não ser mais jovem, impetuoso como fora no passado, para ir lá em Dalkeith Castle e cortar ele mesmo a cabeça de James Douglas.

— Eu não pretendia voltar a Hampshire por agora... — disse lorde Ralph.

— Então traga a minha mãe para cá para cuidar das crianças na minha ausência. Direi a Rohesia que tenho que viajar para resolver um problema de família, o que é verdade. Ela pensará que fui para o Continente à procura de Flora e entenderá. Esperará por mim e não sofrerá tanto como se soubesse que eu a abandonei para me casar com outra.

— Ainda acho que o melhor seria chamá-la e lhe contar toda a verdade. Ela me pareceu uma moça esperta, irá compreender que você não teve escolha, que fez isso para salvar também os próprios irmãos da ameaça do conde de Douglas.

— Acha que ele desceria tanto? Que mataria crianças inocentes?

— Acho. Ele disse que disseminaria todos os Percy, homens, mulheres e crianças e todos que tivessem alguma ligação conosco.

— Céus! E Jimmy? Ele foi criado por você, amou Beatrice e acabou de enterrá-la.

— Jimmy ainda não é o conde. Enquanto lorde James viver, Jimmy será um subjugado. Tenho certeza absoluta de que se Jimmy fosse o conde nada disso estaria acontecendo, mas o conde é James e esse já tem uma história pra lá de sangrenta conosco.

— Preciso refletir sobre o que fazer com Rohesia, pai. Mas fique tranquilo. Amanhã irei a Dalkeith Castle e pedirei a mão de lady Heloise em casamento.

— Quero que saiba, filho... — a voz do lorde falhou — que eu daria a minha vida, se fosse somente a minha, para que você não tivesse que passar por isso, mas temo que a guerra o leve de mim. Já perdi Beatrice, Flora e sua mãe. Não suportaria perdê-lo.

— Acha que eu sou um fraco? Que o conde de Douglas me mataria tão facilmente?

— Não, filho. Sei que lutaria como mil homens e venceria, mas ele mandaria dois mil para te abater. E eu não suportarei ver Fenella chorar pela morte do único filho.

Lorde Lobo pensou. Sim, o pai tinha total razão. Se ele também dissesse não para a filha do poderoso conde de Douglas, ele tomaria a negativa como

uma afronta pessoal e viria sobre ele para massacrá-lo. Ele podia aguentar qualquer coisa, mas temia por Rohesia e seus irmãos. Decerto a notícia de que a ex-dama de companhia de suas filhas estava sob a sua proteção já havia se espalhado. O próprio lorde James e mesmo e Jimmy a viram em Alnwick Castle, na ocasião da morte de Beatrice. Sim, o conde os aniquilaria a sangue frio para atingi-lo. Não! Ele se casaria com lady Beatrice.



32 | SOB A ESPADA OU A PENA

Lorde Lobo e seu séquito chegaram a Dalkeith Castle por volta das duas da tarde. Ele saltou de seu cavalo e subiu as escadas aos saltos. Se era para se enterrar vivo, que o machado descesse de uma só vez.

A mão de lady Heloise foi pedida. A data do casamento foi marcada e a mão de Heloise foi beijada por ele. Perto dali, lady Ella os encarava com olhos frios, cheios de ressentimento. Lorde Lobo a cumprimentou com um leve aceno de cabeça e a dama não se deu ao trabalho de responder, virando as costas e saindo. Um frio percorreu a espinha de Lobo quando a viu passar pela porta e ele teve um pressentimento. Inesperadamente, virou para lady Heloise, por quem não tinha amor, mas também não tinha aversão e disse:

— Deve tomar cuidado com o que bebe e come — ele não sabia porque dizia aquilo para a noiva, mas a frase veio à sua mente e ele simplesmente repassou a ela.

— Por quê? — ela lhe sorriu. — Não quer ver sua noiva redonda?

Ele voltou novamente o olhar para a porta por onde Ella Douglas havia passado.

— Não se trata disso. Todo homem aprecia uma carne macia — ele brincou. Também não soube porque o fez, já que seu coração doía de saudades de Rohesia, mas lady Heloise gostou do que ouviu, pois sorriu matreira. Ela tinha transferido todo o afeto que outrora sentira por lorde Harry para lorde Lobo. Mas o lorde Percy sabia que, por mais que tivesse carinho por lady Heloise, jamais a amaria como amava Rohesia por nada neste mundo, abandonaria a outra. Casar-se-ia com lady Heloise para evitar uma guerra, mas manteria Rohesia como amante.

Naquela semana que antecedeu ao casamento dele com lady Heloise, se por culpa ou por paixão, ele teve Rohesia o tempo todo sob ele. Amou-a incontáveis vezes, de todas as formas, sempre dizendo a ela o quanto a amava. Por fim, a própria Rohesia intuiu que tinha algo mais por trás daquela viagem

repentina que ele lhe disse que faria.

— O que o perturba? Sei que há ago. Por que não confia em mim?

Lorde Lobo olhou para ela, pensou em manter a história que lhe havia contado, mas jogou seus braços ao longo do corpo, derrotado.

— Meu Deus! O que há? Irá me abandonar?

A pergunta dela o feriu mais que qualquer espada no coração teria feito e lorde Lobo, o guerreiro mais temido do Norte, o mais respeitado, o enorme homem de seus quase dois metros de altura, sucumbiu à pequena ruiva sentada em sua cama. Abaixou de joelhos entre as pernas dela e chorou copiosamente.

Rohesia, que sabia que algo muito grave viria pela frente, intuiu o pior.

— Terá que se casar com uma dama, não é?

Lorde Lobo balançou a cabeça, afirmando o inevitável. E contou para ela todo o seu calvário. Contou também o motivo pelo qual Fenella e Ralph já estavam instalados na Toca. Por fim, quando ele terminou de falar, ela disse:

— Sei que me ama de verdade, que virá me ver de vez em quando. Esperarei por você — a voz dela saiu quase num chiado e lorde Lobo, mortificado, viu que ela entendia e que o aceitava como amante.

— Se a amo? Se a amo? Deus! Eu arrancaria o meu próprio coração com uma espada para que você fosse feliz. Se aceitei esse absurdo casamento é justamente porque temo que inocentes como você, seus irmãos, paguem pela minha negativa.

— Então não há motivo para se torturar mais. Sei que se tivesse escolha escolheria a mim. E fico feliz que seja lady Heloise e não lady Ella.

— Meu amor, você foi a melhor pessoa que Deus colocou nessa Terra. Eu lhe prometo, farei um filho em lady Heloise e nunca mais a tocarei. Naquele instante, Rohesia levou a mão ao seu ventre e lorde Lobo soube que ela esperava um filho deles. Num choro compulsivo, ele a tomou em seu colo e a ninou como se ela fosse uma criança. Depois a amou com toda a delicadeza desse mundo, temendo que seus avanços matassem o fruto do amor de sua vida.



Todos aguardavam pela noiva na capela de Dalkeith Castle, mas lady Heloise estava muito atrasada. Fenella e lorde Ralph trocavam olhares preocupados. Lorde Harry e sua amante, pois nenhum casamento se sucedera em Alnwick Castle, olhavam-se de maneira cúmplice e apaixonada. O conde de Douglas a todo momento se levantava e esbravejava, perguntando por que a filha se atrasava daquela forma. Chloe tentava acalmá-lo, dizendo-lhe que tudo daria certo. Ella Douglas, sentada passivamente no primeiro banco, encarava lorde Lobo a ponto de constrangê-lo. Por fim, Katherine Mortimer, a tia da noiva, foi encarregada de ir buscá-la.

O grito de Kit foi ouvido por todos na capela e as pessoas começaram a se agitar, correndo cada uma para cada lado, como se um incêndio tivesse tomado o castelo. Foi Annag, o marido de Kit, quem trouxe a notícia:

— Lady Heloise está morta. Temo que ela tenha sido envenenada.

— Morta? — os envolvidos, perplexos, perguntaram ao mesmo tempo. Lorde Lobo, embora não a amasse, não podia conceber aquele destino para aquela pobre moça. O conde de Douglas, contudo, deu como certo que os Percy tinham matado a filha para não haver união com os Douglas.

O conde de Douglas bradou:

— Guerra contra os Percy! Guerra contra os Percy! Maldito! Você a matou! — e desembainhou a espada, partindo para cima de lorde Lobo que, desarmado, não teria qualquer chance.

Guimer, o vigilante e astuto guerreiro, saltou sobre os bancos de madeira como se andasse sobre as águas e arremessou-se sobre a espada do conde de Douglas, que, com o peso do guerreiro sobre seu braço, partiu o púlpito exatamente ao meio, onde um pobre e inocente padre se refugiara, morrendo na hora. Com o conde caído e desarmado, Ella Douglas percebeu que seu pai seria assassinado pelos Percy e que o sangue dele também cairia sobre ela, por isso gritou histericamente:

— Parem! Eu a envenenei!

Todos os olhos se voltaram para a dama. A capela tinha se enchido com os guerreiros dos Percy, que lutavam contra as tropas dos Douglas, e a igreja era um campo de guerra.

— Parem! — o conde de Douglas ergueu uma mão e todos os seus guerreiros recolheram suas lanças e suas espadas, mas a tropa dos Percy aguardava uma ordem inglesa, que veio, não da parte do conde de

Northumberland, mas de lorde Lobo, o comandante deles.

— Abaixem as armas! — a voz dele se fez ouvir por todos.

Com o padre morto, sem nenhum dos convidados do conde para a cerimônia, os dois clãs, rodeados por seus guerreiros, permaneceram na capela. Fez-se um silêncio de morte e Ella Douglas falou:

— Heloise sempre teve tudo, eu nada. Ela sempre foi a bonita, pois se parecia com o nosso pai. Eu? A feia que saí à minha mãe. Ela sempre teve muitos pretendentes à sua mão. Eu, se tive um, foi de um pobre viúvo, idoso e cheio de reumatismo; Heloise sempre teve mais atenção que eu. Nosso pai sempre olhava para ela com admiração e para mim com desgosto. E eu o amei primeiro e era com ela que você iria se casar. Não! Basta! Se eu não posso tê-lo, ela também não o terá.

— Ordinária! Como ousou assassinar a sua própria irmã?

— Heloise não sofreu, apenas dormiu para sempre. E eu também irei ter com ela.

Dizendo isso, Ella Douglas caiu como uma trouxa, fazendo um eco murcho por toda a capela. Mais tarde ficaram sabendo que ela havia envenenado a irmã com a planta Mancenilheira^[53], apontada como a árvore mais perigosa do mundo, conhecida também como a pequena maçã da morte, cuja seiva provocava queimaduras e cegueira, e o fruto continha um poderoso veneno. Ella Douglas havia encomendando o fruto da França para matar Rohesia, mas assim que soube do noivado da irmã com lorde Lobo, resolveu dividir com seu próprio sangue o nocivo fruto.

A dupla morte abateu o conde de Douglas que, infeliz, abdicou do condado em favor de Jimmy. Ele e Chloe partiram para o Continente, onde viveram até o fim de suas vidas, à sombra de um Pinheiro-manso. Chloe jamais reviu Flora e também evitava falar de Beatrice. O conde de Douglas também nunca mais falou nas filhas e preferiu colocar uma cortina, separando a vida que tivera com a mulher que amava da que nunca amou.

Voltemos então à Toca do Lobo. O regresso de lorde Lobo, ferido, pois ele havia se cortado para se defender da espada escocesa, causou extrema surpresa em Rohesia. A moça, acostumada ao jugo da vida, já tinha se preparado para criar o filho, fruto do seu amor por lorde Lobo, sozinha. Ela estava à espera de um futuro similar ao da mãe, talvez com menos pobreza, pois em nenhum momento ela imaginou que ele voltaria em definitivo para ela. Ela acreditava fielmente que lorde Lobo voltaria para vê-la no início, mas com o passar dos meses, dos anos, as visitas iriam se rarear, pois o laço do casamento era forte. Se por convenção ou honra, a leveza da pena sempre subjugava o papel, o que dizer

de um desejo que poderia ser satisfeito em qualquer esquina?

Lorde Lobo desceu do cavalo e caminhou na direção dela. Rohesia, que havia saído para uma caminhada e achando que tivesse escutado próximo dela o uivo de um lobo feroz, recuava apressadamente quando o avistou o outro Lobo, o seu amor, que voltava para ela. Sua túnica branca esvoaçou com o movimento repentino e ela parou, ereta, com uma aparência que, se vista de longe, pareceria de frieza, pois a única demonstração de dor estava em suas mãos, que seguravam a veste com força, uma de cada lado de seu belo corpo. Não podia dar vazão à esperança, pois, se lograda, a mataria. Tentava não chorar, afinal, ela era uma mulher muito forte, mas sua garganta se comprimia, seus joelhos tremiam e seus olhos teimavam em anuviar-se. Por fim, quando ela sentiu as duas mãos fortes dele segurando-a pela cintura, com uma força que seria capaz de parti-la, e trazendo-a ao encontro do corpo dele, ainda assim temeu acreditar. Mas quando ele disse: “acabou, meu amor. Estou livre para você”, ela desabou.

O choro foi ouvido por todos, por Fenella, por lorde Ralph, por Guimer, por Raja e por Clive Cole, o Corvo, que tinha sido deixado na Toca para cuidar de todos.

— Meu amor, não chore, acabou. Agora eu estou livre para me casar com você e criar o nosso filho — ele a beijava, sentindo o gosto das lágrimas que banhavam o lindo rosto salpicado por sardas, que naquele dia parecia ainda mais tomado por elas.

— Eu a amo! Sempre amei. Venha, eu estou ferido e quero que cuide de mim.

Somente neste instante Rohesia notou que a mão esquerda dele estava enfaixada.

— Oh, meu Deus! O que aconteceu?

— Venha, querida. Não é desse ferimento que eu estou falando. Este — ele levantou a mão ferida e apontou para Guimer — está curado. Mas meu coração sangra por tê-la magoado e eu quero recompensá-la.

E eles saíram, deixando órfã a pequena multidão que os assistia, pois o amor que aqueles dois tinham um pelo outro transcendia, dominava tudo com uma aura de esperança, de eternidade.

Fenella suspirou, olhando o filho e a nora subindo as escadas.

— Suspirando, meu amor! — exclamou lorde Ralph. O suspiro quer dizer que o presente a inquieta diante de um passado de esplendor. Por um acaso falta-lhe algo agora no presente para que você olhe para o passado e suspire?

— Oh, querido! Não, não pense que meu suspiro é de censura, pois não

é. É de saudades de nós dois. Olhando nosso filho e para Rohesia, lembrei-me de nós dois em Alnwick, muitos anos atrás.

— E sentiu saudades? Foi isso?

— Sim, de um tempo que não volta mais, mas não é uma queixa, é uma gratidão por tê-lo vivido com você.

— Fui um tolo, Fenella. Harry tinha razão quando se negou a casar-se com lady Heloise para cumprir um protocolo. Casei-me com Chloe sem amá-la e a fiz sofrer. Ele segurou a cabeça da mulher entre suas mãos:

— Fiz sofrer a pessoa mais importante no mundo para mim. Quantos anos perdi vivendo longe de você — ele lamentou.

— Querido, creio que tudo tem uma razão de ser. Veja, nosso filho é um homem forte, decidido, o mais notável cavalheiro de todo o Norte. Será que, se ele tivesse sido criado com todos os luxos de Alnwick Castle, seria o nosso Lobo Branco de hoje? Creio que não. A sabedoria divina que tudo vê enxergou lá na frente, vislumbrou que os desafios que viriam necessitariam de um homem de grandes forças, então tudo aconteceu para que ele se tornasse esse homem.

— Meu Deus! Quanta sabedoria. Eu não a mereço, Fenella.

— Sendo assim, melhor fazer por merecer, meu amor, pois viveremos juntos por toda uma eternidade — ela sorriu e ele a beijou.

Falando em eternidade, a milhas e milhas dali, estava Flora Percy, sentada confortavelmente em frente à lareira que Reese havia construído para eles. Ela tecia algum trabalho de costura, mas volta e meia mantinha sua mão suspensa, imóvel, como se pensasse em algo. Depois, olhava para o perfil do amante, voltava à costura, até que, por fim, disse:

— Meu amor, ficaremos aqui para sempre?

A pergunta pegou Reese de surpresa. Decerto ele não queria sair de lá. O acampamento havia crescido, tornando-se quase uma pequena fazenda. Ele era muito habilidoso e trabalhador e, em pouco tempo, onde antes era uma pequena cabana, havia uma enorme clareira, cheia de construções, demarcada pela presença do homem com espírito de fazendeiro. Uma casa de madeira confortável, um estábulo, um curral, um chiqueiro e uma horta rodeavam a construção maior, como um moinho de água. Já possuíam animais, porcos, cabras, bois, tudo à base de troca, feitas nos vilarejos distantes, por caça e couro que ele levava em seu cavalo. Já tinham uma mobília modesta e viviam com certo conforto. Obviamente, para uma dama como Flora, que tinha sido criada no luxo, aquilo podia parecer paupérrimo, mas ela estava feliz e era o que importava.

— Deseja voltar para a Inglaterra, querida?

— Na verdade, eu andei pensando. Talvez devêssemos escrever para meu pai, para a minha mãe e para Beatrice dizendo que estou viva e bem.

— Sim, podemos fazer isso.

— Eu também gostaria de contar para meu pai que estou com você. Creio que ele se sentirá mais seguro sabendo que alguém está cuidando de mim.

— Não sei, não. Talvez o fato de estarmos juntos o enfureça — disse Reese, preocupado. Ele jamais poderia se esquecer de que sua própria mãe, por pura vingança, o jogara para cima de uma das filhas de lorde Ralph. O plano dela era que ele a deflorasse e a abandonasse, como Kit afirmava que lorde Ralph havia feito com ela. Mas ele se apaixonara por Flora e até se envergonhava do motivo que o levava a aproximar-se dela.

— Agora é tarde para isso — murmurou Flora, pois ele será avô.

— O quê? — Reese deu um salto como se um lobo, conhecido como Lobo dos Apeninos, uma espécie gigantesca de mamífero, estivesse atrás dele.

— Eu tentei de todas as formas evitar. Usei os pessários^[54] que as servas de Alnwick falavam, mas pelo jeito não deram certo.

— Meu amor, está pensando que eu estou chateado por você estar esperando um filho nosso?

— Não está?

— Deus! Não! Eu a amo, Flora! E nada poderia me deixar mais feliz que isso. Ter um filho com a mulher que eu amo — ele a tomou nos braços, beijou-a apaixonadamente, tirando da mente dela qualquer pensamento de rejeição.

— Eu não sabia que você estava usando essas coisas estranhas para não engravidar de mim — disse ele, beijando o rosto dela com carinho. — Podia ter se ferido, adoecido, meu amor.

— Eu tentei, mas você é tão grande e tão guloso, que mesmo com tantos pessários você os rompeu — ela riu, sedutora.

— Pois neste exato momento o grandão aqui, o guloso insaciável, está com uma fome danada da mulher dele — e Reese a tomou, não com fúria, mas com carinho. Ele, lembrando-se de que Flora era dominadora, deitou-se de costas no colchão, ao lado da lareira, e deixou que ela, no tempo dela, e quando ela o quisesse (Deus!) o conduzisse para preenchê-la.

O que eu sei é que nunca nenhuma carta de Flora chegou a Alnwick Castle. Katherine Mortimer também nunca mais viu Reese e, como não tivera filhos com Annag, assim que ele morreu ela morreu também. Se de solidão ou maldade, nunca saberemos. Por fim, lorde Ralph, mandou Leon Seth, seu fiel

escudeiro, regressar à Inglaterra e deixar que o destino cuidasse dos dois fugitivos. Parece que o destino fez a sua parte. Conta-se que, muitos anos depois, um ermitão vagava pelos Apeninos. Seu nome era Reese Dietrich e ele, louco, dizia que era o governante do povo da montanha. Diziam que ele tinha enlouquecido quando sua mulher, uma lady, a quem ele havia raptado, tinha morrido no parto juntamente com a criança. Enlouquecido de amor, ele se negara a enterrá-la. E assim viveu até que o corpo da mulher se fez terra de novo. O povo dizia que na sacola que ele levava estavam os ossos dela, aos quais ele dormia abraçado à noite. O lugar que ele morava se chamava “Cheia de Flores”, uma homenagem ao amor de sua vida, chamada Flora.

Tudo isso só aumentava o falatório sobre a maldição dos Percy, que tinha tido início muitos anos atrás e dizia que toda mulher, cuja maldição alcançava, morria no parto. Mas, para ser bem sincero, eu prefiro acreditar numa carta, enviada por Leon Seth, a um primo em Londres. Essa carta, eu não sei o motivo, acabou chegando às mãos de uma antepassada minha. Segundo ela, na carta, Leon dizia que Reese e Flora tinham saído dos Apeninos, através das trilhas, com destino a Nápoles, e de lá tomaram outro rumo. Isso aconteceu quando Reese soube que lorde Ralph havia contratado homens nativos para procurar por eles. Reese, então, conhecedor da lenda do Norte, plantou toda aquela história de ermitão, da morte de Flora no parto, para que todos os deixassem viver em paz o amor proibido. Conta-se que Reese chegou até um pequeno porto na Sicília e aproveitou o fato de que os navios carregados de grãos iam para a Espanha, a partir desse porto, e partiu com Flora para aquele país. Lá ele tornou-se um rico mercador de grãos. Ele foi visto no antigo centro comercial de Palermo negociando trigo. Àquela época, muitos latifundiários viviam em Palermo, abastados mercadores, e Reese era um deles, um grande produtor de trigo, vendendo principalmente para os árabes.

Sendo assim, deixo você livre para acreditar na maldição ou na benção. Eu prefiro imaginá-los felizes, criando seus filhos, seja onde for. Envelhecendo um ao lado do outro, nunca deixando que a dúvida da paternidade de Reese pairasse sobre eles. Mas há quem prefira crer na lenda romântica do eremita apaixonado pelos ossos de seu amor. Um ou outro final têm seu peso, pois de todas as formas eles permanecem juntos. Havia me esquecido de um detalhe. Perdoa esse velho mordomo, pois minha mente às vezes me prega algumas peças. Dizem que o espírito de Flora sempre vinha dormir com Reese. Os vizinhos do casal inglês, pois muitos outros construíram suas cabanas ali por perto para criarem cabras, contavam que à noite os ossos tomavam vida e ela cavalgava nele. Mas acreditar nisso já é demais para mim.



33 | A HERANÇA PERCY

Vocês devem ter percebido que eu deixei Harry Percy, O Comandante, e o quarto conde na linhagem dos Northumberland para o final. Bem, fiz isso de propósito, pois o desfecho dessa história sempre me deixou muito surpreso.

Como eu já havia mencionado, o conde havia voltado para Alnwick Castle com sua judia. Porém, embora eles fossem amantes, se amassem profundamente, lorde Harry carregava a culpa de tê-la roubado de Cristo. Alguns meses após o casamento de lorde Lobo com Rohesia, Christabel foi enviada de volta ao convento. O conde simplesmente decidiu que não se casaria com ela, pois competir com Cristo era demais para ele.

Havia no Norte duas famílias ligadas por laços de parentesco com os Percy: a Mortimer e a Neville. Eram famílias extensas e, embora não tivessem títulos nobiliárquicos, eram de grande influência. Especialmente os Nevilles cobravam de lorde Harry um herdeiro para a sucessão do condado de Northumberland. A bem da verdade, o patriarca Neville, um homem de grande astúcia e perspicácia, queria que ele desposasse Brenda, chamada no Norte por corvo fêmea devido à cor de sua pele e espírito líder. Em um dia de grande pressão, lorde Harry disse sim para Mr. Neville e fez de Brenda Neville a quarta condessa de Northumberland, um erro inominável. Quando, três meses depois, lorde Ralph, que estava na Sicília seguindo uma pista de Flora, recebeu a carta de lorde Lobo informando esse fato, bradou com o velino em suas mãos:

— Esse rapaz só pode ser um bastardo!

Fenella, assustada com a expressão no rosto do marido e com o brado nada usual, perguntou:

— O que houve? Quem é bastardo?

— Harry, pois ele decididamente não tem o sangue dos Percy nas veias. Que meu irmão esteja num sono profundo para não ver a besteira que ele fez.

— O que O Comandante conde fez?

— Casou-se com Brenda Neville.

— Casou-se? E Christabel? Oh, meu Deus! Por que ele fez isso?

— Porque foi criado por um maldito Douglas supersticioso.

Lorde Ralph chegou a escrever uma carta para o sobrinho condenando a atitude dele, mas, por fim, desistiu de enviá-la. Na época, ele estava numa pista de Reese e de Flora e resolveu que já tinha seus próprios infortúnios. Que Harry colhesse os frutos de sua errada escolha.

Parece que lorde Ralph estava enxergando o futuro. O fatídico casamento foi infeliz para todos os envolvidos, pois Brenda, embora uma mulher muito bonita, com seus cabelos negros como as penas de um corvo, não conseguia fazer com que seu marido fosse regularmente ao seu leito. Em consequência, dois anos depois, ela ainda não engravidara e era chamada por todo o Norte de “A Condessa Estéril”.

Com a mesma precipitação com que conduzira o seu enlace, lorde Harry decidiu ir atrás de Christabel em Londres. Concluiu que não podia mais viver sem ela e lhe proporia novamente o acordo dela ser sua amante. Mas, para sua consternação, ao chegar à Bishopsgate, ele teve um sentimento ruim, de que não mais a encontraria na St Helen’s. E sua intuição estava certa. Ninguém lá sabia dizer para onde a moça tinha ido. Na devolução dela a Cristo, à irmandade, ele se esquecera de dizer ao cocheiro que se certificasse de que ela, de fato, entraria no convento.

Decerto, da porta da igreja, ela foi para outro lugar. Mas o que lorde Harry jamais imaginara é que, ao expulsar Christabel de sua vida, ele expulsara também seu herdeiro, pois ela estava grávida.

Vocês podem julgar Harry Percy, O Comandante, e chamá-lo de fraco, de bastardo, como seu próprio tio o chamou, mas não podemos nos esquecer que os judeus tinham sido expulsos da Inglaterra e que o rei certamente condenaria seu casamento com ela. Estimava-se que, naquela época, cerca de 16 mil judeus deixaram o reino da Inglaterra e somente no final do século 17 se atreveram a voltar. Antes da expulsão, houve um massacre deles, sob alegações de juro abusivos cobrados por aquele povo. Uma multidão de Londres destruiu uma sinagoga, ao sul de Lothbury Street EC1, matando 700 habitantes. Isso além daqueles que foram mortos, acusados de levar a Peste Negra para a Inglaterra, como ocorrera aos pais de Christabel, motivo pelo qual a bondosa abadessa deu a ela um nome Cristão, deixando o nome judeu para o esquecimento.

Portanto, a negativa de se casar com a moça não era somente pela culpa de tê-la roubado de um convento. Se o rei descobrisse que um de seus nobres tinha infringido a lei, e até se casado com uma judia, ele poderia ir à força. Há indícios de que o lorde fora chantageado pelo Neville, aquele que acabara

tornando-se seu sogro.

Agora tudo vem à luz. Ele foi obrigado a abrir mão da mulher que amava para manter as vidas dela e dele. Quando lorde Ralph descobriu a chantagem dos Neville, voltou atrás e mandou uma carta apoiando o sobrinho. Mas Harry estava em Londres, à procura Christabel. Sua ideia era achá-la e fugir da Inglaterra, simular sua morte e deixar o condado de Northumberland para lorde Lobo.

Voltemos à gravidez de Christabel. A moça, quando foi “convidada” a voltar para o convento de onde tinha saído, não sabia da chantagem que seu amante sofria. Sendo assim, achou que ele não mais a amasse. Para aonde ir e ainda por cima grávida? Havia um antigo distrito, chamado de Old Jewry, na Cheapside, onde os remanescentes judeus se escondiam. Geralmente eram os velhos que não aguentaram a viagem e ficaram para morrer em terras inglesas. Foi num casebre de um idoso e de uma idosa que ela conseguiu um quarto para ficar. Na verdade, uma cela menor e pior que a do convento onde outrora vivera. A casa estava semidestruída, parte das paredes demolidas, mas mesmo assim eles moravam ali, em meio aos entulhos.

Desesperado, lorde Harry saiu à procura dela. Passou por onde ficava a sinagoga, ao sul de Lothbury Street, aquela que tinha sido demolida, mas no lugar havia uma capela para um grupo de frades. Portanto, seguiu para Chancery Lane. Esteve sempre ciente de que os judeus haviam sido notificados a abandonar a Inglaterra para sempre, portanto ele sabia que teriam medo dele e que ninguém daria qualquer informação sobre qualquer judia. Ele, então, passou a bater de porta em porta, implorando por ajuda. Dificilmente alguém que desejasse um massacre teria olhos tão suplicantes.

Foi numa casa, no fim da Lothbury Street, que ele obteve uma pista: alguém lhe disse que uma moça grávida, com aquelas características, tinha passado por lá há quase dois anos.

Levou muitos meses para que lorde Harry a encontrasse. Quando encontrou, por um estranho acaso, ela estava à beira da morte. Ele mal reconheceu a sua saudável amante no corpo esquelético naquela cama paupérrima. Imediatamente levou-a, juntamente com o casal idoso, para Northumberland House, e mandou chamar os melhores curandeiros do reino para salvarem a vida dela. Ele passava dia e noite ao lado de sua cama e Fenella, que foi a Londres com o marido, chegou a sentir pena dele. A culpa o consumia.

Mas, certo dia, enquanto Christabel se recuperava, ele soube que ela perdera o filho deles. A criança nascera e vivera até a idade de um ano e meio, mas morrera repentinamente, talvez por desnutrição. Quando ele soube disso, chorou amargamente e prometeu a si mesmo que ela viveria para ter novos filhos

deles.

No período que lorde Harry passou em Londres, a Condessa Estéril criou asas. Lembram-se de Clive Cole, o Corvo? Pois certo dia ele foi a Alnwick Castle levando uma carta de lorde Lobo para lorde Ralph, que na ocasião estava no Norte. Na carta Lobo dizia que Rohesia estava novamente esperando outra criança. O herdeiro, chamado carinhosamente de Lobo Branco Segundo, estava com cerca de um ano e meio e teria um irmãozinho. Mas, ao chegar a Alnwick Castle, o Corvo não encontrou lorde Ralph, pois este, que havia recebido uma carta do sobrinho, tinha partido abruptamente para Londres. Entretanto, o Corvo foi levado à presença da condessa.

O que houve, não sabemos ao certo, mas o povo conta que ela se encantou por Clive e o obrigou a deitar-se com ela sob pena de mandar enforcá-lo. Creio que não precisava desse estímulo todo, pois O Corvo também se encantou por ela. Embora Raja, a irmã de Rohesia, estivesse apaixonada por ele, pelo visto O Corvo não retribuía tal afeição. Resultado: a condessa engravidou do amante.

A notícia de que a condessa chamada de estéril estava grávida se espalhou no Norte como o vento gelado e chegou a Londres. A condenação por adultério àquela época era enforcamento e lorde Harry não podia ser o pai daquela criança, em razão de há meses não aparecer no Norte. A coisa toda foi um escândalo sem precedente. A condessa, com a ajuda dos Neville, fugiu para alguma colônia, e O Corvo, que teve sua vida preservada porque lorde Lobo entrevistou, ameaçando os Neville, foi ao encontro da amante.

Com tais argumentos, o casamento de Brenda Neville e Harry Percy foi anulado. Se devido a tais notícias, não sabemos, mas Christabel recuperou sua saúde. O desfecho daí em diante é mais surpreendente ainda. Conta-se que lorde Harry e Christabel se casaram tendo um rabino como realizador e partiram para o Continente. A última notícia deles é que foram vistos no porto de Cannes, na França, embarcando no navio Galatea. Já outros dizem que os viram no porto de Marselha, com destino a Atenas. Tomara que a segunda informação seja a correta, pois o Galatea veio a naufragar e todos os infelizes que nele se encontravam desapareceram, se mortos ou não, ninguém nunca soube dizer.

Portanto, caro leitor, aquele que foi responsável pela linhagem do oitavo conde de Northumberland, a quem, com muita honra, hoje eu sirvo como mordomo, foi o quinto conde de Northumberland, o Lobo Branco de Batalha. Rohesia, chamada de Condessa Águia Dourada, pois era comum vê-la *voando* sobre seu cavalo branco, cortando os vales de Alnwick, fora, até então, a mais amada condessa que vivera no Norte. Não somente ela era vista cavalgando, pois

seu marido, o conde Lobo, sempre a acompanhava em seu cavalo negro. Era bastante comum vê-los em meio ao povo, o Lobo e a Águia Dourada, pois sempre foram bastante acessíveis e o povo do Norte os amava.



DESFECHO

Despeço-me aqui, já com muitas saudades, desses queridos Percy. Mas antes preciso falar um pouco sobre os irmãos da condessa Águia Dourada. Lembram-se de Raja? Ela se tornou uma linda e disputada dama do Norte, conhecida como lady Raja. Com o passar dos anos, ninguém dizia que ela não era uma Percy de sangue, pois adquiriu o porte e a autoconfiança dos membros daquela nobre família.

Certo dia, lorde Jimmy, então o novo conde de Douglas, apareceu para uma visita ao conde de Northumberland, pois estavam em paz naquele tempo, e viu Raja. Evidentemente, a moça se lembrava dele, pois no passado trabalhara na cozinha de Athelard, mas ele não se lembrava dela. A nova Raja nada tinha da pobre e magra moça daqueles tempos. Entretanto, ela ainda guardava mágoa e ressentimento de todos os Douglas, pelo incidente com o machado que maculara o sorriso de sua irmã para sempre.

Lorde Jimmy, porém, com o título de conde de Douglas, também havia mudado, ganhado autoconfiança e a empáfia peculiar à família escocesa. Junto com a soberba, veio a beleza, pois ela floresceu, e o lorde era muito assediado. Nenhum homem na Escócia era mais bonito que ele. Talvez por tanto ser bajulado, ele tenha se tornado arrogante e pretensioso. Mas ele não esperava que logo a mulher que ele queria fosse desprezá-lo. E Raja o desprezava.

Caro leitor, junte orgulho e rejeição e terá uma paixão arrebatadora, pois o conde escocês queria se deitar com Raja de qualquer jeito, e a sequestrou. Sua motivação, segundo contam, era mera luxúria. Ele, que depois lembrou-se do tempo que ela trabalhara para ele e sabendo das lembranças ruins que ela tinha de Athelard, não a levou para lá, mas, em primeiro lugar, para a antiga cabana em que a mãe dela morara com seus irmãozinhos. Claramente, ele deve ter melhorado o local, preparado tudo para sua noite de núpcias. Não sabemos se ele a violentou ou se foi consensual. Desconfio que ele a tenha conquistado, pois, no mês seguinte, ele a levou para sua própria casa, onde a manteve por dias e noites fornicando com ela. Ela, então, ficou grávida e ele, escondido de todos, foi a

Gretna Green e se casou com ela.

Na primavera foram vistos na França e parecia que Raja estava muito apaixonada pelo seu raptor. Quando, no verão, retornaram à Escócia, o novo conde de Douglas procurou por lorde Lobo e confessou sua culpa, sendo absorvido pelo conde inglês, já que estavam casados e Raja, inclusive, já tinha dado à luz o herdeiro Douglas.

Muitos anos se passaram e lorde Lobo e Rohesia, a condessa mais simples que Alnwick Castle tivera, viraram assunto no castelo. Os servos diziam que eles não eram discretos em suas noites abrasadoras. Que o uivo dele era ouvido por todo o castelo, mas de uma coisa nenhum servo podia falar: que aquele homem não amava aquela mulher. Eram vistos sempre juntos, geralmente cavalgando livres pelos prados. Certa vez, viram dois cavalos, um branco e um preto, para logo depois virem somente um cavalo preto e duas pessoas sobre ele. O que faziam? Usem a sua imaginação, pois eu estou velho demais para enrubescer feito uma mocinha.

Contudo, o mais memorável foi o que aconteceu aos irmãos mais novos de Rohesia. Conta-se que, com o passar dos anos, todos confundiram a paternidade deles e eram vistos como filhos do conde Lobo e da condessa Águia Dourada. E de fato lorde Lobo os criou desde criança como filhos. Então tornaram-se lorde Rick Percy, lorde Robin Percy, lorde Riley Percy, lorde Roderick Percy e lorde Rolf Percy, o belíssimo Quinteto do Norte, e moças de toda a Inglaterra e até da França iam visitar Alnwick Castle para se mostrarem aos mais lindos cavalheiros de toda a Inglaterra. Não herdaram o condado, isso não, pois a linhagem veio do legítimo Percy, Lobo Branco Segundo, o primogênito de Lorde Lobo e de lady Rohesia, mas esse quinteto também deu o que falar. Mas essa é uma história muito longa e eu fico por aqui. Quem sabe um dia, se eu tiver tempo, ousar contá-la para vocês.

FIM!

Leia Também!

O Quarteto do Norte, A Redenção

Enquanto o conde Hotspur se digladiava com seu obscuro passado, outro cavaleiro do Norte, o duque de Prudhoe, seu amigo de longas datas, se via envolvido no que parecia ser um conto de fadas. O Quarteto do Norte está de volta com inebriantes paixões, segredos, traições, choro e riso, tudo que um grande romance tem que ter, para que a redenção aconteça.

PRÓLOGO

“O jovem que nunca chorou é um selvagem”.^[55] O que virá pela frente ninguém sabe, então, por que se preocupar com isso agora, se fatalmente chorará em algum momento vindouro? “Ninguém é sério aos 17 anos”.

Verão de 1814.

O vento sibilava como música nos ouvidos dos quatro nobres e jovens cavaleiros que cortavam as planícies de Northumberland, no extremo Norte da Inglaterra. Cavalgavam arteiramente, sem qualquer cuidado, sobre seus intrépidos cavalos, próximos à fortificação de Hadrian's Wall,^[56] construída há tanto tempo que pedra e madeira, ainda praticamente intactas, descreviam a História que serpenteava o Penino, glorificando o motivo pelo qual no passado remoto os romanos cercaram aquele lugar.

Era uma vasta planície verde, de extrema beleza, uma paisagem ondulante, que por si só já era um romance quase sobrenatural, como as histórias que contarei para vocês: o relato das aventuras, dos acontecimentos das vidas de Edward e Robert Percy, e de seus amigos, os futuros duques de Prudhoe e de Belvoir. Mas antes faz-se necessário narrar os fatos da juventude deles, quase todos com idades entre 14 e 17 anos, à exceção de lorde Robert, o irmão caçula de lorde Edward. Este último, um belo rapaz que em breve se tornaria o nono conde de Northumberland.

Lorde Edward saltou de seu cavalo para salvar um esquilo vermelho, animal que sempre habitara os bolsões da floresta de Northumberland, e que tinha sido capturado numa armadilha de um caçador que eu conhecia muito bem.

— Por que parou, Ed? — gritou Arthur Pearl Clifford, puxando com força as rédeas de seu cavalo e fazendo o animal empinar, quase jogando o jovem lorde no chão.

— Não me chame de Ed, já avisei, Paddy — rosnou o futuro conde, esgueirando-se da gargalhada de Oliver Ashlie Stanhope, o futuro duque de Belvoir, e da risadinha debochada do irmão caçula.

— Vai soltá-lo? Tenho certeza de que foi Mr. Mercer que armou essa coisa aí. Esse nó só ele sabe dar — disse Robert.

— Já soltei — disse Edward, quebrando a armadilha que eu havia passado quatro horas fazendo. — Vai, amigo, está livre de novo —, completou o

rapaz, dando um leve empurrão como incentivo no assustado animal. O esquilo, quando percebeu que havia sido libertado, como se mal acreditasse em sua boa sorte, desvencilhou-se abruptamente das mãos do jovem, ariscando-se entre as patas dos cavalos, e subindo a muralha, entrando na Kielder Forest e se misturando às muitas criaturas selvagens que lá viviam. Ele somente seria visto novamente ao amanhecer ou no anoitecer do dia seguinte, quando sairia à procura de alguma recompensa alimentar.

— Mr. Mercer não vai mais encobertar as coisas erradas que você faz, irmão — lembrou-o Robert, como normalmente acontece aos irmãos mais novos, o menino era ultrajante em chantagear o mais velho para obter o favor de pertencer ao grupo de amigos dele.

— Cale-se, Robert. Não sei ainda por deixei esse pirralho vir com a gente!

— Deixou? Vim porque eu quis. Ninguém manda em mim — retorquiu o menino, de porte tão aristocrata quanto o outro.

— Pare vocês dois. Mr. Mercer, se quiser, que asse um gado branco selvagem para ele — observou Belvoir.

— Eu daria metade da minha fortuna para ver aquele magricela tentar pegar um deles! — gargalhou Prudhoe. — Vi um homem outro dia quase ser pisoteado. O cio daquela boiada é violenta. Os machos quase se matam. Tentar pegar um deles é pedir derramamento de sangue. Só mesmo um desavisado tentaria.

Os quatro gargalharam livremente ao imaginar a minha magra silhueta, correndo pelos prados, com um boi branco selvagem atrás de mim. Naquela época eu era o cocheiro da condessa Margaret, a mãe dos lordes Edward e Robert e, como o futuro duque fez troça, eu, de fato, não possuía muita carne sobre meus ossos. Em vista disso, quando eu soube dessa conversa, não pude deixar eu mesmo de rir da minha figura sendo alvo de um boi selvagem.

Passariam muitos anos para eu ver novamente cada um deles. Lorde Robert foi enviado para Eton College e os três outros foram para a guerra. Durante esse período eu quase sempre lia as cartas que eles enviavam para minha senhora, não de forma bisbilhoteira, mas a condessa sempre me pedia para ler para ela. Ela sentava confortavelmente em sua poltrona em frente à lareira de Alnwick Castle e, enquanto fazia algum trabalho de costura para os pobres, eu lia. Numa dessas cartas, lorde Edward narrou a façanha que deu a ele o nome de Hotspur. Minha senhora, levou à mão ao coração quando soube que seu filho mais velho tinha salvado da morte o seu melhor amigo, e agora já duque de Prudhoe, pois o pai dele tinha morrido há poucos meses.

Através também de uma carta, dessa vez da parte da baronesa de Patchetts, que soube através de alguém — ela não disse quem — eu tomei conhecimento de que Oliver Ashlie Stanhope, o bastardo como ela mencionara, tinha sido reconhecido pelo duque seu pai. A distinta baronesa ainda informou que o jovem tinha se ferido na guerra e estava em Paris, onde sua “honrável” mãe residia. Abro aqui um parêntese para dizer que o “honrável”, escrito dessa forma, foi compilação da carta da baronesa. Tempos depois, a mesma baronesa contou com detalhe o envolvimento de lorde Edward Percy, agora comumente chamado de lorde Hotspur, com madame Marie Duplessis, em Paris. Ela ainda contou que havia tido mais um racha, entre tantos outros que já houve no passado, entre os ingleses Percy e os Douglas, da Escócia.

— Quando isso vai acabar, Mr. Mercer? — minha senhora disse, quase para si mesma. Mas, como ela mencionou o meu nome, eu respondi.

— Quando um Percy amar uma Douglas.

— Mas isso já ocorreu, Mr. Mercer.

— Sim, eu sei. Mas a paz entre eles só dura enquanto dura o amor.

— Que se amem, então — murmurou a condessa.

O Quarteto do Norte, A Reparação

Reunidos num mesmo livro as histórias de quatro cavalheiros que têm suas vidas devastadas como por uma grande onda, para serem reparadas pelo destino: o duque bastardo de Belvoir; o Lobo Negro do Mar; o conde Raspail e Ferdinan, o doce médico que amava os bichos.

Conheci o amor de minha vida quando naufraguei!

Desonrada por um noivo cruel, Alethea parte para Nápoles onde conhece Reese, o capitão chamado de Lobo Negro do Mar. Quando uma fragata naufraga no Mediterrâneo, os dois se tornam náufragos da ilha de Górgona, o passado vem assombrá-lo.

Juntos num mesmo livro, mais um quarteto nos mostra que ninguém vive numa ilha, pois todos os mundos estão ligados, mesmo que as pontes estejam invisíveis!

PRÓLOGO

A Pérola da Europa

Florença, por volta do não de 1800.

Aqueles que reprimem o desejo assim o fazem porque o seu desejo é fraco o suficiente para ser reprimido.^[57]

Justine esgueirou-se sorrateiramente para dentro da carruagem que esperava por ela em frente à casa de seu pai, e o veículo cortou as ruas de Florença, molhada àquela hora do crepúsculo. Robert esperava por ela na quinta Donnchada Luna Balestriere, em de Fiesole, no topo da colina, um refúgio de verão para os ricos florentinos. O jovem duque inglês era hospede de Marcho del Conte da Lastra, amigo de seu pai, mas ela esperava que o dono da casa não estivesse lá, pois seu encontro clandestino não podia vir a público.

Ela havia conhecido Robert Stanhope, o duque de Belvoir, há um dia e se encantara por ele, desejando-o ardentemente, uma atração arrebatadora, e ele por ela. Tinham se visto no baile de Berto e de Michele di Guido Triniciavelli, e assim que seus olhos se encontraram, coisa de instantes, segundos mágicos e indeléveis, perenes como a flor dos ásters, ela se tornara dele e ele cativo de sua beleza. O atraente duque a tirara para dançar e ela não conseguira afastar seu olhar do dele. Nunca tinha sentido nada semelhante.

Justine havia se casado quando tinha 17 anos e teria toda uma vida para se arrepender. Quando lorde Stanhope segurou sua mão, ela comparou o aperto forte do duque à mão frouxa do marido e soube do erro de sua outrora escolha. Ela que sempre havia sonhado com um homem, por ironia, casara-se com um espécime, cuja mão tinha tanta suavidade quanto a dela. Mas, ao dançar com o duque, notara a diferença. O cheiro que emanava dele era másculo, o toque dele em seus dedos, a voz em seus ouvidos, quando ele disse: — Nunca nenhuma mulher me deixou nesse estado de alma — a cativou para sempre e toda a sua história foi mudada ali.

— Confesso também que nunca nenhum cavalheiro segurou-me dessa forma.

— E gosta?

Ela balançou a cabeça num gesto afirmativo, mas o duque queria ouvi-la.

— Responda-me com palavras, eu preciso escutar a sua voz. Gosta da forma com que seguro a sua mão?

— Muito.

— Só isso? Diga-me, *bella signora*, se sua alma foi marcada como a minha?

— Sabe que sim.

— Para sempre?

— Temo que sim.

Ele aproximou-a mais do corpo dele. Ela sentiu a respiração dele em seu pescoço e estremeceu, mas quando ele sussurrou, ela se rendeu:

— Eu a quero para mim, *stupefacente signora*. Diga que me quer e faça-me o homem mais feliz desse mundo.

— Sabe que sim.

A valsa chegava ao fim, mas eles ainda tinham muito a dizer um ao outro.

— És a pérola da Europa. A mais linda de todas que eu já vi.

— Gostaria que me amasse além do que vê em meu exterior, senhor. Pode fazer isso?

— Sabe que sim — disse ele, mergulhando na imensidão dos olhos de Justine e tirando dela qualquer resquício de resistência, se porventura ainda houvesse alguma migalha de escrúpulo.

— Estou louco por ti, louco, arrebatado, entregue aos seus pés — ele sussurrou, rouco. — Se sentir um fragmento do que sinto por ti já me sentirei feliz. Diga que me quer também, senhora, por favor, diga apenas mais uma vez! — ele implorou.

— Sabe que o quero.

A valsa terminou e ela manteve-se ao lado dele, sob os olhares do pai, e do marido.

— Encontre-me amanhã na quinta de Guido Triniciavelli. Conhece-a? Sabe onde se localiza?

— A Donnchada Luna Balestriere? Sim, sei onde fica.

— Mandarei buscá-la às cinco. Está bom para ti?

— Sabes onde estou hospedada?

— Na casa do marquês, seu pai?

— Sim, encontro-me lá.

— Então até amanhã, minha mais bela senhora — disse ele, quase num sussurro, pois já a entregava nas mãos frouxas do marido.

Com os pensamentos na noite anterior e o coração aos solavancos, ela

não percebeu que a carruagem passava sobre a ponte de Vecchio em seu ponto mais estreito e que o joalheiro Ferdinando, que também era apaixonado por ela, a reconheceria. Justine se quer se deu conta disso, com os olhos parados na abundância cercada por colinas, por onde o veículo infiltrava-se, sob um túnel de árvores. Imersa em suas lembranças românticas, naquele idílio rural de oliveiras, ciprestes e canto dos pássaros, ela dava início ao seu destino, um desígnio tão real quanto o ar que ela respirava.

— Estou cavando o meu quinhão, mas não tenho forças para não fazê-lo — disse ela, quando a carruagem virou para o Sul, subindo as encostas para o interior da Toscana. Além das muralhas, algumas milhas depois, avistava-se Fiesole, onde encontrava-se a quinta e o seu amante. Justine olhou ao longe o mosteiro de San Francesco e seu coração bateu tão forte que deu ares de sair pela boca: a fé, a culpa e o desejo estavam num embate acirrado, mas dos três, nela, o desejo era mais forte e Justine estava preste a cometer o seu primeiro pecado carnal. Viria um tempo em que não haveria mais fé, tampouco culpa, apenas desejo.

Assim que carruagem parou, o duque veio recebê-la. O belo nobre inglês estendeu a mão e segurou a dela, firme, como se ela já lhe pertencesse. Certamente, de alguma forma, ela lhe pertencia. Não disseram sequer uma palavra, não eram necessárias. Seus olhos diziam tudo, faziam um ao outro as mais calorosas declarações de uma paixão que nascia com a força do vulcão tão conhecido pelos dois. Assim que se encontravam sozinhos dentro da casa, sem correr nenhum risco de serem flagrados por um olhar curioso ou boca maledicente, lord Robert a tomou pela cintura. Não com força, mas com determinação e encaixou-a entre seus braços, colada ao corpo do homem que se encontrava clemente dela. Ele estava ávido por ela, nunca se apaixonara, e vivia seu inferno na terra. Sua consciência lhe acusava de estar roubando a mulher de outro, mas seu coração e seu corpo não conheciam a ética. Decerto, naquele instante, ela também se sentia culpada, mas seu jovem corpo, de 20 anos, clamava para ser amada de verdade, por um macho e não por um menino quase efeminado.

— Eu preciso de você, Justine. Para matar uma fome visceral que sinto. Não dormi sequer um minuto na noite passada, angustiado, lutando com um sentimento novo para mim.

— Eu também não consegui dormi — ela balbuciou, olhando para os lábios dele.

Naquele instante ele a abraçou forte. Ela se deixou abraçar e contornou o tronco dele com os braços, sentindo os músculos do homem, acostumado a

cavalgadas vigorosas sob suas mãos, e estremeceu. Ele sussurrou nos ouvidos dela.

— Eu a quero, Justine. Entregue-se para mim.

— Sim.

Foi uma única palavra, mas que mudou todo o seu destino.

O Quarteto do Norte, A Conquista

PRÓLOGO

Norte da Inglaterra, verão de 1837.

O que passou é como água corrente de um riacho e nada poderá alterar as conquistas ou os estragos. Remoer o passado trará tão somente dor. Para nosso próprio bem, deixemos o passado no passado e aprendamos com ele e, em seguida, afastemo-lo dele. Para sempre.

Estávamos todos em Alnwick Castle para comemorar o aniversário de casamento de seis anos de Edward Percy, o nono conde de Northumberland, com Eliza. Verdade seja dita, esse lorde comemorava o aniversário de casamento deles todos os anos, fosse com uma viagem para o Continente, uma festa em Londres ou outra em Alnwick Castle, o conde jamais deixaria essa emblemática data passar em branco. Entretanto, nesse ano ele resolveu que faria uma grande comemoração. Traria seus amigos de Londres, da França, de Nápoles, onde quer que estivesse um amigo do lorde, lá chegaria um convite. Foi dessa forma que todos os aposentos foram ocupados, não somente de Alnwick Castle, mas também da Toca do Lobo.

Lorde Edward tinha mandando restaurar o antigo castelo onde moraram Lobo Branco de Batalha e sua Rohesia, pois muitos dos convidados tinham externado seus desejos de se hospedarem naquele nostálgico lugar. A preferência, por exemplo, do casal Reese Dietrich pela toca do Lobo Branco de Batalha, deu-se porque o próprio mercador era chamado de Lobo Negro do Mar. Outra pessoa que preferiu à toca ao castelo, foi lady Leanah Douglas, obrigando lorde Robert Percy, que por cavalheirismo, deixou seu luxuoso aposento em Alnwick Castle para hospedar-se também no rústico castelo dentro da mata. Creio que devo esclarecer que lorde Robert e Leanah, finalmente, estavam praticamente noivos. Embora nenhum acordo tivesse sido oficializado ainda, todos sabiam que o casal iria se casar em breve. Para justificar sua preferência pela Toca, ela argumentara que tinha muita curiosidade conhecer um lugar tão falado pelos Percys e, quando a ocasião chegou, ela não teve nenhuma dúvida onde escolheria se hospedar.

Eu, como mordomo do conde tive um trabalho imenso em preparar tudo para a ocasião. Apesar de milorde ter mandado reformar a Toca, as coisas lá são bastante rudimentares. Como receber um duque num castelo como aquele? Digo

isso porque o duque e a duquesa de Belvoir também preferiram à Toca do Lobo a Alnwick Castle. De forma que muita coisa teve que ser levada para lá as pressas. Não que o duque de Belvoir fosse um cavalheiro exigente, nada disso, mas o conde é um excelente anfitrião e me encarregou de transformar aquela “cova”, refúgio do apaixonado lorde do passado, num lugar habitável.

Quando todos os convidados tinham chegado Alnwick Castle formigava. Nunca, em toda a minha velha vida vi tantos vestidos de festas esbarrando-se um no outro. Havia chegado a noite do grande baile. As damas vestiam seus mais encantadores vestidos e os cavalheiros os seus mais sofisticados trajes. Uma banda vinda de Londres tocava e os pares eram formados para as danças. A voz do duque de Prudhoe, sempre com seu vozeirão bonachão, sobressaía as demais. Provavelmente, ele caçoava de um dos quatro do Quarteto do Norte. No grupo onde estavam Edward Percy, o anfitrião, Reese Dietrich, o duque de Prudhoe e Belvoir, e o conde Raspail, o assunto era a baronesa de Patchetts e o cruel destino que a mexeriqueira e sua filha tinham tido. Raptadas por piratas africanos, as duas foram violentadas, mas o pior aconteceu à lady mais jovem, que engravidara de um deles, e agora carregava o rebento de sua tragédia.

— A criança não tem nada a ver com a forma pela qual foi concebida — bradou o duque de Prudhoe.

— Evidentemente que não — disse o duque de Belvoir.

— É um menino? — perguntou lorde Edward.

— Sim. Uma criança mestiça e bela — respondeu Reese. — Eu os vi em Nápoles, mas quando arriava meu cavalo para falar com elas, os três, pois a baronesa estava junto do grupo, entraram numa das dezenas de vielas no entrono do porto e desapareceram.

— Às vezes eu me culpo por não ter pago o pedido de resgate dos piratas — disse Belvoir. — Mas eu estava furioso com os Patchetts àquela época.

— Não se culpe. Eu deveria ter feito isso, pois a baronesa é irmã do homem que se casou com minha tia — disse Edward Percy.

— Se nem o barão Neville se deu ao trabalho de ir à procura delas, por que vocês se culpariam? — observou o conde Raspail. — Creio que essas Patchetts eram pessoas malquistas aqui na Inglaterra.

— Malquista? A baronesa de Patchetts fez o inferno da minha vida e da do meu pai — contou Belvoir, narrando o que passara por causa da eloquência de tal baronesa que se detinha à vida das pessoas.

Enquanto os cavalheiros discutiam o destino das Patchetts num canto do salão, na outra extremidade as damas mais influentes do baile, entre elas a

própria condessa de Northumberland, conversavam de forma murmurada. Harriet, a duquesa de Belvoir e Leonora, a duquesa de Prudhoe, apontavam discretamente para lady McCarthy, a dama de companhia de Harriet, e comentavam como Bridget nunca mais fora a mesma desde que voltaram de Nápoles, havia muitos anos. Na época Biddy, como a moça era chamada carinhosamente por Harriet, pois as duas tinham sido amigas de infância, havia ficado encantada por Hank Armistead, um dos capitães da Rapallini, empresa mercantil cujos sócios eram seus maridos. Harriet dizia que algo acontecera entre a moça e o capitão Armistead, mas que Biddy havia se fechado na mais absoluta reclusão.

— Ela nunca te contou o que houve entre os dois? Pois, aconteceu alguma coisa entre eles. Eu mesma os vi juntos em Nápoles, na ocasião do casamento do grão-duque com a linda Letízia.

— Nunca me contou nada, Leonora. Quando eu perguntei, ela negou veementemente que tivesse acontecido algo entre eles.

— E você acreditou? — perguntou Elisa, olhando para onde Biddy conversava com Alethea Dietrich, ou Alethea conversava com uma sombra, pois a lady sentada ao lado dela mal movia os olhos, parecia uma morta-viva.

— Olhe para ela! — exclamou Leonora. — Algo muito grave aconteceu lá em Nápoles entre eles. Tudo bem, Biddy teve um passado traumático, quase ser estuprada por aquele patife do barão de Patchetts, para depois descobrir que seu próprio carrasco era seu verdadeiro pai, já foi sofrimento além da conta. Só isso já a traumatizaria. Mas vocês se lembram como ela estava falante no navio? Mesmo em Nápoles ela era comunicativa. Isso até conhecer o capitão. Depois ela parece que...

— Murchou — as três responderam ao mesmo tempo.

— Quem murchou? — a condessa Raspail chegou no grupo naquele instante.

— Estávamos falando da minha dama de companhia, Amy — respondeu Harriet.

— Sim. Você já me falou do problema dela. Descobriram o que ela tem?

— Ela tem tristeza — murmurou Elisa.

— Sim. A tristeza dela é visível — concordou Amy. — Quando eu olho para ela, vejo-me. Quero dizer: eu era tão triste quanto ela parece ser.

— Acha que o capitão pode tê-la violentado? — Leonora olhou para Amy, assustada.

— Não! De forma alguma! Hank Armistead é honrado. Meu marido o

estima muito. Algo muito grave aconteceu lá em Nápoles, mas apenas Biddy ou o próprio capitão, se é que ele tem alguma coisa a ver com isso, poderá explicar — defendeu Harriet.

— E o capitão vem ao baile? — perguntou Amy.

— Sim. Ele foi o último convidado a chegar em Alnwick — disse Eliza. — Creio que ele esteja em seus aposentos se preparando.

— Eles se viram depois de Nápoles? — perguntou Leonora.

— Que eu saiba, não. Biddy nunca sai de casa sozinha. Só sai comigo. Não escreve cartas e não as recebe. Nunca vi uma vida tão triste.

— Coitada! — murmurou Amy, lembrando que no passado ela só queria morrer. — Talvez eu devesse me aproximar dela para tentar ajudá-la. Quem sabe ela não se abre comigo?

— Sim, Amy. Acho que você é boa nisso. Em conversar e ajudar as pessoas. Olha o que você fez para o meu pai? Ele rejuvenesceu uns 20 anos. Nunca o vi tão feliz — disse Leonora, sorrindo.

— O amor rejuvenesce como água em terra seca, Leonora — poetizou Amy.

— Sim. Só o amor pode restaurar. Eu era cheia de complexos — disse Harriet, que não mais usava um xale para esconder seus seios avantajados, muito pelo contrário. A duquesa de Belvoir usava um grande decote que deixava parte deles à mostra.

Neste instante, lady McCarthy e Mrs. Alethea Dietrich aproximaram-se do grupo das damas. Logo o conde, meu senhor, veio e levou sua condessa com ele, reivindicando uma valsa. O mesmo fez o duque de Belvoir, murmurando algo nos ouvidos de Harriet que a fez corar. Reese Dietrich também chegou no grupo e pegou sua Alethea pela mão, levando a mão da esposa aos lábios e sorrindo enigmático para ela. O duque de Prudhoe e o conde Raspail chegaram juntos e cada um deles tomou sua esposa pelas mãos, de forma que lady McCarthy ficou sozinha no exato momento em que Hank Armistead adentrava no salão. Ele estava acompanhado pelo lorde Robert Percy que vinha de algum lugar com lady Leanah: penso que o casamento desses dois deve ser marcado com urgência. Eu conheço os homens dessa família e eles não são o que se pode chamar de recatados. Pelo desarranjo nos cabelos da lady, eles não estavam apenas dançando.

Foi como em um piscar de olhos. Quando eu voltei meu olhar para o local onde estivera Bridget McCarthy, ela havia desaparecido. Dessa forma, voltei meus olhos velhos e curiosos para o capitão Hank Armistead e pensei que

ele era um cavalheiro muito bem-apessoado. De estatura longilínea, semblante sério, do tipo militar, o capitão Hank havia atuado em várias guerras até sofrer um acidente que o fizera aposentar a patente. Entretanto, não aposentara o porte. Os olhos de um tom mel, escuros naquele instante, deixava o semblante do Cavalo Dourado, como era conhecido o belga, filho de um inglês com uma mulher argentina, quase temível. Sua pele dourada, como se o sol a tivesse bronzeado, os cabelos escuros, resplandeciam sob a luz onde ele se encontrava parado, com um copo nas mãos, medindo o salão como se procurasse por alguém. Depois de tantos anos acompanhando a vida da família Percy, de seus amigos e agregados, eu já me considerava um especialista nos meandros do amor. Eu podia apostar a minha bandeja de prata que o capitão Hank procurava pela bela moça tristonha.

O leitor poderá argumentar que uma flor murcha nunca é bela. Mas sinto que devo sair em defesa de uma em especial: Bridget McCarthy, a Biddy. Não posso dizer que ela não é uma alma tristonha, pois não se pode atear fogo à uma poça de água, e a jovem é como um reservatório de segredos. Mas se uma luz incidir sobre uma poça, ela irá brilhar. Pois certamente se uma pessoa for iluminada pelo amor, jamais será triste, pois esse doce sentimento é a luz que quebra a amargura. Sim, ela encontra-se amargurada. Eu vejo isso. Enxergo um espírito machucado também. E, como todas as pessoas feridas, Biddy é melindrosa. Não é para menos: quem já foi ferido por um espinho toma cuidado ao pegar uma rosa. Mas ninguém é tão fechado que não possa ser conquistado. Algo aconteceu a ela que a fez entristecer. Mas da mesma forma algo pode acontecer e trazer a alegria de volta. Nenhum ser humano nasce tristonho, portanto, tristeza jamais poderá ser o fim.

Mas o que eu estou vendo? Pelas babas do profeta, será que eu vou perder a minha bandeja de prata? O capitão está tirando Alyssa Neville para dançar? Devo estar mesmo muito velho e perdendo a perspicácia. Eu podia jurar que o Cavalo Dourado procurava por Bridge McCarthy.

AUTORA:

A editora e jornalista Chirlei Wandekoken nasceu no interior do Estado do Espírito Santo. É apaixonada pelos livros desde criança. Como leitora, sua preferência literária, além dos clássicos ingleses, são os romances contemporâneos de época, principalmente aqueles que trazem um viés histórico. Como escritora, visita bastante o passado, principalmente o século XIX, mas também escreve romances contextualizados nos tempos atuais, como: *Por Trás da Escuridão* e *O Vento de Piedade e Força e Ternura*. Além destes, são de sua autoria os romances: *A Estrangeira*, *A Ama Inglesa*, *Um Cocheiro em Paris* e *Fronteira da Paz*, que compõem a série independente de romances históricos e de época: *O Quarteto do Norte*. Também de época, escreveu: *Sob os Acordes dos Anjos*; *Quando os Céus Conspiram* e *Comprada por um Lorde*. E a série *Vilas do Sul*, que traz *Paixão de Recomeço*, *Iluminada pela Paixão*. Seu próximo lançamento é *O Quarteto do Norte, O Passado Medieval*, no qual ela revisita a série homônima de maior sucesso.

Instagram: @chirleiwandekokenautora

e-mail: chirleischumacher@gmail.com

^[1] William Langland foi um escritor, cujos escritos tinham um olhar vívido e perspicaz sobre a sociedade medieval inglesa.

^[2] O papel velino (do francês antigo Vélin, para “couro de vitelo”) é uma pele de mamífero.

^[3] ELIOT, George, *The Mill on The Floss*.

^[4] John Wycliffe foi professor da Universidade de Oxford, teólogo e reformador religioso inglês, considerado precursor das reformas religiosas que sacudiram a Europa nos séculos XV e XVI.

^[5] ELIOT, George *The Mill On The Floss*, adaptado.

[6] MACEDO, Joaquim MANUEL, *A Moreninha*.

[7] HARDY, Thomas, *Tess dos d'Urbervilles*.

[8] HARDY, Thomas, *Tess dos d'Urbervilles*.

[9] HARDY, Thomas, *Tess dos d'Urbervilles*, adaptado.

[10] ALMEIDA, Júlia Lopes, *A Intrusa*.

[11] ELIOT, George, *The Mill On The Floss*.

[12] HARDY, Thomas, *Far from the Madding Crowd*.

[13] Dramaturgo francês Pierre Corneille (1606-1684).

[14] ELIOT, George. *O Arrependimento de Janet*, adaptado.

[15] Armadura medieval para as pernas, geralmente feita em anéis de metal pequenos ligados entre si em um padrão para formar uma malha. Podiam estender-se até o joelho ou cobrir toda a perna.

[16] Um tipo de bandeira ou estandarte da Idade Média. A flâmula continha os lemas e os dispositivos ornamentais de um cavaleiro e ficava presa à sua lança.

[17] “Amnom, filho de Davi, apaixonou-se por Tamar; ela era muito bonita e era irmã de Absalão, outro filho de Davi. Amnom ficou angustiado a ponto de adoecer por causa de sua meia-irmã, pois ela era virgem, e parecia-lhe impossível aproximar-se dela”. História completa em: Bíblia. 2 Samuel 13.

[18] Victor Hugo.

[19] William Shakespeare.

[20] Von GOETHE Johann Wolfgang, (1749 - 1832), escritor.

[21] “Pois os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os meus caminhos”, declara o Senhor. (Isaías 55:8).

[22] Inspirado na real Batalha de Shrewsbury, entre Sir Percy Hotspur e Henrique IV.

[23] Shakespeare.

[24] Osho.

[25] Instrumento de percussão.

[26] ROZANOV Vassili.

[27] ARIOSTO Ludovico, poeta.

[28] Goethe, editado.

[29] William **Blake**.

[30] Epicuro.

[31] HENRY Ward Beecher.

[32] Condessa Diane.

[33] MARCO Túlio Cícero.

[34] GIACOMO Leopardi.

[35] Gêneses 5: 4.

[36] Art Buchwall

[37] Byron

[38] Típica letra lírica francesa que diz respeito ao romance de uma pastora.

[39] GASKELL Elizabeth.

[40] Caso real encontrado em R. H. Helmholtz, litígio de casamento na Inglaterra medieval (Fonte: Cambridge, 1974).

[41] Chapéu em forma de cone.

[42] Veste de mangas longas, atado ou abotoado de frente para trás.

[43] Marco F. Quintiliano.

[44] Tipo de lança de cabo de madeira e ponta de ferro ou cobre.

[45] Tipo de arma com ponta de ferro, presa a uma corrente de aço para maior resistência.

[46] Como um machado em uma vara.

[47] Lâmina curva projetada para cortar inimigos a cavalo. A lâmina era de um único gume e a curva terminava com um ponto afiado.

[48] Skakespeare.

[49] Di Castilho.

[50] Pele de carneiro ou de vitelo, mais lisa e fina que o pergaminho comum, reservada aos manuscritos a partir do século XIII. Na Inglaterra, o papel só começou a ser produzido em 1460, na cidade de Steuenage, e quase um século depois (1558), em Dartford.

[51] Saponaria officinalis é nativa da Europa, de norte a sul. Os povos mais antigos já a usavam nas suas lavagens e para o banho. [nota da autora].

[52] Galhardete triangular usado na Idade Média, um tipo de bandeira, com os lemas e os dispositivos heráldicos e ornamentais das famílias importantes.

[53] Antiaris toxicaria.

[54] Misturas de ervas que agiam como uma espécie de espermicida. Era aplicado dentro da vagina. Uma receita de um pessário consistia de tâmaras moídas, casca de acácia e um toque de mel, misturado em uma pasta úmida. A lã ou pano era mergulhada nessa mistura e inserida dentro da vagina.

[55] Frases de Jorge Augustín Nicolás Ruiz de Santayana e Arthur Rimbaud, adaptadas.

[56] Muralha de Adriano, construída na fronteira com a Escócia no século II. 118 km do Rio Tyne até a Cúmbria.

[57] William Blake (1757 - 1827).